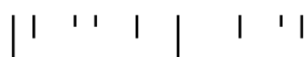


PROMOÇÃO DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL
DE UMA CRIANÇA COM
MULTIDEFICIÊNCIA - CONTRIBUTO DO
CONTO DE HISTÓRIAS

Susana Soares

Dissertação apresentada à Escola Superior de Educação de Lisboa
para obtenção de grau de mestre em Educação Especial

2019-2020



PROMOÇÃO DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL DE UMA CRIANÇA COM MULTIDEFICIÊNCIA - CONTRIBUTO DO CONTO DE HISTÓRIAS

Susana Soares

Dissertação apresentada à Escola Superior de Educação de Lisboa para
obtenção de grau de mestre em Educação Especial

Orientadora: Professora Doutora Clarisse Nunes

2019-2020

| | ' ' | | ' ' |

AGRADECIMENTOS

Depois de concluído este trabalho, são muitos os agradecimentos a fazer. Ser grata foi algo que aprendi desde cedo, porque felizmente, sempre estive rodeada das pessoas certas nos momentos certos e, neste caso, não foi exceção.

Em primeiro lugar, o meu profundo agradecimento, à minha orientadora, a professora doutora Clarisse Nunes, por toda a competência científica, entrega, dedicação, disponibilidade, assertividade e paciência demonstradas ao longo de todo este processo. Por me ter feito refletir constantemente e me apresentar desafios que me fizeram crescer pessoal e profissionalmente. Mais ainda, por toda a sua sensibilidade e atenção. O reforço positivo e as palavras de incentivo foram dadas nos momentos certos e nas alturas em que mais precisei. Grata por tudo professora.

A todos os docentes desta escola, pela forma entusiasta e apaixonada com que partilham os seus saberes. Um obrigada em particular ao professor João Rosa pelo contributo dado a este trabalho.

Aos meus colegas de mestrado, por todas as aprendizagens e partilhas realizadas em conjunto.

À direção e coordenação da instituição onde trabalho que, desde cedo se demonstraram completamente disponíveis para que, pudesse neste local, realizar todas as ações necessárias para levar a cabo esta dissertação.

Aos encarregados de educação dos meus meninos que, demonstraram uma empatia e uma disponibilidade constantes ao longo de todos estes meses. Um agradecimento especial aos encarregados de educação da L. por todo o apoio e confiança depositados em mim.

Às minhas colegas de sala, pela eterna paciência e apoio.

À minha família... o meu porto seguro. Aos meus avós, que são um exemplo de força e de determinação para mim.

Aos meus pais, que são o meu pilar. Devo-lhes, tudo aquilo que sou, com eles aprendi a SER, a acreditar e a “não desistir”. Obrigada pelo vosso apoio incondicional.

Ao meu marido...grata pela paciência e pela ESCUTA, na maior parte das vezes silenciosa, das minhas inseguranças e cansaço.

Um obrigada muito especial aos meus filhos, Carolina e Lourenço, obrigada por todos os, “bom trabalho mãe” na hora de deitar e após os beijinhos de boa noite. Essas palavras foram o combustível necessário para a mãe continuar o caminho. Obrigada

filhotes, por terem percebido o porquê de nem sempre ter conseguido corresponder às vossas solicitações com a brevidade com que vocês merecem e gostariam.

A ti L., por todas as aprendizagens que realizámos em conjunto e por fazeres de mim uma pessoa melhor.

Grata...!

RESUMO

Crianças com dificuldades mais acentuadas no seu desenvolvimento e na aprendizagem necessitam de respostas educativas que criem oportunidades para: participarem em atividades com os seus pares, alargarem as relações sociais e as amizades, nomeadamente com os seus pares, e aumentarem os conhecimentos acerca do mundo que as rodeia.

Ao percebermos que no nosso contexto educativo existe uma criança com graves dificuldades no seu desenvolvimento importou, para nós, perceber de que modo o conto de diferentes tipos de história, em diversos contextos influencia o seu envolvimento e participação na atividade de contação de histórias no jardim de infância, bem como o seu desenvolvimento social.

Considerando esta informação realizámos uma dissertação que se baseia numa metodologia qualitativa, a qual procura compreender com detalhe e profundidade a natureza dos fenómenos no seu contexto natural. O estudo teve como objetivos: (i) caracterizar o modo como a criança com multideficiência se envolve e participa na atividade de contação de histórias; (ii) compreender a influência do contexto e do tipo de histórias nos processos de envolvimento e de participação dessa criança na atividade de contação de histórias e (iii) perceber qual a influência que o conto dos diferentes tipos de história têm na promoção do seu desenvolvimento social.

Sendo a criança com multideficiência o centro do processo de investigação, este estudo inclui como participantes, essa criança, os seus pares e as assistentes operacionais. A recolha de dados foi feita através da observação, da análise de redes sociais e da pesquisa documental. Sendo a autora do estudo observadora participante, recorreremos a notas de campo e registos vídeo.

Os resultados do estudo revelam que a criança alvo do estudo participou de uma forma muito positiva na atividade de contação de histórias, sendo que as características dos seus comportamentos foram algo distintas perante os diferentes tipos de histórias contadas e os contextos onde estas foram contadas: sessão individual, sessão em pequeno grupo e sessão em grande grupo. As sessões em pequeno grupo foram aquelas em que o seu nível de envolvimento e de participação foi, na generalidade das situações, mais elevado. Por outro lado, as sessões em grande grupo foram aquelas em que a L. evidenciou menor participação. Assinala-se que a ordem pela qual as sessões aconteceram pareceu influenciar o nível de participação da L. na atividade,

sendo que se envolveu mais na segunda vez que ouviu a mesma história do que na primeira vez. No conto de HA destaca-se o facto de a L. manifestar mais comportamentos relacionados com a relação com o contador de histórias. No conto de HMS a L. manifestou mais comportamentos de entusiasmo face à história propriamente dita e na relação com os outros. No conto de HS assumiu importância, sobretudo, os comportamentos relacionados com a interação com os outros, especialmente na interação com os pares.

O nosso estudo permitiu-nos perceber ainda que a atividade de contação das histórias trouxe ganhos importantes, não só para a L. mas também para o grupo de pares. A L. passou a manifestar mais competências sociais na interação com os pares nos diversos contextos. Por outro lado, os pares passaram a demonstrar uma maior compreensão e tolerância para com a L. aumentando os momentos de partilha e de compreensão entre eles.

Palavras chave: multideficiência; desenvolvimento social; conto de histórias; histórias multissensoriais; histórias sociais, histórias de autor.

ABSTRACT

Children with greater difficulties in their development and learning need educational responses that create opportunities to be able to broaden social relationships and friendships, particularly with their peers, and to increase knowledge about the world around them.

This dissertation is based on a qualitative methodology. trying to understand the nature of the phenomena in their natural context and do it with some detail and depth.

When we realize that in our context there is a child with developmental difficulties, it was important for us to understand how the story of different types of stories, in different contexts, influences the involvement and participation of a child with multiple disabilities in the storytelling activity in the kindergarten, as well as its social development?

Our work had as objectives: (i) to characterize the way in which children with multiple disabilities get involved and participate in the activity of storytelling; (ii) understand the influence of the context and type of stories in the processes of involvement and participation of this child in the storytelling activity (iii) understand what influence different types of stories have in promoting their social development.

Since L. is the center of the entire research process, this work includes the educational community itself as participants. Data collection was done through observation, analysis of social networks and documentary research. As the author of the study as a participating observer, we also used field notes and video records, focusing our analysis on the latter. Finally, we still feel the need to compare the results of involvement obtained by L. with those of three other children in the group.

The results of the study reveal that the target child of the study was very positively involved in the activity of storytelling, and the characteristics of the behaviors were somewhat different before the different types of stories told and the contexts where they were told: individual session, small group session and large group session. Small group sessions were those in which your level of involvement and participation was, in most situations, highest. On the other hand, large group sessions were those in which L. showed less participation. It should be noted that the order in which the sessions took place seemed to influence L` s level of participation in the activity, being more involved the second time she heard the same story than the first time.

In the short story of HA stands out the fact that L. manifests more behaviors related to the relationship with the storyteller. In the short story of HMS, L. showed more enthusiastic behavior in relation to the story itself and in relation to others. In the story of HS, the behaviors related to interacting with peers.

Our study allowed us to realize that the storytelling activity brought important improvements, not only for L. but also for the peer group. L. started to manifest more social skills on the interaction with peers in different contexts. On the other hand, the pairs started to show a greater understanding and tolerance towards L. increasing the moments of sharing and understanding between them.

Keywords: childhood stories; Social development; multiple disabilities, multisensory stories, social stories.

ÍNDICE GERAL

1. INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO 1 – ENQUADRAMENTO TEÓRICO	6
1. Importância do conto de histórias no desenvolvimento social das crianças em idade pré-escolar	7
2. Participação de crianças com MD na atividade de conto das histórias.....	10
2.1. Características e necessidades de crianças com MD.....	10
2.2. Histórias multissensoriais (HMS).....	13
2.2.1. Características das HMS	13
2.2.2. Dinamização do conto de HMS	15
2.2.3. Resultados de investigação.....	17
2.3. Histórias sociais (HS) e crianças com Necessidades Complexas de Comunicação	22
2.3.1. Principais características das HS e do seu conto.....	22
2.3.2. Resultados de investigação.....	25
CAPITULO 2 – METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO	27
1. Problemática e questões de investigação	28
1.1. Enquadramento do estudo e motivações pessoais	28
1.2. Problema de Investigação	31
1.3. Questões orientadoras do estudo.....	32
2. Natureza e fases do estudo	33
2.1. Natureza do estudo	33
2.2. Desenho do estudo	35
3. Participantes no estudo.....	39
3.1. Criança L.....	40
3.2. Outras crianças do grupo	42
3.3. O contador de histórias	43
3.4. Assistentes operacionais.....	43
4. Processos e técnicas de recolha e tratamento de dados.....	44
4.1. Observação.....	44

4.2. Análise das redes sociais	50
4.3. Pesquisa Documental	52
5. Procedimentos Éticos	53
CAPITULO 3 – APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS	55
1. Participação de L face à contação de histórias	56
1.1. Histórias de Autor.....	56
1.2. Histórias multissensoriais	70
1.3. Histórias Sociais.....	83
1.4. Comparação dos resultados.....	94
1.4.1. Considerando os diferentes de tipos de história	94
1.4.2. Considerando os diferentes tipos de história e de sessão	96
2. Envolvimento de L. na atividade de contação de histórias	99
2.1. Envolvimento na contação de Histórias de Autor	100
2.2. Envolvimento na contação de Histórias Multissensoriais.....	103
2.3. Envolvimento na contação de Histórias Sociais	105
2.4. Comparação do nível de envolvimento obtido considerando o tipo de histórias contadas.....	108
2.5. Comparação dos níveis de envolvimento da L. e de outras crianças tendo em conta o tipo de história	109
3. Influência dos diferentes tipos de história na promoção do desenvolvimento social de L.	112
3.1. Competências sociais manifestadas pela L.....	112
3.2. Caracterização do índice sociométrico de L.	118
CAPITULO 4 – DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	121
CONSIDERAÇÕES FINAIS	127
REFERÊNCIAS	131
ANEXO A.....	135
ROTINAS DIÁRIAS DA SALA DA ALEGRIA	135
ANEXO B.....	137
HISTORIAL CLÍNICO E FAMILIAR DA L.	137
ANEXO C	140
CONSENTIMENTO INFORMADO AOS ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO.....	140
ANEXO D	142
STORYBOARD DAS HMS.....	142

ANEXO E.....	153
IMAGENS DAS HS CONSTRUIDAS	153
ANEXO F.....	165
CALENDARIZAÇÃO DAS SESSÕES.....	165
ANEXO G	168
ESCALA DE DESENVOLVIMENTO GROWING.....	168
ANEXO H	178
GUIÃO DO TESTE SOCIOMÉTRICO.....	178
ANEXO I.....	180
MATRIZ SOCIOMÉTRICA E SOCIOGRAMAS	180
ANEXO J.....	184
NOTAS DE CAMPO	184
ANEXO K.....	191
EXCERTOS DAS TRANSCRIÇÕES DAS HISTÓRIAS E RESPECTIVA ANÁLISE DE CONTEÚDO.....	191
ANEXO L.....	239
EXEMPLOS DAS GRELHAS SÍNTESE DE TRÊS TIPOS DE HISTÓRIA	239
ANEXO M.....	251
ESCALA DE ENVOLVIMENTO	251
ANEXO N	253
EXEMPLOS DAS GRELHAS DA ESCALA DE ENVOLVIMENTO	253
ANEXO O.....	263
EXEMPLO DE SESSÃO DE ENVOLVIMENTO DE UMA DAS OUTRAS CRIANÇAS DO GRUPO.....	263
ANEXO P.....	267
ESCALA DE DESENVOLVIMENTO GROWING SKILLS.....	267
ANEXO Q	275
ANÁLISE DE CONTEÚDO E GRELHAS SÍNTESE DAS NOTAS DE CAMPO	275
ANEXO R	286
MATRIZ SOCIOMÉTRICA E SOCIOGRAMAS	286

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1. <i>Síntese do conceito de HMS (Oliveira 2019)</i>	15
Figura 2. <i>Desenho do estudo</i>	35
Figura 3. <i>Exemplos de páginas da HMS “As partilhas da Maria”</i>	37
Figura 4. <i>Exemplos de páginas da HMS “A surpresa”</i>	37
Figura 5. <i>Comportamentos da L. face ao conto da 1ª série da história de autor</i>	56
Figura 6. <i>Comportamentos da L. face à categoria interação com os pares</i>	57
Figura 7. <i>Comportamentos da L. face à interação entre a criança e o contador de histórias: razões que a levam a comunicar</i>	58
Figura 8. <i>Comportamentos da L. face às formas de exploração da história</i>	59
Figura 9. <i>Comportamentos da L. face às reações da L. ao conto da história</i>	60
Figura 10. <i>Comportamentos da L. face ao conto da 2ª série da história de autor</i>	61
Figura 11. <i>Comportamentos da L. face à categoria interação com os pares</i>	62
Figura 12. <i>Comportamentos da L. face à interação com o contador: razões que a levam a comunicar</i>	63
Figura 13. <i>Comportamentos da L. face às formas de exploração da história</i>	64
Figura 14. <i>Comportamentos da L. relacionados com reações da L. ao conto da história</i>	65
Figura 15. <i>Comportamentos da L. relacionados com reações da L. ao conto das histórias de autor em ambas as séries na sessão individual</i>	66
Figura 16. <i>Comportamentos da L. relacionados com reações da L. ao conto das histórias de autor em ambas as séries na sessão pequeno grupo</i>	67
Figura 17. <i>Comportamentos da L. relacionados com reações da L. ao conto das histórias de autor em ambas as séries na sessão grande grupo</i>	68
Figura 18. <i>Comportamentos observados nas sessões de conto de histórias de autor - comparação entre séries.</i>	68
Figura 19. <i>Comportamentos da L. face ao conto da 1ª série da história multissensorial.</i>	70
Figura 20. <i>Comportamentos da L. relativos à interação com os pares</i>	71
Figura 21. <i>Comportamentos da L. face à categoria interação com o contador de histórias: razões que levam a comunicar.</i>	72
Figura 22. <i>Comportamentos da L. face à categoria formas de exploração da história.</i>	73

Figura 23. <i>Comportamentos da L. face à categoria reações da L. ao conto da história</i>	74
Figura 24. <i>Comportamentos da L. face ao conto da 2ª série da história multissensorial</i>	75
Figura 25. <i>Comportamentos da L. face à categoria interação com os pares</i>	76
Figura 26. <i>Comportamentos da L. face à categoria interação com o contador de histórias: razões que levam a comunicar</i>	77
Figura 27. <i>Comportamentos da L. face à categoria formas de exploração da história</i>	78
Figura 28. <i>Comportamentos da L. face à categoria reações da L. ao conto da história.</i>	79
Figura 29. <i>Comparação dos comportamentos da L. nas sessões de pequeno grupo do conto de histórias multissensoriais</i>	80
Figura 30. <i>Comparação dos comportamentos da L. nas sessões de grande grupo do conto de histórias multissensoriais</i>	81
Figura 31. <i>Comportamentos observados nas sessões de conto de histórias multissensoriais – comparação entre séries.</i>	82
Figura 32. <i>Comportamentos da L. face ao conto da 1ª série da história social</i>	83
Figura 33. <i>Comportamentos da L. face à categoria interação com os pares</i>	84
Figura 34. <i>Comportamentos da L. face à categoria interação com o contador de histórias: razões que a levam a comunicar</i>	85
Figura 35. <i>Comportamentos da L. face à categoria reações da L. ao conto da história</i>	86
Figura 36. <i>Comportamentos da L. face ao conto da 2ª série da história social</i>	87
Figura 37. <i>Comportamentos da L. face à categoria interação entre a L. e o contador de histórias: razões que levam a comunicar.</i>	88
Figura 38. <i>Comportamentos da L. face à categoria reações da L. ao conto da história</i>	90
Figura 39. <i>Comparação dos comportamentos da L. nas sessões individuais do conto de histórias sociais</i>	91
Figura 40. <i>Comparação dos comportamentos da L. nas sessões de pequeno grupo das histórias sociais</i>	92
Figura 41. <i>Comparação dos comportamentos da L. nas sessões de grande grupo das histórias sociais</i>	92

Figura 42. <i>Comportamentos observados nas sessões de conto de histórias de sociais – comparação entre séries</i>	93
Figura 43. <i>Comparação dos comportamentos da L. considerando o tipo de história da 1ª série</i>	94
Figura 44. <i>Comparação dos comportamentos da L. considerando o tipo de história da 2ª série</i>	95
Figura 45. <i>Comparação dos comportamentos da L. considerando o tipo de sessão e de história contada – 1ª série</i>	96
Figura 46. <i>Comparação dos comportamentos da L. considerando o tipo de sessão e de história – 2ª série</i>	98
Figura 47. <i>Indicadores de envolvimento na HA “O Valor da amizade”</i>	100
Figura 48. <i>Indicadores de envolvimento no conto da HA “O Rato Renato não quer partilhar”</i>	101
Figura 49. <i>Comportamentos de envolvimento nas diferentes sessões da história de autor</i>	102
Figura 50. <i>Indicadores de envolvimento na HMS “As partilhas da Maria”</i>	103
Figura 51. <i>Indicadores de envolvimento de L. no conto da HMS “A Surpresa”</i>	104
Figura 52. <i>Comportamentos de envolvimento da L. no conto das HMS nas diversas sessões</i>	105
Figura 53. <i>Comportamentos de envolvimento nas diferentes sessões da história social 1ª série</i>	106
Figura 54. <i>Comportamentos de envolvimento nas diferentes sessões da história social 2ª série</i>	107
Figura 55. <i>Comportamentos de envolvimento nas diferentes sessões da história social</i>	108
Figura 56. <i>Médias de envolvimento para cada tipo de história e grupo de crianças</i> .	110
Figura 57. <i>Médias de envolvimento para cada sessão e grupo de crianças</i>	111
Figura 58. <i>Crianças e tipos de interações</i>	116
Figura 59. <i>No início e final da contação das histórias</i>	117
Figura 60. <i>Registo de conversação da L. com o contador</i>	118
Figura 61. <i>A brincar ao faz de conta com a colega A.</i>	118
Figura 62. <i>Médias do teste sociométrico 2</i>	119

Índice das tabelas

Tabela 1 - <i>Faixa etária do grupo em outubro de 2019</i>	29
Tabela 2 - <i>Plano das sessões de contos das histórias</i>	38
Tabela 3 - <i>Nível de aquisição de competências nas dimensões da Escala Growing Skills</i>	40
Tabela 4. - <i>Nível de aquisição de competências de interação social e autonomia.</i> ...	41
Tabela 5. - <i>Duração em minutos do conto das histórias.</i>	47
Tabela 6 - <i>Técnicas usadas na recolha de dados nas duas primeiras fases do estudo</i>	53
Tabela 7 - <i>Nível de aquisição de competências obtido nas dimensões da Escala Growing Skills</i>	112
Tabela 8 - <i>Natureza das interações nos diferentes contextos.</i>	113

Lista de Abreviaturas

NCC – Necessidades Complexas de Comunicação

HA – História de Autor

HMS – História multissensorial

HS – História Social

MD – Multideficiência

NEE – Necessidades Educativas Especiais

1. INTRODUÇÃO

| ' ' | | ' ' |

O presente estudo insere-se no curso de mestrado em educação especial – ramo problemas de cognição e multideficiência, realizado na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Lisboa.

Com este estudo pretende-se perceber de que modo o conto de diferentes tipos de história, em diversos contextos no jardim de infância, influencia o envolvimento e a participação de uma criança com multideficiência (MD) na atividade de contação de histórias, bem como o seu desenvolvimento social.

A realização do presente estudo decorre do facto de se ter contacto frequente com uma criança com MD. Ao contarmos com esta criança percebemos que as suas particularidades parecem causar-lhe dificuldades no estabelecimento de relações com os outros. Como a contação das histórias é uma atividade diária na nossa sala de jardim de infância e da preferência dessa criança, procurou-se estudar se, através do conto dessas histórias, é possível melhorar as suas competências sociais e fazê-la sentir-se mais aceite pelo seu grupo de pares. Por outro lado, sabe-se que as histórias assumem um papel muito importante na vida das crianças em idade pré-escolar. Existem autores que referem inclusive o uso dos contos e das histórias como meio terapêutico, uma vez que o conto “é vivido como personificação de formações e evoluções interiores da mente, pois usam a mesma linguagem que o inconsciente” (Caldin, 2004, citado por Schneider & Torossian, 2009, p.138). Importa referir ainda que a história “favorece o diálogo e a possibilidade de socialização dos participantes, promovendo, assim, uma melhora funcional na sua comunicação” (Caldin, 2004, citado por Schneider & Torossian, 2009, p.140). O exercício de ouvir, dialogar a respeito de uma ideia, de um sentimento e dar expressão às imagens funciona como um instrumento para comunicar algo, sendo importante a fomentação de espaços nos quais a criança possa falar das suas experiências, dúvidas e angústias, bem como da percepção que tem do seu “eu”.

Mas tendo em conta as limitações que as crianças com MD frequentemente apresentam, sobretudo, ao nível da compreensão oral e da expressão verbal, nem sempre as histórias se apresentam, para elas, como uma atividade interessante e prazerosa, podendo comprometer a sua participação e envolvimento na atividade de contação das histórias. A este respeito Henrique (2011) refere que estando o desenvolvimento social das crianças com MD em risco desde os primeiros anos de vida, a escola possui um papel fundamental nos esforços a envidar para ultrapassar as

limitações destas crianças, ao possibilitar o alargamento progressivo das experiências socializadoras, permitindo o desenvolvimento de novos conhecimentos e comportamentos. Considera-se que um dos maiores desafios que se coloca na educação destas crianças é o de lhes proporcionar experiências de aprendizagem significativas que sejam similares aos dos seus colegas, respondam às necessidades de aprendizagem de cada uma e sejam realizadas nos contextos naturais, incluindo o contexto da sala de aula/atividades (Nunes, 2008, p.11).

Tendo em atenção o exposto, foi nosso objetivo analisar o contributo da atividade do conto de diferentes tipos de história no contexto de sala de jardim de infância a uma criança com MD. Conhecendo os benefícios das histórias de autor (HA) (histórias comuns) e que, segundo Miguel (2015), as histórias multissensoriais (HMS) oferecem estímulos que promovem a participação ativa da criança neste tipo de atividade, utilizando materiais simples que evocam uma resposta sensorial e emocional da criança, pretendemos investigar se a atividade de conto de histórias se pode constituir como uma experiência educativa, sensorial e social positiva para crianças com MD.

Olhando para outro tipo de histórias, as histórias sociais (HS), segundo Brilha (2012), estas “constituem uma estratégia que pode ser usada em grupo ou individualmente, dependendo dos objetivos do educador” e pretendem “ter uma estrutura apelativa e motivadora que ajude a ensinar comportamentos sociais que as crianças sentem dificuldade em desenvolver” (p.53). Por isso, pareceu-nos relevante analisar também a sua utilização no nosso estudo.

Face ao referido definimos como principais objetivos gerais do presente estudo: (i) Caracterizar o modo como a criança com MD se envolve e participa na atividade de contação de diferentes tipos de histórias (multissensoriais, sociais e de autor) e (ii) conhecer a influência do conto dessas histórias e dos diferentes contextos em que são contadas na promoção do desenvolvimento social dessa criança. Tendo por base estes objetivos estabelecemos os seguintes objetivos específicos:

- Caracterizar o modo como a criança com MD se envolve e participa na atividade de contação de histórias;
- Compreender a influência do contexto e do tipo de histórias nos processos de envolvimento e de participação dessa criança na atividade de contação de histórias;
- Perceber qual a influência que os diferentes tipos de história têm na promoção do seu desenvolvimento social.

Em termos metodológicos, optámos pela realização de um estudo de natureza qualitativa, pois procurou conhecer e compreender de forma detalhada a participação e o envolvimento da criança com MD nas sessões de conto das diferentes histórias (HA, HMS e HS), considerando os diferentes contextos (sessões individuais, sessões em pequeno grupo e sessões em grande grupo), e perceber ainda se tiveram influência no desenvolvimento social da criança em estudo.

Quanto à modalidade de investigação elegemos a realização de um estudo de caso o qual incide em unidades individuais com características próprias, neste caso incide sobre uma criança com MD inserida num determinado contexto educativo. Esta modalidade de estudo tem como finalidade o estudo aprofundado e a análise intensiva de um fenómeno multidimensional no seu contexto utilizando diversas fontes de dados e técnicas, podendo ainda funcionar como um estudo exploratório. Por conseguinte o estudo de caso é uma abordagem metodológica que permite analisar com intensidade e profundidade diversos aspetos de um fenómeno, de um problema, de uma situação real: o caso. Como refere Stake (2005) o estudo de caso consiste no “estudo da particularidade e da complexidade de um caso singular para chegar a compreender a sua complexidade” (p.11).

Como técnicas de recolha de dados recorreremos à observação sistemática e naturalista (registo vídeo), à pesquisa documental e à análise de redes sociais. Os dados recolhidos foram tratados e analisados recorrendo à análise de conteúdo.

Quanto à organização do presente trabalho ele está organizado em quatro capítulos. No primeiro capítulo procedemos à revisão da literatura, a qual foca os seguintes tópicos: (i) a importância do conto de histórias no desenvolvimento social das crianças em idade pré-escolar; (ii) a participação de crianças com MD na atividade de conto das histórias: características e necessidades de crianças com MD; as histórias multissensoriais e as histórias sociais. No segundo capítulo contextualizamos o estudo relativamente à metodologia utilizada, apresentando os objetivos do estudo, a sua natureza e desenho, bem como os participantes envolvidos na pesquisa, os processos e técnicas de recolha de dados e os procedimentos éticos tidos em consideração na elaboração do estudo. O terceiro capítulo tem como propósito apresentar e analisar os resultados recolhidos através da observação sistemática (registo vídeos), pesquisa documental e análise de redes sociais pela autora do estudo. Neste capítulo estão, então descritos os comportamentos da L. face à contação das histórias tendo em conta: (i) a sua participação na atividade de contação das histórias (HA, HMS, HS) e a respetiva

comparação dos resultados; (ii) o envolvimento da L. na atividade de contação das histórias e a respetiva comparação dos resultados e (iii) a influência que os diferentes tipos de história têm na promoção do desenvolvimento social da L. Depois de concluída a apresentação dos resultados procede-se à sua discussão, considerando as questões orientadoras e os objetivos definidos para este estudo, bem como a revisão da literatura. No quarto e último capítulo tecemos as considerações finais, as quais procuram responder à questão orientadora do estudo, verificar se os objetivos do estudo foram alcançados e refletir sobre os resultados obtidos e as limitações do estudo com as quais nos deparámos. Também apresentamos algumas pistas para investigações futuras.

CAPÍTULO 1 - Enquadramento Teórico

| ' ' | | ' ' |

Este capítulo é dedicado à revisão da literatura relacionada com a temática da dissertação, nesse sentido aborda tópicos relativos à importância do conto de histórias para crianças em idade pré-escolar e à participação de crianças com multideficiência na atividade de conto de histórias, considerando as necessidades das crianças com multideficiência, a especificidade das histórias multissensoriais e das histórias sociais. Ao longo dos diversos tópicos apresentam-se alguns resultados de investigação nestas áreas.

1. Importância do conto de histórias no desenvolvimento social das crianças em idade pré-escolar

O conto das histórias é uma das atividades mais apreciadas e antigas da humanidade, constituindo uma das práticas da cultura humana que antecede o desenvolvimento da escrita. Foi através das histórias que a humanidade encontrou uma forma significativa de expressar experiências, acontecimentos e de os transmitir às gerações seguintes (Mateus et al., s/d). Esta atividade tem efeitos positivos na educação das crianças, encorajando o seu desenvolvimento social e emocional (Fox; Hughes, citados por Young & Lambe, 2011), sendo por isso importante a nível social, cultural e educacional (Young, Fenwick, Lambe & Hogg, 2011).

A prática do conto de histórias apresenta-se, assim, como um espaço privilegiado para o desenvolvimento de inúmeras competências e capacidades. Com efeito, a riqueza da vivência narrativa na educação pré-escolar: (i) permite o desenvolvimento sociomoral e emocional das crianças, devendo ser usada como uma valiosa componente da educação para os valores (Martins, 2013), o que lhes irá possibilitar distinguir o bem e o mal; (ii) desenvolve o “pensamento crítico e o questionamento” (Pereira, 2013, p. 81) das crianças; (iii) amplia as suas experiências, aguçando a sua criatividade e imaginação; (iv) desenvolve a sua linguagem oral (Mendes & Velosa, 2016); (v) possibilita o desenvolvimento do seu pensamento lógico e simbólico (Pereira, 2013); (vi) proporciona que as crianças vivenciem momentos de humor e diversão (Dias & Neves, 2012); e (vii) desenvolve o “gosto pela própria leitura, preparando a criança para a entrada no mundo da literatura adulta” (Mergulhão, 2006 & Veloso, 2006, citados por Pereira, 2013, p. 81).

Importa referir que a leitura/conto de histórias e a exploração de livros favorece ainda o estabelecimento de relações afetivas, ou seja, permite criar laços sociais e emocionais muito fortes. Como afirmam Hohmam e Weikart (2011)

através da leitura de histórias às crianças, pelos pais, outros membros da família ou quaisquer adultos significativos, cria-se um laço emocional e pessoal muito forte, de forma que as crianças passam a associar a satisfação intrínseca a uma relação humana muito significativa com as histórias e a leitura (p. 574).

De facto, as histórias podem ajudar as crianças a conhecer e a identificar as diferentes emoções, como a alegria, a tristeza, o medo, a segurança, a gratidão e a injustiça, entre outras. A este respeito Sequeira (2000) refere que esta prática permite

desenvolver e enriquecer da personalidade do indivíduo, promovendo a autonomia, aquisição de conhecimentos, desenvolvimento do espírito crítico e a abertura às muitas perspetivas porque se pode representar e analisar o real. Sabe-se também como todos estes aspetos são fulcrais na educação do jovem para uma sociedade em mudança (p. 70).

Alguns autores referem inclusive o uso dos contos e das histórias como meio terapêutico, uma vez que o conto “é vivido como personificação de formações e evoluções interiores da mente, pois usam a mesma linguagem que o inconsciente” (Caldin, citado por Schneider & Torossian, 2009, p.138), “favorece a introspeção (...) pois, por intermédio dele, a criança tem a possibilidade de pensar sobre seus sentimentos” (ibid, p.139), e “favorece o diálogo e a possibilidade de socialização dos participantes, promovendo, assim, uma melhora funcional na sua comunicação.” (ibidem, p.140). O exercício de ouvir, dialogar a respeito de uma ideia, de um sentimento e dar expressão às imagens, funciona como um instrumento para comunicar algo, sendo importante a fomentação de espaços nos quais a criança possa falar das suas experiências, dúvidas e angústias, bem como da perceção que tem do seu “eu”.

Segundo o Plano Nacional de Leitura (PNL, 2006, citado por Proença, 2010), as histórias são ainda aliadas perfeitas na promoção da literacia, sendo que ouvir contar histórias leva à interiorização de um mundo de enredos, personagens, situações, problemas e soluções que proporcionam um enorme enriquecimento pessoal,

possibilitam a formação e o desenvolvimento de estruturas mentais que facultarão um melhor entendimento dos outros e do mundo.

As histórias pela importância que apresentam, no desenvolvimento cognitivo e linguístico das crianças devem fazer parte do seu dia a dia e chegar a todas elas independentemente das dificuldades e particularidades de cada uma. A este respeito Park (citado por Ten Brug, van der Putten, Penne, Maes & Vlaskamp, 2011) refere que ouvir histórias é uma experiência única que faz parte do dia-a-dia de muitas crianças.

A escolha da história deve ser criteriosa e ter em consideração o nível de desenvolvimento da criança que a ouve. Bettelheim (1988) refere, a este respeito:

... para que uma história possa preencher verdadeiramente a atenção de uma criança, é preciso que ela a distraia e desperte a sua curiosidade. Mas, para enriquecer a sua vida, ela tem de estimular a sua imaginação; tem de ajudá-la a desenvolver o seu intelecto e esclarecer as suas emoções; tem de estar sintonizada com as suas angústias e as suas aspirações; tem de reconhecer plenamente as suas dificuldades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam (p.11).

Segundo Fraga (2012) “quanto mais experiências forem apresentadas às crianças, mais dinâmica e ampla será a sua imaginação, sendo essa entendida como ‘base para toda [a] atividade criadora’” (p.330). A criança ao ser um participante ativo, manipula e explora os mais variados recursos, potencia a resolução de problemas que poderá enfrentar no decurso do seu dia-a-dia, exterioriza as suas emoções, como se as vivenciasse, e a imaginação, resultante dessas vivências.

Muito embora o conto de histórias proporcione muitas oportunidades de aprendizagem e de divertimento, nem todas as crianças vivenciaram este tipo de experiências, como é o caso de algumas crianças com MD (Ten Brug et al., 2015), apesar de se considerar ser esta uma prática que deve ser acessível a todas as crianças (Ten Brug et al., 2011). Muitas destas crianças não vivenciam este tipo de experiências, devido em parte às suas especificidades. Ten Brug e os seus colegas (2011) referenciam que as dificuldades que estas crianças apresentam ao nível da compreensão da linguagem verbal poderão comprometer a compreensão da própria história, pelo que a atividade do conto de histórias poderá tornar-se, para elas, uma atividade pouco agradável e sem interesse. Observe-se, então as principais características e necessidades destas crianças.

2. Participação de crianças com MD na atividade de conto das histórias

2.1. Características e necessidades de crianças com MD

Para Nunes (2008) as crianças com multideficiência

apresentam combinações de acentuadas limitações que põem em grave risco o acesso ao desenvolvimento, levando-os a experimentar graves dificuldades no processo de aprendizagem e na participação nos diversos contextos onde estão inseridos: educativo, familiar e comunitário. Estas limitações e o seu nível de funcionalidade resultam das condições de saúde e dos factores ambientais (p.9).

Portanto, como afirmam Nunes e Amaral (2008) as dificuldades destas crianças são muitos particulares, podendo estas variar consoante a sua capacidade de participação em experiências de vida. As suas especificidades resultam “da conjugação de limitações nas funções e estruturas do corpo e de factores ambientais que condicionam o seu desenvolvimento e funcionamento...” (p.5). Estas dificuldades inibem a oportunidade de receber informação adequada e necessárias, assim como, socializar frequentemente com os seus pares agravando a comunicação e o seu desenvolvimento. (Inspeção Geral da Educação e Ciência, 2016). Importa referir ainda que “a multideficiência é mais do que uma mera combinação ou associação de deficiências, constituindo um grupo muito heterogéneo entre si, apesar de apresentarem características específicas/particulares” (Nunes, 2001, p.16).

Desta forma e tendo em conta Pereira e Vieira (1996) dever-se-á ter presente que cada individuo é único e singular e por isso a sua educação deverá ser feita através de um ensino individualizado e centrado nas necessidades de cada um em particular. A escola deverá responder às necessidades destas crianças, tendo em consideração as singularidades que estas apresentam.

As características destas crianças são assim muito próprias. Pensando nas crianças com o desenvolvimento típico, destaca-se o facto de estas geralmente vivenciarem e experienciarem situações que lhes possibilitam dar significado, fazer associações, cálculos mentais, etc. A exposição à linguagem permite-lhes ainda interagir com os outros e representar a realidade de forma simbólica, conseguindo assim generalizar. No entanto, na criança com MD todas estas experiências são limitadas. As suas dificuldades motoras e/ou sensoriais dificultam a sua movimentação e

consequentemente o modo como exploram o mundo à sua volta, impedindo a oportunidade de conhecimento, a busca de informação e as capacidades de aprendizagem assim como a resolução de problemas. (Nunes & Amaral, 2008). Salieta-se também que as desordens musculares, articulatórias, entre outras, causam, amíude, desconforto ou dor. Deve-se, portanto, prestar particular atenção ao posicionamento destas crianças, no sentido de lhes facilitar a manipulação de objetos e o acesso à participação de atividades, não descurando a sua confortabilidade (Nunes, 2012).

Muito embora cada criança seja única, existem algumas características semelhantes tais como as limitações ao nível das funções cognitivas que implicam dificuldade em prestar atenção e selecionar estímulos relevantes, na tomada de decisões sobre a sua vida e resolução de problemas, em generalizar competências, em aceder e tratar a informação (compreensão do mundo envolvente) e dificuldades na simbolização (Nunes, 2008). Esta autora salienta ainda a observação de dificuldades ao nível do processo comunicativo, ou seja, são crianças que apresentam muita dificuldade na comunicação e linguagem (pouca ou nenhuma linguagem oral para comunicar, incluindo a frequente pouca compreensão da linguagem verbal). Estas circunstâncias, particularmente a ausência de linguagem na mediação das interações, condicionam a forma como estas vivenciam as interações sociais e a interação com objetos.

As crianças com esta condição apresentam ainda com muita frequência problemas de saúde, tais como epilepsia e/ou problemas respiratórios prejudicando o seu bem-estar e causando por vezes, efeitos secundários indesejados devido à medicação que têm de tomar (Nunes, 2008).

Quanto às necessidades apresentadas pelas crianças com MD Nunes (2002) citando Orelove e Sobsey (2000) assinala a existência de necessidades físicas e médicas; necessidades educativas e necessidades emocionais.

Segundo Nunes (2012) as suas necessidades socio-emocionais são idênticas a qualquer ser humano. Especificando, estas necessitam de carinho e atenção, de explorar o mundo que as rodeia e de se relacionarem social e afetivamente com crianças e adultos.

Quanto às necessidades educativas estas prendem-se com as limitações cognitivas, dificuldades de aquisição, memorização e generalização das aprendizagens, carecendo de mais tempo para aprender (Nunes, 2012). Saramago, Gonçalves, Nunes e Amaral (2004) destacam ainda a necessidade de uma rotina estruturada e de

repetições frequentes de conceitos, permitindo à criança sentir-se segura, antecipar acontecimentos e estruturar o seu pensamento, promovendo-se uma aprendizagem mais eficaz. Nesta perspetiva é indispensável criar oportunidades de aprendizagem, e de interação com o ambiente (pessoas e objetos), disponibilizando a estas crianças uma educação centrada nas necessidades e capacidades individuais. Só se existir estimulação permanente com oportunidades de interação e experiências diversificadas e significativas é que a criança com MD é capaz de aprender (Nunes, 2012).

Muito embora se constata a existência de inúmeras dificuldades e necessidades particulares, de acordo com Pauly e Canarby (2009), a criança com MD apresenta capacidades e potencialidades que podem ser treinadas para tornar positivo o seu envolvimento com o mundo que os rodeia e para possibilitar à criança bem-estar. Nunes (2002) salienta ainda que este envolvimento permitirá que as crianças se sintam aceites no grupo de pares e na comunidade a que pertencem e terem uma melhor qualidade de vida e saúde mental. Deste modo a criança deverá ter acesso à educação, ao lazer e à plena participação na escola e na comunidade onde vive.

Henrique (2011) refere igualmente que estando o desenvolvimento social da criança com MD em risco desde os primeiros anos de vida, “a escola possui um papel fundamental nos esforços a envidar para ultrapassar as suas limitações, ao possibilitar o alargamento progressivo das experiências socializadoras, permitindo o desenvolvimento de novos conhecimentos e comportamentos” (Nunes, 2008, p.11).

Um dos grandes desafios que se coloca na educação destas crianças prende-se com a possibilidade de usufruírem de experiências de aprendizagem significativas semelhantes às dos seus pares com desenvolvimento típico. E que essas mesmas aprendizagens aconteçam tendo em conta as especificidades de cada um e os contextos a que pertencem, incluindo a própria sala de aula/atividades.

Em síntese, importa pensar na criança com MD como uma criança que, tal como as outras, tem necessidades básicas e sentimentos, que nos merece respeito e tem direito a uma educação adequada às suas capacidades e necessidades. Face às particularidades das crianças com MD analisemos o modo como estas se envolvem na atividade de conto das histórias, considerando diversos tipos de histórias.

2.2. Histórias multissensoriais (HMS)

2.2.1. Características das HMS

O conto de histórias deve ter em conta as características das pessoas com necessidades educativas graves, entre elas as pessoas com MD, nomeadamente as condicionantes inerentes às suas características comunicativas. Assim, nesta atividade deve-se recorrer a formas de comunicação que promovam a compreensão e capacidade de interpretação, de modo a permitir às pessoas com MD compreender o mundo que as rodeia e participar, também elas, de forma significativa nos contextos em que se inserem (Matos, Rocha, Cabral & Bessa, 2015; Oliveira, 2019).

As características das histórias multissensoriais (HMS) permitem que o ouvinte usufrua de experiências sensoriais que possibilitam a criação de contextos educativos que promovam a interação social e facilitem, a intervenção pedagógica, pelo seu aspeto motivador e agradável de onde resulta um maior envolvimento (Preece & Zhao, 2014; Ten Brug, 2015, Oliveira 2019).

Grace (2017) sublinha a importância da estimulação sensorial para o desenvolvimento cognitivo precoce e para a manutenção das nossas faculdades ao longo da vida e destaca o papel das HMS, afirmando que estas não são um substituto das histórias tradicionais baseadas em palavras, mas sim, histórias em si mesmas que são acessíveis a todos.

O conceito de HMS começou por ser desenvolvido por Chris Fuller e na sequência desse trabalho, a autora fundou em 1993 a *Bag Books*. Esta é uma instituição londrina que tem como objetivo a construção de HMS, assim como a divulgação e o conto das mesmas a pessoas com MD e/ou com dificuldades severas a nível de aprendizagem. Esta instituição tem possibilitado a realização de investigação por parte de Universidades na Escócia e na Inglaterra (Preece & Zhao, 2014; Bag Books, 2019; Oliveira 2019). Existe uma outra organização (*PAMIS*) que trabalha com pessoas com MD e com as suas famílias que tem contribuído também para a criação, divulgação e investigação das HMS na *Universidade of Dundee* (Preece & Zhao, 2014; Ten Brug, 2015; Miguel 2015; Nuno 2019). Também o *The sensory Projets* fundado por Joanna Grace, tem sido um motor de desenvolvimento e divulgação das HMS.

Especificando este tipo de histórias, segundo Miguel (2015) as HMS “são uma abordagem pedagógica criada a pensar nas crianças e jovens com multideficiência, mas

também com outras problemáticas” (p.13). Chamam-se histórias porque consistem numa narrativa onde existem personagens, um enredo e um final, se possível, surpreendente e interessante para a criança. São multissensoriais porque apelam à exploração de diferentes sentidos: tato, olfato, paladar, movimento, etc. São ainda pequenas histórias escritas que recorrem a estímulos sensoriais variados, de forma a captar a atenção de crianças com limitações graves, a proporcionar uma maior interação e envolvimento por parte da criança com a história com o contador e intercompreensão na partilha de experiências (Guerreiro referido por Grilo, Catalão & Leonardo, 2013; Oliveira 2019; Nunes, 2011). De acordo com esta autora, os estímulos sensoriais estão relacionados com o conteúdo da história motivam as crianças a reagir ao conto de histórias, tocando e explorando os estímulos apresentados. Podemos afirmar, portanto, que as HMS consistem numa narrativa apoiada por um conjunto de objetos, escolhidos pelas suas qualidades sensoriais e capacidades de envolvimento, que o ouvinte pode tocar, ouvir, cheirar ou ver à medida que a história se desenrola (Fuller, 1999; Oliveira, 2019).

Este tipo de histórias apresenta características específicas diferentes de outras histórias. Estas histórias constituem-se ainda como estratégia multissensorial visando uma situação de jogo que encerra em si, palavras com significado e significante, momentos privilegiados de experimentação que envolvem diferentes áreas sensoriais, conjugando diferentes estratégias psicopedagógicas, fomentando a relação pedagógica, o sucesso e a promoção de aprendizagens significativas (Proença, 2006).

Como qualquer história, as HMS têm um título, um início, uma sequência lógica e um final, sendo o seu conteúdo composto por frases referidas nas várias páginas que a compõem, às quais se encontram associados, aos respetivos estímulos sensoriais (Gomes, 2016).

As páginas podem ser construídas em cartão rijo, contraplacado de madeira ou acrílico. Cada página tem afixado ao centro um ou dois objetos que ilustram a narrativa. É importante que os objetos sejam estimulantes (pela sua cor, forma ou textura), e possibilitem a realização de ações. Neste sentido, podem ser utilizados objetos reais, texturas e formas que simulam os objetos reais e partes de objetos (cf. Bag Books, 2011; Nunes 2011). A forma de fixação dos objetos e outros detalhes também são características que variam de acordo com as opções do construtor, mas que têm de garantir a segurança daqueles que as disfrutam (Young et al., 2011). Mesmo assim, é

desaconselhado que estas histórias sejam exploradas por crianças ou adultos com problemáticas severas sem supervisão de um adulto responsável (Bag Books, 2011).

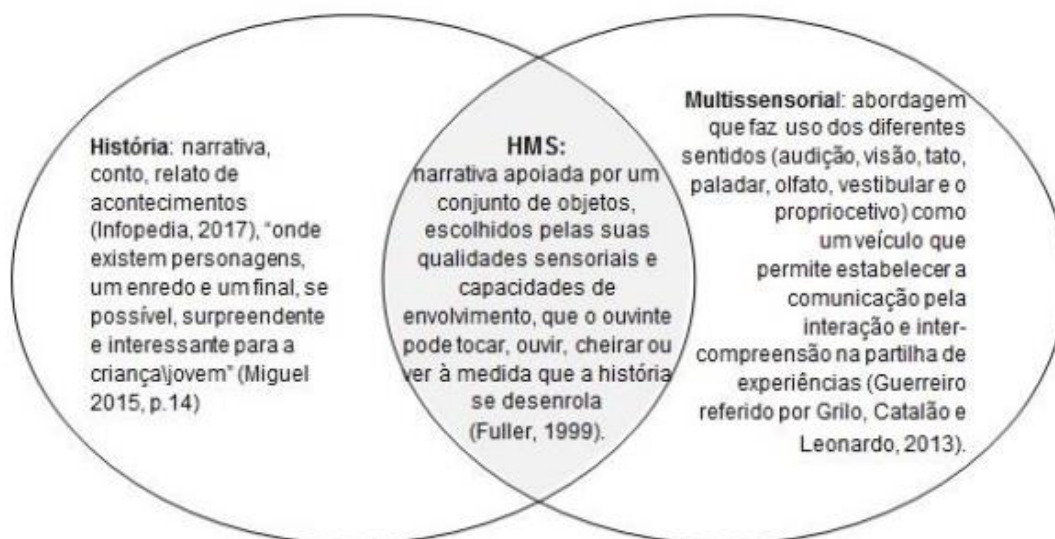
O público alvo da contação destas histórias são crianças de todas as idades (Nunes, 2011), com dificuldades na compreensão da linguagem oral, assim como as que apresentam graves limitações cognitivas, incluindo as que têm MD (Bag Books, 2011).

As HMS são criadas tendo em consideração as preferências e capacidades da pessoa com MD, no sentido de lhe dar oportunidade de se envolver na atividade (Vlaskamp et al., mencionados por Ten Brug, 2015) e de compreender a história. Devido à fraca capacidade de atenção das pessoas com MD as frases devem ser curtas e explícitas, tendo em atenção o período limitado de alerta e de atenção das pessoas com MD. Assim, a duração da história deve ser ajustada às capacidades do ouvinte, assim como às suas capacidades de compreensão da linguagem (Ten Brug, 2015).

Antes de fazermos a apresentação das formas de dinamização do conto das HMS e dos resultados de investigação acerca das mesmas apresentamos através da figura 1 uma síntese do conceito de HMS.

Figura 1.

Síntese do conceito de HMS (Oliveira, 2019, p.48)



2.2.2. Dinamização do conto de HMS

O contador de histórias desempenha um papel muito importante, dado ser ele o elo entre o "ouvinte" e os estímulos que lhe são mostrados e sobre os quais o ouvinte

irá atuar. Neste sentido é essencial a alternância da entoação da voz (sussurrar ou falar alto) e até algum exagero nas expressões faciais e na articulação das palavras bem como empregar dramatismo e teatralidade à medida que se conta a história pois permite que os estímulos encontrados nas páginas ganhem vida e a narrativa faça sentido (Bag Books, 2011).

O contador de histórias deve ainda estimular a criança a manusear o livro, a manipular e ou explorar os estímulos nele existentes e permitir-lhe explorá-lo livremente. O contacto físico com os recursos sensoriais da história é muito importante para ajudar a criança a se envolver na atividade (Young et al., 2011) e a melhor compreender o seu conteúdo. O contato físico por si só, é muito enriquecedor, mas podemos, para além dele, proporcionar à criança outras experiências, como a experiência do abraço, do beijinho, e da partilha de afeto. Estes gestos e este envolvimento emocional poderão ajudar a criança a compreender melhor a história, mas também, e sobretudo a usufruir de expressões sociais de afeto nesta atividade.

Quando se dinamiza o conto de uma HMS importa ainda ter em conta o número de crianças que a irão “escutar”, de maneira a que não seja muito alargado; sendo que as crianças deverão estar dispostas em semicírculo e posicionadas em frente ao contador de histórias. Permitir a presença de acompanhantes também é vantajoso para apoiar as crianças durante a dinamização da história, nomeadamente para conter tentativas de se ausentarem do espaço, ajudar a prestar atenção a alguma necessidade pessoal e encorajar a manutenção da atenção, mesmo durante os períodos de espera pela sua vez de explorar a página da história (Bag Books, 2011).

Segundo o estudo elaborado por Carla Gomes em 2016, poderão ainda ser adotadas várias estratégias relacionadas com o posicionamento do contador de histórias e o posicionamento das páginas face ao aluno. A este respeito Gomes (2016) concluiu que, o contador deve chegar perto da criança para contar a história, baixar-se e colocar-se na sua frente para mostrar as páginas da história ao nível do seu olhar e a criança poder estabelecer contato visual com o conteúdo de cada página. É também descrita a necessidade de contar a narrativa junto de cada uma das crianças que estão a ouvir a história, possibilitando-lhes a oportunidade de ouvir a narrativa de cada página várias vezes.

Para Gomes (2016) também deverá ser dado à criança a possibilidade de associar um objeto à ação descrita na narrativa, oferecer-lhes a hipótese de exploração das páginas e dos seus estímulos, manipulando-os através de ações como: “apalpar,

cheirar e colocar o objeto na cabeça e dar-lhes tempo par efetuar essa exploração consoante o seu ritmo. Esta autora salienta que pode ser necessário incentivar as crianças a tocarem nos materiais da página e a realizarem a ação proposta, referindo “eu ajudo a criança e incentivo-a oralmente a tocar no objeto, se for necessário pegolhe na mão para ela explorar o objeto ou fazer o movimento requerido naquela determinada página” (p.49).

Miguel (2015) também destaca a importância do “o contacto físico para ajudar a criança a manipular os objetos da história. Por vezes, dadas as dificuldades de manipulação da criança, o contador de histórias pode ajudar usando a estratégia “mãosobre-mão” que consiste em colocar a sua mão sobre a mão da criança para que esta explore a textura ou manipule o objeto, ou “mãosob-mão”, colocando a sua por baixo da criança / jovem no sentido de facilitar a exploração dos objetos” (Chen, citado em Nunes, 2009, p. 75).

2.2.3. Resultados de investigação

Nas últimas décadas, um pouco por todo o mundo, têm sido realizados estudos dedicados às narrativas multissensoriais, nomeadamente perceber se estas constituem um recurso benéfico para as pessoas com MD. Em Portugal desenvolveram-se algumas investigações focadas nesta temática, resultado de dissertações e projetos de Mestrado desenvolvidos em diversas instituições de ensino Superior. Importa referir ainda o *projeto StoryLab: História Multissensoriais e Multideficiência em desenvolvimento na Escola Superior de Educação de Lisboa*.

Mas vejamos os resultados de alguns desses estudos, primeiro a nível internacional e depois a nível nacional.

Nelleke Boer e Carla Wikkermen, num artigo publicado em 2008, apresentaram os benefícios da utilização de HMS para o desenvolvimento de múltiplas competências em pessoas com MD. Nesse trabalho, as autoras criaram, com a ajuda da família, uma HMS para uma jovem com MD que abordava a rotina do banho. Os princípios de construção da HMS foram os desenvolvidos pela *PAMIS* e a história foi contada pelos pais durante a visita semanal que incluía aquela rotina.

As investigadoras referiram através deste estudo que tanto o contador como o ouvinte gostavam da prática do conto destas histórias e de que todos os envolvidos falavam de sensação de satisfação que a HMS lhes transmitia. Percebeu-se também,

através deste estudo que, a HMS contribuíra para uma melhoria do ambiente social e da qualidade das relações estabelecidas pela pessoa com MD, facilitando assim, uma promoção no desenvolvimento socioemocional de quem as ouve. Estas histórias contribuem também para uma melhoria no ambiente familiar sendo que os pais da criança com MD manifestaram uma grande satisfação por poderem também eles, contar histórias à sua filha.

Em 2011, a Universidade de Utrecht, na África do Sul J. L. Halfens realizou um estudo onde se pretendia verificar a eficácia do conto das HMS no desenvolvimento da responsividade social em crianças, jovens e adultos com MD. Participaram do estudo 34 pessoas com idades compreendidas entre os 5 e os 34 anos. foi criada uma escala para medir a responsividade social e durante seis semanas foram realizadas dez sessões de conto de HMS. Os resultados manifestaram que o conto das HMS teve efeitos positivos no desenvolvimento da responsividade social em todos os participantes independentemente das suas capacidades.

Segundo Henriques (2018) houve um estudo em 2014 com Preece e Zhao, o qual mostrou que as HMS contribuem para a socialização e expressão com os outros.

Em 2015 Tem Brug van der Putten Maes e Vlaskamp concluíram no seu estudo sobre esta temática que os ouvintes estavam atentos, em média, 69% do tempo da história e que o seu nível de atenção melhorou até à 5ª sessão, voltando a diminuir gradualmente até à 10ª sessão.

Quanto ao estudo desenvolvido por Ten Brug, van der Putten, Penne, Maes e Vlaskamp em 2016, os seus resultados evidenciaram que, a atenção dirigida à história foi mais elevada no grupo que ouviu a HMS do que naquele que ouviu as histórias comuns.

Em suma, e tendo em conta os resultados dos estudos descritos, as HMS parecem trazer benefícios para a criança com MD. Especificando contribuem para uma melhoria significativa ao nível da concentração, memorização e envolvimento da criança com a história e pode inclusive melhorar as suas capacidades de interação com os outros e conseqüentemente contribuir para o seu desenvolvimento ao nível da linguagem, comunicação e relação com os pares.

Em Portugal apesar de as HMS serem pouco conhecidas, já foram realizados diversos estudos entre eles, o estudo de Paula Proença de 2010 efetuado no âmbito da sua tese de mestrado. Proença utiliza a HMS como estratégia pedagógica para o desenvolvimento das competências de pessoas com NEE. Neste estudo participaram

10 jovens com Perturbação do Desenvolvimento intelectual com idades compreendidas entre os 8 e os 18 anos. A autora utilizou no seu estudo histórias que designou como multissensoriais, contudo, estas afastam-se das características e metodologias das HMS, criadas e divulgadas pela Bag Books e PAMIS, nomeadamente ao nível dos materiais e pela forma como são dinamizadas. Os resultados evidenciam a existência de benefícios ao nível do comportamento e das aprendizagens dos indivíduos participantes no estudo. Conclui-se através deste estudo que com as HMS as crianças conseguem memorizar estímulos sensoriais mais significativos para eles.

O estudo realizado em 2015, por Matos, Rocha, Cabral e Bessa pretendeu desenvolver as capacidades de aprendizagem de pessoas com Perturbação do Desenvolvimento Intelectual através da metodologia do uso das HMS. O estudo envolveu 18 participantes com deficiência mental, e idades compreendidas entre os 22 e os 44 anos. Os autores deste estudo utilizaram diversos estímulos sensoriais, mas utilizaram também materiais e formas de dinamização diferentes que as diferenciam do conceito de HMS criados pela Bag Books e pela PAMIS. Os resultados do estudo mostraram que o uso dos estímulos multissensoriais contribuiu para a retenção do conteúdo da história e favoreceu o processo de aprendizagem dos tópicos abordados.

O estudo de Teresa Miguel realizado em 2015, também no âmbito da sua tese de mestrado teve como objetivo conhecer os recursos e os programas existentes numa biblioteca pública para crianças com MD e suas famílias. Pretendia perceber em que medida as HMS poderiam ser usadas para facilitar o acesso destas populações a estes espaços. O estudo envolveu 21 participantes: cinco jovens, cinco crianças, as respetivas mães e a bibliotecária. Utilizando o conceito da Bag Books e da PAMIS, a autora do estudo construiu três HMS que dinamizou na respetiva biblioteca ao longo de oito sessões.

Os resultados do estudo realizado mostram que o uso de HMS promove oportunidades para a inclusão na biblioteca, para as crianças com MD e para as suas famílias. Se um dos princípios orientadores da biblioteca é a inclusão, se tem a missão de promover a educação e a cultura da população, atrair todos os utentes com meios e atividades diversificadas e também apoiar os mais desfavorecidos e as minorias, seria de esperar que a biblioteca tivesse também objetivos definidos para as crianças com Necessidades Educativas Especiais (NEE). Este estudo também revelou que as famílias ficaram satisfeitas com a atividade do conto de histórias que envolveu as HMS.

O estudo de Carla Gomes realizado no âmbito da sua tese de mestrado concluída no ano de 2016, pretendeu conhecer melhor as particularidades das HMS, através de um estudo de caso, que tinha como objetivo perceber como se caracteriza a participação das crianças com MD em experiências relacionadas com o conto destas histórias. Neste estudo participaram uma docente de Educação Especial, dois peritos em HMS e três crianças com MD com idades compreendidas entre os seis e os oito anos que frequentavam uma Unidade de Apoio Especializado à Multideficiência do 1.º Ciclo. Com este trabalho foi possível mostrar que as HMS parecem ser um recurso útil na educação de crianças com MD. Todas as crianças demonstraram uma reação muito positiva às atividades manifestada no grau de envolvimento que demonstraram ter com o livro de histórias, sendo este mais evidente em torno do estímulo sensorial, e com o contador. Foi também evidente que, o conhecimento da metodologia das HMS e as características das pessoas com MD são fundamentais para o uso desta estratégia pedagógica, porque influenciam a escolha do tópico, do conteúdo da história e dos estímulos sensoriais a usar na sua construção.

Percebeu-se ainda que a metodologia das HMS é muito específica apresentando características únicas relacionadas com a estrutura do livro e com o conteúdo das páginas. É importante o livro ter poucas páginas, onde estão presentes os estímulos sensoriais e uma narrativa simples e clara com frases curtas.

O estudo de Marina Henriques também realizado no âmbito da sua tese de mestrado em 2019 na Escola Superior de Educação de Lisboa teve como objetivos: (i) identificar as características das histórias contadas a alunos com MD e conhecer as estratégias utilizadas pelos professores na dinamização da hora do conto; e (ii) caracterizar o modo como os alunos com MD se envolvem na hora do conto quando lhes são contadas histórias comuns e HMS e os fatores que influenciam a sua capacidade de envolvimento nesta atividade. No seu estudo Henriques considerou ser importante conhecer previamente as características dos ouvintes, de modo a que este “se interesse e se envolva com a história” (p. 125). Henriques optou pela realização de um estudo de natureza qualitativa, na modalidade de estudo de caso múltiplo. Assim, no caso A participou uma criança com paralisia cerebral que frequentava a educação pré-escolar e no caso B participaram três alunos que frequentavam uma unidade de apoio à educação de alunos com MD.

A autora, num primeiro momento, observou nos dois contextos, o conto das histórias com o intuito de identificar as estratégias do contador de histórias e caracterizar

o envolvimento das crianças. Num segundo momento construiu duas HMS que apresentou na hora do conto. Para medir o nível de envolvimento dos alunos nas histórias utilizou a *Engagement Profile and Scale*, e gravações vídeo das sessões de conto de histórias e das entrevistas realizadas.

Segundo os resultados deste estudo, a prática do conto das histórias é diferente nos dois contextos analisados. sendo mais comum no caso A (jardim de infância) do que no caso B (unidade de apoio à educação de alunos com multideficiência). Podemos ainda concluir que embora os comportamentos dos alunos tenham sido positivos, tanto nas sessões de conto de histórias comuns como nas HMS, o nível de envolvimento dos alunos foi maior nas sessões do conto de HMS.

Para Henriques (2018) as HMS

constituem recursos pedagógicos que estimulam o aluno com MD a se envolver de forma mais ativa na atividade de conto de histórias. Podem, portanto, tornar-se uma ferramenta essencial e transdisciplinar ao longo das suas aprendizagens. Neste tipo de histórias importa conjugar diversos estímulos sensoriais com o apelo a uma relação pedagógica que promova efetivas oportunidades de interação social e física (p.78).

Mais recentemente o estudo desenvolvido por Nuno Oliveira (2019) realizado no âmbito da sua tese de mestrado na Escola Superior de Educação de Lisboa que teve como objetivos: (i) Identificar o contributo das HMS no desenvolvimento de competências de comunicação e literacia e; (ii) Refletir sobre o conto de HMS como prática pedagógica significativa para a educação de pessoas com MD. Como participantes neste estudo tiveram dois grandes grupos: (i) os alunos dos quais se destaca a Maria e (ii) os profissionais e outros colaboradores onde incluímos o contador de HMS como investigador.

Depois da realização da análise dos dados conclui-se que as HMS contribuíram, face ao enquadramento da problemática, para o desenvolvimento de competências comunicativas e de literacia, na medida em que se constituíram como uma fonte de possibilidades de interação pedagógica e social que simultaneamente se influenciaram para o emergir e consolidar dessas competências.

Em síntese os trabalhos de investigação realizados em Portugal, à semelhança da investigação internacional, revelam que as HMS constituem um recurso pedagógico útil, para trabalhar com crianças com problemas graves de aprendizagem,

nomeadamente crianças com MD. Alguns trabalhos, incluem um modelo de HMS relativamente diferente do conhecido através das referências bibliográficas base desenvolvidas pela Bag Books e pela PAMIS.

2.3. Histórias sociais (HS) e crianças com Necessidades Complexas de Comunicação

2.3.1. Principais características das HS e do seu conto

As histórias sociais (HS) foram desenvolvidas por Carol Gray em 1991, como estratégia para o desenvolvimento da compreensão social em crianças com Perturbação do Espectro do Autismo (PEA), partilhando informações sobre uma variedade de conceitos, interações e situações de maneira mais significativa e concreta (Rust & Smith 2006; Smith 2003; Test et al., 2011). Importa referir que, embora Gray (1998) tenha afirmado inicialmente que estas histórias são utilizadas como um método para ajudar alunos com PEA, posteriormente reformulou as suas recomendações, sugerindo que a intervenção também pode ser apropriada para crianças com diferentes níveis de habilidades, incluindo indivíduos pouco funcionais.

Estas histórias consistem em narrativas simples e curtas, construídas em função da perspetiva da criança e através da qual se veiculam os comportamentos sociais adequados para situações muito específicas (Benish & Bramlett, 2011). As histórias sociais são baseadas na premissa de que os alunos com PEA têm dificuldades em “ler” e entender pistas, situações especiais e as perspetivas dos outros.

O principal objetivo das HS é, portanto, sublinhar uma competência específica a ser adquirida pela criança e os comportamentos necessários à sua aquisição (Ozdemir, 2010; Benish & Bramlett, 2011). Ou seja, pretende-se exemplificar situações problema através de um texto e (se necessário) de um suporte visual e assim contribuir para a redução do comportamento problemático. Na opinião de Pardy, Lupiani e Warfield (2015) a HS oferecem aos professores, pais, terapeutas e outros uma ferramenta eficaz comprovada e busca fornecer aos indivíduos uma visão e compreensão do mundo social.

A abordagem cresceu em popularidade nas últimas duas décadas e é comumente utilizada por profissionais para facilitar o desenvolvimento de competências pró-sociais em ambientes escolares (Kuoich & Mirenda, 2003). Segundo Gray (2010), uma história social pode ser utilizada para auxiliar indivíduos com PEA para interpretar

e gerir uma determinada situação social desafiadora ou confusa que muitas vezes resulta em comportamentos inadequados. A lógica teórica da intervenção através das HS baseia-se na teoria cognitiva da PEA, que postula que as dificuldades são o resultado da incapacidade de uma dada criança em entender o comportamento social de outros, um conceito conhecido como teoria da mente (Baron-Cohen, 1995).

No que diz respeito à construção destas histórias, atualmente, Gray (2015) estabelece um conjunto de critérios, tais como: idade e capacidades da criança, o uso de frases rítmicas e repetitivas, incorporar os talentos da criança e/ou interesses para manter a atenção e usar ilustrações para apoiar o significado do texto. O texto deve ser claro e ter uma linguagem positiva, devendo ser escrito na 1ª ou 3ª pessoa. As frases devem ser descritivas em que apresentem fatores externos observáveis, devem descrever ou referir-se ao estado interno de outra pessoa e descrever respostas esperadas ou efetivas ou ainda possíveis escolhas.

Segundo Pardy, Lupiani e Warfield (2015) muitas histórias podem ser usadas repetidamente para pessoas diferentes, mas é provável que se procure ter uma HS mais personalizada para ajudar uma criança a ultrapassar uma situação problema em particular. Estas histórias devem ser instrutivas e seguras; portanto, é importante não criar uma história muito complexa. Pardy et al. (2015) apontam algumas dicas a serem consideradas na sua construção, as quais passamos a descrever: (i) ter um objetivo em mente; (ii) escolher uma situação específica; (iii) manter um tom positivo; (iv) usar linguagem simples; (v) utilizar diferentes tipologias de frases e (vi) contar a história social. Seguidamente, explicamos com algum detalhe estas indicações.

(i) Ter um objetivo em mente

Importa pensar que problema queremos resolver ou seja existe uma situação que a faça agir ou desmoronar? Existe um cenário do qual tenta escapar? As respostas a perguntas como estas são ótimos assuntos para HS. Encontrar o problema subjacente pode exigir um pouco de pesquisa, entrevista a professores, amigos, pais e outras pessoas com uma visão única do obstáculo social. Depois de identificar o problema podemos procurar maneiras de solucioná-lo.

(ii) Escolher uma situação específica

As HS contam situações problema particulares tais como: se houver uma ansiedade por parte do indivíduo relativamente a uma mudança de rotina, ida a uma consulta de uma determinada especialidade. Estes temas podem permitir criar uma

história simples, mas detalhada. Uma história detalhada tem por base alguns pontos-chave:

- Sugestões sociais;
- Respostas sociais apropriadas;
- O que eles podem ver / ouvir / sentir durante o evento;
- O que esperar de outras pessoas para dizer / fazer;
- O que pode ser esperado deles e porquê;

(iii) Manter um tom positivo

A história social procura criar uma maior consciência social, oferecendo um nível de conforto e familiaridade e, às vezes, sugere possíveis comportamentos e conexões. Devemos incentivar uma perspectiva mais positiva e diminuir as ansiedades sociais, mostrando que o indivíduo é bem-sucedido e socialmente envolvido. Nas histórias que lidam com as habilidades da vida diária, o foco está no indivíduo e em capacitá-lo a agir por si próprio. As HS que envolvem interações com outras pessoas devem ser acessíveis e tranquilizadoras para que o indivíduo se sinta seguro e possa ter sucesso devemos sempre utilizar uma linguagem positiva (Pardy et al., 2015). Tendo em conta tudo o que anteriormente foi dito Gray (1991) afirma que

O objetivo de uma história social é compartilhar informações precisas usando um processo, formato, voz e conteúdo que sejam descritivos, significativos e fisicamente, socialmente e emocionalmente seguros para o público. Toda história social tem um tom geral de paciente e tranquilizador (p.11).

(iv) Usar linguagem simples

Como se indicou anteriormente importa manter o idioma simples e no tempo presente, dividindo o cenário em quantas etapas forem necessárias e ser muito específico com possíveis ações e frases.

As HS têm o maior número de cumprimentos, estilos e variedades possíveis. Dependendo da idade da pessoa que usa a história, ela pode incluir fotografias da pessoa, ou de locais ou objetos reais, para referência. Para crianças mais velhas ou adultos, podem ser usadas imagens mais complexas, mas há que manter a simplicidade (Pardy et al., 2015).

(v) As histórias sociais podem utilizar diferentes tipologias de frases:

As HS podem recorrer ao uso de diversos tipos de frase, como por exemplo:

- frase descritiva que consiste em responder a questões como: “quem?”; “onde?”; “o quê?” e “como?”
- frase diretiva que especifica quais as respostas comportamentais desejadas por parte de um indivíduo num determinado contexto social;
- frases em perspetiva que descrevem os sentimentos do indivíduo e de outros indivíduos dentro de uma dada situação social alvo. Fornecem a ideia de como os outros se sentem ou como os outros pensam.

As HS são frequentemente apresentadas a um indivíduo antes da situação-alvo que provocou o comportamento problemático no passado. As histórias podem ser lidas para o indivíduo por um adulto ou colega, lido diretamente pelo aluno ou gravado verbalmente e reproduzido para indivíduos que não têm a capacidade de ler (Gray & Garand, 1993).

(vi) Contar a história social

O melhor momento para apresentar uma HS é quando os níveis de excitação são baixos e o foco pode permanecer alto. Fazer o indivíduo ler ou apresentar a história para a família e os amigos gera uma conexão positiva com o cenário. Desenvolver a confiança é a chave para o sucesso de uma HS na navegação de um obstáculo, portanto, a introdução deste tipo de história após uma experiência negativa pode ser vista como uma punição por mau comportamento, não trabalhando para um objetivo positivo. E, como a natureza dos obstáculos sociais pode mudar, a história também pode mudar. Ajuste conforme necessário e, com frequência, para manter-se atualizado e relevante (Pardy et al., 2015).

2.3.2. Resultados de investigação

Em Portugal identificou-se um estudo relacionado com a utilização de HS na educação ou ensino. O estudo realizado por Brilha (2012) procurou perceber o contributo destas histórias na promoção de comportamentos de interação em alunos com PEA. Face aos resultados obtidos Brilha concluiu que, o uso das HS “permitiu identificar comportamentos comunicativos nos alunos e perceber que a utilização destas histórias lhes trouxe ganhos em termos de interação... observou-se que os comportamentos de interação expressos durante o conto das histórias sociais são mais e mais variados” (Brilha, 2012, p.99). Na opinião desta autora as HS “constituem uma estratégia que pode ser usada em grupo ou individualmente, dependendo dos objetivos

do educador” e pretendem “ter uma estrutura apelativa e motivadora que ajude a ensinar comportamentos sociais que as crianças sentem, dificuldade em desenvolver” (p.53).

Para além deste estudo destaca-se o facto de a maioria dos estudos a que tivemos acesso terem sido realizados junto de crianças com PEA. Contudo, a utilização das HS tem sido alargada a outras crianças com dificuldades comportamentais, com o intuito de reduzir a frequência de comportamentos problemáticos, e.g. chorar, gritar, gritar, bater, atirar-se para baixo, atirar objetos ao ar, desrespeitando a fila, ser desagradável com colegas durante as aulas, ou falar alto e sem permissão, toques impróprios e movimentos estereotipados (c.f. Adams et al., 2004, Crozier & Tincani, 2005; Dodd et al., 2008; Kuoch & Mirenda, 2003; Kuttler et al., 1998; Lorimer et al., 2002; Moore, 2004; Özdemir, 2008; Reynhout & Carter, 2007; Scattone, Wilczynski, Edwards & Rabian, 2002; Swaggart et al., 1995 referidos por Ozkaya & Tekin, 2011).

Porém Styles (2011) salienta a existência de algumas limitações aos estudos realizados. Afirma este autor que a alteração no comportamento da criança não pode, por si só, ser atribuído exclusivamente ao uso das histórias uma vez que, existem aleadas a esta, outras estratégias de intervenção. Refere a insuficiência dos dados para determinar se os resultados obtidos são mantidos após a intervenção. Além disso, declara que “embora se sigam as diretrizes de Gray (1998, 2004), há inúmeros métodos de apresentação que restringem o potencial de comparação entre os estudos” (Styles, 2011, p. 425).

Em síntese, podemos aferir que o uso de HMS e HS parece trazer benefícios para as crianças com MD e/ou com PEA. Contribuem para melhorar a interação social e as experiências sensoriais e/ou afetivas. Melhoram assim, o envolvimento e a participação destas crianças aquando do conto das histórias contribuindo conseqüentemente para o seu desenvolvimento social.

Capítulo 2 - Metodologia de Investigação

| ' ' | | ' ' |

Este capítulo é dedicado à explicitação da metodologia utilizada na realização do estudo empírico. Em termos da sua organização, este encontra-se estruturado em cinco tópicos principais: (i) problemática do estudo e questões a estudar; (ii) natureza e fases do estudo; (iii) participantes no estudo, (iv) técnicas e instrumentos utilizados na recolha e análise dos dados e (v) procedimentos éticos. São esses os tópicos que passamos a apresentar.

1. Problemática e questões de investigação

Este tópico é dedicado à apresentação da problemática e definição das questões a estudar.

1.1. Enquadramento do estudo e motivações pessoais

Enquanto educadora de infância desenvolvemos a prática educativa numa instituição particular de solidariedade social, que tem diversas valências: Berçário, Creche, Jardim de infância e ATL. A instituição tem como principal propósito promover o desenvolvimento integral e harmonioso de todas as crianças de ambos os sexos, com idades compreendidas entre os quatro meses e os 12 anos de idade, em conjunto com as suas famílias e apoiando-as na promoção da saúde e educação das crianças.

A valência do jardim de infância tem seis salas e uma equipa de funcionários qualificada, que alia a formação profissional a uma forte motivação pessoal em termos de trabalho e com infraestruturas recentes, de qualidade superior. As seis salas têm uma designação própria e funcionam com grupos de crianças com a mesma faixa etária, à exceção da sala da alegria, onde desenvolvemos a nossa prática educativa, sala essa que vamos passar a caracterizar de seguida.

A sala da alegria do Jardim de Infância está organizada em diversos espaços que proporcionam a cada criança diferentes e desafiantes atividades, como por exemplo: área dos jogos; natureza; computador; pintura no cavalete; escrita; biblioteca; garagem e casinha. Esta organização depende da evolução do grupo em questão, bem como dos projetos e interesses das crianças.

A dinâmica da sala oferece diferentes tipos de interações, especificando existem momentos de atividade em grande grupo, pequeno grupo, a pares e individuais. Considera-se importante que todos estes momentos existam no dia a dia de cada criança pois permitem às crianças expor e revelar diferentes competências.

Quanto à rotina diária, na parte da manhã existe sempre um momento onde as crianças poderão explorar livremente as áreas de atividade incluindo, sempre que quiserem, ouvir e “ler” histórias uma vez que têm ao seu dispor uma biblioteca, local onde se encontram almofadas, sofás e estantes com vários livros (contos infantis, imagens, enciclopédias, dicionários ilustrados entre outros) e revistas, podendo acomodar-se confortavelmente e realizar as suas “leituras”. Este espaço da biblioteca não é estanque, vai sofrendo alterações no decorrer do ano letivo e os livros disponíveis variam consoante as temáticas e/ou projetos a trabalhar. Está igualmente contemplado na rotina um momento do dia reservado para o conto (“vamos dar lugar ao conto”). Este momento poderá ser realizado por um adulto ou por uma criança. A tabela das rotinas diárias poderá ser consultada em anexo (ver anexo A).

Nesta sala trabalham uma educadora de infância (autora do presente estudo) e duas assistentes operacionais. Esta sala é frequentada por um grupo de 21 crianças com idades compreendidas entre os 3 e os 5 anos, como se explicita na tabela que se segue, sendo a média de idades de 54,8 meses.

Tabela 1

Faixa etária do grupo em outubro de 2019

Idades (*)		Género		Total
Anos	Meses	Masculino	Feminino	
3 anos	47 meses		1	1
4 anos	48 meses		3	3
	49 meses	1	1	2
	51 meses	2	2	4
	53 meses	1		1
	55 meses		2	2
5 anos	59 meses		1	1
	61 meses	1	1	2
	62 meses		2	2
	63 meses	1	1	2
	65 meses	1		1
Total		7	14	21

(*) *Idades em outubro de 2019*

No geral as 21 crianças são muito curiosas, entusiastas, faladoras que gostam de ouvir e contar histórias. Duas crianças do grupo estão a ser acompanhadas pela equipa local de intervenção precoce, sendo que uma delas coloca mais desafios ao contexto educativo. Essa criança é a mais velha do grupo, tem 65 meses, aqui designada de L., manifesta acentuadas dificuldades no seu desenvolvimento,

consequência da Síndrome de Klippel Feil, podendo enquadrar-se no grupo de crianças com multideficiência. Embora seja uma menina simpática, cordial com os adultos e que gosta de receber atenção e mimos, as suas relações com os pares não são muito positivas. Importa destacar os seus comportamentos desafiantes porque, põem em causa o funcionamento do grupo e da rotina diária, representando assim um repto para adultos e pares.

Especificando, esta menina manifesta muita dificuldade em adequar o seu comportamento ao que está a acontecer ao seu redor, por exemplo, em situações de grupo em que existe necessidade de realizar uma fila para transitar de espaço, ela corre, empurra e saltita etc., não conseguindo permanecer com o restante grupo (ver anexo B). Esta criança demonstra também muita impulsividade na forma como se movimenta, corre de forma descontrolada pelos espaços acabando por cair, derrubar e magoar os colegas. Em situações de brincadeira nas áreas de atividades, tem dificuldade em permanecer no mesmo espaço por curtos períodos, em partilhar brinquedos e pedir aos colegas para brincar, optando por retirá-los abruptamente e quando os colegas oferecem resistência, bate-lhes e empurra-os de forma agressiva e descontrolada.

Em situações de recreio, corre, empurra colegas, retira brinquedos e faz birras sempre que não consegue obter o que pretende de forma imediata. As birras são intensas e prolongadas, por vezes, acompanhadas de agressão a colegas e a si própria. Os colegas optam por se afastar dela e evitar os locais onde ela se encontra.

No refeitório, apesar de já conseguir permanecer sentada na cadeira e de realizar uma refeição de forma autónoma, apresenta dificuldades em pegar e usar os talheres, prefere usar as mãos, sujando a roupa e o espaço em que se encontra. Gosta de tirar comida aos colegas e quando estes se queixam, bate-lhes, usando a mão ou qualquer outro objeto que esteja a utilizar (colher e/ou garfo). Existem períodos em que estes comportamentos se intensificam, ocorrendo com maior frequência e intensidade. Normalmente acontecem na sequência de algum acontecimento e/ou alteração de rotina em casa e/ou no jardim de infância.

As características descritas levam esta criança a manifestar muitas dificuldades na relação com os pares acabando, na maioria das vezes, por brincar sozinha e isolada do grupo.

Esta menina tem particular interesse por histórias (gosta de ouvir contar histórias e agora mais recentemente, de as contar), rimas, cantilenas, música, cantar, dançar, andar de baloiço e empurrar carrinhos. Também as histórias rimadas são as que mais

lhe agradam, captando a sua atenção e fazendo com que fique mais tempo envolvida. Procura diversas vezes a área da biblioteca para ver livros, contudo não consegue permanecer por lá muito tempo.

Em síntese, enquanto educadora de infância registam-se inúmeros desafios colocados pela criança L. que tem dificuldades no seu desenvolvimento, nomeadamente ao nível do seu relacionamento com os pares. Importa reter que estas dificuldades condicionam o seu desenvolvimento social. Como aspeto mais positivo, destacamos o facto de L. manifestar muito interesse por histórias.

Assim sendo, enquanto educadora de infância desta menina considerou-se importante no âmbito da especialização em Educação Especial tentar ajudar a L. (criança alvo do estudo) a superar algumas das suas dificuldades. Começou-se por realizar o trabalho da Unidade Curricular (UC) de Perturbação do Comportamento tendo como a criança alvo do estudo, a L. e deu-lhe continuidade com a realização de mais três trabalhos, um na UC de Avaliação e Intervenção em Problemas de Cognição, outro na UC de Avaliação e Intervenção em Multideficiência e, por fim, na UC de Práticas de Educação Inclusiva. Depois da análise dos resultados obtidos nos diversos trabalhos e reflexões efetuadas, assumimos importante investigar o contributo do conto de histórias na promoção do desenvolvimento social desta criança.

1.2. Problema de Investigação

Crianças com dificuldades mais acentuadas no seu desenvolvimento e na aprendizagem necessitam de respostas educativas que criem oportunidades para poderem alargar as relações sociais e as amizades, nomeadamente com os seus pares, e aumentar os conhecimentos acerca do mundo que as rodeia. Por outro lado, a investigação assinala que as histórias e a atividade do conto de histórias constituem uma mais valia para o desenvolvimento global de crianças em idade pré-escolar, pois encoraja o seu desenvolvimento social e emocional (Fox, 1993; Hughes, 2004 citados por Young & Lambe, 2011). Neste sentido constituem um recurso importante a nível social, cultural e educacional (Young, Fenwick, Lambe & Hogg, 2011), bem como a nível linguístico.

Importa salientar ainda que vários estudos afirmam que diversos tipos de histórias (HMS e HS) contribuem para um maior envolvimento da criança com MD e outras problemáticas na atividade do conto de histórias, bem como para uma melhoria

de comportamento por parte das mesmas. Por exemplo, Brilha (2012) afirma que as HS “constituem uma estratégia que pode ser usada em grupo ou individualmente, dependendo dos objetivos do educador” pretendendo em simultâneo “ter uma estrutura apelativa e motivadora que ajude a ensinar comportamentos sociais que as crianças sentem dificuldade em desenvolver” (p. 53).

Tendo em conta o exposto e o interesse da criança L. pelas histórias, entende-se importante investigar se o recurso ao conto de histórias pode ajudar a criar situações educativas que proporcionem mais oportunidades de esta desenvolver competências pessoais e sociais, nomeadamente ao nível da interação social com pares. Ou seja, interrogamos de que modo a contação de histórias (histórias de autor, histórias multissensoriais e histórias sociais) a uma criança com multideficiência pode contribuir para o desenvolvimento de competências sociais.

1.3 Questões orientadoras do estudo

Considerando o problema formulado e a revisão da literatura convocada colocamos a seguinte questão de partida do nosso estudo: De que modo o conto de diferentes tipos de histórias em diversos contextos influencia o envolvimento e a participação de uma criança com multideficiência na atividade de contação de histórias no jardim de infância, bem como o seu desenvolvimento social?

Para responder a esta questão definimos os seguintes objetivos gerais do estudo: (i) Caracterizar o modo como a criança com multideficiência se envolve e participa na atividade de contação de diferentes tipos de histórias (multissensoriais, sociais e de autor) e (ii) conhecer a influência do conto dessas histórias e dos contextos onde são contadas na promoção do desenvolvimento social dessa criança. Tendo por base estes objetivos estabelecemos os seguintes objetivos específicos:

- Caracterizar o modo como a criança com multideficiência se envolve e participa na atividade de contação de histórias;
- Compreender a influência do contexto e do tipo de histórias nos processos de envolvimento e de participação dessa criança na atividade de contação de histórias.
- Perceber qual a influência que os diferentes tipos de história têm na promoção do seu desenvolvimento social.

2. Natureza e fases do estudo

Este tópico é dedicado à apresentação da natureza e desenho do estudo.

2.1. Natureza do estudo

A escolha da natureza do estudo decorreu da essência dos fenómenos a estudar e das questões e objetivos formulados (Tuckman, 2005). Sendo assim, optou-se por realizar uma investigação de natureza qualitativa (Coutinho, 2011) uma vez que se procurou perceber de uma forma detalhada uma dada realidade. De acordo com Coutinho (2011), a investigação qualitativa é uma pesquisa cuja finalidade são as ideias e os significados das ações “a partir da perspetiva dos atores intervenientes no processo” (p.26). Portanto, esta investigação decorre do estudo de casos reais, onde os indivíduos interagem com o meio e não pretende a generalização dos resultados.

Importa referir ainda que a metodologia qualitativa pressupõe que a fonte direta dos dados é o ambiente natural, sendo o investigador o instrumento principal (Bogdan & Biklen, 1994). Os dados recolhidos são descritivos, sob a forma de palavras ou imagens e os investigadores focam-se no processo vivido pelos sujeitos e não apenas nos produtos observáveis. De referi que este tipo de estudos procura ainda compreender a natureza dos fenómenos no seu contexto natural e fazê-lo com algum detalhe e profundidade (Coutinho, 2013). Consideramos que o nosso estudo assume estas características.

Em termos da natureza de investigação optou-se pela modalidade de estudo de caso único, o qual incide em unidades individuais com características próprias, neste caso incide sobre uma criança com MD inserida num determinado contexto educativo. Esta modalidade de estudo tem como finalidade o estudo aprofundado e a análise intensiva de um fenómeno multidimensional no seu contexto utilizando diversas fontes de dados e técnicas, podendo ainda funcionar como um estudo exploratório. Por conseguinte o estudo de caso é uma abordagem metodológica que permite analisar com intensidade e profundidade diversos aspetos de um fenómeno, de um problema, de uma situação real: o caso. Como refere Stake (2005) o estudo de caso consiste no “estudo da particularidade e da complexidade de um caso singular para chegar a compreender a sua complexidade” (p.11).

Neste contexto de compreensão profunda de uma realidade, Yin (2005) define estudo de caso como “uma investigação empírica que estuda um fenómeno contemporâneo dentro do contexto real de vida, especialmente quando as fronteiras entre o fenómeno e o contexto não são absolutamente evidentes” (p.13). Para Yin (1984) o estudo de caso parte da formulação de uma questão e da definição de um conjunto de objetivos que carece de uma seleção dos sujeitos e da operacionalização dos processos, definição dos protocolos e recolha de dados e estabelecimento do que deve ser produzido em cada etapa. Esta autora (2005) destaca a necessidade de se usar múltiplas fontes para recolher evidências e informações que sejam apropriadas aos objetivos do estudo e possibilitem compreender o caso no seu todo. Refira-se a título de exemplo: entrevistas, observações diretas e pesquisa de documentos. Deve ainda confrontar-se os resultados com a teoria (Yin, 1984).

Portanto, o estudo de caso implica a obtenção de um conhecimento profundo da realidade investigada exigindo como tal o recurso a diferentes métodos e técnicas. De realçar que depois da recolha de dados deverá ser feita a sua triangulação. A triangulação tem sido referida por vários autores como uma forma de integrar diferentes perspetivas no fenómeno em estudo (Flick, 2005), de facultar um retrato mais completo e holístico do fenómeno em estudo (Paul, 1996; Hassard, 2005).

Segundo Stake (2009), para que se possa triangular, a descrição do caso terá que apresentar um corpo substancial de descrição incontestável. O relato deverá ser muito minucioso, relatando-se, por vezes, o que o leitor já conhece, assegurando-lhe que a descrição está correta. Contudo, para qualquer afirmação descritiva e interpretação poderá ser necessário a triangulação. Paul (1996) e Jick (1984, in Cox e Hassard, 2005) referem que a triangulação não se limita unicamente à seriedade e à validade, mas permite produzir um retrato do fenómeno em análise mais completo e holístico. Fielding e Schreier (2001) salientam que a mais-valia da triangulação consiste não em retirar conclusões fidedignas e precisas, mas permitir que os investigadores sejam mais críticos, e até céticos, face aos dados recolhidos.

Em síntese, o produto final de um estudo de caso constitui uma descrição detalhada do objeto de estudo em que se utilizam técnicas narrativas para descrever, ilustrar e analisar as situações (Serrano, 2004; Gómez, Flores & Jiménez, 1999). Vários autores (Stenhouse, referido por Gómez, Flores & Jiménez, 1999), denominam este processo de “o registo do caso” (p.92). De acordo com Gómez e seus colaboradores

(1999) esta abordagem possui características que a tornam muito útil “para a análise de problemas práticos, situações ou acontecimentos que surgem no quotidiano” (p.92).

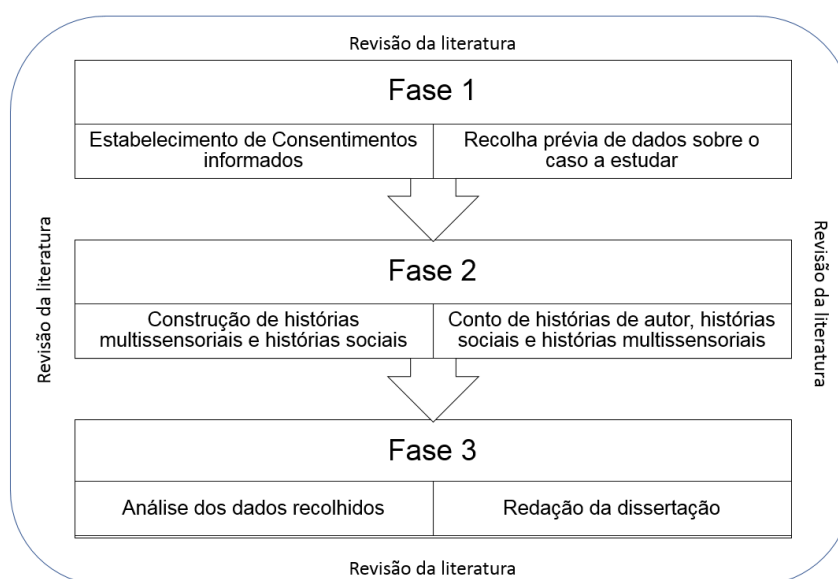
Stake (1994) assinala ainda que os estudos de caso podem ser intrínsecos ou instrumentais. Estamos assim perante um estudo de caso intrínseco quando se pretende “conhecer uma situação concreta no que ela tem de específico, único e instrumental quando se pretende “compreender uma dada questão ou problema...” Entendemos que o presente estudo assume estas qualidades.

2.2. Desenho do estudo

O desenho do presente estudo considerou diversas dimensões: a problemática definida; as questões de investigação que nortearam a pesquisa; os objetivos que se procurou alcançar e as características da modalidade de estudo de caso. Atendendo a estas dimensões definiu-se um estudo que se organizou em três fases (ver figura 2).

Figura 2

Desenho do estudo



A primeira fase do estudo, decorreu durante o mês de novembro de 2019 e contemplou dois momentos: o primeiro de cariz mais logístico envolveu a formulação dos pedidos de autorização (consentimento informado) ao encarregado de educação da criança L. com MD (ver anexo C) e aos profissionais envolvidos no estudo e o segundo a recolha prévia de dados.

A segunda fase do estudo, de natureza mais prática, decorreu entre os meses de dezembro de 2019 a março de 2020 e privilegiou dois momentos distintos: (i) um dedicado à escolha de duas histórias de autor (HA)¹a contar, bem como à criação e produção de quatro histórias (duas HMS e duas HS) e (ii) outro reservado à dinamização de sessões de conto das histórias de autor e das histórias produzidas, e respetiva recolha de dados sobre essas mesmas sessões. As histórias foram construídas tendo em consideração a informação descrita na literatura revisitada.

No primeiro momento, referente à criação e construção das histórias, construímos duas histórias sociais e duas histórias multissensoriais tendo em consideração as características e interesses da criança com MD. Os temas das histórias sociais e multissensoriais construídas vão ao encontro dos interesses da L. nomeadamente o seu gosto pela rima. Nesse sentido construímos histórias privilegiando, nas suas narrativas, o uso das rimas, à exceção da 2ª HMS em que a narrativa não é rimada. Tivemos ainda o cuidado de fazer com que o conteúdo das histórias focasse assuntos relacionados com o saber ser e estar com os outros, dado que a criança L. necessita de desenvolver competências sociais, particularmente de saber adequar os seus comportamentos aos contextos sociais que frequenta. Sendo assim, todos os conteúdos das diferentes histórias (HA, HMS, HS) retratam, nas suas narrativas, situações sociais vividas pelos personagens, com o intuito de “ensinar” comportamentos sociais aceitáveis e que estão em conformidade com as regras de convivência social, nomeadamente situações de partilha; o saber pedir e saber estar e o saber brincar com o outro.

Face à especificidade das HS e HMS, entendemos importante explicar o seu processo de criação.

Na criação dos textos das HMS procuramos respeitar as características linguísticas que a literatura sugere para este tipo de histórias, nomeadamente o uso de frases curtas e de elementos repetitivos (Gomes, 2016; Oliveira, 2019). Estão presentes nas duas narrativas criadas acontecimentos que refletem sobre a necessidade de saber partilhar e de estar com os outros, assim como o saber esperar pela sua vez. Antes de se iniciar a construção das páginas de cada uma das duas histórias foi elaborado um guião ao qual designamos de *storyboard* e o qual permitiu planificar essa mesma construção. De acordo com Miguel (2015) o *storyboard* é constituído pelos seguintes

¹ Histórias de autor são todas as histórias já criadas, tradicionais ou não.

elementos: título da história, número da página, texto correspondente a cada página, o objeto a apresentar em cada página para o conto da história. As páginas foram construídas em placas de contraplacado A3, com recurso a objetos reais, parte de objetos ou símbolos para que a criança pudesse compreender o conteúdo dessas histórias, como se pode observar nas figuras 3 e 4. Estes objetos poderiam ser fixos ou amovíveis. No anexo D podem ser consultados os dois *storyboards* destas histórias. Os títulos das histórias são “As partilhas da Maria” e “A Surpresa”.

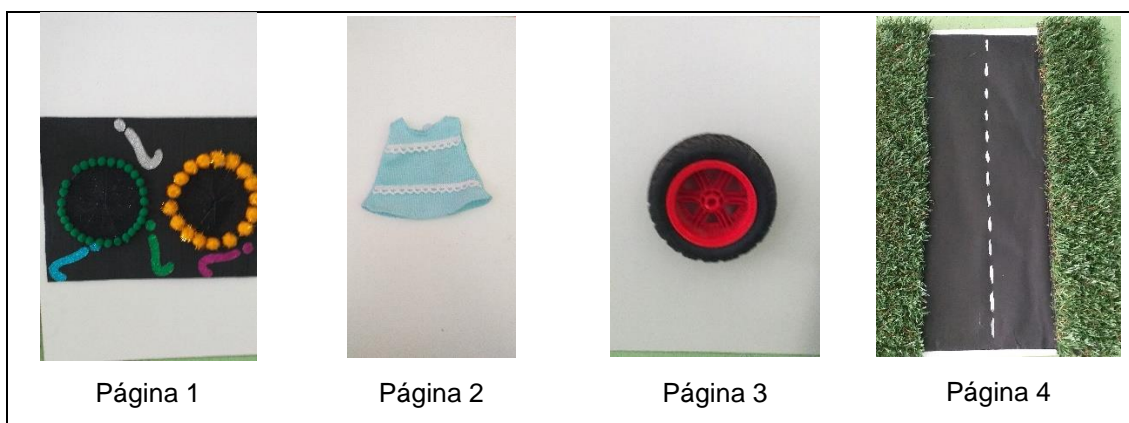
Figura 3

Exemplos das páginas da HMS “As partilhas da Maria”



Figura 4

Exemplos das páginas da HMS “A Surpresa”



Relativamente às HS intituladas “Já sei brincar no recreio” e “Aprender a brincar e a partilhar”, também estas procuraram abordar a temática dos comportamentos socialmente aceitáveis, por exemplo: o saber pedir o brinquedo emprestado e o saber esperar a vez. Segundo Pardy, Lupiani e Warfield (2015) muitas histórias podem ser usadas repetidamente para pessoas diferentes, mas é provável que se procure ter uma

HS mais personalizada para ajudar uma criança a ultrapassar uma situação problema em particular. A literatura assinala que estas histórias devem ser instrutivas e seguras; portanto, é importante não criar uma história muito complexa. As histórias criadas procuram seguir estas indicações e as descritas por Pardy et al. (2015).

Construímos as histórias usando como personagens principais a L. e os amigos para que, se pudesse rever nas situações e nos contextos. Para isso, foram retiradas fotografias às crianças e aos espaços que, depois, foram utilizadas para a construção da história. As duas histórias retratam situações do dia a dia pelas quais a L. passa e com as quais tem de lidar frequentemente, nomeadamente: esperar pela sua vez; pedir emprestado; partilhar são alguns dos comportamentos retratados nestas histórias. No anexo E podemos consultar as histórias construídas.

As HA foram escolhidas tendo em atenção os assuntos que estas abordavam, tendo-se optado pelas histórias “O Valor da amizade” e “O Rato Renato não quer partilhar”. Ambas falam sobre a importância de ter e cuidar de um amigo e ainda da importância que partilhar tem numa relação de amizade.

No segundo momento desta segunda fase do estudo, planearam-se e realizaram-se diferentes sessões do conto das histórias (duas histórias de autor e quatro histórias construídas – duas HS e duas HMS), o que fez o conto de seis histórias em dezassete sessões. Inicialmente foram planeadas dezoito sessões, mas uma delas não se realizou devido à situação de pandemia vivida no decorrente ano.

As sessões realizadas aconteceram num período de três meses como se descreve na tabela 2.

Tabela 2

Plano das sessões de contos das histórias

Tipos de Histórias	Construídas/ Escolhidas	Dinamizadas	Periodicidade	Contextos	Data sessão
H autor 1	Nov.	X	1 x mês	individual	02 dez
		X	1 x mês	peq. grupo	13 dez
		x	1 x mês	gran grupo	6 jan.
H autor 2	Dez.	X	1 x mês	gran grupo	17 fev.
		X	1 x mês	peq grupo	28 fev.
		x	1 x mês	indiv.	11 mar.
HMS 1	Nov.	X	1 x mês	Indiv.	5 dez
		X	1 x mês	Peq grupo	17 dez.
		x	1 x mês	gran grupo	9 jan
HMS 2	Jan.	X	1 x mês	Gran grupo	20 fev.
		X	1 x mês	Peq grupo	03 mar.
		x	1 x mês	Indiv.	NR

(cont.)

Tabela 2*Plano das sessões de contos das histórias (cont.)*

Tipos de Histórias	Construídas/ Escolhidas	Dinamizadas	Periodicidade	Contextos	Data sessão
HS 1	Nov.	X	1 x mês	Indiv.	11 dez.
		X	1 x mês	Peq grupo	19 dez.
		x	1 x mês	Gran grupo	14 jan.
HS 2	Dez.	X	1 x mês	Gran grupo	26 fev.
		X	1x mês	Peq. grupo	09 mar.
		x	1 x mês	Indiv.	13 mar.
Total	6		17 sessões		

De referir que as sessões dos contos das histórias aconteceram em diferentes contextos: individualmente, em pequeno grupo e em grande grupo. Os primeiros três tipos de histórias foram contados primeiro individualmente, depois em pequeno grupo e, posteriormente, em grande grupo. O conto destes três tipos de história constituiu a 1ª série de histórias. A dinamização do conto dos segundos três tipos de histórias aconteceram na situação inversa (começámos por as contar em situação de grande grupo, depois em pequeno grupo e finalmente individualmente). O conto destes três tipos de história constituiu a 2ª série de histórias. Com esta estratégia procurou-se perceber se o contexto influenciava ou não os comportamentos de L. e a sua capacidade de envolvimento na atividade de conto de histórias. No anexo F apresenta-se a calendarização mensal das sessões.

Por último, na terceira fase do estudo analisámos os dados recolhidos à luz da literatura consultada e procedemos à escrita da dissertação. Esta fase decorreu entre maio de 2020 e julho de 2020.

3. Participantes no estudo

Consideramos como participantes do nosso estudo dois grupos: (i) o grupo de 21 crianças (15 meninas e 6 meninos), com idades compreendidas entre os 3 anos e os 5 anos, do qual se destaca a L., a criança com MD do sexo feminino com 5 anos e 5 meses (à data de 19 de outubro de 2019) cujas principais características descreveremos adiante e (ii) os profissionais e outros colaboradores onde incluímos a contadora de histórias como autora do estudo e a equipa de sala que acompanha o grupo durante o estudo (educadora de infância, duas assistentes operacionais) perfazendo um total de 24 participantes.

3.1. Criança L.

Esta criança do sexo feminino tinha à data de realização do estudo 65 meses e manifestava diversas dificuldades no seu desenvolvimento, como se referiu aquando a descrição do enquadramento do estudo. Quanto ao seu desenvolvimento, de acordo com os resultados da *Escala Growing Skills* (ver anexo G) as suas áreas mais fortes eram: a fala/linguagem (36 meses), a manipulativa (36 meses) e a audição/fala (30 meses). As áreas mais fracas eram a visual (12 meses), locomotora (24 meses), a autonomia pessoal (24 meses) e a interação social (24 meses), como se descreve na tabela 3.

Tabela 3

Nível de aquisição de competências nas dimensões da Escala Growing Skills

Dimensões da Escala	Nível de aquisição (Max)	Total obtido	Equivalência em Meses
Locomotora	20	12	24
Manipulativa	28	23	36
Visual	20	11	12
Audição/Fala	21	15	30
Fala/Linguagem	22	18	36
Interação Social	24	16	24
Autonomia pessoal	23	13	24
Cognitivo	34	14	18

Como as áreas da autonomia e das interações sociais foram duas das áreas mais fracas, consideramos pertinente descrever as categorias consideradas em cada uma das duas dimensões referidas (ver tabela 4). Nesta tabela estão representadas as duas dimensões relacionadas com o desenvolvimento social (a interação social e a autonomia pessoal). Cada uma das dimensões têm várias categorias a considerar. Na interação social são contempladas as categorias, comportamento social e jogo e na autonomia, a alimentação e higiene 1 e 2.

Tabela 4*Nível de aquisição de competências de interação social e autonomia.*

Dimensão	Nível de aquisição (max. 24)	Categorias	Nível de aquisição máximo	Nível de aquisição obtido	Equivalência Meses
Capacidades de Interação social	24	Comport. Social	14	9	
		Jogo	10	7	
Total das categorias de Interação social				16	24
Autonomia pessoal	23	Alimentação	13	8	
		Higiene 1	5	2	
		Higiene 2	5	3	
Total das categorias de autonomia				13	24

Nota. *Growing Skill*

Face a estes dados a dimensão na qual esta menina evidenciou mais dificuldades foi na autonomia pessoal, mais especificamente em relação aos cuidados de higiene, seguindo-se a interação social com valores igualmente baixos, sobretudo na categoria jogo.

Foram realizados testes sociométricos tendo por base um guião (ver anexo H) com três perguntas colocadas, na positiva, às crianças, de forma a perceber quem escolheriam para fazer um trabalho, brincar no parque e levar para sua casa para brincar com os seus brinquedos. Os resultados obtidos nos testes sociométricos revelam que a menina faz parte do grupo de crianças menos escolhidas pelo grupo de pares. Em termos de posição sociométrica apesar de não ser a que está no nível mais baixo é das que tem valores inferiores e considerados muito abaixo da média (índice de posição sociométrica 2), tal como se pode observar no anexo I.

De referir que esta criança foi escolhida por duas crianças diferentes com desenvolvimento típico, nomeada por um dos colegas na pergunta 1 (sociograma 1 do anexo I) e por outro colega na pergunta 2 (ver anexo I).

Perante os resultados obtidos considera-se que a criança com MD parece ser relativamente indiferente à maioria dos colegas do grupo, embora um ou outro a reconheça como amigo e a escolha em situações de realização de trabalho e/ou brincadeira no parque (sociogramas 1 e 2 do anexo I). Porém, não foi escolhida por

nenhum dos colegas na pergunta 3, ir para casa do colega para brincar com os seus brinquedos (sociograma 3 do anexo I).

Tendo em atenção os resultados obtidos na Escala Growing Skills (anexo G) e nos testes sociométricos (anexo I) percebe-se que as competências de interação social da criança com MD não é a mais positiva. Embora esta criança participe na rotina diária e nas atividades que as demais crianças com desenvolvimento típico, estes resultados revelam que a interação social estabelecida entre eles parece ser reduzida. Estes resultados confirmam de alguma forma os resultados obtidos na Escala de Desenvolvimento Infantil, Growing Skills, a qual tem como áreas mais fracas as que correspondem ao desenvolvimento social (interação social e autonomia pessoal), estando equiparada a uma criança de 24 meses, embora tenha 65 meses.

3.2. Outras crianças do grupo

Tendo em conta que a L. é uma criança com algumas dificuldades ao nível da relação com os pares e sendo um dos objetivos deste trabalho ajudar a L. a relacionar-se com os pares e a adquirir competências sociais que a ajudassem a ser melhor aceite pelo grupo, decidimos introduzir nas sessões do conto das histórias de pequeno grupo outras três crianças (M, T, B) que frequentavam o contexto educativo antes descrito.

A criança M. é uma criança do sexo feminino com 5 anos de idade, autónoma, calma, interessada e atenta. Gosta de histórias e de aprender coisas novas e tem um bom índice de popularidade no grupo. A criança T. é do sexo masculino, com 4 anos de idade, igualmente autónomo, interessado, atento e popular no grupo de pares.

A B. é uma criança do sexo feminino com 4 anos de idade cujos principais interesses são os puzzles, os jogos e as histórias. Apresenta algumas dificuldades na relação com os pares e não lida bem com as alterações de rotina. Está atualmente a ser acompanhada por uma ELI de zona da Grande Lisboa. Todas estas três crianças participaram de forma ativa nas sessões de pequeno grupo.

Nas sessões de grande grupo participaram as restantes crianças da sala que, não sendo o centro do nosso estudo contribuíram com a sua presença, participando nas sessões para o enriquecimento das nossas reflexões e interpretação dos factos que se escondem na variabilidade das relações entre comportamentos e significados (Herbert, Goyette & Bouttim, 1994) e influenciando de alguma forma os comportamentos da L. nos diferentes contextos em que aconteceram.

3.3. O contador de histórias

A prática docente deve ser assumida como investigação, ou seja, ser “professor como investigador” ajuda-nos a perceber que o professor/educador deve refletir constantemente sobre as suas práticas e integrar as suas observações nas teorias que emergem dos processos de ensino aprendizagem (Latorre, 2005).

Sendo assim, podemos afirmar que o contador de histórias assume aqui um papel importante na medida em que, se apresenta simultaneamente como investigador e como educador, podendo desta forma aproveitar as reflexões que faz das suas práticas para identificar problemas e apresentar propostas de intervenção que possam de alguma forma ajudar a perceber a criança e a melhorar os contextos (Latorre, 2005).

Educadora de infância, há mais de 11 anos, tem exercido desde a formação inicial, a função de docente na valência creche e pré-escolar do ensino particular e cooperativo. Durante a especialização em educação especial, o contador de histórias sempre teve a preocupação de saber mais em cada unidade curricular de maneira a poder avaliar e refletir constantemente sobre a sua prática.

3.4. Assistentes operacionais

O trabalho educativo deverá ser sempre feito em parceria e estas duas assistentes operacionais estão sempre de alguma forma presentes ao longo deste trabalho. Desempenham ambas funções no ensino particular e cooperativo há cerca de 20 anos e em ambas as valências de creche e pré-escolar. Uma das assistentes acompanha a L. desde a valência creche, o que perfaz o conjunto de 5 anos e a outra acompanha desde há 3 anos para cá. Estiveram presentes na realização dos anteriores trabalhos realizados no primeiro ano do curso de especialização de Educação Especial. Assumem por isso um papel importante neste processo. São elas que dão continuidade ao trabalho do educador quando este não está e auxiliam sempre que necessário, intervindo, modelando comportamentos, auxiliando no registo de notas de campo e fazendo filmagens dos contos das diferentes histórias.

4. Processos e técnicas de recolha e tratamento de dados

Qualquer ato de investigação, implica recolha de informação. Ou seja, como indica Latorre (2003), o investigador tem de ir recolhendo informações sobre a sua própria ação ou intervenção no sentido de ver com mais distanciamento os efeitos da sua ação, tendo assim que refinar de um modo sistemático e intencional o seu “olhar” sobre os aspetos acessórios da realidade que está a estudar, reduzindo o processo a um sistema de representação que se torne mais fácil de analisar. Este processo de recolha pode envolver o recurso a diversas técnicas. No presente estudo recorreremos a três técnicas de recolha de dados: análise de redes sociais, a observação (sistemática e a naturalista) e a pesquisa documental.

4.1. Observação

A técnica de observação implica, como nos dizem Carmo e Ferreira (1998) “...selecionar informação pertinente, através dos órgãos sensoriais e com recurso à teoria e à metodologia científica, a fim de poder descrever, interpretar e agir sobre a realidade em questão” (p.7). Flick (2005) também afirma que, a observação, por si só, é uma capacidade que engloba os vários sentidos, a visão, audição, o olfato e o tato.

Neste caso em particular, o observador participa na vida do grupo, assume um papel social que lhe dá acesso ao campo de observação. Tem como objetivo perceber o estilo de vida de uma população. O observador integra-se no contexto e na ótica do observado, através da sua participação na vida da população em observação.

Foi importante utilizar esta técnica, no presente estudo, uma vez que permitiu-nos planear, dinamizar, envolvermo-nos, participar nas diversas situações, contando e dinamizando as histórias e acompanhando as crianças em todos os contextos e nas diversas situações da rotina diária.

Durante o processo de observação, o observador pode assumir uma postura participante, não participante, ou ambas. Flick (2005) refere que: (i) numa fase inicial a observação naturalista participante fornece descrições específicas e permite definir linhas de orientação mais concretas; (ii) na fase intermédia, esta incide nos aspetos essenciais para responder às questões de investigação e (iii) na fase final é centrada nos exemplos das práticas dos aspetos identificados na fase intermédia. No nosso

estudo assumimos, sobretudo, uma postura de observadora participante, ou seja, a autora do estudo estava envolvida nas situações nomeadamente no conto das histórias.

Quanto aos procedimentos esta técnica foi usada nas duas primeiras fases do nosso estudo, nomeadamente aquando da implementação das atividades, recorrendo-se a notas de campo e, por vezes, ao registo videográfico, embora não se tenha conseguido utilizar em todas as atividades.

Com o intuito de descrever atividades e os comportamentos do observador, fazer “retratos” dos sujeitos, descrição do espaço físico e relatos de acontecimentos particulares recolhidos de situações vividas no contexto observados, redigimos algumas notas de campo (ver anexo J). Segundo (Bogdan & Bilken, 2004) as notas de campo são um “Relato escrito daquilo que o investigador ouve, vê, experiencia e pensa no decurso da recolha e refletindo sobre os dados de um estudo qualitativo” (p.150).

Optámos também pela utilização de gravações áudio e vídeo porque como dizem Herbst e Chazan (citados por Mestre, 2014), esta é uma ferramenta importante para captar a ação e as interações que acontecem em sala de aula. A este respeito, Clement (citado por Mestre, 2014) refere que a gravação vídeo pode ser um instrumento importante pela sua flexibilidade em recolher e guardar informação que captura a riqueza do comportamento e a complexidade de interações e permite aos investigadores reexaminar os dados as vezes que forem necessárias.

O foco dos registos de vídeo foram os comportamentos dos participantes durante as atividades, particularmente os comportamentos de envolvimento e as reações de L. nas diferentes situações em que o conto de história aconteceu. Os dados obtidos a partir dos registos vídeo foram analisados começando pela sua visualização e posterior transcrição dos comportamentos considerados relevantes para o estudo.

Relativamente aos contextos onde as histórias foram contadas, de referir que estas se organizaram em três sessões: individual, pequeno grupo e grande grupo, para cada tipo de história, o que perfaz nove sessões na 1ª série e oito na 2ª série. Os tempos de registos de vídeo variam consoante o tipo de história e o contexto onde as histórias foram contadas.

Começando pela sessão individual da 1ª série, mais concretamente pela história de autor “O Valor da amizade” realizou-se um vídeo com a duração de 13 minutos e 9 segundos onde foram transcritos os comportamentos manifestados pela L. O mesmo aconteceu com o vídeo da HMS, “As partilhas da Maria” cuja duração foi de 20 minutos e 32 segundos. Aqui a L. teve muita necessidade de manusear e explorar os objetos

presentes nas páginas. Foi respeitado o tempo e a necessidade sentidos pela menina. Ainda aconteceu uma sessão individual para a HS “Já sei brincar no recreio” cuja duração foi de 07 minutos e 12 segundos. Todas estas sessões fazem um conjunto de cerca de 40 minutos e 53 segundos de transcrição e análise de vídeo.

Deu-se continuidade ao conto da 1ª série de histórias com as sessões em pequeno grupo. Relativamente à história de autor mais concretamente neste contexto, teve a duração de 14 minutos e 40 segundos; a HMS de 42 minutos e 30 segundos e por fim a HS com 12 minutos e 37 segundos o que fez um total de sensivelmente 1 hora e 09 minutos de análise e transcrição de vídeo.

Finalizámos a 1ª série de conto de histórias em contexto de grande grupo, onde a história de autor assumiu um total de 21 minutos e 19 segundos, a HMS de 50 minutos e 10 segundos e por último a HS com 10 minutos e 1 segundos, fazendo assim um total de 1 hora e 21 minutos

As sessões da 2ª série de conto de histórias aconteceram numa situação inversa à da 1ª série, começámos por contar as histórias em sessões em grande grupo, depois em pequeno grupo e finalmente individualmente. Importa referir que devido à pandemia do COVID -19 não foi possível realizar a última sessão individual do conto de histórias da HMS como estava previsto, perfazendo assim um total de 8 sessões.

Relativamente às sessões de grande grupo e mais concretamente à história de autor intitulado “O Rato Renato não quer partilhar”, esta teve a duração de 14 minutos e 10 segundos, seguindo-se a HMS “A surpresa” com uma duração de 38 minutos e 11 segundos, terminando com a HS “Aprender a brincar e a partilhar” com a duração de 14 minutos e 2 segundos. Esta sessão perfaz um total de aproximadamente 1 hora e 6 minutos.

Nas sessões em pequeno grupo, a história de autor teve a duração de 20 minutos e 42 segundos, a HMS de 32 minutos e 10 segundos e a HS de 14 minutos e 9 segundos. Aqui tivemos cerca de 1 hora e 7 minutos de registos de observação.

Terminámos esta segunda série de histórias com as sessões individuais, a história de autor com 15 minutos e 29 segundos, e a HS de 09 minutos e 30 segundos. Perfazendo um total de sensivelmente 25 minutos.

Na tabela abaixo resumimos os tempos para cada sessão e tipo de história.

Tabela 5*Duração em minutos do conto das histórias.*

Tipo de sessões / Contextos	Duração das sessões da 1.ª Série				Duração das sessões da 2.ª Série			
	HA 1	HMS 1	HS 1	Total	HA 2	HMS 2	HS 2	Total
Individual	00:13:09	00:20:32	00:07:12	00:40:53	00:15:29	(*)	00:09:30	00:24:59
Pequeno grupo	00:14:40	00:42:30	00:12:37	01:09:47	00:20:42	00:32:10	00:14:09	01:07:01
Grande grupo	00:21:19	00:50:10	00:10:01	01:21:30	00:14:02	00:38:11	00:14:10	01:06:23
Total	00:49:08	01:53:12	00:29:50	03:12:10	00:50:13	01:10:21	00:37:49	02:38:23
	05:50:33							

(*) Não se realizou devido à pandemia do COVID 19

Após a visualização das sessões de conto de histórias registadas em vídeo foram transcritos os diferentes comportamentos manifestados pela L em cada uma das sessões, nas duas séries realizadas (ver um exemplo no anexo K). Posteriormente, procedeu-se à análise do seu conteúdo, resultando na sua categorização e quantificação (ver um exemplo no anexo L).

Os dados dessas sessões foram também analisados com recurso ao instrumento *Engagement Profile and Scale* (ver um exemplo no anexo M), o qual se encontra estruturado em duas partes: o Perfil de Envolvimento e a Escala de Envolvimento (Henriques, 2018, citando Carpenter et al., 2011; Carpenter et al., 2015). No caso do presente estudo optou-se apenas pela utilização da Escala de Envolvimento (“adaptada e traduzida” para português por Henrique, 2018), a qual permite olhar para as seguintes dimensões: “consciência, curiosidade, investigação, descoberta, antecipação, persistência e iniciativa” (p.41). Passamos de seguida a especificar cada uma destas dimensões de forma a percebermos o seu significado.

A dimensão *iniciativa* refere-se a um pedido ou indicação autodirigida que expressa uma intenção, desejo ou necessidade. A dimensão *persistência* está relacionada com um esforço contínuo demonstrado pelo ouvinte e implica determinação, recusa ou desistência. A dimensão da *antecipação* implica uma expectativa ou previsão, consequência da experiência, conhecimento ou habilidade. A *descoberta* refere-se à realização, surpresa e excitação relativamente ao que é novo. A *investigação* implica uma tentativa de realizar novas descobertas relacionadas com determinada atividade

ou experiência. A dimensão *curiosidade* prende-se com a necessidade e o desejo de explorar e saber mais acerca de determinado assunto. Por último, a dimensão, consciência/responsabilidade demonstra preocupação e ou reconhecimento para com os outros. Estas dimensões são pontuadas da seguinte forma:

- 0- “Ausência de envolvimento”
- 1- «nível baixo ou mínimo de envolvimento»
- 2- «envolvimento parcialmente mantido»
- 3- «envolvimento quase sempre mantido»
- 4- «nível máximo de envolvimento»

Segundo Bhogal (citado por Henriques, 2018) esta escala permite “de forma sistemática, avaliar, medir e registar o progresso dos níveis de envolvimento dos alunos com MD” (p. 40). No nosso caso a aplicação desta escala permitiu-nos compreender o nível de envolvimento da criança L. com MD perante o conto dos diferentes tipos de histórias, considerando os contextos em que estas foram contadas, ou seja, os diferentes tipos de sessão realizadas (individual, pequeno e grande grupo).

Para preencher esta escala houve a necessidade de recorrer aos registos vídeo das diferentes sessões das histórias que nos permitiu identificar e classificar os comportamentos da L. tendo em conta as diferentes dimensões acima descritas. Assim, preenchemos a escala, descrevendo os comportamentos de envolvimento da L. e situando-os nas diferentes dimensões presentes na escala (ver exemplo no anexo N). Esta escala também foi aplicada a outras três crianças que faziam parte do grupo (ver exemplo no anexo O) e que estiveram presentes nas sessões do conto de histórias em pequeno grupo (T; B; M.A.). Este processo foi monitorizado pela professora orientadora do estudo e proporcionou uma análise centrada na criança e nos seus níveis de envolvimento na atividade de conto de histórias.

O tratamento e análise destes dados implicou ainda a construção de uma base de dados no programa SPSS, com o intuito de perceber as médias obtidas em cada tipo de histórias e de sessão, considerando o nível de envolvimento de L. e dos seus colegas de grupo, tendo-se para o efeito criado dois grupos: o primeiro é constituído por apenas um elemento, a L., e o segundo grupo é constituído pelas três crianças que de forma mais consistente estiveram presentes nas sessões de pequeno grupo aquando o conto das diferentes histórias. A base de dados para além de conter os valores obtidos na escala de envolvimento contempla igualmente os valores dos testes sociométricos dos participantes envolvidos no primeiro e segundo grupo: a L. e as outras três crianças do

grupo. O procedimento de organização dos dados dos testes sociométricos foi o mesmo que o relativo ao envolvimento.

Recorremos também à técnica de observação direta sistemática para recolher dados relacionados com o desenvolvimento da criança L. com MD. Para tal utilizámos o instrumento *Escala de Desenvolvimento Infantil Growing Skills*² (ver anexo P) no contexto de sala de atividades. Esta Escala é, um instrumento de rastreio do desenvolvimento das crianças dos 0 aos 5 anos, e tem uma vasta amplitude de aplicação relativamente ao intervalo de idades em que é aplicável, aos aspetos do desenvolvimento que engloba e da variedade de profissionais a que é dirigida (pediatras, enfermeiros, educadores, professores, psicólogos etc.). A escala reúne os critérios científicos de validade e fidelidade, clínica e científica, exigidos a este tipo de instrumento e permite avaliar o desenvolvimento infantil em seis aspetos, através de nove escalas a saber: Função motora grosseira e postura (controlo postural passivo e ativo e competências locomotoras); função motora fina (competências manipulativas); visão (competências visuais); competências auditivas na fala e na linguagem (audição e linguagem e fala e linguagem) e desenvolvimento social (interação social e autonomia pessoal). Integra ainda a avaliação de uma área cognitiva, extraída a partir das restantes nove áreas. A informação recolhida com este instrumento permitiu avaliar o desenvolvimento social da criança, nomeadamente o relacionado com a interação social, o comportamento social e o brincar, bem como a autonomia pessoal que engloba a autonomia na alimentação, na higiene e no vestir. Esta escala foi utilizada em dois momentos do presente estudo: (i) antes de se iniciar a construção das histórias e as sessões de conto de histórias e (ii) no final dessas sessões.

Com as notas de campo retiradas durante o estudo, realizámos uma análise de conteúdo para identificar quais os contextos e os colegas com os quais a L. manifestava um maior número de comportamentos positivos (ver anexo Q).

² <https://oficinadidactica.pt/wp-content/uploads/2017/06/SGS-II%E2%80%93Escala-de-Avaliacao-das-Competencias-no-Desenvolvimento-Infantil.pdf>

4.2. Análise das redes sociais

Segundo Marteleto (2001), o conceito de redes sociais pode ser utilizado com diversas teorias sociais, necessitando de outros dados empíricos além da identificação dos elos e relações entre indivíduos. A análise de redes pode ser aplicada no estudo de diferentes situações e questões sociais. Para estudar as opiniões dos indivíduos assim como os seus comportamentos dentro de uma determinada estrutura em que eles se inserem, a unidade de análise será o conjunto de relações que os indivíduos estabelecem através das suas interações uns com os outros. É feita uma rede de relações e de limitações que tem em conta as escolhas, as orientações, os comportamentos e as opiniões dos indivíduos.

A análise de redes não constitui um fim em si mesma. Ela é o meio para realizar uma análise estrutural cujo objetivo é mostrar em que a forma da rede é explicativa dos fenômenos analisados. O objetivo é demonstrar que a análise de uma díade (interação entre duas pessoas) só tem sentido em relação ao conjunto das outras díades da rede, porque a sua posição estrutural tem necessariamente um efeito sobre a sua forma, o seu conteúdo e a sua função. Portanto, a função de uma relação depende da posição estrutural dos elos, e o mesmo ocorre com o *status* e o papel de um ator. Uma rede não se reduz a uma simples soma de relações, e a sua forma exerce uma influência sobre cada relação (Degenne & Forse, 1994, pp. 7-12).

A análise de redes sociais também foi uma técnica usada na concretização deste estudo, nas duas primeiras fases, materializando-se com a realização de testes de natureza sociométrica, os quais tiveram como principal objetivo ajudar a perceber o grau de popularidade da criança L, assim como as relações interpessoais existentes no grupo. Ou seja, pretendeu-se compreender se esta criança era bem aceite pelo grupo onde estava inserida, conhecer o seu grau de inclusão social no grupo de pares. Como afirmam Northway e Weld (1976), o teste sociométrico permite detetar as relações existentes entre os membros o que implica dirigir perguntas a cada membro do grupo. As autoras sugerem para a construção e aplicação do teste sociométrico, a utilização de três critérios, ou seja, três situações reais que façam parte da rotina do grupo, onde é dada a oportunidade aos diferentes membros do grupo de responderem até três escolhas, por ordem de preferência.

Os procedimentos desenvolvidos consistiram na elaboração do teste composto por três questões, na positiva (“quem escolherias para realizar um trabalho contigo, ir ao parque contigo e ir para casa contigo brincar com os teus brinquedos”). Portanto, as crianças responderam às questões indicando os três colegas preferidos. De acordo com as autoras Northway e Weld (1976), após a aplicação destes testes, as respostas obtidas são catalogadas de modo a que, o investigador identifique:

1. A posição sociométrica, isto é, o grau de aceitação do membro do grupo pelos outros membros, através do número de vezes que é escolhido;
2. As afinidades existentes entre os membros e a sua quantidade;
3. A coesão da estrutura do grupo e a existência de integração, ou, se é formada por vários grupos pequenos mais fechados ou menos;
4. A possível evolução da estrutura, das posições sociométricas e das relações do grupo.

Segundo as mesmas autoras os valores dos índices sociométricos podem oscilar entre zero e vinte ou mais e classificam-se do seguinte modo:

- 15 ou mais: muito acima da média;
- 10 a 14: acima da média;
- 9: média;
- 8 a 4: abaixo da média;
- 3 ou menos: muito abaixo da média.

No nosso estudo os testes sociométricos foram aplicados duas vezes (antes de se construir e contar as histórias e depois de se contar as histórias) ao grupo de crianças participantes no nosso estudo. Durante a realização do teste a criança com MD foi capaz de indicar os colegas preferidos nas três questões colocadas, referindo colegas diferentes. No segundo momento, planeou-se perceber se, após o conto das histórias multissensoriais e sociais, as relações com os pares evoluíram ou não. Este segundo momento aconteceu de forma distinta do anterior devido à crise pandémica pela qual o nosso país está a passar. Sendo assim, e vendo-se impossibilitada de realizar o teste sociométrico às crianças do grupo, a autora do estudo solicitou a participação dos pais. Enviou o guia para a realização do teste sociométrico (anexo H) a cada um dos encarregados de educação e pediu-lhes que colocassem as três questões às crianças, registando as suas respostas de acordo com as indicações dadas. Depois dos registos feitos os mesmos foram enviados à autora do estudo. Todos os encarregados de educação participaram, sem exceção permitindo assim a construção da matriz

sociométrica. Para a sua análise foram construídas as matrizes (ver anexos I e R) nas quais se registaram as respostas dadas. Após as matrizes feitas, as respostas foram introduzidas no programa *yED Graph Editor*³ no qual foram construídos os respetivos sociogramas (ver anexos I e R).

4.3. Pesquisa Documental

A pesquisa documental utiliza, na sua essência: documentos que não sofreram tratamento analítico, ou seja, que não foram analisados ou sistematizados. O desafio desta técnica de pesquisa é a capacidade que o pesquisador tem de selecionar, tratar e interpretar a informação, visando compreender a interação com sua fonte. Quando isso acontece há um incremento de detalhes à pesquisa e os dados coletados tornam-se mais significativos (Kripka, Scheller & Bonotto, 2015).

A pesquisa documental consiste num intenso e amplo exame de diversos materiais que não foram utilizados para nenhum trabalho de análise, ou que podem ser reexaminados, buscando-se outras interpretações ou informações complementares, chamados de documentos (Guba & Lincoln, 1981). Concretizando a pesquisa documental é aquela em que os dados obtidos são estritamente provenientes de documentos, com o objetivo de extrair informações neles contidas, a fim de compreender um fenómeno; é um procedimento que se utiliza para a apreensão, compreensão e análise de documentos dos mais variados tipos; e é caracterizada como documental quando essa for a única abordagem qualitativa, sendo usada como método autónomo. Porém, também é possível utilizar documentos e análise de documentos como estratégias complementares a outros métodos (Flick, 2009).

Ao método utilizado para analisar os documentos chama-se de “método de análise documental” (Flick, 2009). No presente estudo foram analisados alguns documentos importantes que nos ajudaram na compreensão do fenómeno em estudo nomeadamente, o portefólio individual da criança onde constam registos de fotografias e/ou desenhos realizados pela mesma, esses documentos fornecem informações, pistas e elucidam sobre comportamentos, e/ou situações vividas pela criança. Foram analisados os desenhos realizados pela criança, antes e após o conto das histórias. Pretendeu-se através dos desenhos perceber quais as figuras de referência para a L. e

³ endereço: <https://www.yworks.com/products/yed>

quais os amigos que aparecem representados nesses desenhos. Recorreu-se ainda a fotografias e vídeos que nos permitiram registar momentos de brincadeira da L. com alguns amigos, possibilitando identificá-los e perceber se conseguia aplicar, nesses contextos de brincadeira, o que aprendeu nas histórias.

Fizemos também registos de conversas e descrições de ações realizadas pela L. os quais serviram para compreender se existiam amigos significativos para a L e se as histórias ouvidas contribuíram, de alguma forma, para a manifestação de comportamentos socialmente aceites (dizer: “Obrigada”; “Posso”; “Olá”, etc.).

Os dados recolhidos através da consulta de documentos, das observações e da análise de redes sociais foram depois estudados recorrendo à análise de conteúdo, a partir da técnica temática ou categorial e uma análise de discurso (Flick, 2009).

Em síntese, no presente estudo foram usadas diversas técnicas e instrumentos no decorrer das três fases em que o estudo se desenvolveu, como descreve a tabela 6.

Tabela 6

Técnicas usadas na recolha de dados nas duas primeiras fases do estudo

Item	Fases do estudo	
	1ª fase	2ª fase
Técnicas usadas	<ul style="list-style-type: none"> • Pesquisa documental; • Análise de redes sociais; • Observação sistemática e naturalista. 	<ul style="list-style-type: none"> • Observação sistemática e naturalista; • Análise de redes sociais.
Instrumentos usados	<ul style="list-style-type: none"> • Testes sociométricos; • Escala de desenvolvimento (Growing Skills); • Notas de campo. 	<ul style="list-style-type: none"> • Escala de envolvimento (<i>Engagement Profile and Scale</i>); • Registo vídeo • Escala de desenvolvimento Growing Skills; • Notas de campo; • Testes sociométricos.

5. Procedimentos Éticos

Devem ainda ser esclarecidos os procedimentos éticos tidos em atenção no desenvolvimento do estudo. A ética representa a “reflexão sobre os fundamentos e os fins da ação humana” (Baptista, 2012, p.40), ou seja, o estudo sobre os hábitos de estar e de agir que enobrecem o comportamento da pessoa.

No presente caso obteve-se do consentimento informado dos participantes e garantiu-se a preservação da privacidade e anonimato dos indivíduos pesquisados.

Salienta-se ainda que no início da elaboração do projeto foram explicados os objetivos do mesmo aos adultos intervenientes do processo, nomeadamente aos encarregados de educação de todas as crianças do grupo. Salienta-se que a gravação dos comportamentos em vídeo implicou o pedido da devida autorização à coordenação da escola e aos encarregados de educação das respetivas crianças.

Foi marcada uma reunião com os pais da criança L., onde foram explicados os objetivos do estudo assim como as técnicas e os instrumentos a utilizar (anexo C). Aproveitou-se ainda a reunião de início de ano letivo para pedir o consentimento aos pais das restantes crianças do grupo. Foram também explicados os objetivos à coordenadora pedagógica da instituição e às auxiliares de ação educativa. Foi ainda explicado a garantia do anonimato e a confidencialidade dos envolvidos. Conceberam-se consentimentos informados aos pais das crianças, para a sua participação no estudo.

Capítulo 3 - APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

| | ' ' | | ' ' |

Este capítulo tem como propósito apresentar e analisar os resultados dos dados recolhidos através das observações, da análise de redes sociais e da pesquisa documental realizadas pela autora do estudo. O capítulo está organizado tendo em conta três tópicos: (i) Participação de L. face à contação de histórias, (ii) Envolvimento de L. na atividade de contação das histórias e (iii) Influência dos diferentes tipos de histórias na promoção do desenvolvimento social de L.

1. Participação de L face à contação de histórias

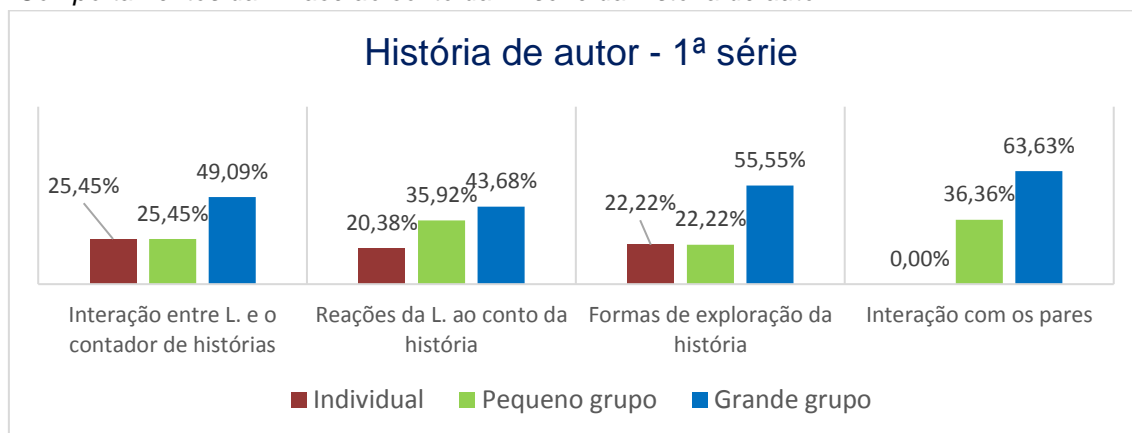
Este tópico é dedicado à apresentação e análise dos comportamentos de participação de L. na contação dos diferentes tipos de história: histórias de autor, histórias multissensoriais e histórias sociais. No final faremos a comparação dos resultados considerando duas dimensões: o tipo de histórias e o tipo de sessão realizadas.

1.1. Histórias de Autor

A análise dos registos vídeo das sessões da 1ª série (1º individual, 2º em pequeno grupo e 3º em grande grupo) que envolveram o conto da história de autor “O Valor da amizade”, permitiu categorizar os comportamentos observados de L. em duas dimensões: comportamentos face a pessoas e comportamentos perante a história. Com base nestas duas dimensões foram definidas quatro categorias: (i) interação entre L. e o contador de histórias, (ii) interação com os pares (iii) reação da L. ao conto da história, e por fim (iv) formas de exploração da história, como se reporta na figura que se segue.

Figura 5

Comportamentos da L. face ao conto da 1ª série da história de autor

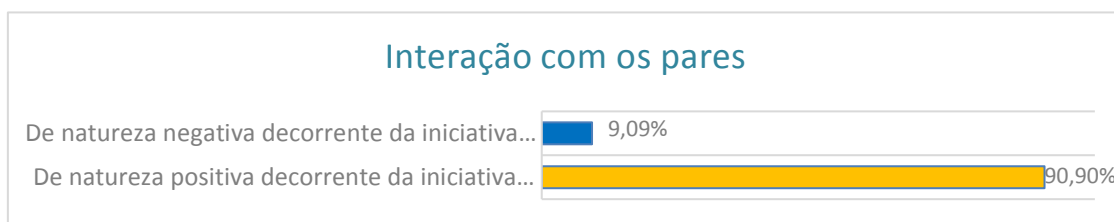


A análise dos resultados expressos na figura acima exposta evidencia que a L. manifestou comportamentos de envolvimento com pessoas e com a história propriamente dita, quer nas sessões: individuais e nas de pequeno e grande grupo. Importa referir que a maior frequência percentual de comportamentos nas quatro categorias definidas se registou aquando a realização da sessão em grande grupo. Em sentido oposto encontra-se o registo de comportamentos observados na sessão individual. É importante referir que a sessão em grande grupo corresponde à terceira vez que a L. ouve a história, portanto o seu conteúdo já lhe era familiar.

Estes dados levam-nos a afirmar que as atividades desenvolvidas durante o conto de histórias de autor, na 1ª série, conduziram a interações comunicativas com os pares e com o contador de histórias. Olhando para a categoria *interação com os pares*, percebemos, ver figura 6, que essas interações foram de dupla natureza: positiva e negativa. Salienta-se que as de natureza positiva decorrente da iniciativa de L. foram as mais frequentemente observadas, assumindo uma percentagem bastante importante.

Figura 6

Comportamentos da L. face à categoria interação com os pares



Especificando, muitos foram os comportamentos positivos que a L. manifestou em relação aos colegas, assim como ilustra o exemplo seguinte retirada da transcrição da história “O Valor da amizade” em sessão grande grupo (anexo K).

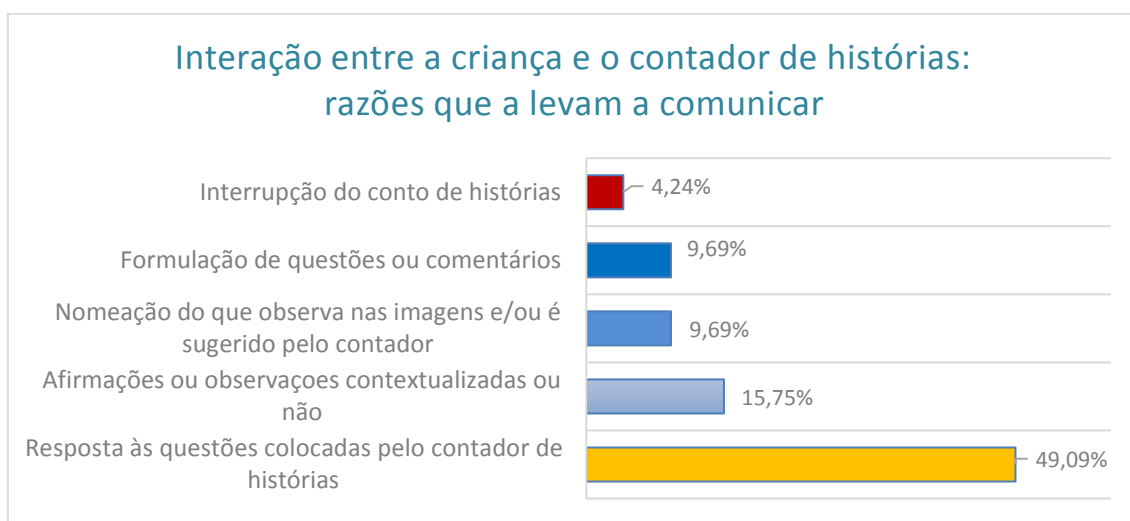
- [...] “Eu também quero uma bola dessas para rebolar” – diz a L. gesticulando e simulando um pontapé.
- “...vê se me consegues apanhar. Será que conseguimos apanhar a bola?” – continua e pergunta o contador.
- “Simmmm”- respondem os meninos.
- “A mãe vai comprar uma bola dessas para ir brincar” – diz a L.
- “Para agente brincar não é? com a bola?” – pergunta a L. dirigindo-se para os colegas do lado.
- Não! – responde o D.
- Eu já tenho duas bolas – diz a C.

- “Eu queroooooo!” – grita a L. e leva as mãos ao peito. [...]

Os dados recolhidos permitem-nos ainda perceber que a vontade de comunicar da L. era extensível ao adulto. Como ilustra a figura 7, L. apresentou, também, comportamentos de *interação entre L e o contador de histórias*, os quais tiveram propósitos distintos.

Figura 7

Comportamentos da L. face à interação entre a criança e o contador de histórias: razões que a levam a comunicar.



Observamos assim que a maioria (49,09%) dos comportamentos manifestados pela L. correspondeu a respostas dadas às questões colocadas pelo contador de histórias. Seguindo-se as afirmações e nomeações de imagens que foram acontecendo ao longo de toda a história e que a L foi sentindo necessidade de partilhar com o contador, tal como nos sugere o exemplo seguinte retirado da transcrição da história “O Valor da amizade” em sessão grande grupo (anexo K):

[...] Quem vem a seguir L? – mais uma vez pergunta o contador.

A L. começa a gesticular com as mãos de forma repetitiva e a grande velocidade.

- O João! – respondem alguns meninos!

- Não, nãoooooo! – grita a L.

- L. quem vem....?

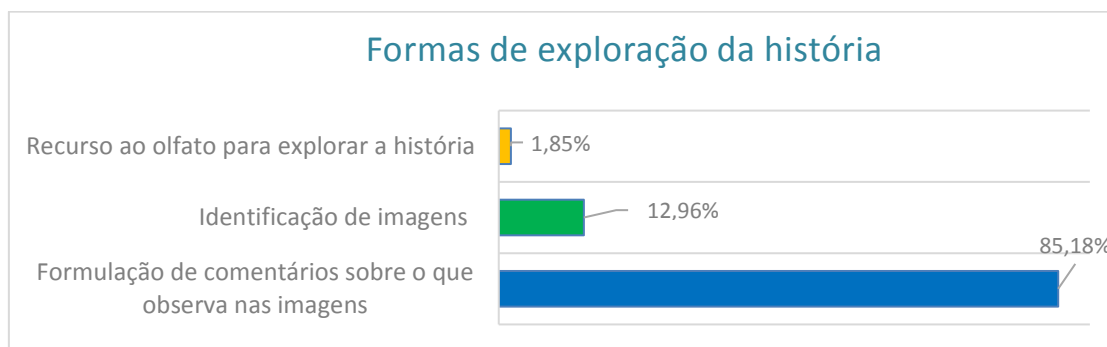
- É o João...tem uma trotineta – responde a L. [...]

Para além das interações estabelecidas com os pares e com o contador de histórias, também se observaram muitos comportamentos relacionados com *Formas de*

exploração da história, os quais também assumiram um papel importante, como se ilustra na figura 8.

Figura 8

Comportamentos da L. face às formas de exploração da história



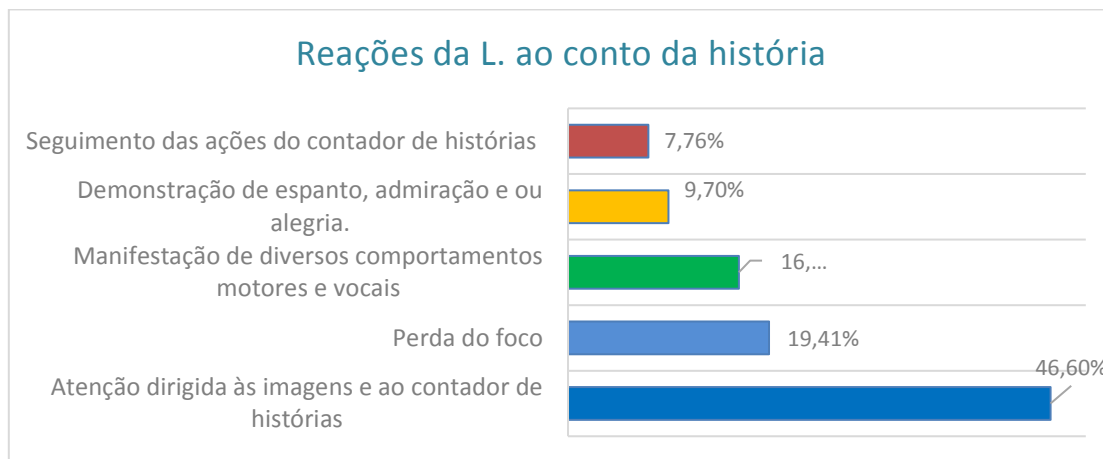
O que nos dizem os dados expressos na figura acima é que a forma mais comum de exploração deste tipo de histórias pela L. foi a *formulação de comentários sobre o que observa nas imagens* e fá-lo com o contador e com os pares, como se descreve no seguinte exemplo retirado da transcrição da história “O Valor da amizade” em sessão pequeno grupo (anexo K):

- [...] “Quanto vale o teu gato Maria? Não tem preço o meu gato. Faço-lhe festas no pêlo macio e ouço o ronronar tão contente, enroscado num cobertor quente, rorororo...”.
- diz o contador ao mesmo tempo que coloca a mão no ouvido. Os meninos acompanham a história olhando para as imagens e para o contador. – “ele enquanto dorme faz...roooooooooo” - diz o contador.
 - “Rooooooooo, o meu gato, o meu gato.... é fofinho”- diz a L. enquanto sorri e gesticula.
 - “Tu tens um gato fofinho? Ele também faz assim quando dorme, também faz roooooo?” – pergunta o contador.
 - “rooooooooo shiiiiii...”- faz a L. e aponta para a imagem do gato no livro.
 - “Ele faz isso quando está a dormir?” – pergunta o contador.
 - “Sim!” – responde a L. [...]

Relativamente aos comportamentos da L. face à história em si, registaram-se ainda comportamentos categorizados como sendo *reações da L. ao conto da história*. A figura seguinte apresenta-nos o tipo de comportamentos observados.

Figura 9

Comportamentos da L. face às reações da L. ao conto da história



Podemos constatar que a reação de L. ao conto da história de autor foi bastante positiva, sendo que 46,60% desses comportamentos se relacionam com a atenção dirigida às imagens e ao contador de histórias. Assim, podemos concluir que a L. manifestou interesse em manter o contacto com o contador e com a história. Também se observaram comportamentos de demonstração de espanto, admiração e ou alegria tal como nos sugere o exemplo retirado da transcrição da história “O Valor da amizade” em sessão grande grupo.

[...] “Será que é o João?” – pergunta o contador- “então vamos contar até 3?”

“- 1,2,3....”- dizem todos.

“- Não deu, vamos contar até três outra vez para ver se vem lá o João!” – diz o contador baixinho e a L. acompanha atentamente e com o olhar fixo no contador.

“- 1,2,3- dizem todos!”

“-33333333”- grita a L. [...]

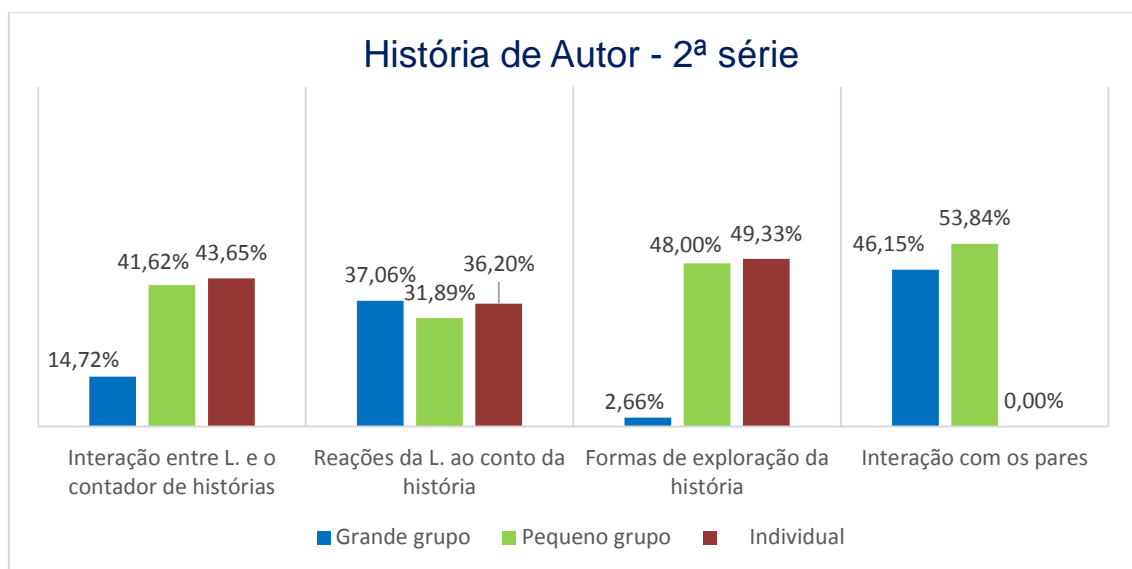
Importa assinalar que apenas em cerca de 20% dos comportamentos registados se observou perda do foco de L. na história. De assinalar ainda que os resultados mais detalhados se encontram disponíveis no anexo L.

Vejamos os comportamentos da L. relativamente à 2ª série da história de autor “O Rato Renato não quer partilhar”. A análise dos registos vídeo dessas sessões (1º em grande grupo, 2º em pequeno grupo e 3º individual) permitiu identificar os comportamentos observados por parte de L. em duas dimensões, por um lado comportamentos face a pessoas e, por outro, comportamentos perante a história

propriamente dita, tal como o registado na 1ª série. Com base nestas duas dimensões observam-se igualmente comportamentos que se relacionaram com: (i) interação entre L. e o contador de histórias, (ii) interação com os pares (iii) reação da L. ao conto da história, e (iv) formas de exploração da história, como se reporta na figura que se segue.

Figura 10

Comportamentos da L. face ao conto da 2ª série da história de autor

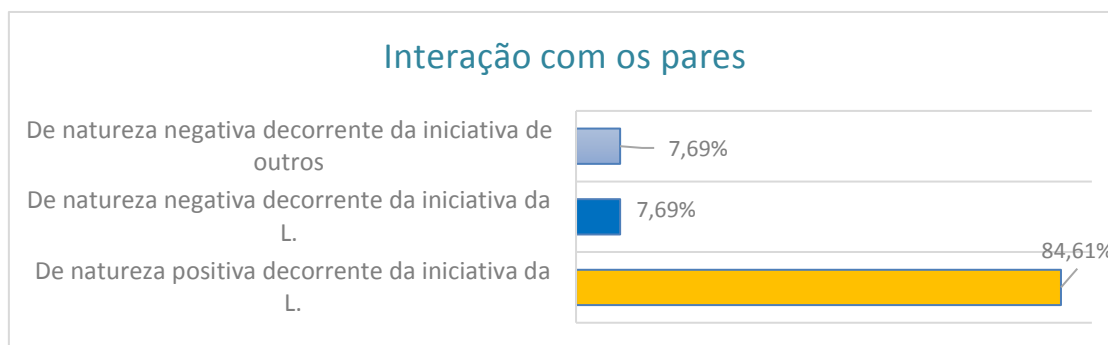


A análise dos dados antes expressos evidencia que nas sessões de grande grupo, a L. manifestou comportamentos de envolvimento com pessoas e com a história propriamente dita, nas sessões: individuais e nas de pequeno e grande grupo. Importa referir que a maior frequência percentual de comportamentos se registou aquando a realização das sessões individual e de pequeno grupo à exceção dos comportamentos relacionados com *reações da L. ao conto da história*, que foi ligeiramente maior na sessão de grande grupo. Os comportamentos relacionados com a interação com os pares estiveram mais presentes nas sessões de pequeno grupo.

Olhando para os comportamentos referentes à categoria *interação com os pares*, percebemos na figura 11, que essas interações foram de dupla natureza: positiva e negativa. Sendo que esses comportamentos decorreram da iniciativa de L. ou de outros. Salienta-se que as interações de natureza positiva decorrente da iniciativa de L. foram as mais frequentemente observadas, assumindo aqui uma percentagem importante.

Figura 11

Comportamentos da L. face à categoria interação com os pares



Muitos foram os comportamentos positivos que a L. manifestou em relação aos colegas, assim como ilustra o exemplo retirado da transcrição “O Rato Renato não quer partilhar” na sessão de pequeno grupo (anexo K).

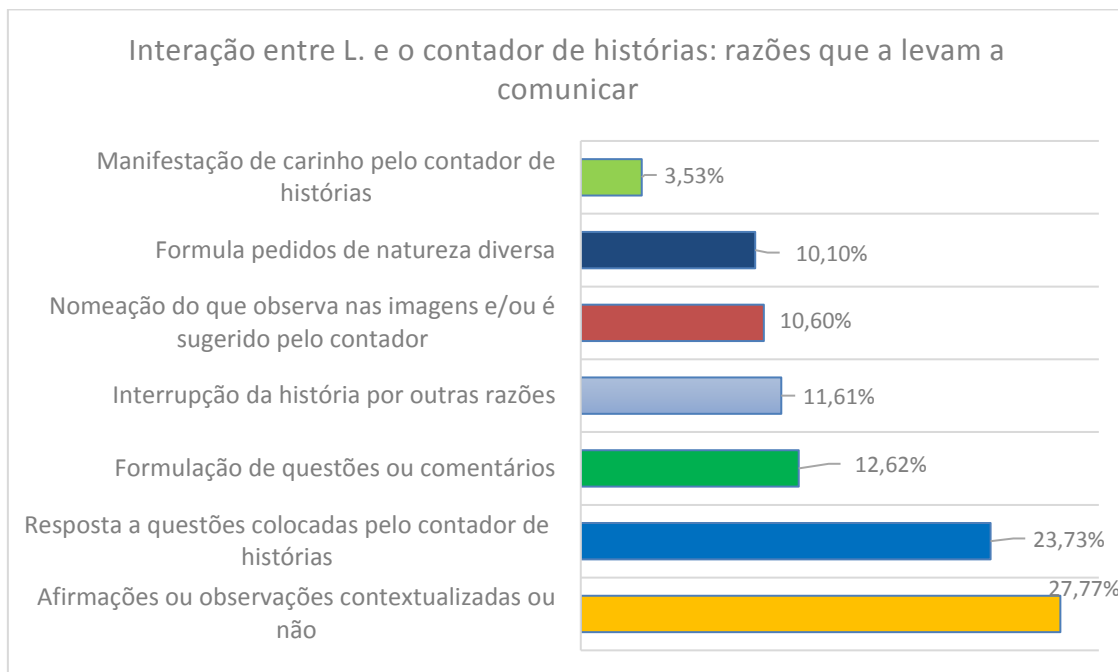
- [...] “Olha quando nós queremos algum brinquedo nós tiramos ou nós pedimos?” – pergunta o contador
- “- Pedimos-“ respondem os meninos.
- “- Tiram os – responde a L.”
- “Tiram L. ou pedes aos amigos? – pergunta o contador.
- “- Mas eu não tiro! – diz a B.
- “- Pedes aos amigos B? – pergunta a L. à B.”
- “Olha ela está-te a perguntar...pedes aos amigos B ou tu tiras os brinquedos?” – pergunta o contador
- “- Eu não tiro os brinquedos, eu pedo!” – diz a B. [...]

Os comportamentos mais observados integram-se na categoria *interação da L. com o contador de histórias e nas formas de exploração ao conto da história*, seguindo-se as reações da L. ao conto da história.

Também estes resultados revelam a existência de um elevado número de comportamentos relacionados com o estabelecimento de interações comunicativas quer com pares, quer com o contador de histórias. Observemos na figura 12, os comportamentos mais específicos manifestados por L. e que dizem respeito à sua *interação com o contador de histórias*.

Figura 12

Comportamentos da L. face à interação com o contador: razões que a levam a comunicar



Podemos observar que *as afirmações ou observações contextualizadas ou não* representaram 27,77% dos comportamentos manifestados por L. seguindo-se as *respostas às questões colocadas pelo contador de histórias*. Houve uma clara intenção comunicativa por parte da L., conversando, colocando questões e respondendo a questões que lhe eram dirigidas, assim como ilustra o exemplo retirado da transcrição “O Rato Renato não quer partilhar” na sessão individual (anexo K):

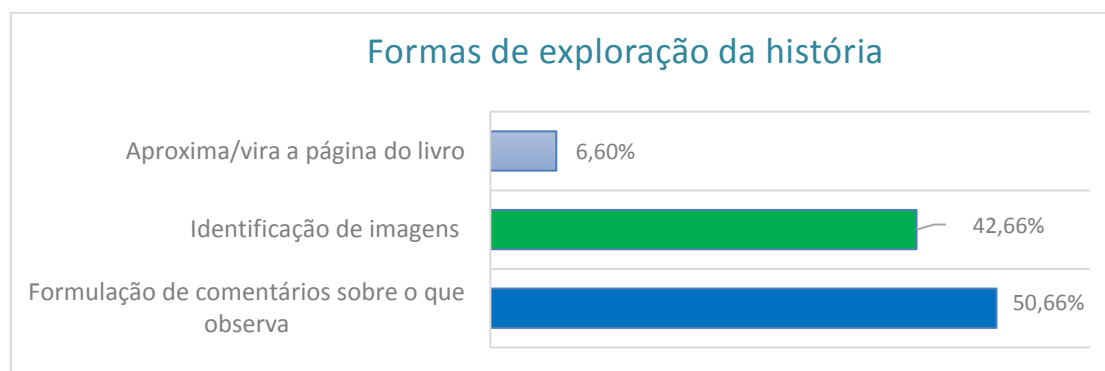
[...]- E tu? Não gostas de partilhar?” – pergunta o contador e a L. acena com a cabeça que não e tenta virar a página do livro mas é impedida pelo contador que a olha nos olhos e diz: “-Ham!?” - insiste o contador
“- Não gosto...gosto!” – responde a L.
“- Ah...gostas!” – diz o contador – “ele nunca esquecerá o exemplo de generosidade que o amigo lhe deu!” – diz o contador que ao virar a página do livro é interrompido pela L. que diz:
“- Eu mudo, eu mudo!” – diz a L.
“- Então vá, devagarinho.” – diz o contador
“- Eu conto” – diz a L. [...]

Apenas em cerca de 11,61% dos comportamentos registados se observou interrupções da história. Porém, também se observaram alguns comportamentos menos positivos, correspondeu a 11,61% das situações, os quais provocaram, interrupções do conto da história.

Salientamos também a presença de comportamentos relacionados com a categoria formas de exploração da história, os quais se encontram expressos na figura que se segue.

Figura 13.

Comportamentos da L. face às formas de exploração da história



Especificando percebemos que a L. formula comentários sobre o que observa nas imagens e fá-lo com o contador e com os pares, no decorrer do conto da história tal como nos sugere o exemplo retirado da transcrição “O Rato Renato não quer partilhar” na sessão de pequeno grupo (anexo K):

[...] “Ele tá tá.....chorar!” – grita a L. gesticulando e olhando de seguida para a colega do lado.

“- Cheio de vergonha o ratinho vai a casa do Pedro e bate à porta.” – diz o contador batendo de seguida na mesa. A L. imita o contador.

“- Deixa ver quem é que vai abrir? Quem vem abrir é o Pedro.”

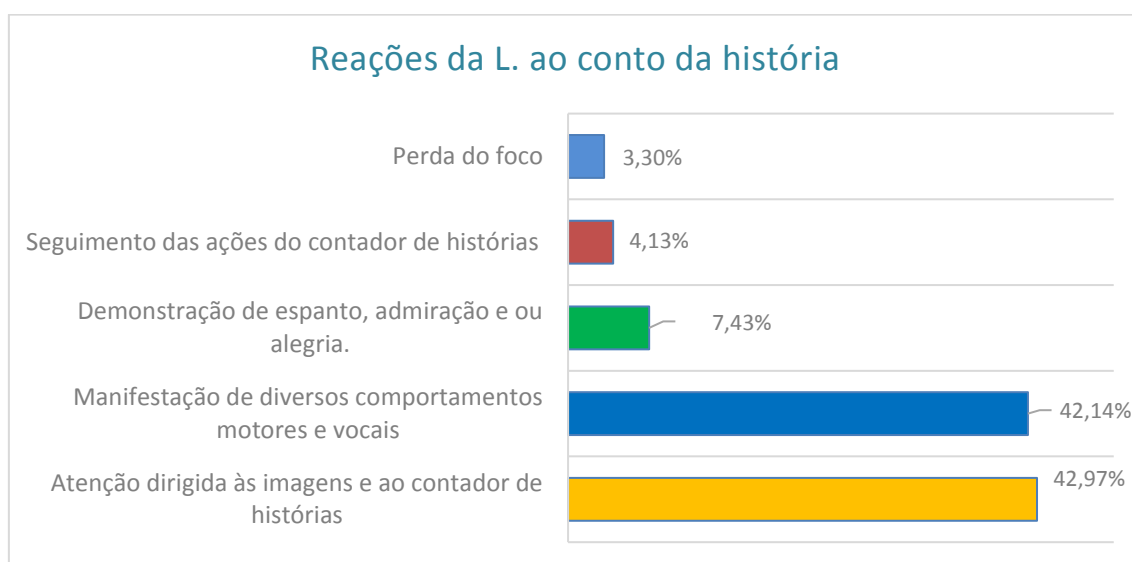
“- Olá! – diz a L. sorrindo”

- Renato, que bom ver-te outra vez...entra entra! Ah trouxeste a minha escavadora. Tenho andado à procura dela. Não sabia onde estava. Diz o Pedro – diz o contador e a L. acompanha a história ora olhando para o contador ora olhando para as imagens do livro. [...]

Quanto aos comportamentos manifestados pela L. categorizados como sendo *reações da L. ao conto da história*, a figura 14 ilustra-nos o tipo de comportamentos observados.

Figura 14

Comportamentos da L. relacionados com reações da L. ao conto da história



Podemos constatar que a reação de L. ao conto da história de autor foi bastante positiva, sendo que 42,97% desses comportamentos se relacionam com *atenção dirigida às imagens e ao contador de histórias*, seguindo-se a *manifestação de diversos comportamentos motores e vocais*. Assim, podemos concluir que a L. manifestou interesse em manter o contacto com o contador e com a história. Também se observaram comportamentos de demonstração de espanto, admiração e ou alegria tal como nos sugere o exemplo retirado da transcrição “O Rato Renato não quer partilhar” na sessão de pequeno grupo (anexo K):

[...] “Eu tenho uma coisa na minha mão. Eu tirei a mão e a pá!” – diz a L. gesticulando.

O contador volta a segurar na mão da L. e fixa-a dizendo:

“- Olha, olha...já passou a pá, já passou a escola agora ele vai brincar para casa do Pedro. Vamos ouvir o que vai acontecer na casa do Pedro? Pode ser?” – pergunta o contador à L. baixinho, fixando o olhar na L. e segurando na sua mão.

A L. olha fixamente para o contador e escuta-o com atenção. No final diz:

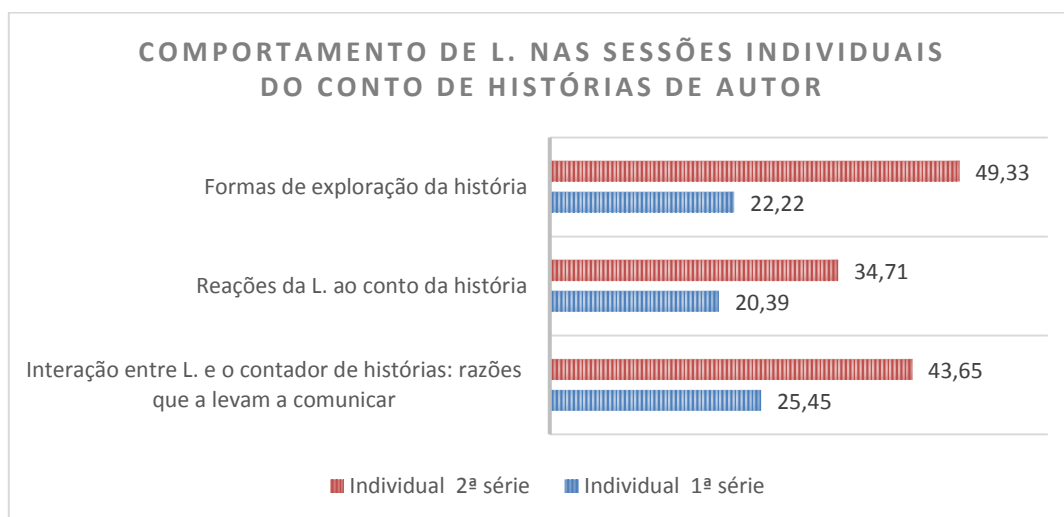
“- Ohhhh, tão lindo o cãozinho. Eu tenho uma “bulas” – diz a L. segurando na mão do contador. [...]

Apresentados os resultados referentes às duas séries de conto de histórias de autor, pensamos ser útil comparar os resultados dessas duas séries das histórias, considerando o tipo de sessão realizada.

No que diz respeito às sessões individuais verificamos, pela análise da figura 15, ter existido um aumento de comportamentos de L. na 2ª série comparativamente com a 1ª série. Observa-se uma diferença importante em todas as categorias, sendo que a que apresenta uma diferença maior se relaciona com as *formas de exploração da história*, representando 22,22% dos comportamentos na 1ª série com a história “O Valor da amizade” e 49,33% dos comportamentos na 2ª série com a história “O Rato Renato não quer partilhar”. Verificou-se ainda um aumento de comportamentos relacionados com a *interação com o contador*, passando de 25,45% na 1ª série para 43,65% na 2ª série. Importa referir que na 1ª série a sessão individual correspondeu à primeira vez que L. ouviu a história, enquanto na 2ª série correspondeu à terceira vez que ouviu a história. Parece-nos assim que, à medida que a L. vai tendo contacto com as histórias aumenta a sua participação no conto da história, ou seja, interage com mais frequência com o contador de histórias e com a história.

Figura 15

Comportamentos da L. relacionados com reações da L. ao conto das histórias de autor em ambas as séries na sessão individual

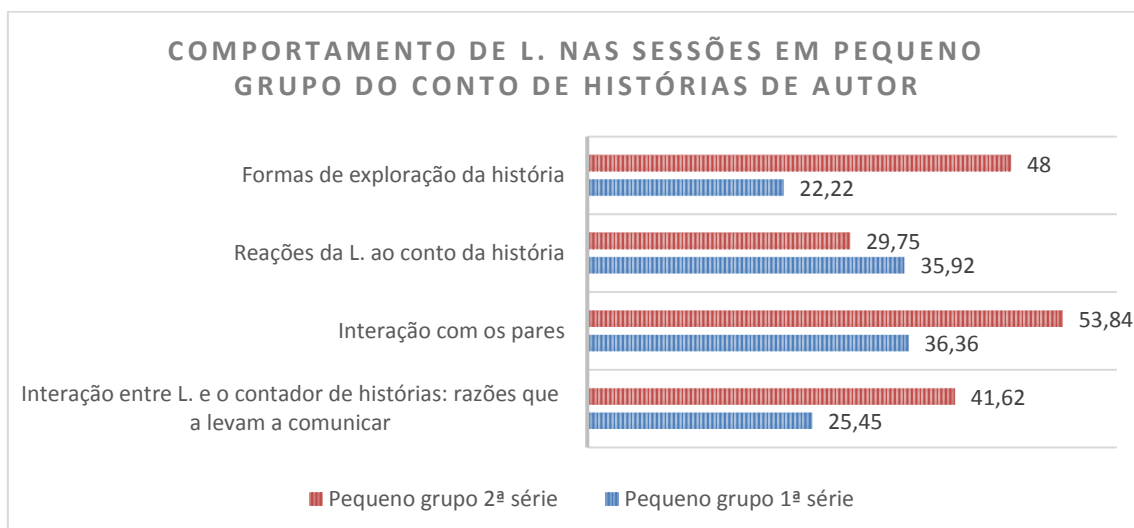


Vamos agora analisar o que aconteceu nas sessões em pequeno grupo (ver figura 16). Tal como se observou nas sessões individuais também nas sessões em pequeno grupo se registou um aumento dos comportamentos da L. considerando as

diversas categorias definidas na sua análise, sendo mais visível nas seguintes categorias: *formas de exploração da história*, *Interação com pares* e *Interação entre L e o contador de histórias*. Porém, esta tendência não se observou nos comportamentos relativos à categoria reações da L. ao conto da história, que passou de 35,92% na 1ª série com “o Valor da amizade” para 29,75% na 2ª série com o “Rato Renato não quer partilhar”. Face aos resultados obtidos parece-nos que os comportamentos da L. aumentam à medida que vai tendo contato com as histórias, tanto em relação à interação com outras pessoas como em relação à própria história em si.

Figura 16

Comportamentos da L. relacionados com reações da L. ao conto das histórias de autor em ambas as séries na sessão pequeno grupo

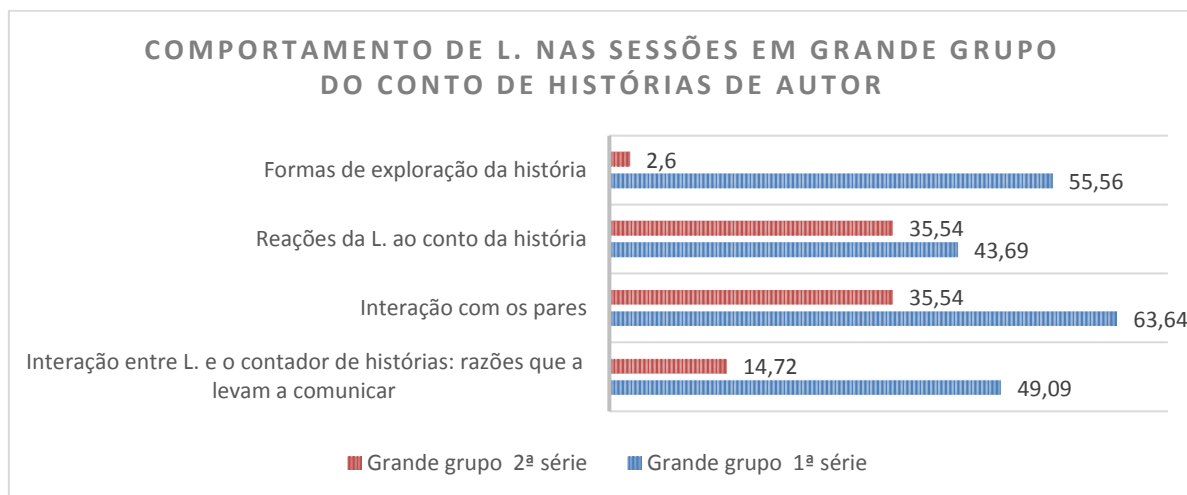


Passamos agora a descrever o que aconteceu nas sessões em grande grupo. Como podemos constatar na figura abaixo apresentada observou-se maior percentagem de comportamentos por parte de L. na sessão de grande grupo na 1ª série de histórias, do que na 2ª série das histórias. Importa salientar que a sessão da 1ª série correspondeu à terceira vez que L ouvia a história, enquanto na 2ª série correspondeu à primeira vez que ouviu a história.

Face aos resultados obtidos, pensamos poder afirmar que, quando a história é familiar se regista um aumento dos comportamentos de participação da L. nas sessões de conto de histórias.

Figura 17

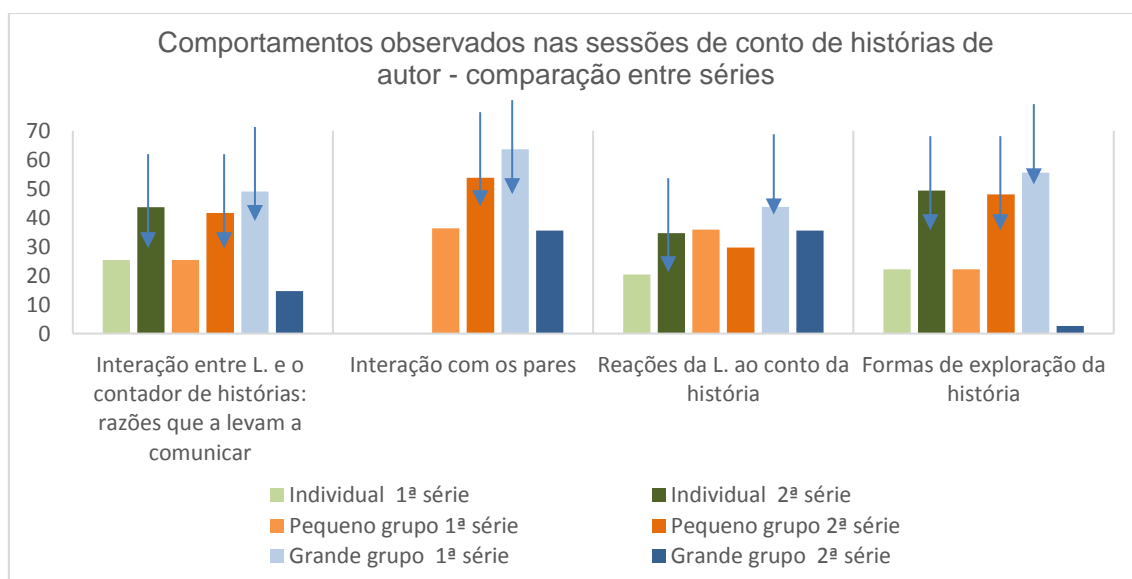
Comportamentos da L. relacionados com reações da L. ao conto das histórias de autor em ambas as séries na sessão grande grupo



Em síntese, face aos resultados obtidos nas duas séries de conto de histórias de autor, considerando os três tipos de sessões realizadas (individuais, pequeno grupo e grande grupo), podemos afirmar que, globalmente, se observou uma tendência para L. se envolver e participar mais à medida que se familiarizou com as histórias, como retrata a figura 18.

Figura 18

Comportamentos observados nas sessões de conto de histórias de autor – comparação entre séries.



Ao observar esta figura podemos afirmar que L. manifestou de forma mais persistente comportamentos que envolviam a relação com os outros nas sessões individuais e em pequeno grupo da 2ª série e nas sessões em grande grupo da 1ª série. Convém reforçar o seguinte; a L. nas sessões em pequeno e grande grupo da 1ª série estava a ouvir a história pela 2ª e 3ª vez respetivamente, o que faz com que a história, nestes momentos, já seja conhecida pela L.

Ao analisar a relação da L. com as histórias propriamente ditas, podemos afirmar que a mesma manifestou um maior número de comportamentos aquando das sessões individuais e de pequeno grupo da 2ª série e ainda na sessão em grande grupo da 1ª série. Não esquecendo que a ordem pela qual foram contadas as sessões das histórias é distinta de uma série para outra (1ª série começa pela sessão individual e a 2ª pela de grande grupo), podemos então afirmar que estes resultados sustentam a ideia anterior de que a L. aumenta o número de comportamentos à medida que vai estando familiarizada com as histórias.

Especificando, na 1ª série das histórias com “O valor da Amizade” a L. foi manifestando um maior número de comportamentos à medida que as sessões iam sendo contadas. Começamos a 1ª série de histórias com a sessão individual e terminamo-la com a de grande grupo. Aqui, as percentagens de comportamentos manifestados mantiveram os valores percentuais da sessão individual para a sessão de pequeno grupo, no que diz respeito às categorias *interação com contador* (25,45%) e *formas de exploração da história* (22,22%). Houve apenas uma evolução positiva na interação com os pares, porque a sessão de pequeno grupo lhe permitiu a existência dessa mesma interação. Da sessão de pequeno grupo para a de grande grupo houve uma evolução bastante significativa na percentagem de comportamentos da L. em todas as categorias definidas.

Na 2ª série de histórias, com “O Rato Renato não quer partilhar” começamos a contá-la pela sessão de grande grupo e terminamo-la com a sessão individual. Verificamos aqui também uma tendência de crescimento da sessão de grande grupo para a individual, mas não em relação a todas as categorias. Referimo-nos mais concretamente às *reações da L. ao conto da história* que diminuiu o seu valor percentual de comportamentos da sessão de grande grupo (35,54%) para a de pequeno grupo (29,75%), voltando a aumentar na sessão individual (34,71%). Em todas as outras categorias a evolução na percentagem de comportamentos é sempre crescente

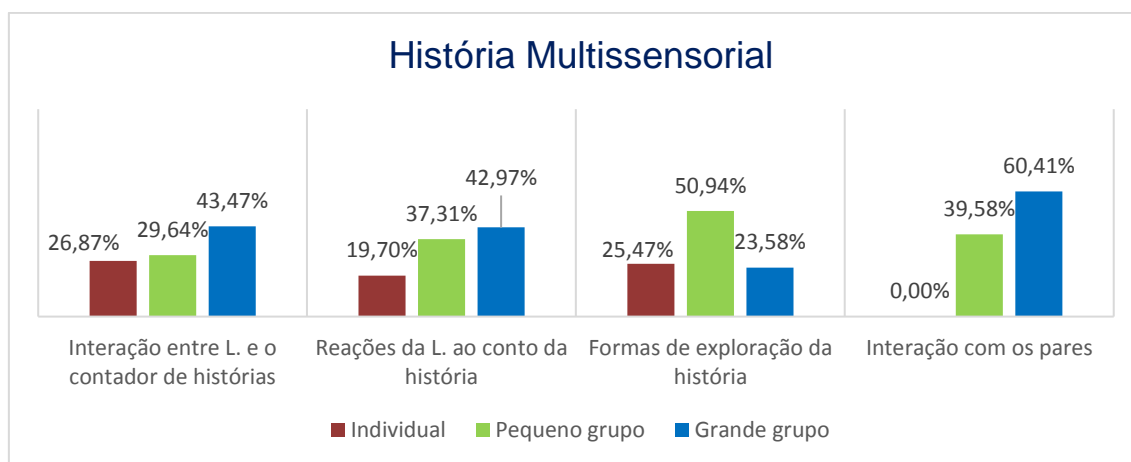
assumindo o seu valor máximo na sessão individual à exceção da interação com os pares uma vez que esta interação não se pode verificar numa sessão individual.

1.2. Histórias multissensoriais

A análise dos registos vídeo das sessões que envolveram o conto da história multissensorial, “As partilhas da Maria”, na primeira série, permitiu categorizar os comportamentos observados por parte de L. em duas dimensões, tal como nas HA: comportamentos face a pessoas e comportamentos perante a história propriamente dita. Com base nestas duas dimensões definiram-se quatro categorias: (i) interação entre L. e o contador de histórias, (ii) interação com os pares (iii) reação da L. ao conto da história, e (iv) formas de exploração da história, como se reporta na figura que se segue. Importa referir ainda que a 1ª sessão correspondeu à sessão individual, a 2ª sessão à sessão em pequeno grupo e a 3ª sessão à sessão em grande grupo.

Figura 19

Comportamentos da L. face ao conto da 1ª série da história multissensorial



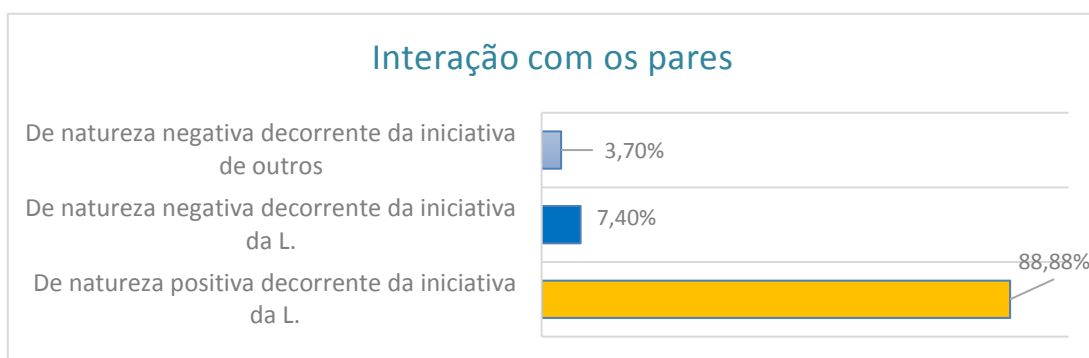
A análise dos dados expressos na figura acima exposta evidencia que nas sessões de grande grupo deste tipo de história, a L. manifestou comportamentos de envolvimento com pessoas e com a história propriamente dita, nas sessões: individuais e nas de pequeno e grande grupo. Importa referir que a maior frequência percentual de comportamentos se registou aquando a realização da sessão em grande grupo, exceto na categoria formas de exploração na história, que assumiu um valor percentual superior na sessão em pequeno grupo. Em sentido oposto registaram-se os comportamentos observados na sessão individual, onde apenas os comportamentos reportados na categoria *formas de exploração da história* assumiram um valor percentual ligeiramente

superior à sessão em grande grupo. É importante lembrar que a sessão de grupo corresponde à terceira vez que a L. ouve a história, portanto o seu conteúdo já lhe era familiar.

Estes resultados levam-nos a afirmar que o conto de histórias multissensoriais, na 1ª série, suscitou oportunidades de interações comunicativas entre L. e os pares e o contador de histórias. Olhando para os comportamentos integrados na categoria *interação com os pares*, ver figura 20, foram de dupla natureza: positiva e negativa, sendo os de natureza positiva decorrentes da iniciativa de L. e de natureza negativa decorrentes da iniciativa de outros e também de L. Salienta-se que os comportamentos de natureza positiva decorrente da iniciativa de L. foram os observados mais frequentemente, assumindo aqui uma percentagem bastante importante.

Figura 20

Comportamentos da L. relativos à interação com os pares



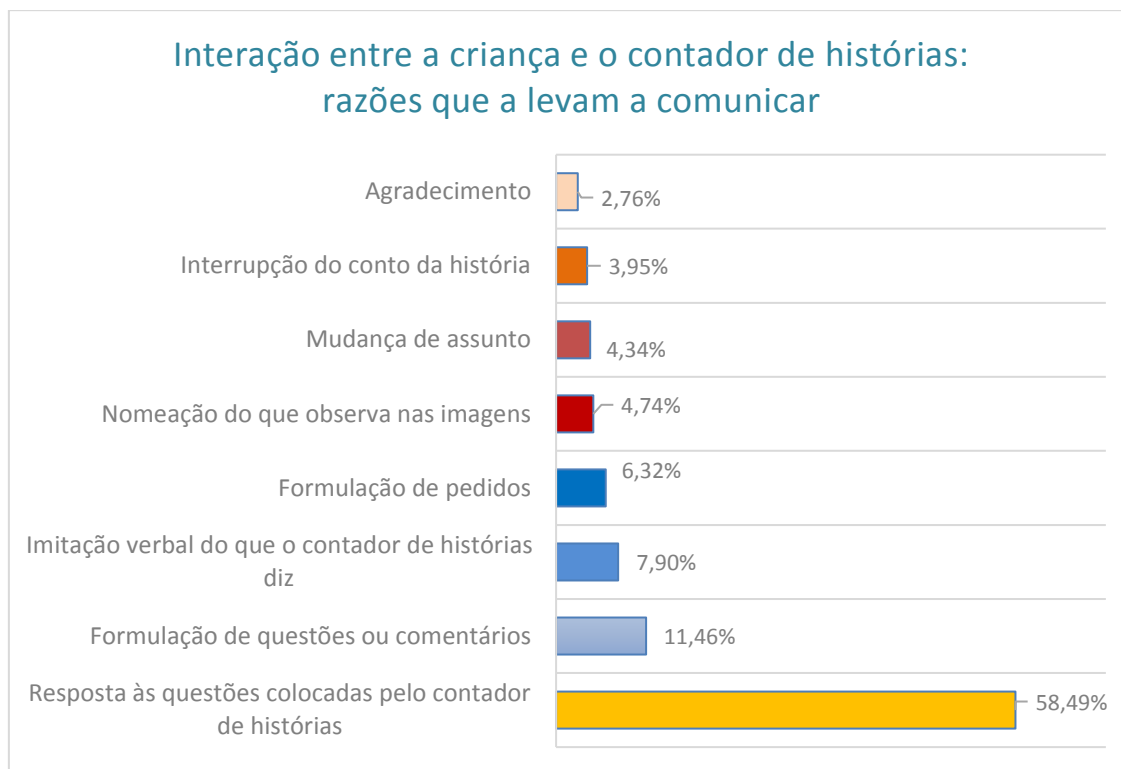
Muitos foram os comportamentos positivos que a L. manifestou em relação aos colegas, assim como ilustra o exemplo do excerto de transcrição da história “As partilhas da Maria” na sessão grande grupo (anexo K):

[...] A A. começa a querer chorar e a L. baixa-se para apanhar os óculos da colega ao mesmo tempo que fixa o olhar no contador. A auxiliar vai buscar os óculos à L. e coloca no rosto da A. e dá-lhe um beijinho. A L. assiste muito atenta e olha fixamente para a auxiliar e diz baixinho: “- desculpa!” Neste momento a A. recebe o açúcar e passa de imediato à L. [...]

No que diz respeito aos comportamentos de L. perante o contador de histórias, como se apresenta na figura 21, foram distintas as razões que a levaram a comunicar/interagir com o contador de histórias.

Figura 21

Comportamentos da L. face à categoria interação com o contador de histórias: razões que levam a comunicar.



Podemos salientar, que a maioria dos comportamentos manifestados pela L. (58,49%) corresponderam a *respostas dadas às questões colocadas pelo contador de histórias*, seguindo-se a *formulação de questões ou comentários* que foram sendo colocados pela L ao longo de toda a história e que esta foi sentindo necessidade de partilhar com o contador, tal como nos sugere o exemplo do excerto de transcrição da história “As partilhas da Maria” na sessão grande grupo (anexo K)

[...] A L. continua a acompanhar o contador a oferecer o salame aos amigos para provarem ao mesmo tempo que vai lambendo os dedos.

“- Eu tou a comer chocolate”- diz a L.
(...)

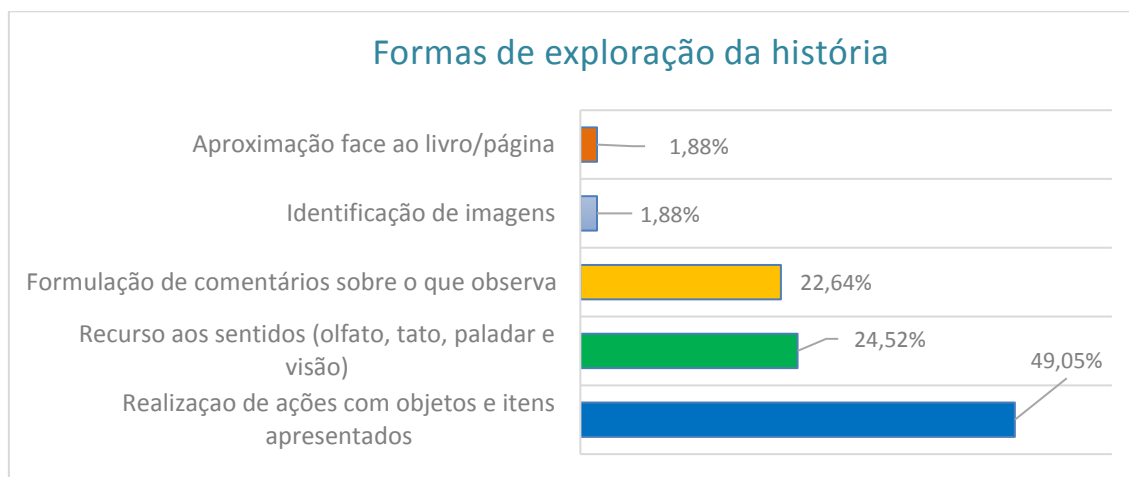
- “Olha onde tá...? olha a tua...? olha a Maria no chão!...anda cá Maria!” – diz a L. baixando-se. “- Olha a Maria no chão! Olha a Maria no chão!” – diz a L. [...]

A subcategoria mudança de assunto teve aqui um valor percentual baixo mais concretamente 4,34%.

No que diz respeito aos comportamentos relativos às formas de exploração da história verificou-se que L. assumiu diversas formas de o fazer, tal como expressa a figura 22.

Figura 22

Comportamentos da L. face à categoria formas de exploração da história



Os comportamentos observados mais frequentemente, ou seja, que obtiveram maior valor percentual corresponderam à *realização de ações com objetos e itens apresentados*, assumindo 49,05% dos comportamentos manifestados pela L. Salientam-se ainda a manifestação de comportamentos em que usa os sentidos (olfato, tato, paladar e visão) com um valor percentual de 24,52% e a *formulação de comentários sobre o que observa nas imagens*. Estes comentários dirigem-se ao contador e aos pares, assumindo aqui 22,64% dos comportamentos manifestados pela L. Sendo assim, a L. realizou muitas ações com os objetos presentes na página assim como também recorreu aos diversos sentidos no decorrer de toda história tal como nos sugere o exemplo do excerto de transcrição da história “As partilhas da Maria” na sessão grande grupo (anexo K):

[...] Os meninos começam a passar o saco com o chocolate pelos amigos e a L. a gargalhar. A L. espera pacientemente pela sua vez, mas quando o saco de chocolate se encontra mais próximo dela, começa a colocar a mãos no rosto, a gesticular e a sorrir.

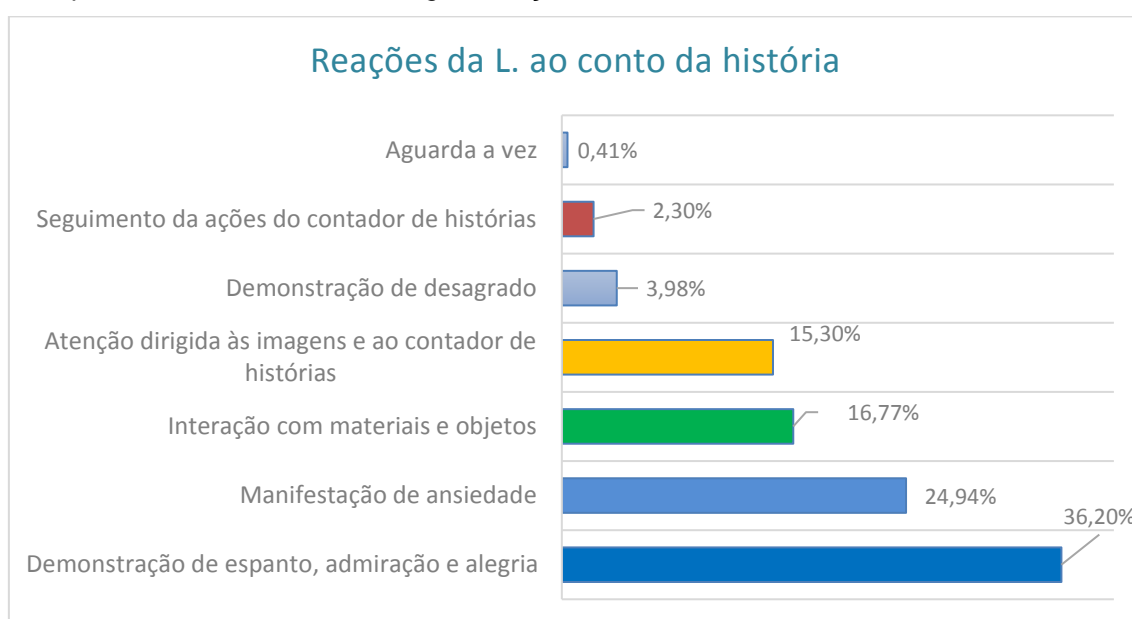
-É a L., cheira lá L. o chocolate. -. diz o contador
A L. agarra no saco de chocolate, leva ao nariz, sorri, e respira várias vezes seguidas e diz:

- Obrigado, obrigado Susana! – e volta a colocar o saco no nariz.
- é chocolate?!- pergunta o contador
-É bom! – responde a L. Continua a cheirar e a colega pega no saco. [...]

Quanto aos comportamentos manifestados pela L. categorizados como sendo *reações da L. ao conto da história*, a figura seguinte ilustra-nos o tipo de comportamentos observados.

Figura 23

Comportamentos da L. face à categoria reações da L. ao conto da história



Podemos constatar que a *reação de L. ao conto da história* multissensorial foi bastante positiva, sendo que 36,20% desses comportamentos se relacionam *com demonstração de espanto, admiração e alegria*. Também se observaram comportamentos relacionados com a *manifestação de ansiedade e interação com materiais e objetos* assumindo valores percentuais de 24,94% e 16,77% respetivamente. Assim, podemos concluir que a L. manifestou muita alegria e entusiasmo no decorrer da história e que lhe foi permitido interagir e explorar os materiais e objetos tal como o exemplo do excerto de transcrição da história “As partilhas da Maria” na sessão grande grupo (anexo K):

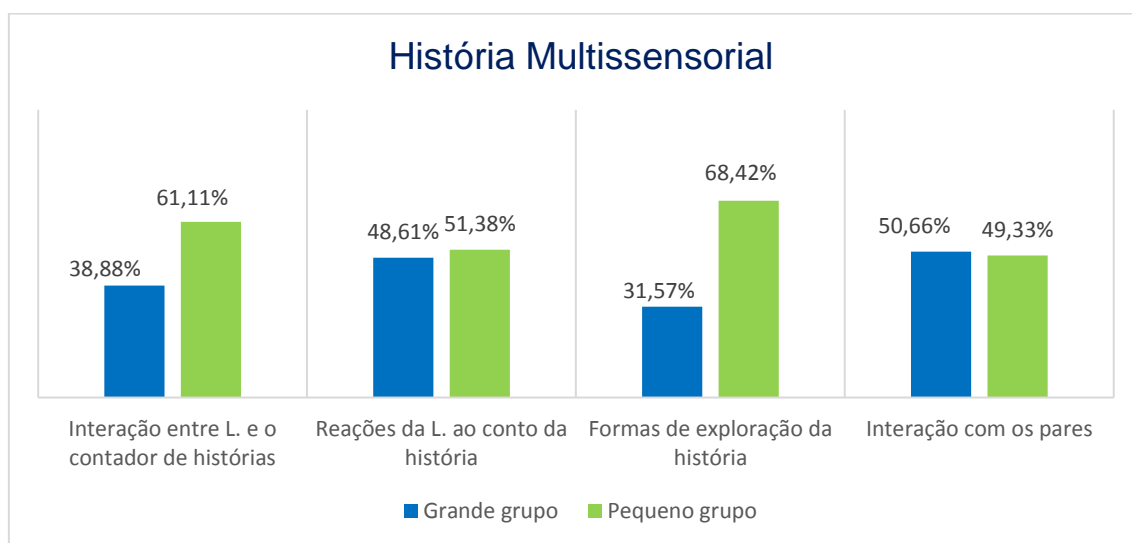
[...] “-Olha vamos fazer uma coisa...”.- disse o contador enquanto a L. se movimentava de forma agitada, abanava os braços e sorria.
“- Estou pronta para fazer!” – disse a L.

“- Estás pronta para fazer?” – pergunta o contador
“- Simmmmm!” – grita a L. ao mesmo tempo que agita os braços.
“- Estou pronta...estou pronta para fazer”- repete a L. [...]

Vejamos se os comportamentos de L. assumiram a mesma natureza na 2ª série com a história, “A Surpresa”, que na primeira. A análise dos registos vídeo das sessões que envolveram o conto da história multissensorial na segunda série permitiu perceber que L. manteve o tipo de comportamentos antes observados, por um lado comportamentos face a pessoas e, por outro, comportamentos perante a história propriamente dita (ver figura que se segue). Existe aqui uma particularidade em relação a esta 2ª série da história multissensorial, não temos para analisar a sessão individual uma vez que, tal com já foi referido anteriormente, estas sessões foram interrompidas de forma abrupta devido à pandemia COVID-19, impedindo-nos assim de realizar esta última sessão.

Figura 24

Comportamentos da L. face ao conto da 2ª série da história multissensorial

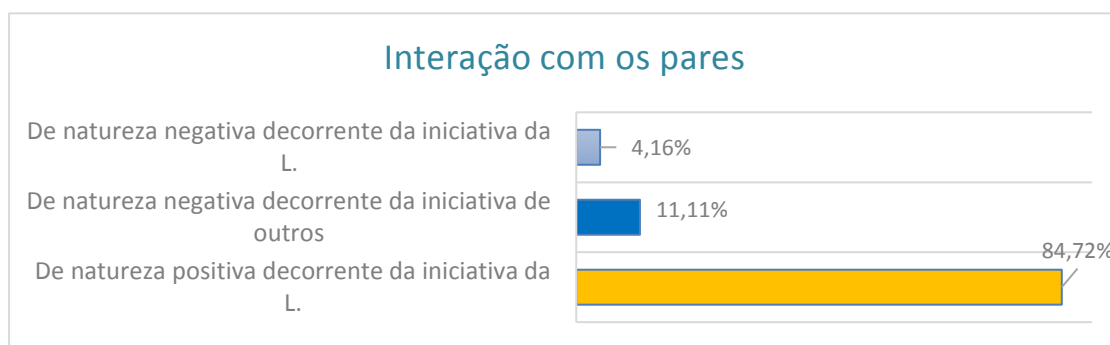


A análise dos dados expressos na figura acima exposta evidencia que a maior frequência percentual de comportamentos se registou aquando a realização da sessão em pequeno grupo exceto na categoria *interação com os pares*, que assumiu um valor percentual ligeiramente superior na sessão de grande grupo. É importante referir que a sessão de pequeno grupo corresponde à segunda vez que a L. ouviu a história, portanto o seu conteúdo já lhe era familiar.

Estes dados levam-nos a afirmar que o conto de histórias multissensoriais, na 2ª série, e tal como aconteceu com a 1ª, conduziram L. a interações comunicativas com os pares e com o contador de histórias. Olhando para a categoria *interação com os pares*, percebemos pela análise da figura 25, que essas interações foram de natureza: positiva e negativa. De natureza positiva e negativa decorrentes da iniciativa de L. e de natureza negativa decorrente da iniciativa de outros (estes últimos de fraca expressão). Salienta-se que as de natureza positiva decorrente da iniciativa de L. foram as mais frequentemente observadas, assumindo um valor percentual bastante relevante.

Figura 25

Comportamentos da L. face à categoria interação com os pares



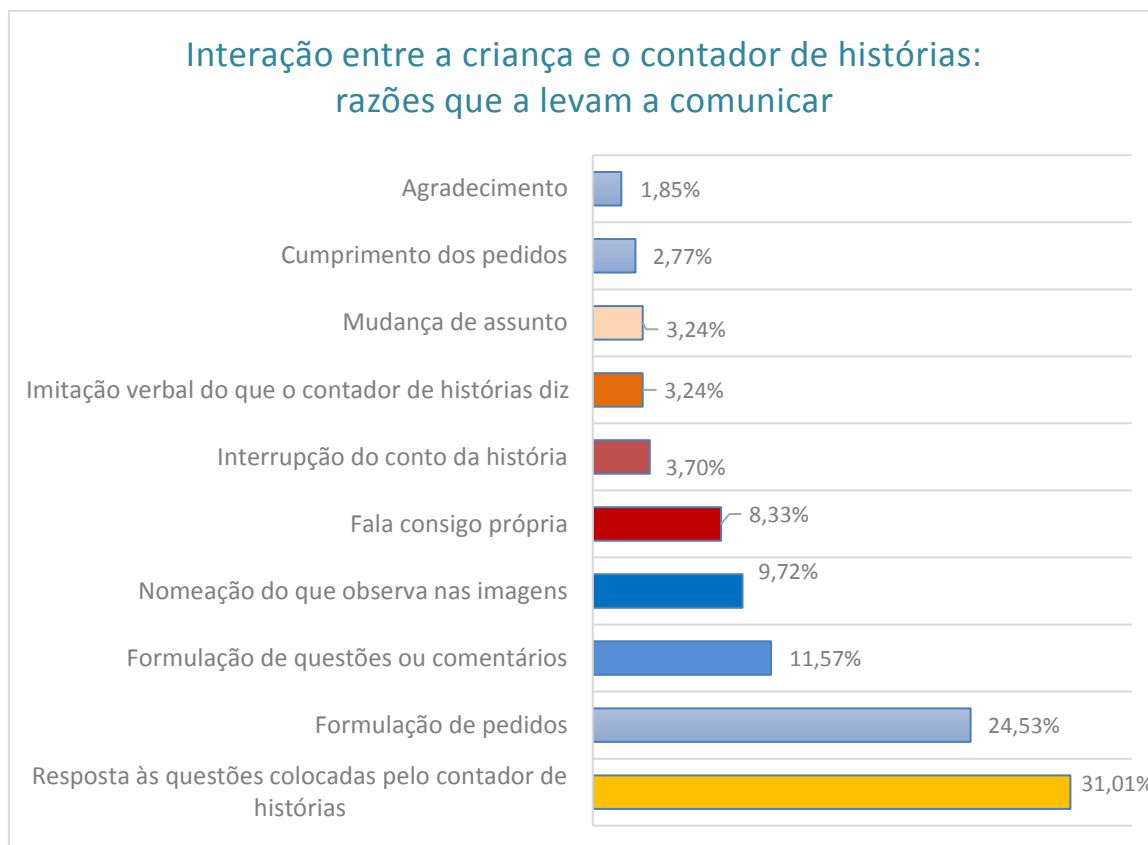
Muitos foram os comportamentos positivos que a L. manifestou em relação aos colegas, assim está ilustrado no exemplo de um excerto da história “A surpresa” na sessão de pequeno grupo (anexo K):

[...] A L. quando vê os legos em cima da mesa diz:
“- Ah!!!!” - tira os legos de cima da mesa e o T. tenta reavê-los. A L. segura no maior número de legos que consegue na mão e fixa o contador.
“- Tantos legos para brincar”- diz o contador olhando para a L. e a L. devolve os legos ao T. e diz:
“- Eu quero brincar!” – diz a L.
“- É o T. que vai imaginar o que vai construir com os legos!” – diz o contador devagarinho e olhando para a L. A L. olha fixamente para o contador e começa a bater com o dedo na boca. [...]

Apresentamos de seguida a figura 26 com os resultados relativos aos comportamentos manifestados por L. na *interação com o contador de histórias*.

Figura 26

Comportamentos da L. face à categoria interação com o contador de histórias: razões que levam a comunicar



A análise dos resultados da figura acima exposta permite-nos afirmar que as principais razões que levaram L. a interagir com o contador de histórias se relacionaram com o responder às questões colocadas e formular pedidos, questões e comentários. como se ilustra no exemplo de um excerto da história “A surpresa” na sessão de pequeno grupo (anexo K):

[...] “- É para vestir a boneca! Não é?” – diz o contador observando a L. e falando com um tom de voz baixo.

A L. responde: “- Sim! –“acendendo com a cabeça que sim.

“- Tá ali uma boneca!” – diz a L. apontando para a caixa.

“- Uma boneca pequenina com um vestido azul e uma fita azul. Será? Põe lá a tua mão para ver!” – diz o contador à M.

Enquanto a M. vai tirando a boneca da caixa a L. vai observando a ação da colega e mexendo na textura da caixa e diz:

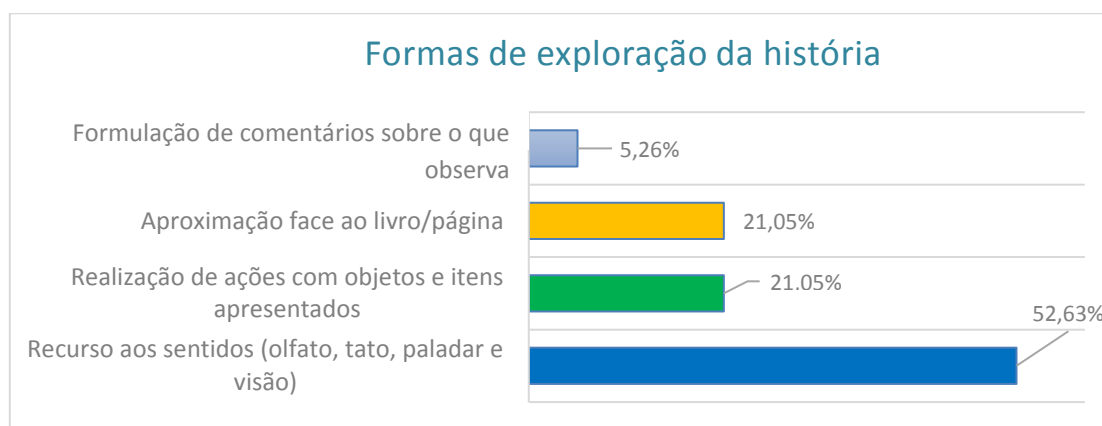
“- Uau é fofinho! Olha é fofinho! – diz a L. olhando para o contador” [...]

A interrupção do conto da história e a mudança de assunto foram das subcategorias com menores valores percentuais, 3,70% e 3,24% respetivamente.

Relativamente aos comportamentos correspondentes à categoria *formas de exploração da história*, a figura 27 ilustra-nos o tipo de comportamentos que se observaram.

Figura 27

Comportamentos da L. face à categoria formas de exploração da história



Os comportamentos observados mais frequentemente, ou seja, que obtiveram maior valor percentual corresponderam a *recurso aos sentidos (olfato, tato, paladar e visão)* assumindo 52,63% dos comportamentos manifestados pela L. Salientam-se ainda a realização de ações com objetos e itens apresentados com um valor percentual de 21,05% e a *aproximação face ao livro/página e formulação de comentários sobre o que observa* com valores de 21,05% e 5,26% respetivamente.

Sendo assim, a L. realizou muitas ações com os objetos presentes na página assim como também recorreu aos diversos sentidos no decorrer de toda história tal como é exemplificado no excerto da história “A surpresa” na sessão de pequeno grupo (anexo K):

[...] A L. pega no pneu e sorri para o contador. – o contador pergunta: - “O que é isso L?”

“- Isto sou eu a andar....brummmmm, brummmmm,brummmmm”. – diz a L. andando com o pneu para a frente e para trás.

“- O que é isso que tens na mão?” – pergunta o contador.

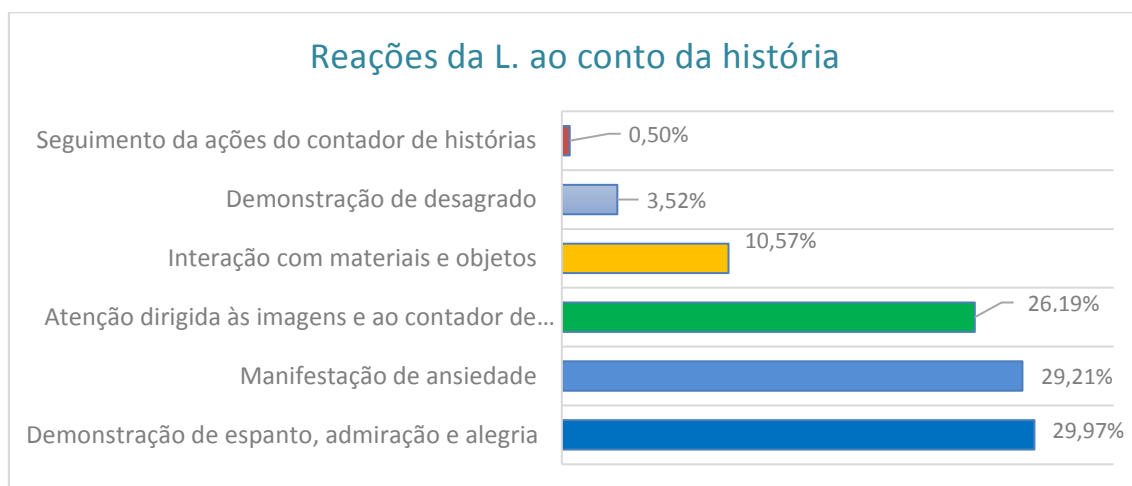
“-É para andar!” – responde a L.

“- Como se chama?” – pergunta o contador
 “- Uma roda” – responde a L. .
 “- Isso é uma roda...um pneu!” – diz o contador.
 “- Isto é um pneu?!!! Tu deixas mexer?!!” – pergunta a L.
 “- Deixo mexer, deixo ver sim...é o pneu do carro!” – diz o contador.
 A L. toca no pneu, sorri e faz : “-Ahhh!”
 “- Serve para pôr nos carros!” – diz o contador
 A L. começa a andar com o pneu de um lado para o outro em cima da mesa e diz:
 “-Brummmm, Brummmm,Brummmm!” – diz a L. acompanhada pelo contador. [...]

Quanto aos comportamentos manifestados pela L. e categorizados como sendo *reações da L. ao conto da história*, verificou-se que estes foram diversos, sendo que os mais frequentemente observados se relacionam com a demonstração de emoções, positivas e negativas, com a atenção dirigida a imagens e contador de histórias com materiais e objetos, como a figura seguinte ilustra-nos.

Figura 28

Comportamentos da L. face à categoria reações da L. ao conto da história.



Assim, podemos concluir que a L. pareceu divertir-se bastante com a história e que manteve a sua atenção tanto no contador como na história, como se exemplifica no excerto da história “A surpresa” na sessão de pequeno grupo (anexo K):

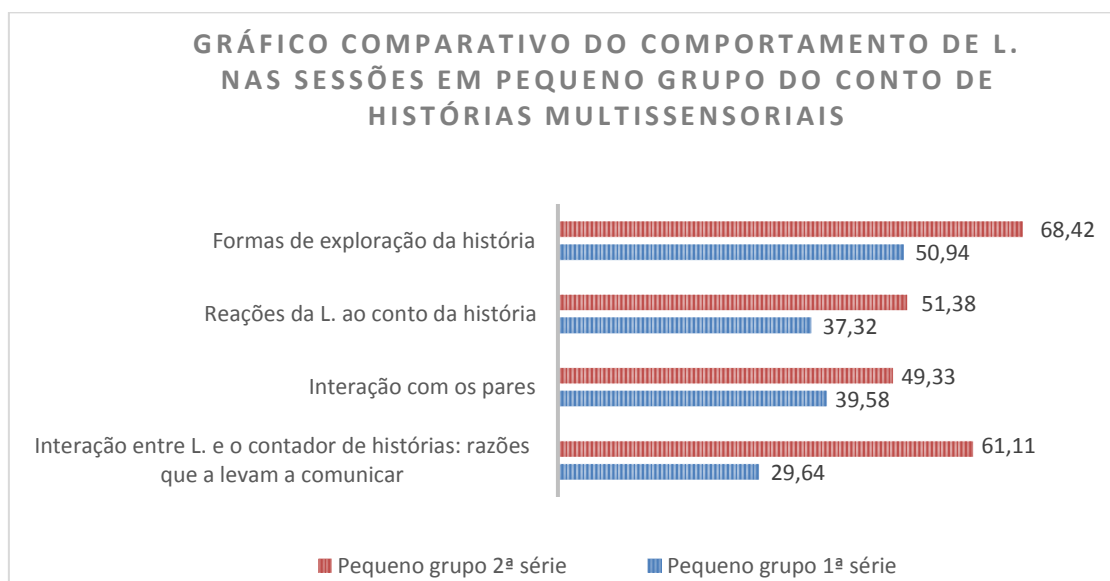
[...] “- O que será que nós vamos encontrar aqui na caixa?!!” – diz o contador e a L.
 observa atentamente o contador e a caixa.
 “- Eu quero pôr a mão!” – dizem a L. e a B:

“- Tens de esperar!” – diz o contador –“ todos vão pôr a mão, cada um na sua vez.
 Agora é a vez da B”.– diz o contador
 “- Sim..” - diz a L.
 “- Foi a M. agora vai ser a B. e vocês vão esperar!” – diz o contador baixinho e a L. fica
 a observá-lo atentamente [...]

Apresentados os resultados relativos aos comportamentos de L. nas duas séries de conto de HMS, entendemos importante comparar esses resultados considerando dois tipos de sessão realizadas: pequeno grupo e grande grupo. A figura seguinte compara então os comportamentos da L. nas sessões em pequeno grupo.

Figura 29

Comparação dos comportamentos da L. nas sessões de pequeno grupo do conto de histórias multissensoriais



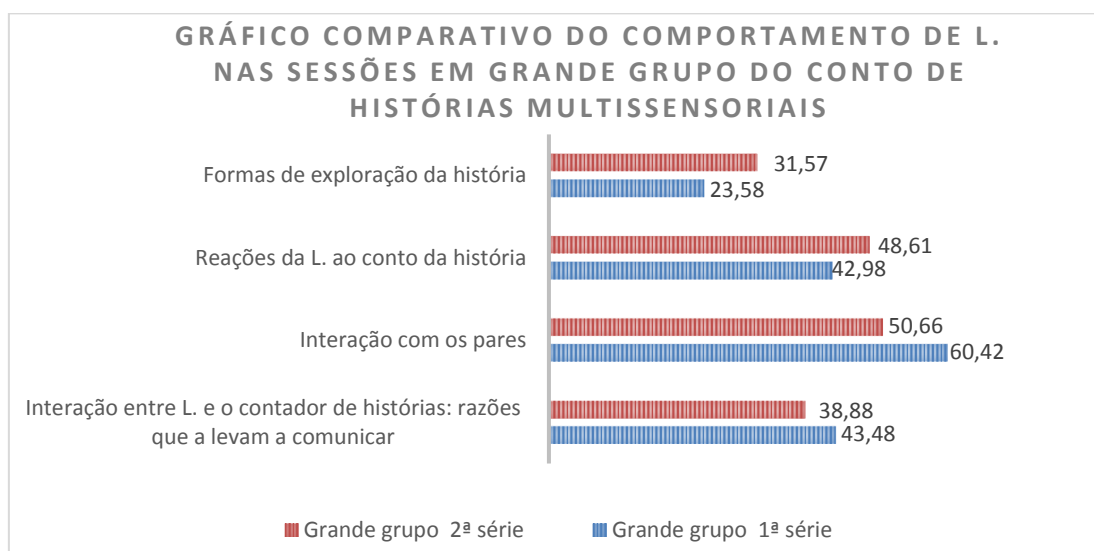
Podemos observar na figura 29 que houve, de uma série para outra, um aumento de comportamentos de L. em todas as categorias definidas, sendo que, a mais evidente foi ao nível das *formas de exploração da história* e a interação com o contador. No que diz respeito à primeira categoria, (*formas de exploração da história*), os comportamentos manifestados pela L. obtiveram, na 1ª série, com a história “As partilhas da Maria” um valor percentual de 50,94% aumentando na 2ª série com a história “A surpresa” para 68,42%. Em relação à *interação com o contador de histórias* a diferença percentual é ainda mais visível de uma série para outra, passou de 29,64%, na 1ª série para 61,11%.

na 2ª série. Também ao nível das reações da L. ao conto da história e a interação com os pares, se verificou um aumento percentual de comportamentos na 2ª série com a história “A surpresa”. Face ao exposto, concluímos que à medida que a L. conhece a história aumenta o valor percentual dos diversos comportamentos manifestados por L.

Vamos de seguida tentar perceber se esta tendência se manteve nas sessões em grande grupo. Os resultados obtidos encontram-se plasmados na figura seguinte.

Figura 30

Comparação dos comportamentos da L. nas sessões de grande grupo do conto de histórias multissensoriais



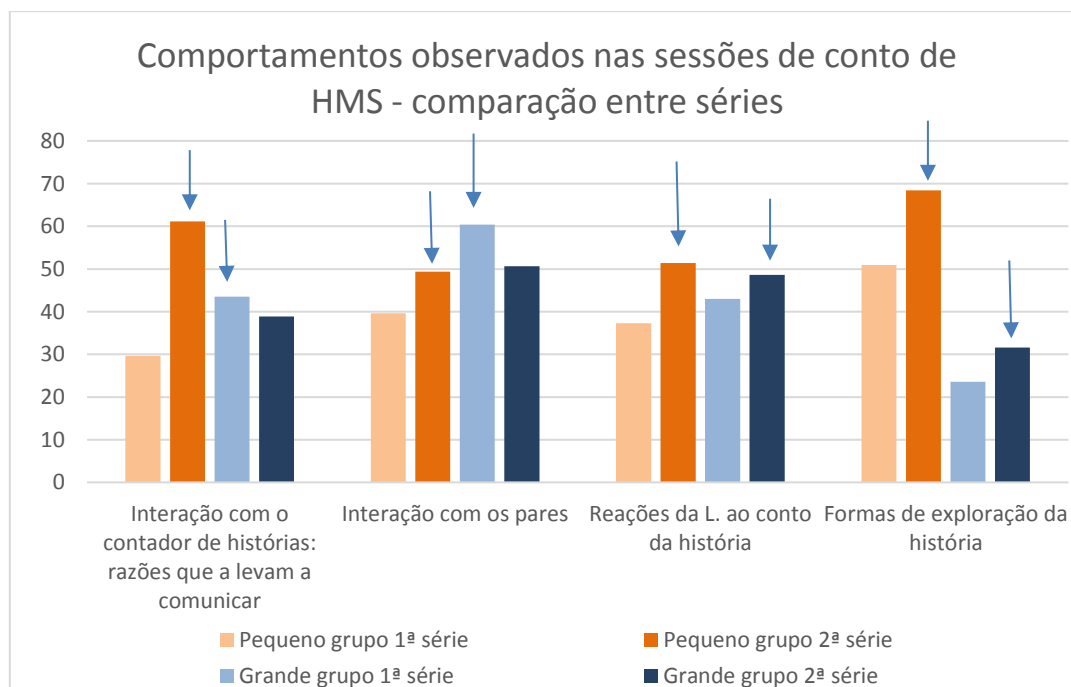
A análise dos resultados apresentados na figura acima evidência que os comportamentos manifestados pela L. relativamente à exploração e reações à história propriamente dita, foram, percentualmente, ligeiramente superiores na 2ª série, comparativamente à 1ª série. Por outro lado, os comportamentos relativos à interação com os outros (pares e contadora de histórias) tiveram maior valor percentual ligeiramente superior na 1ª série com a história “As partilhas da Maria”, diminuindo aquando da 2ª série com a história “A surpresa”. Importa salientar que na 1ª série começamos por contar a história numa sessão individual e terminámos esse conto numa sessão em grande grupo, ao passo que na 2ª série começámos pela sessão em grande grupo e terminámos em sessão de pequeno grupo uma vez que, a sessão individual, por força das circunstâncias da pandemia COVID – 19, acabou por não acontecer na 2ª série de histórias. Ainda que não tenha sido possível seguir o mesmo procedimento que

no conto das histórias de autor, a tendência para o aumento de comportamentos de L. no caso de a história lhe ser familiar não ficou aqui tão visível como nas situações antes analisadas.

Em síntese, face aos resultados obtidos nas duas séries de conto de histórias de multissensoriais, considerando os três tipos de sessões realizadas (individuais, pequeno grupo e grande grupo), podemos afirmar que, globalmente, se observou uma tendência para L. se envolver e participar mais à medida que se familiarizou com as histórias, como retrata a figura 31.

Figura 31

Comportamentos observados nas sessões de conto de histórias multissensoriais – comparação entre séries.



Ao observar a figura verificamos que nele não constam as sessões individuais, uma vez que só se realizou a da 1ª série, dado que a da 2ª série não nos foi possível realizar, pelas razões já anteriormente mencionadas (COVID-19).

Comparando os resultados das sessões em pequeno grupo percebe-se que da 1ª para a 2ª série houve um aumento percentual dos comportamentos de L. em todas as categorias, sendo a que registou um maior aumento foi a relacionada com a interação com o contador de histórias: passou de 29,64% na 1ª série para 61,11% na 2ª série.

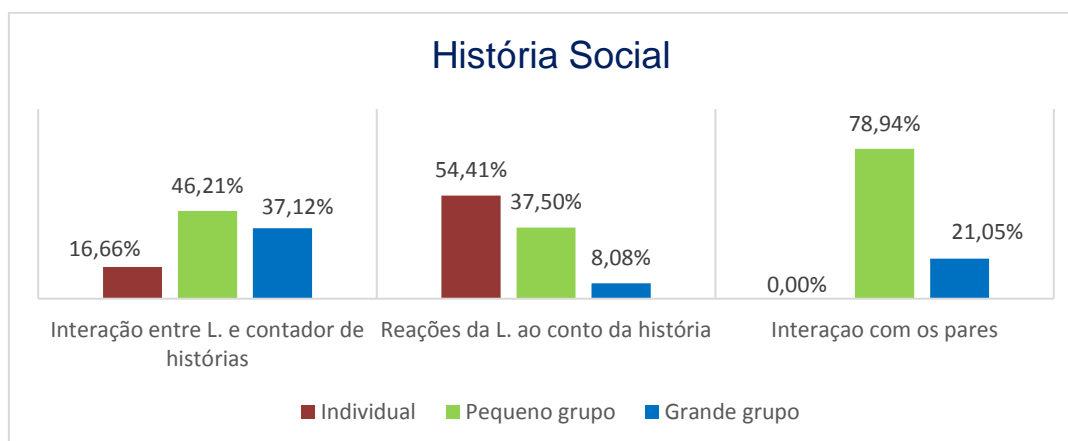
Ao confrontarmos os valores percentuais dos comportamentos de L. nas sessões de grande grupo da 1ª série para 2ª, podemos concluir que, se registou um aumento em duas das quatro categorias comportamentais apresentadas. Foram as categorias comportamentais relacionadas com as interações com o contador de histórias e com os pares aquelas que não registaram percentualmente um aumento de comportamentos da 1ª série para a 2ª série. Importa destacar que a 1ª série da sessão em grande grupo correspondeu à 3ª vez que L. ouviu a história. Especificando, apenas alguns comportamentos tiveram um crescimento percentual de uma série para a outra. Os que tiveram uma tendência de subida de uma série para outra foram os comportamentos manifestados pela L. em relação à história propriamente dita, ao passo que em relação à interação que estabeleceu com os outros a tendência foi decrescente. Importa lembrar que a ordem pela qual as sessões foram contadas foi diferente de uma série para outra como já foi referido anteriormente. A 1ª série começou com a sessão individual e a 2ª com a de grande grupo.

1.3. Histórias Sociais

A análise dos registos vídeo das sessões que envolveram o conto de história social “Já sei brincar no recreio”, contada na primeira série, à semelhança das outras histórias, permitiu categorizar os comportamentos observados por parte de L. em duas dimensões, por um lado comportamentos face a pessoas e, por outro, comportamentos perante a história propriamente dita, os quais se agruparam em diversas categorias, como se reporta na figura que se segue.

Figura 32

Comportamentos da L. face ao conto da 1ª série da história social

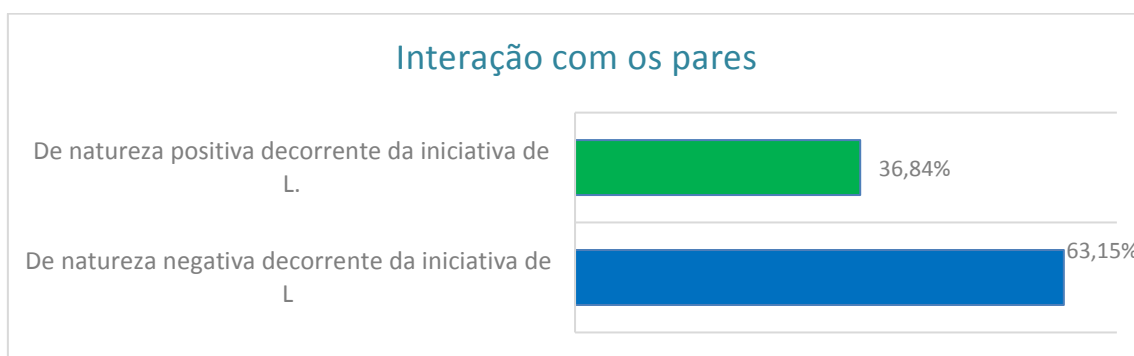


A análise dos dados acima expressos evidencia que a maior frequência percentual de comportamentos se registou aquando a realização da sessão em pequeno grupo exceto na categoria *reações da L. ao conto da história* que assumiu um valor percentual superior no conto da história na sessão individual. É importante referir que a sessão de pequeno grupo corresponde à segunda vez que a L. ouve a história, portanto o seu conteúdo já lhe era familiar. Porém, na sessão de grande grupo, já não se verifica a mesma tendência, o facto de a história ser familiar parece não ter tido qualquer relevância.

Estes dados levam-nos a salientar que a atividade de conto de histórias sociais, possibilitou a manifestação de comportamentos de interações comunicativas com os pares e com o contador de histórias. No que diz respeito aos comportamentos de *interação com os pares*, percebemos, que essas interações foram de natureza: positiva e negativa (ver figura 33), decorrentes da iniciativa de L. Salienta-se que os comportamentos de natureza negativa decorrente da iniciativa de L. foram os mais frequentemente observados, assumindo um valor percentual importante.

Figura 33

Comportamentos da L. face à categoria interação com os pares



Podemos afirmar que 63,15% dos comportamentos manifestados pela L. são de natureza negativa e 36,84% de natureza positiva. De facto, muitos foram os comportamentos negativos que a L. manifestou na relação com os colegas, assim como nos exemplifica a transcrição da história "Já sei brincar no recreio" na sessão de pequeno grupo (anexo K):

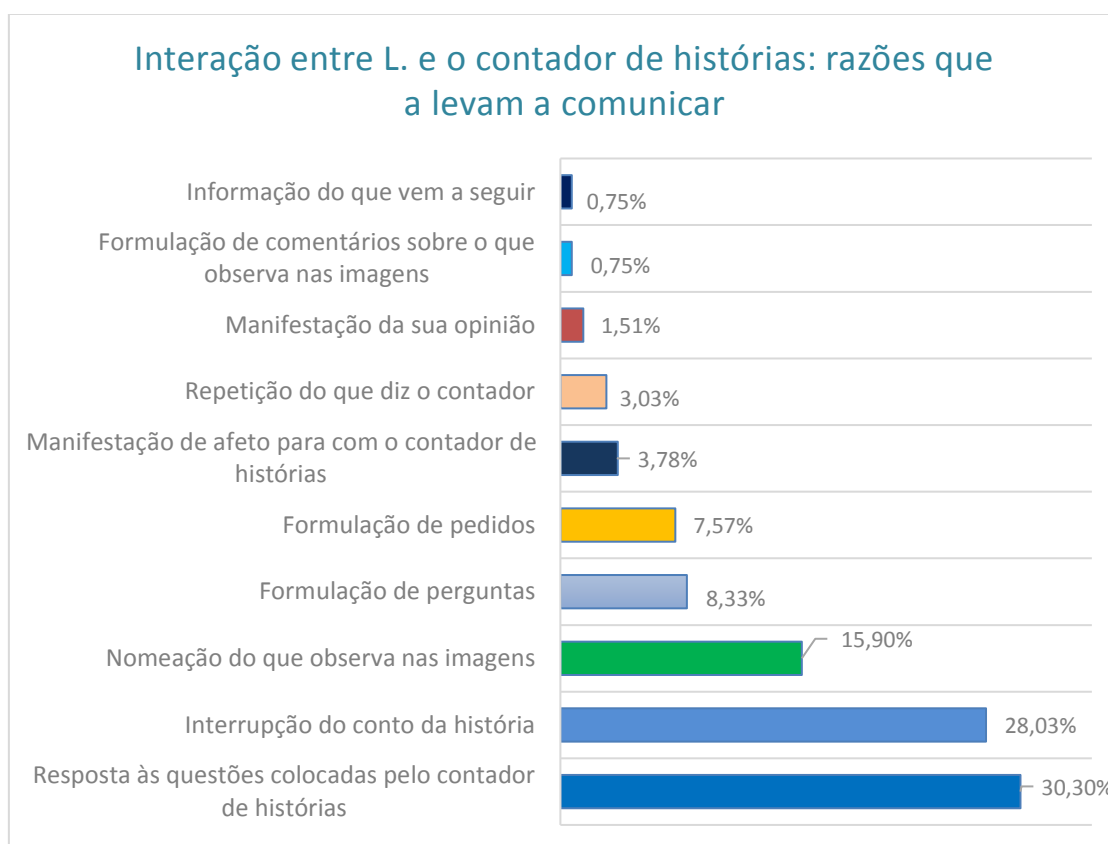
[...] "...Só me resta aguardar para depois no baloiço andar. Ela tem de aguardar, não é? – diz o contador – ela vai aguardar para quê? – pergunta o contador enquanto direciona a página do livro para a L. A L. volta a puxar a cadeira para a frente para se aproximar da página e puxa a mesma para si.

- Mas porque é que estão as imagens da L.? – pergunta a C. enquanto aponta para a página – a L. afasta bruscamente a mão da colega para o lado.
- Foram usadas as imagens da L. para fazer a história. – responde o contador. Enquanto dirige a página para as C. e a M.
- eu não vi, eu não vi – diz a L. aos gritos e puxou o livro para si com as duas mãos.[...]

Como se verifica na figura 34 L. também interagiu com o *contador de histórias*, sendo que essa interação aconteceu por diversas razões, destacando-se, pela sua frequência, as respostas às questões colocadas pelo contador. Podemos observar também que a *interrupção do conto da história* foi uma das razões pela qual L. interagiu com o contador de histórias, representando 28,03% dos comportamentos observados. Salienta-se que este tipo de comportamento não foi observado de forma tão evidente nas sessões que envolveram o conto dos outros tipos de histórias.

Figura 34

Comportamentos da L. face à categoria interação com o contador de histórias: razões que a levam a comunicar



Destacam-se ainda os comportamentos relacionados com a *nomeação do que observa nas imagens* como uma outra razão que levou a L. a interagir com o adulto contador de histórias. Mais uma vez podemos constatar que, a L. foi sentindo necessidade de comunicar ao longo de toda a história tal como a transcrição da história “Já sei brincar no recreio” na sessão de pequeno grupo nos revela (anexo K):

[...] “- Olá, diz a L., olá diz a E... e a Leo... E a L. quer brincar com uma boneca.” – diz o contador.

“- Não, eu quero perguntar”- diz a L. enquanto puxa a página do livro para si com as duas mãos e ao apontar diz: “- Leo..., E..., brincar e Let..., é também, a Leo... também é a Let...”

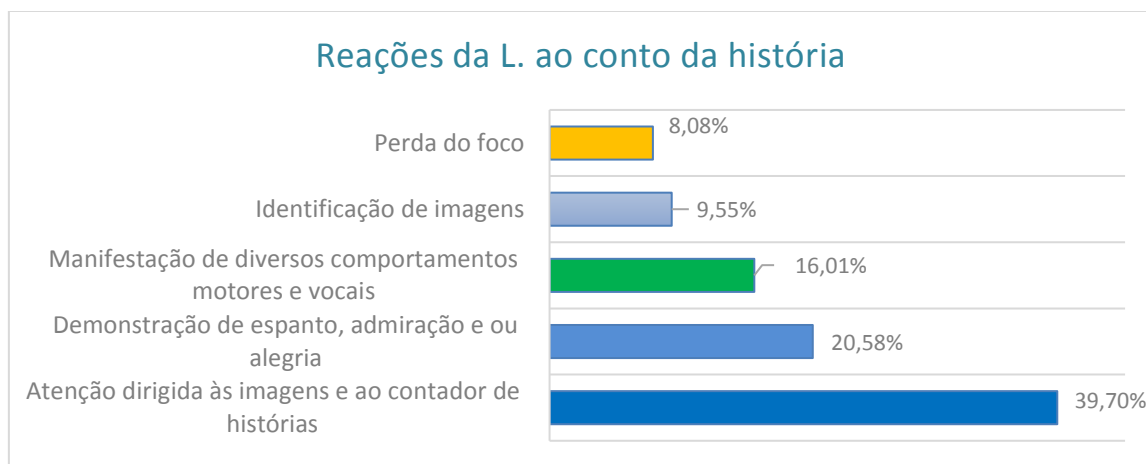
“- Não, é a Leo..., é a L. e é a E”.- diz o contador.”- Olha, a L. queria o quê?”

“- Uma boneca” – responde a L. apontando. [...]

Quanto aos comportamentos manifestados pela L. categorizados como sendo *reações da L. ao conto da história*, a figura seguinte ilustra-nos o tipo de comportamentos observados.

Figura 35

Comportamentos da L. face à categoria reações da L. ao conto da história



Podemos constatar que a *reação de L. ao conto da história* social foi muito positiva, sendo que 39,70% dos comportamentos se relacionam com a *atenção dirigida às imagens e ao contador da história* seguindo-se a *demonstração de espanto, admiração e/ou alegria* com 20,58%. A perda do foco na história também foi um tipo de comportamento manifestado, mas representando apenas 8,08% dos comportamentos observados. Assim, podemos inferir que a L. se divertiu com a história e que manteve a

sua atenção tanto no contador como na história tal como nos revela a transcrição da história “Já sei brincar no recreio” na sessão de pequeno grupo (anexo K):

[...] – “E aqui tou...olha, aqui estou eu também!” – diz a L. apontando para a imagem e virando a página para si novamente.

“- E depois no baloiço andar...”- diz o contador.

“- Vejo a Eva e a Leonorzeca, ambas com uma boneca. Quero muito com elas brincar será que elas a podem partilhar?” – diz o contador enquanto as crianças olham atentamente para a história e a L. mantém o olhar na página do livro e no contador, enquanto mexe nas mãos. [...]

De seguida apresentamos os resultados obtidos na 2ª série do conto da história social intitulada “Aprender a brincar e a partilhar”. A análise dos registos vídeo destas sessões (ver figura que se segue) permitiu perceber que L. manifestou o mesmo tipo de comportamentos antes observados quer face a pessoas quer perante a história.

Figura 36

Comportamentos da L. face ao conto da 2ª série da história social



A análise dos dados acima expressos demonstra que das quatro categorias apenas três se enquadram nos comportamentos de envolvimento manifestados pela L. aquando da escuta desta história. Sendo assim, não se evidenciam comportamentos relacionados com a categoria *formas de exploração da história*. A maior frequência percentual de comportamentos registou-se aquando a realização das sessões em pequeno grupo. É importante referir que a sessão de pequeno grupo corresponde à segunda vez que a L. ouve a história, sendo que a primeira vez que a ouviu foi, em sessão de grande grupo, portanto o seu conteúdo já lhe era, de certa forma, familiar.

Estes resultados levam-nos a afirmar que as atividades desenvolvidas durante o conto de histórias sociais, possibilitaram o estabelecimento de interações comunicativas entre L., os pares e o contador de histórias. Analisando os comportamentos relacionados com a *interação com os pares*, percebemos que essas interações foram exclusivamente de natureza positiva não evidenciando nenhum comportamento negativo decorrente da iniciativa de L. e/ou de outros. Segue-se um exemplo do tipo de comportamentos manifestados pela L, recorrendo à transcrição da história “Aprender a brincar e a partilhar” na sessão de pequeno grupo:

[...] “- Tu partilhas os teus brinquedos?” – pergunta o contador

“- Na escola?” – pergunta a L.

“- Na escola!” – responde o contador

“- Na sacola!” – responde a L.

“- Trazes os teus brinquedos na sacola? E depois tu partilhas os teus brinquedos?” – pergunta o contador à L. que acena que sim com a cabeça.

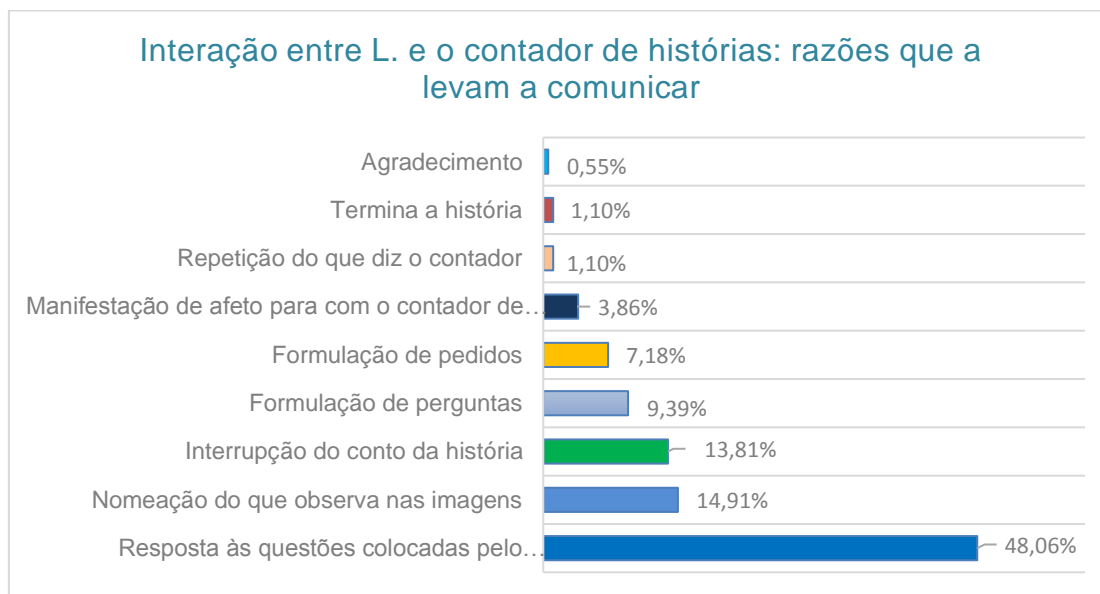
“- Boa!” – diz o contador dando mais cinco que a L. retribui.

Faz a mesma pergunta a cada um deles e dá-lhes mais cinco e a L. vai acompanhando o contador a fazer as perguntas e a dar mais cinco aos colegas! [...]

Observemos na figura 37 as características dos comportamentos de L. relativos à *interação com o contador de histórias*.

Figura 37

Comportamentos da L. relativos à interação entre a L. e o contador de histórias: razões que levam a comunicar.



A análise dos resultados permite perceber que a maioria (48,06%) dos comportamentos manifestados pela L. correspondem a *respostas dadas às questões colocadas pelo contador de histórias seguindo-se a nomeação do que observa nas imagens* (14,91%) e a *interrupção do conto da história* (13,81%). Também nesta série podemos constatar que, a L. comunicou por diversas razões ao longo do conto da história como se documenta na transcrição da história “Aprende a brincar e a partilhar” na sessão de pequeno grupo (anexo K):

[...] “-A L. foi perguntar à C. se podia sentar-se ao pé dela e partilhar os lápis com ela.

O que é que será que a C. vai responder?” – diz o contador baixinho e os meninos observam atentamente assim como a L. que não tira o olhar da página.

“- A C. respondeu: - Sim, podes-te sentar. Também queres desenhar? Que lápis queres para começar?” – diz o contador e a L. responde:

“- Rosa! – diz a L.”

“- Que lápis queres para começar o desenho? Que cor é que tu escolhes?” – pergunta o contador à B. e a L. olha para ela.

“- Azul- responde a B.”

“- Azul ?! – diz o contador”

“- Não, é azul!” – responde a L. a olhar para o contador.

“- E tu?” – pergunta o contador à M.

“- Rosa!” – responde a M.

“- Cor de rosa! E tu?” – pergunta o contador à L.

“- Azul!” – responde a L.

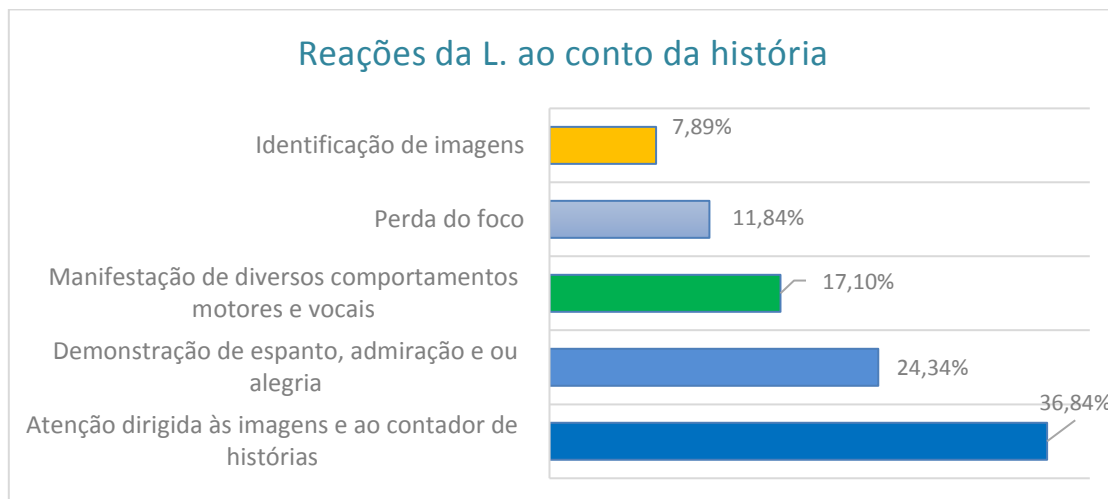
“- Azul?!” – pergunta o contador e a L. acena com a cabeça que não.

“- Cor de rosa!” – responde a L.

Quanto aos comportamentos manifestados pela L. categorizados como sendo *reações da L. ao conto da história*, a figura seguinte ilustra-nos o tipo de comportamentos observados.

Figura 38

Comportamentos da L. face à categoria reações da L. ao conto da história



Face aos resultados apresentados podemos afirmar que a *reação de L. ao conto da história* social foi muito positiva, sendo que 36,84% dos comportamentos se relacionam com a *atenção dirigida às imagens e ao contador da história* seguindo-se a *demonstração de espanto, admiração e/ou alegria* (24,34%). Outro valor percentual interessante refere-se à *manifestação de diversos comportamentos motores e vocais* assumindo 17,10% dos comportamentos de envolvimento manifestados pela L. Por outro lado, a perda do foco na história foi um dos comportamentos com menos valor percentual apresentado. Assim, podemos dizer que a L. se divertiu bastante com a história e que tem a sua atenção tanto no contador como na história, tal como sugere a transcrição da história “Aprende a brincar e a partilhar” na sessão de pequeno grupo.

[...]-“Não! É cor de rosa! Mas é um cor de rosa escuro mas é um cor de rosa” – diz o contador e a L. fixa o contador escutando com muita atenção.

“- A L. deu um abraço à C. e a C. deu um abraço à L.” – diz o contador enquanto vai passando a página pelos meninos. A L. quando vê a página, sorri e gesticula aproximando as suas mãos do livro.

“- Quero dar festinhas.” - diz a B.

“- Elas são amigas e estão muito...” – diz o contador

“- Felizes” - respondem os meninos e a L. bate palmas e olha para a sua mão que está em cima da mesa.

“- Digam lá uma coisa... nós...” - diz o contador e a L. aproxima a sua mão do livro e diz:

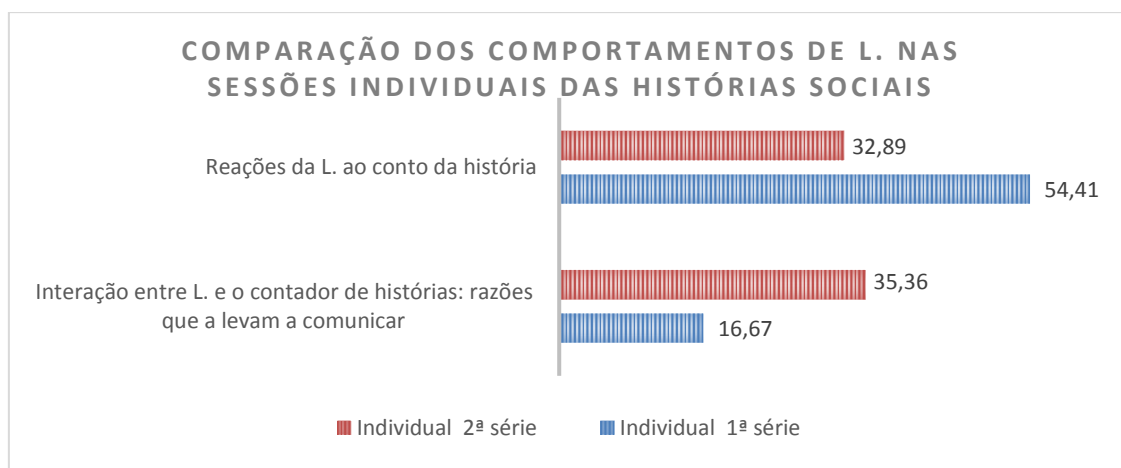
“- Quero contar” –pede a L.

Expostos os resultados relativos aos comportamentos de L. nas duas séries de conto de HS, entendemos importante comparar esses resultados considerando três tipos de sessão realizadas: individual, pequeno grupo e grande grupo.

A figura seguinte compara então os comportamentos da L. nas sessões individuais.

Figura 39

Comparação dos comportamentos da L. nas sessões individuais do conto de histórias sociais



Podemos verificar que 1ª série da sessão individual da HS “Já sei brincar no recreio” a *reação da L. ao conto da história* foi importante, representando 54,41% dos comportamentos de L. Porém, na 2ª série registou-se um decréscimo, com o conto da história “Aprender a brincar e a partilhar”. Estes resultados podem justificarem-se pelo fator surpresa, dado que na 1ª série da história foi a primeira vez que a L. teve contato com este tipo de história e em que a personagem principal era ela mesma. Ver as suas próprias fotografias nos contextos e com as pessoas que lhe são familiares pode ter dado origem a estas reações.

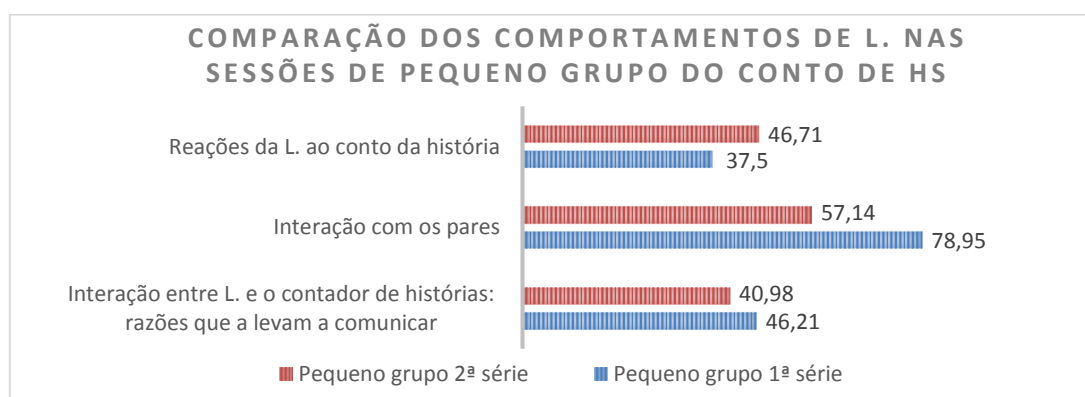
No que diz respeito à interação com o contador, na 1ª série apenas 16,67% dos comportamentos de L. se relacionaram com este tipo de comportamento, observando-se uma subida percentual importante (35,36%) na 2ª série da história.

Importa referir ainda que nas duas séries não se observaram comportamentos por parte da L. relacionados com *formas de exploração da história* e com a *interação com os pares*.

Vamos agora de seguida identificar os comportamentos da L. na sessão de pequeno grupo, ilustrados na figura abaixo.

Figura 40

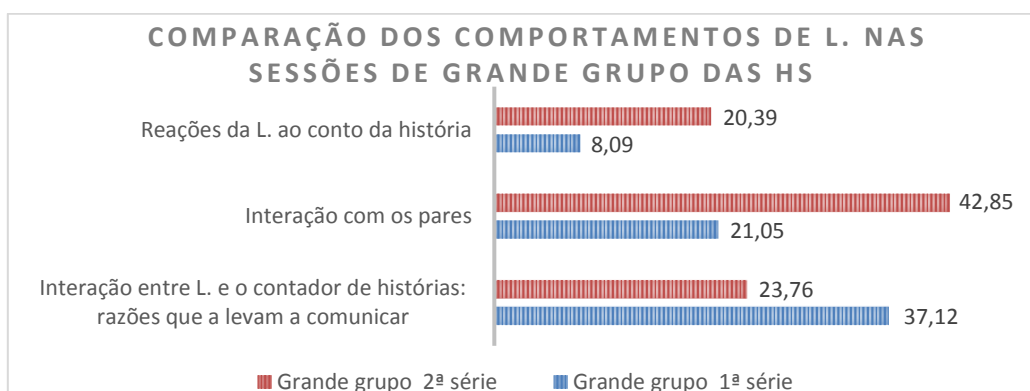
Comparação dos comportamentos da L. nas sessões de pequeno grupo das histórias sociais



Podemos verificar que existem diferenças percentuais entre as duas séries de conto das HS, porém considera-se que são pouco relevantes, à exceção dos comportamentos relacionados com a interação com os pares que apresentou um decréscimo importante da 1ª (78,95%) para a 2ª sessão (57,14%). Consta-se ainda que os comportamentos relativos às *Reações da L. ao conto da história* na sessão de pequeno grupo são percentualmente ligeiramente superiores na 2ª série, com a história “Aprender a brincar e a partilhar”. Relativamente aos comportamentos relacionados com a interação com o contador, a diferença verificada no valor percentual foi pouco relevante entre as duas séries de conto da história. Compare-se os comportamentos da L. nas sessões em grande grupo, na figura 41.

Figura 41

Comparação dos comportamentos da L. nas sessões de grande grupo das histórias sociais



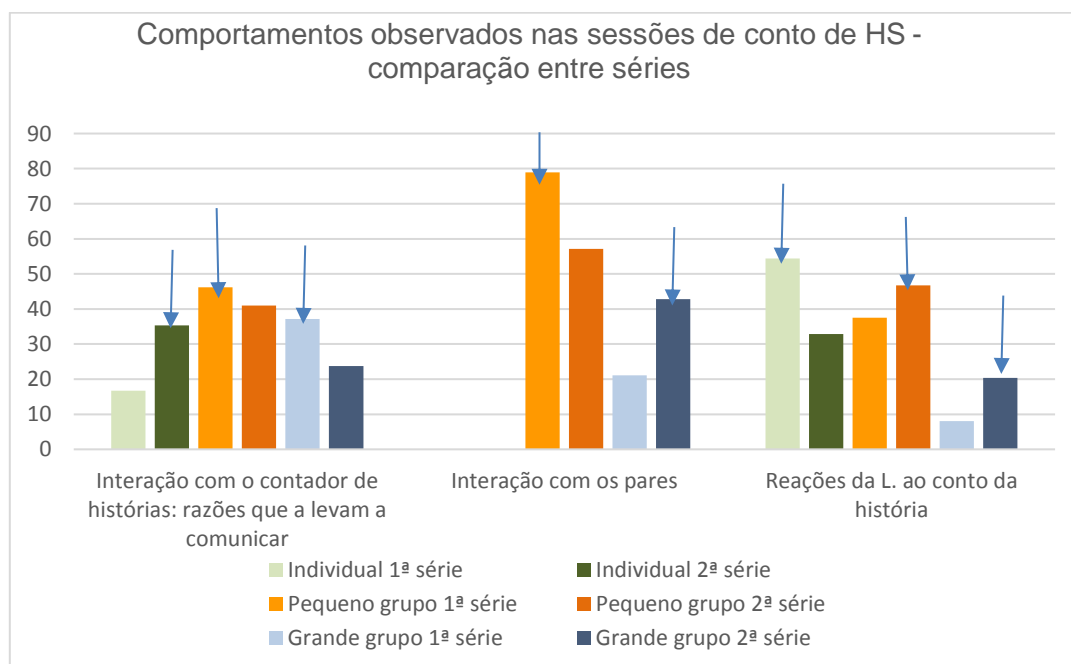
Ao observar os resultados apresentados na figura anterior podemos perceber que houve uma diferença significativa entre as duas séries das histórias, da 1ª para a 2ª, mais concretamente nos comportamentos relativos às interações com os pares e às reações da L. ao conto da história. Esta tendência não foi observada nos comportamentos relacionados com a *interação entre L. e o contador de histórias*.

Comparando agora o tipo de comportamentos observados nas duas séries e nos três tipos de sessões, convém lembrar que, tal como aconteceu com os outros dois tipos de histórias, houve uma diferença na ordem das sessões das duas séries. Na 1ª série começamos pela sessão individual e terminamos com a de grande grupo, na 2ª série as sessões aconteceram pela ordem inversa.

Olhando para os resultados apresentados na figura que se segue, verifica-se que os comportamentos manifestados pela L. no que à relação aos outros diz respeito estiveram mais presentes nas sessões de pequeno grupo, considerando tanto a interação com o contador como com os pares. Quanto aos comportamentos relacionados com a história propriamente dita, observa-se que estes estiveram mais visíveis na primeira sessão individual (1ª série) e na segunda sessão em pequeno grupo (2ª série).

Figura 42

Comportamentos observados nas sessões de conto de histórias de sociais – comparação entre séries.



No geral, comparando os comportamentos manifestados pela L. nas HS, considerando as duas séries e os três tipos de sessões dinamizados, entende-se que não é clara a existência de um padrão de comportamentos, de uma série para a outra, considerando os três tipos de sessões. Portanto, neste tipo de história, a ordem pela qual as sessões aconteceram, parece não ter tido influência nos comportamentos manifestados pela L.

1.4. Comparação dos resultados

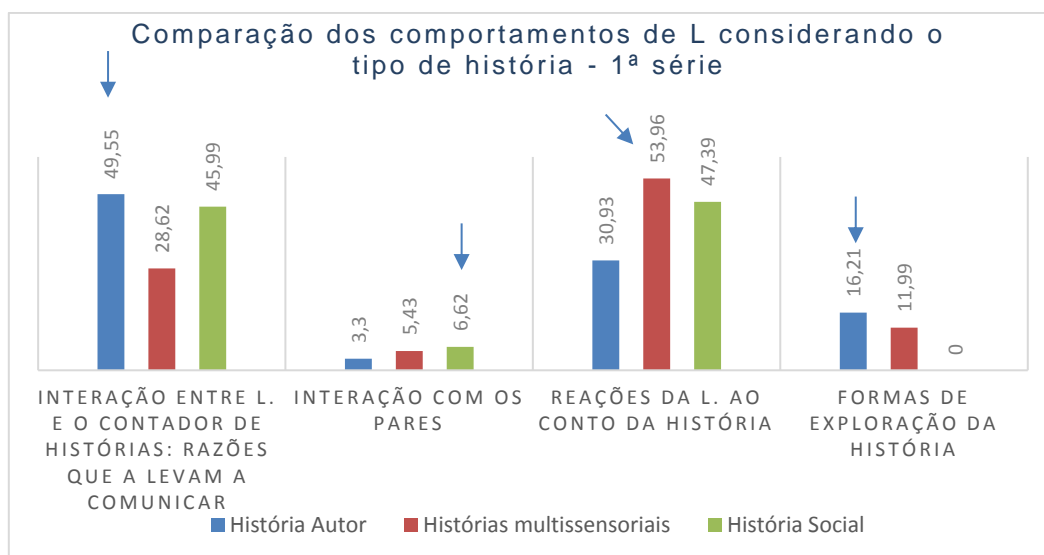
Este tópico do presente trabalho compara os resultados referentes aos comportamentos da L. perante os diferentes tipos de histórias contadas e de sessões realizadas.

1.4.1. Considerando os diferentes de tipos de história

Vamos agora comparar os comportamentos manifestados pela L. atendendo aos diferentes tipos de histórias contadas. A figura que se segue ilustra os resultados obtidos.

Figura 43

Comparação dos comportamentos da L. considerando o tipo de história da 1ª série



Esta figura evidencia que L. manifestou distintos comportamentos durante o conto dos três tipos de histórias, sendo que não se verificou propriamente um padrão de prevalência de determinado tipo de história face a outro.

No que diz respeito à interação entre L. e o contador de histórias observa-se que as HA e as HS parecem favorecer mais a presença deste tipo de comportamento, contrariamente às HMS. Todavia, não se verifica o mesmo quando se observam os comportamentos relacionados com a interação com pares, sendo que esses comportamentos foram mais prevalentes nas HS e HMS e menos evidentes nas HA.

Considerando os comportamentos relacionados com as reações de L. ao conto de histórias, destacam-se as HMS e as HS.

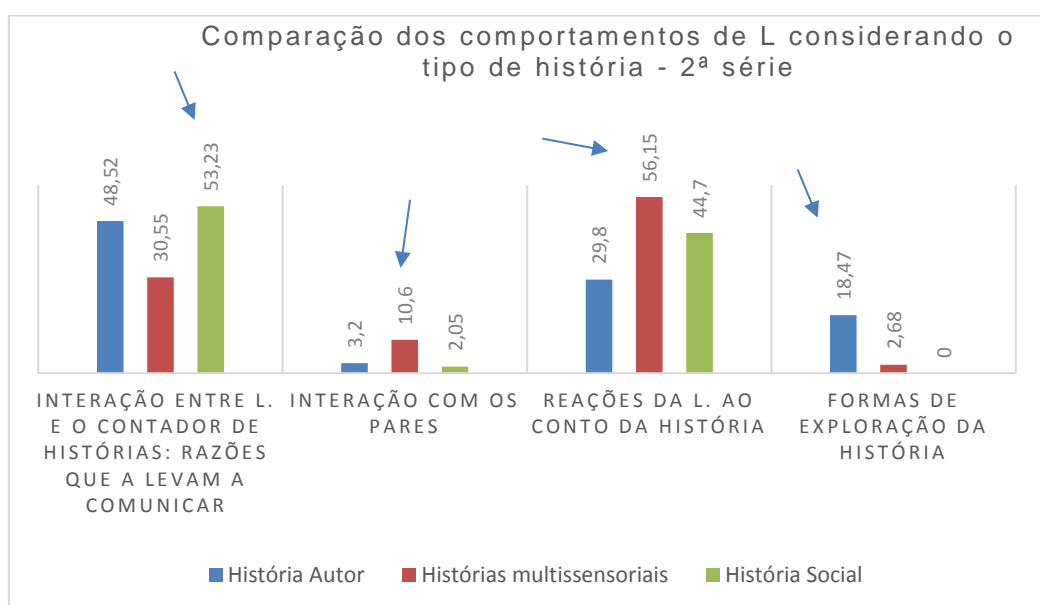
Quanto aos comportamentos referentes às formas de exploração da história salienta-se que esse tipo de comportamentos foi mais evidente nas HA e nas HMS. Convém ainda referir que esta categoria de comportamentos não se evidenciou nas HS.

Em síntese, verificou-se que as HA conduziram L. à apresentação de mais comportamentos de interação com o contador de histórias e de formas de exploração das histórias do que o restante tipo de histórias. Porém, importa referenciar que as HS também se revelaram importantes para promover a interação entre L. e o contador de histórias. Por outro lado, as HMS pareceram favorecer mais a manifestação de comportamentos relacionados com a reação às histórias. De assinalar ainda que as HS levaram a L. a interagir mais com os seus pares, do que os outros dois tipos de histórias.

Vamos agora perceber o comportamento da L. na 2ª série das diferentes histórias, como ilustrado na figura seguinte.

Figura 44

Comparação dos comportamentos da L. considerando o tipo de história da 2ª série



Na 2ª série de conto de histórias verificou-se que as HS foram as mais promotoras de comportamentos de *interação com o contador*. Neste tipo de comportamentos salienta-se também o papel desempenhado pelas HA. Constatou-se assim, que as HMS foram o tipo de histórias que levaram a L. a apresentar menos comportamentos nesta categoria.

Os dados revelam ainda que a L. manifestou uma elevada percentagem de comportamentos categorizados como sendo reações de L. ao conto das histórias. A este nível destacam-se também as HMS.

Os comportamentos relacionados com a *interação com os pares* assumiram valores percentuais mais significativos no caso das HMS, seguindo-se as HA.

Quanto às *formas de exploração da história* destacaram-se as HA.

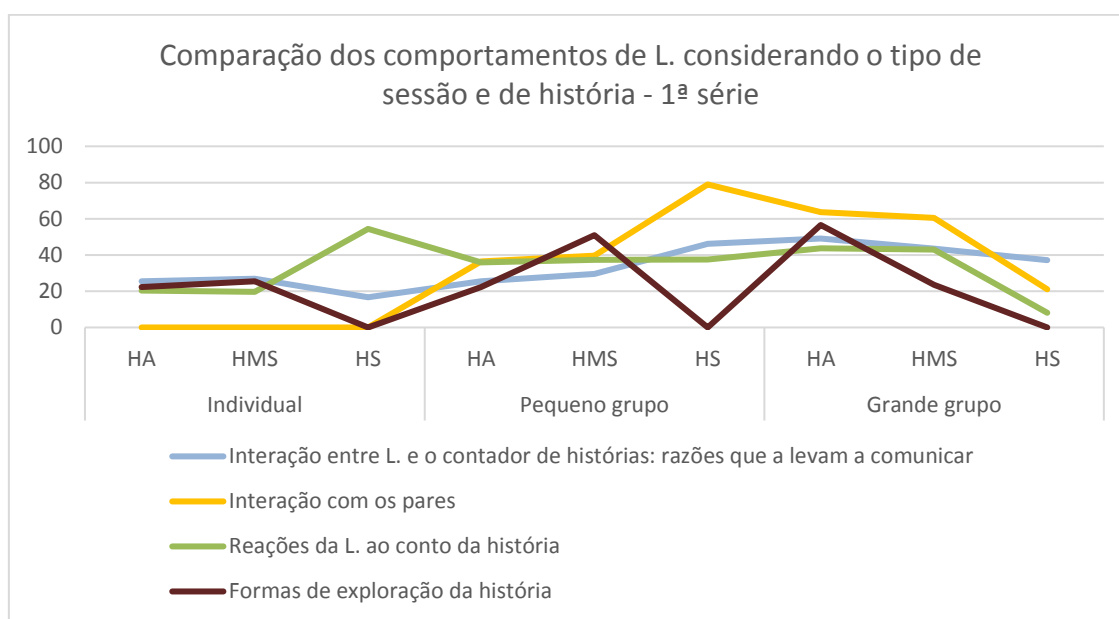
É agora importante confrontar os diferentes tipos de história e de sessões.

1.4.2. Considerando os diferentes tipos de história e de sessão

Os dados recolhidos permitiram-nos ainda comparar os comportamentos que a criança L. apresentou aquando o conto dos três tipos de histórias, considerando o tipo de sessão desenvolvida. A figura que se segue apresenta os resultados obtidos na 1ª série de conto de histórias.

Figura 45

Comparação dos comportamentos da L. considerando o tipo de sessão e de história contada – 1ª série



Face aos resultados acima expressos percebemos que nas sessões individuais da 1ª série, os comportamentos de L. ao nível das *interações com o contador de histórias e das formas de exploração de histórias* foram muito similares durante o conto das HA e HMS. Por outro lado, a percentagem de comportamentos relativos às reações ao conto da história foi claramente superior aquando o conto da HS, comparativamente com os outros dois tipos de histórias. Porém, aquando o conto deste último tipo de histórias não se observou comportamentos relacionados com as formas de exploração da história. Fica claro ainda que no conto deste tipo de histórias L. manifestou menor diversidade de comportamentos, considerando as quatro categorias comportamentais definidas.

Observando as sessões em pequeno grupo, regista-se que: (i) nas HMS os comportamentos de L. relacionados com a categoria *formas de exploração da história* assumiram claro destaque; (ii) nas HS destacam-se os comportamentos relacionados com a interação com os outros (pares e contador) e (iii) é neste tipo de histórias (HS) que se regista uma maior variabilidade de comportamentos por parte de L.

Quanto às sessões em grande grupo constata-se a tendência de decréscimo dos comportamentos de L. aquando o conto de HMS e HS, sendo particularmente visível nas HS. O mesmo não se verifica no conto de HA, observando o aumento percentual de comportamentos de L. em todas as categorias definidas. Analisando as distintas categorias comportamentais, observa-se que a interação com o contador se mantém muito estável ao longo de todas as sessões de grande grupo das três histórias. Aqui, nesta última sessão da 1ª série, a interação com os pares aparece em destaque para todas as histórias, exceto para a HS. A interação com o contador assim como a reação da L. ao conto, mantém-se com percentagens muito similares entre a HA e a HMS, sendo que na primeira aparece em destaque a forma de exploração da história.

Para concluir, podemos afirmar que os comportamentos de L. inseridos na categoria *interação da L. com o contador* apresenta valores percentuais ascendentes, a partir da HS da sessão individual e à medida que as histórias e as sessões vão acontecendo, sofrendo um ligeiro decréscimo na HS da sessão grande grupo.

Os comportamentos de interação com os pares vão aumentando até a sessão de pequeno grupo da HS onde atinge o seu maior valor percentual. A partir desse ponto vai decrescendo na sessão de grande grupo, estabilizando nas HA e HMS, sofrendo depois o decréscimo significativo na HS da mesma sessão.

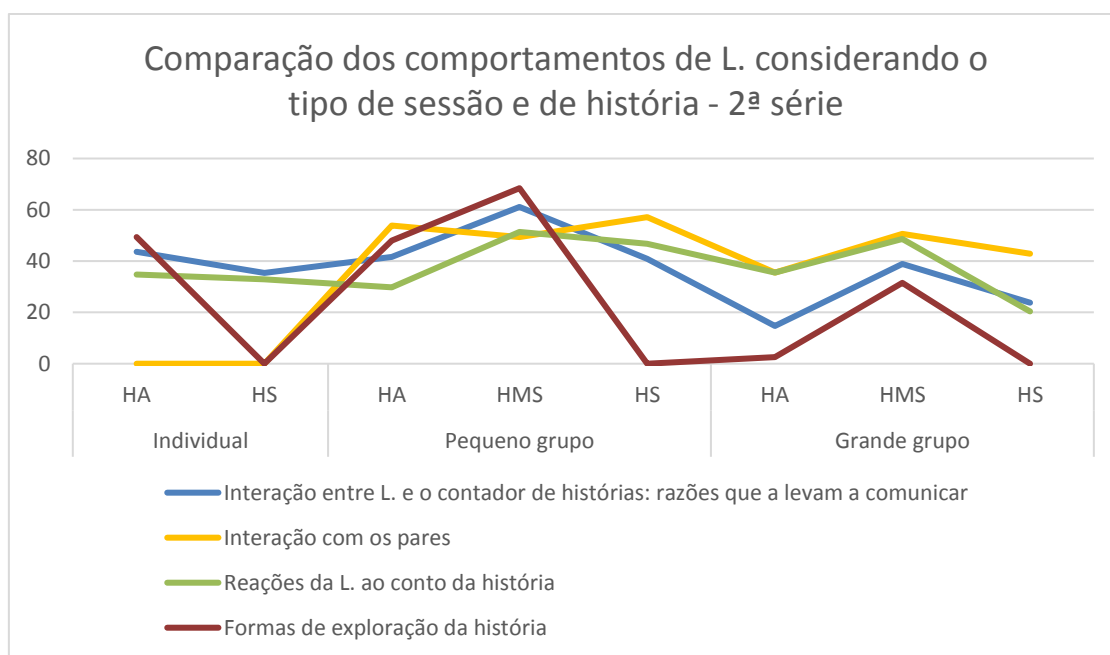
A reação da L. ao conto das histórias não tem muitas variâncias, atingindo o seu pico na HS individual, começando a decrescer logo de seguida e estabilizando até à sessão da HS de grande grupo onde sofreu um decréscimo acentuado.

As formas de exploração da história é a linha que apresenta uma maior oscilação à medida que as sessões e as histórias vão acontecendo. Atinge dois picos, um na HMS de pequeno grupo e a outra na HA de grande grupo, voltando a decrescer até a HS da mesma sessão.

Podemos também concluir que todos os comportamentos manifestados pela L. sofreram um decréscimo significativo na sessão de grande grupo da HS.

Figura 46

Comparação dos comportamentos da L. considerando o tipo de sessão e de história – 2ª série



Ao observarmos os resultados expressos na figura acima constatamos que, nesta série de histórias existe oscilação nos comportamentos da L. à medida que os tipos de história e de sessão vão acontecendo, particularmente no que às Formas de exploração da história diz respeito.

Nas sessões individuais os comportamentos de interação com o contador e as reações da L. ao conto da história são ligeiramente superiores no conto da HA do que no conto da HS. Não houve comportamentos de exploração da história na HS.

Nas sessões em pequeno grupo destaca-se o facto de a L. manifestar maior envolvimento e participação (considerando as categorias comportamentais definidas)

no conto da HMS do que nos outros tipos de histórias e sessões. Porém, os comportamentos de interação com os pares atingem valores superiores no conto da HS. Verifica-se assim, que as sessões em pequeno são as mais favoráveis à manifestação de comportamentos de interação entre L e os outros, assim como de interação com as histórias.

Nas sessões em grande grupo o conto da HMS volta a assumir destaque comparativamente com as restantes histórias, na medida em que a L. manifesta mais comportamentos de envolvimento e participação durante o conto deste tipo de história.

Constata-se ainda que, na sessão em grande grupo do conto da HS os comportamentos da L. nas quatro categorias definidas decresce, comparativamente com o outro tipo de sessões.

Analisando os diversos tipos de comportamentos observados, regista-se o facto de os comportamentos de *interação com o contador* apresentarem oscilações entre os diversos tipos de sessões e de história, assumindo o seu pico no conto de HMS em pequeno e em grande grupo.

A *interação com os pares* teve igualmente um comportamento de oscilação, obtendo o seu valor máximo na HS na sessão em pequeno grupo e no conto da HMS na sessão em grande grupo.

Quanto aos comportamentos *de exploração da história e de reação da L. ao conto* estes atingem o pico no conto da HMS em pequeno e em grande grupo. Convém ressaltar que em relação ao primeiro comportamento este também obteve um valor importante no conto da HA individual.

2. Envolvimento de L. na atividade de contação de histórias

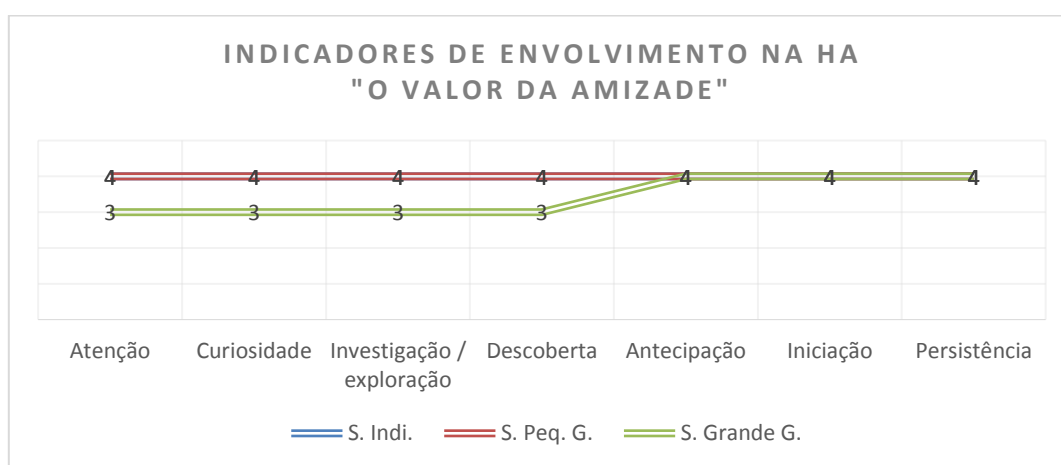
Este tópico é dedicado à apresentação dos resultados decorrentes da análise do envolvimento da L. nas diferentes sessões, atendendo aos diferentes tipos de histórias contadas e sessões dinamizadas. Estes resultados resultam da utilização da Escala de Envolvimento do instrumento *Engagement Profile and Scale* como referido na metodologia. Vamos começar por apresentar os níveis de envolvimento obtidos considerando os diferentes tipos de história: história de autor, história multissensorial e história social. Depois procederemos à comparação dos resultados obtidos.

2.1. Envolvimento na contação de Histórias de Autor

Lembramos que as duas histórias de autor foram contadas em dois momentos diferentes, sendo que na 1ª série, foi contada a história “O Valor da Amizade” e na 2ª série “O Rato Renato não quer partilhar”. Observemos, na figura que se segue, os valores obtidos pela L. para cada indicador, em cada uma das sessões (individual, pequeno grupo e grande grupo) considerando cada uma das séries.

Figura 47

Indicadores de envolvimento na HA “O Valor da amizade”



A análise da figura acima permite perceber que os níveis de envolvimento de L. nesta história foram elevados, tendo obtido o valor 4 correspondendo ao «nível máximo de envolvimento» em todos os indicadores da escala nas sessões individuais e em pequeno grupo. O valor mais baixo (3), correspondendo a «envolvimento quase sempre mantido»), foi observado em quatro dos sete indicadores apresentados na sessão em grande grupo, a saber nos indicadores atenção, curiosidade, investigação e descoberta. Os indicadores antecipação, iniciação e persistência.

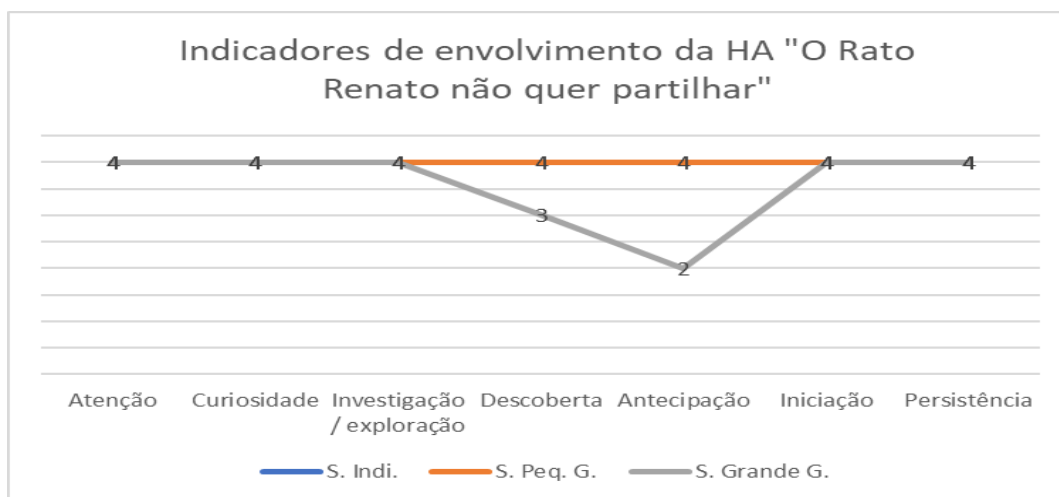
Podemos concluir que a L. na sessão em grande grupo teve mais dificuldade em manter o foco, facto que comprometeu o envolvimento nos outros indicadores, à exceção da antecipação, iniciação e persistência. Pensamos que o facto de esta sessão corresponder à terceira vez que a L. ouviu a história facilitou a manutenção de um elevado nível de envolvimento nos restantes indicadores da escala, pois permitiu-lhe antecipar os acontecimentos da história. O registo na história na sessão de grande grupo “O Valor da amizade” (anexo N) nos indicadores *atenção*, *curiosidade*, *investigação e descoberta* constitui um exemplo revelador de que a L. apresentou

períodos de atenção, conseguiu perceber o que vai acontecer, fez perguntas e manifestou entusiasmo, comportamentos que foram classificados com valor 3, correspondendo a «envolvimento quase sempre mantido». Verificou-se ainda que a L. antecipou os acontecimentos no decorrer da história, teve iniciativa para descrever o que via e manteve-se envolvida e participativa, obtendo nestas dimensões / indicadores o valor 4, correspondendo ao «nível máximo de envolvimento».

Vamos agora perceber quais os valores obtidos em cada indicador de envolvimento no conto da HA da 2ª série “O Rato Renato não quer partilhar”. Estes valores estão expressos na figura abaixo.

Figura 48

Indicadores de envolvimento no conto da HA “O Rato Renato não quer partilhar”



Os dados da 2ª série da história de ator “O Rato Renato não quer partilhar” permitem perceber que os níveis de envolvimento de L. nesta história foram elevados, tendo obtido o valor 4 «nível máximo de envolvimento» em todos os indicadores da escala nas sessões individuais e de pequeno grupo. O valor 3, «envolvimento quase sempre mantido», esteve presente na sessão em grande grupo relativamente ao indicador *descoberta* e na mesma sessão houve um valor ainda mais baixo (2) correspondente a «envolvimento parcialmente mantido» no indicador *antecipação*.

Tal como nos pode exemplificar a transcrição do registo de comportamentos da L. na história na sessão em grande grupo “O Rato Renato não quer partilhar” podemos perceber que no indicador *atenção*, a L. mantém-se, na maioria das vezes, atenta; revela-se curiosa porque desconhece o que vai acontecer, fazendo perguntas e revelando interesse, nos indicadores *curiosidade e investigação / exploração*, tem

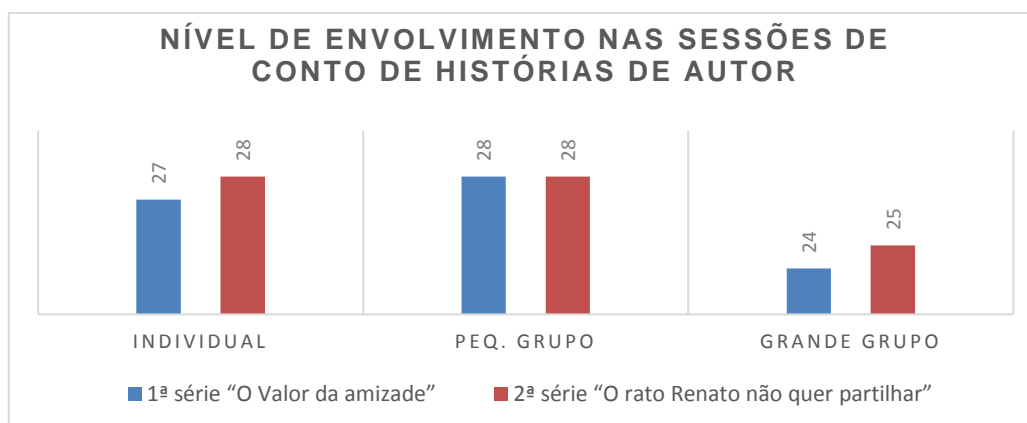
iniciativa para descrever o que vê e mantém-se envolvida e participativa, situando assim os indicadores *iniciação* e *persistência* no nível 4. Quanto à *antecipação*, a L. não conhece de imediato a história, não antecipa conhecimentos. Relativamente ao indicador *descoberta* revela entusiasmo através da expressão verbal situando-se no nível 3.

Nesta série a ordem pela qual aconteceram as sessões foi diferente da primeira, aqui a sessão em grande grupo aconteceu pela primeira vez o que justifica o valor 2 na antecipação, a L. dado que não poderia antecipar algo conhecido, por estar a ouvir essa história pela primeira vez.

Seguidamente comparam-se os comportamentos de envolvimento obtidos nas diferentes sessões do conto de histórias de autor, resultado das somas dos indicadores obtidos em cada sessão.

Figura 49

Comportamentos de envolvimento nas diferentes sessões da história de autor



Face aos dados apresentados verifica-se que nas sessões individuais o nível de envolvimento subiu ligeiramente da 1ª para a 2ª série, passando de 27 para 28, correspondendo ao nível máximo de envolvimento. Nas sessões em pequeno grupo, os valores mantiveram-se no nível mais elevado em ambas as séries. Quanto à sessão em grande grupo, os valores apresentam uma ligeira melhoria da 1ª para a 2ª série, mas a L. obteve níveis de envolvimento inferiores aos conseguidos nos outros dois tipos de sessão, mas correspondendo igualmente ao nível máximo de envolvimento.

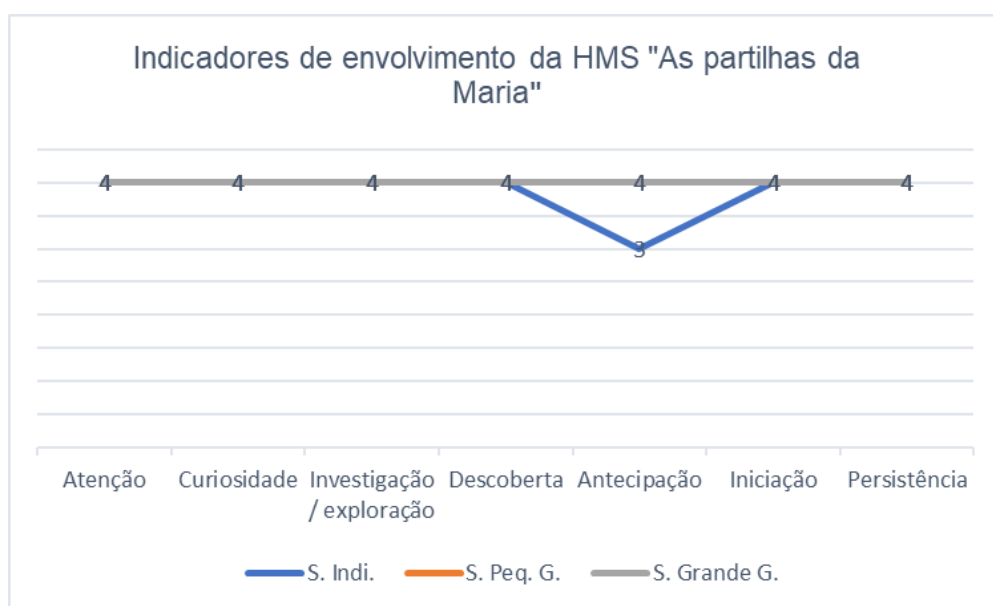
Vejamos os resultados referentes às histórias multissensoriais.

2.2. Envolvimento na contação de Histórias Multissensoriais

Quanto ao nível de envolvimento apresentado por L. durante o conto das duas HMS, nas duas séries (na 1ª série foi contada a história “As partilhas da Maria” e na 2ª série “A surpresa”) e nos três tipos de sessões dinamizadas, os resultados obtidos encontram-se expressos na figura que se segue.

Figura 50

Indicadores de envolvimento na HMS “As partilhas da Maria”



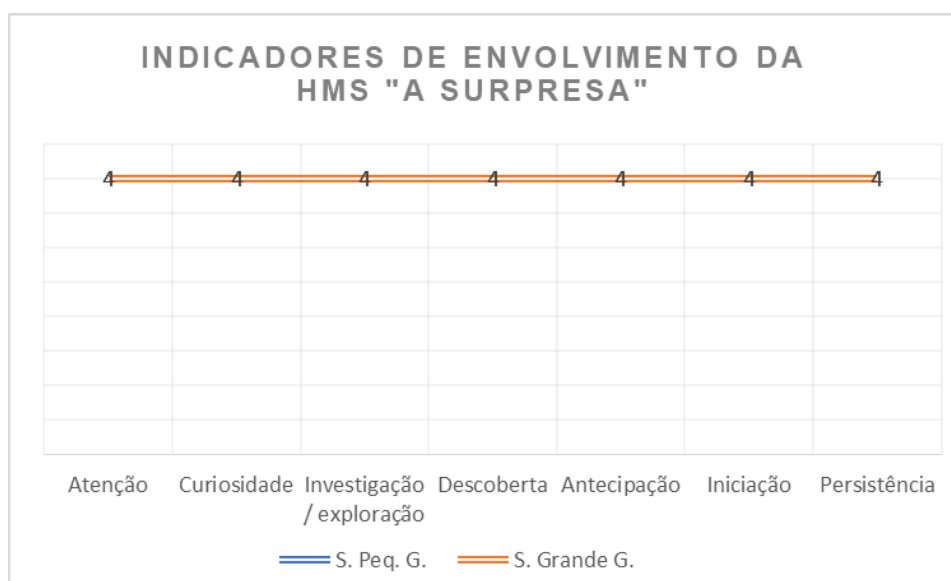
Na 1ª série da HMS, a L. revelou níveis de envolvimento classificado com o valor 4 «nível máximo de envolvimento» em todos os indicadores em todas as sessões, à exceção do indicador antecipação na sessão individual, em que obteve o valor 3 correspondendo a «envolvimento quase sempre mantido». Este resultado pode ser justificado pelo facto de ser a primeira vez que a L. contactava com aquela história, pelo que seria difícil conseguir antecipar o que vinha a seguir.

A transcrição do registo de comportamentos da L. na sessão individual da HMS “A partilha da Maria” revela que a L. mantém o nível de envolvimento no valor 4 «nível máximo de envolvimento» em todos os indicadores uma vez que está sempre atenta, perguntando várias vezes “O que é?” ou “Quem é?”, mostrando interesse e entusiasmo através da postura corporal. Começa a descrever e explorar os objetos da página antes do contador, revela vontade de explorar e manusear os objetos existentes, assim como comportamentos de autonomia no manuseamento dos mesmos. Contudo, no indicador

antecipação, a L. obteve o valor 3, correspondendo a «envolvimento quase sempre mantido», uma vez que antecipou algumas das muitas situações existentes na história. Vamos agora apresentar os valores obtidos em cada indicador de envolvimento aquando o conto da HMS “A surpresa” nas sessões em pequeno e em grande grupo. Os valores estão expressos na figura abaixo.

Figura 51

Indicadores de envolvimento de L. no conto da HMS “A Surpresa”



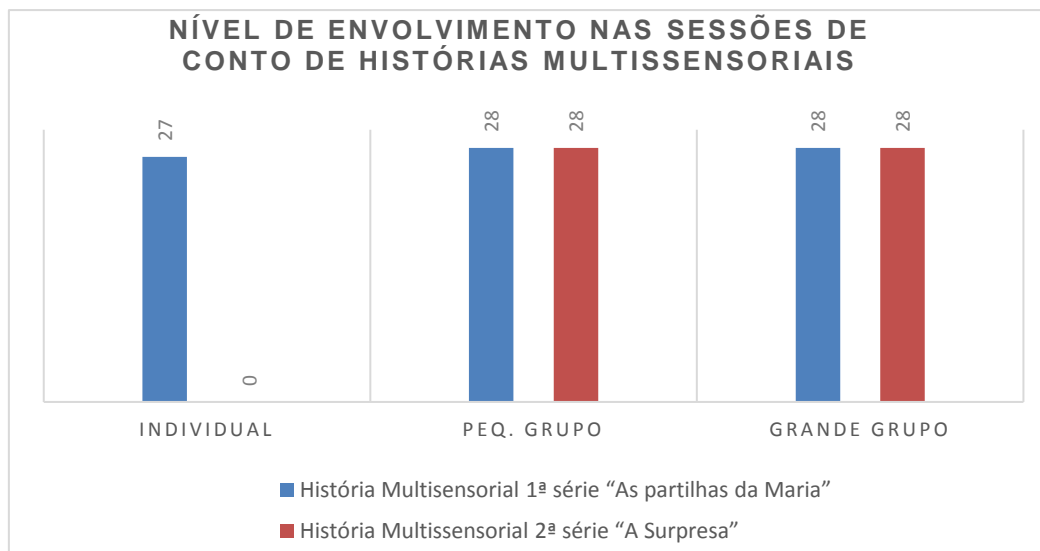
Esta história conseguiu manter a L. completamente envolvida, tendo-se registado o valor 4 «nível máximo de envolvimento» em todos os indicadores, considerando as sessões em pequeno e grande grupo. De referir que nesta série do conto da HMS, não aconteceu a sessão individual, devido à pandemia da COVID-19.

Na HMS “A surpresa” a L. obteve o valor 4 «nível máximo de envolvimento» em todos os indicadores, ela está maioritariamente atenta, faz perguntas e revela interesse, manifesta entusiasmo através da postura corporal e da expressão verbal, antecipando o que vem a seguir, tendo iniciativa para descrever o que vê e voluntariando-se para participar, explorar e experimentar. Mantém-se assim envolvida e participativa ao longo de toda a história.

Vamos de seguida comparar os comportamentos de envolvimento nas diferentes sessões da HMS, resultado do somatório dos valores obtidos nos diversos indicadores em cada sessão.

Figura 52

Comportamentos de envolvimento da L. no conto das HMS nas diversas sessões



Constata-se que a L. obteve níveis de envolvimento bastante elevados em todas as sessões do conto das HMS, sendo os mais elevados, os correspondentes às sessões em pequeno e em grande grupo. Na sessão individual só teve lugar a 1ª série da história, uma vez que nos vimos impossibilitadas de realizar a 2ª série, devido à pandemia COVID -19. Contudo, na sessão que nos foi possível fazer, a L. obteve um nível de envolvimento muito elevado (27). Tanto nas sessões em pequeno como em grande grupo a L. atingiu o valor máximo de envolvimento possível, 28 correspondendo ao «nível máximo de envolvimento».

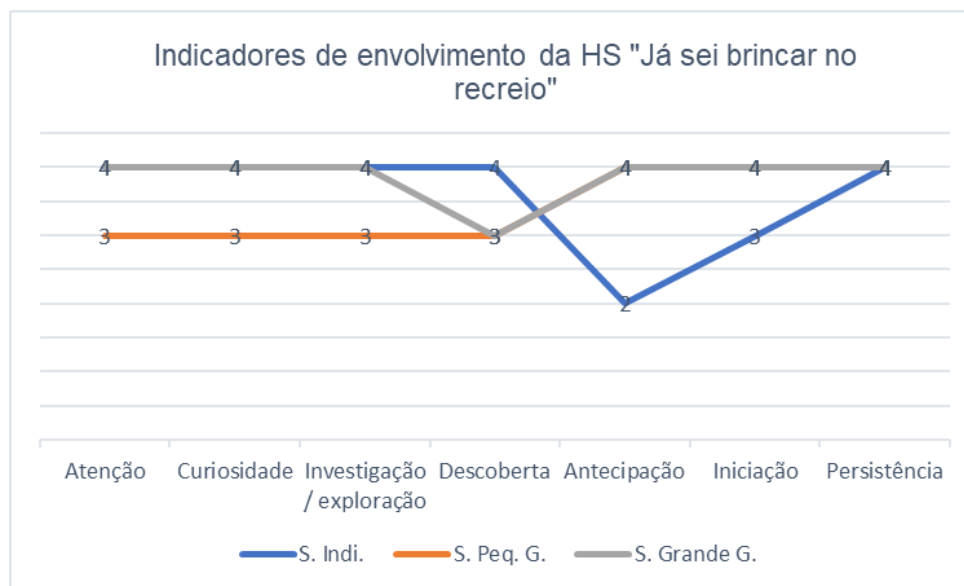
Por último, vamos observar, o nível de envolvimento obtido com as histórias sociais em ambas as séries.

2.3. Envolvimento na contação de Histórias Sociais

Foram contadas duas HS em duas séries diferentes: na 1ª série, a história social "Já sei brincar no recreio" e na 2ª série a história "Aprender a brincar e a partilhar". Segue-se a apresentação dos valores obtidos em cada sessão em cada uma das séries.

Figura 53

Comportamentos de envolvimento nas diferentes sessões da história social 1ª série



Na 1ª série da HS “Já sei brincar no recreio” e na sessão realizada em grande grupo, que correspondeu nesta primeira série à terceira vez que a L. ouviu a história, a L. obteve o valor 4 de envolvimento, correspondendo a «nível máximo de envolvimento», em quase todos os indicadores de envolvimento, à exceção do indicador descoberta que obteve valor 3 «envolvimento quase sempre mantido»

Na sessão realizada em pequeno grupo, correspondeu à segunda vez que a história foi contada, a L. obteve o valor 3, correspondendo a «envolvimento quase sempre mantido», nos seguintes indicadores: atenção, curiosidade, investigação e descoberta. Para a mesma sessão, obteve o valor 4 «nível máximo de envolvimento» nos indicadores: antecipação, iniciação e persistência.

Na sessão individual a L. obteve o valor 2, correspondendo a «envolvimento parcialmente mantido», no indicador *antecipação* e o valor 3, «envolvimento quase sempre mantido», no indicador *iniciação*. De salientar que nesta sessão a L. ouviu pela primeira vez a história o que não lhe permitiu antecipar qualquer acontecimento. Houve assim algumas oscilações nos valores obtidos em cada um dos indicadores de envolvimento neste tipo de história, parecendo-nos que o tipo de sessão teve aqui alguma influência.

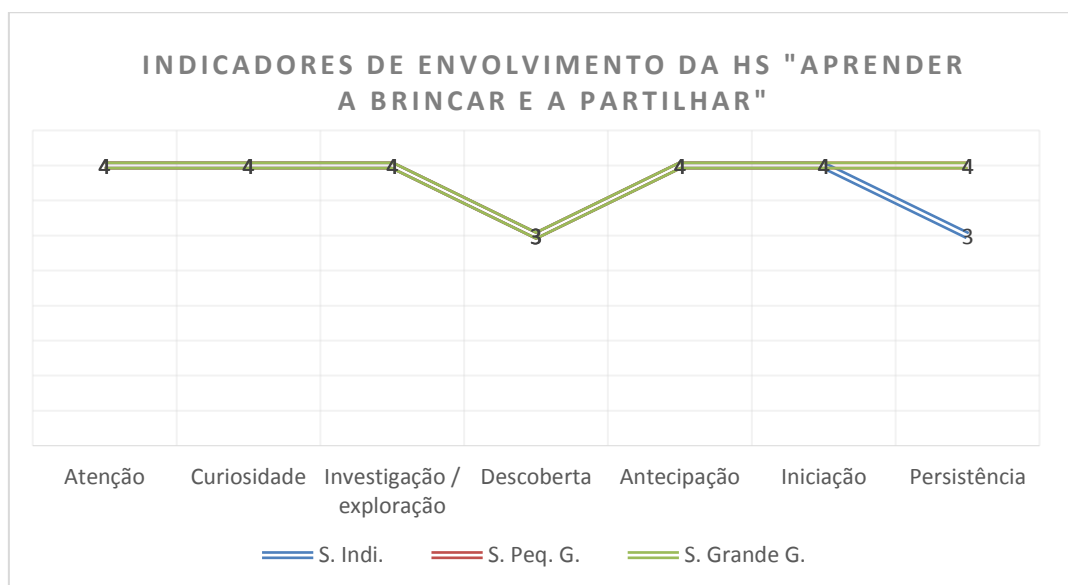
A transcrição da sessão de grande grupo da história “Já sei brincar no recreio, onde a L. obteve valor 4 «nível máximo de envolvimento» em todos os indicadores revela que a L. esteve maioritariamente atenta, sabia o que ia acontecer; fez perguntas

e revelou interesse, teve iniciativa para descrever e fazer observações acerca do que vê, antecipando os acontecimentos no decorrer da história. Relativamente ao indicador *descoberta*, manifestou entusiasmo e excitação através da postura corporal e da expressão verbal, obtendo para este o valor 3 «envolvimento quase sempre mantido».

Vamos agora apresentar na figura que se segue, os valores obtidos em cada indicador de envolvimento na HS da 2ª série “Aprender a brincar e a partilhar”.

Figura 54

Comportamentos de envolvimento nas diferentes sessões da história social 2ª série



Na sessão individual, a L. conseguiu alcançar o valor 4 «nível máximo de envolvimento» em quase todos os indicadores, à exceção dos indicadores *descoberta* e *persistência* que obteve o valor 3 «envolvimento quase sempre mantido». Lembramos que nesta 2ª série, a sessão individual foi onde a L. ouviu a história pela terceira vez, podendo em parte justificar o valor 3 obtido nestes indicadores, pois já conhecia muito bem a história. Nas sessões em pequeno e em grande grupo a L. obteve em quase todos os indicadores de envolvimento o valor 4 «nível máximo de envolvimento» à exceção do indicador *descoberta* em que obteve valor 3 «envolvimento quase sempre mantido» em ambas as sessões.

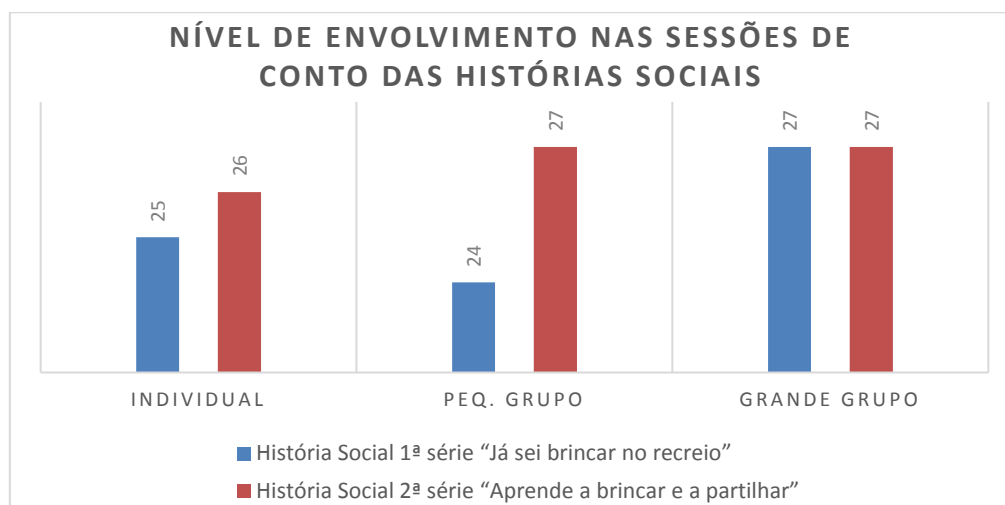
Na transcrição da sessão de pequeno grupo da história “Aprender a brincar e a partilhar” a L. obteve valor 4 «nível máximo de envolvimento» em quase todos os indicadores de envolvimento à exceção do indicador *descoberta*. Ela está maioritariamente atenta, mostra-se curiosa, sorrindo e intervindo a cada página, faz perguntas e revela interesse, tem iniciativa para fazer observações acerca do que vê

nas imagens e antecipa acontecimentos no decorrer da história, mantém-se assim envolvida no decorrer do conto. Obteve valor 3 «envolvimento quase sempre mantido» apenas no indicador *descoberta* manifestando algum entusiasmo e excitação através da postura corporal e expressão verbal.

Comparemos agora os comportamentos de envolvimento de L. nos três tipos de sessão referentes ao conto da HS. Os resultados obtidos estão expressos na figura 55.

Figura 55

Comportamentos de envolvimento nas diferentes sessões da história social



A análise dos dados presentes na figura acima, permite-nos concluir que na sessão individual, o nível de envolvimento melhorou ligeiramente da 1ª para a 2ª série. Na sessão de pequeno grupo, houve igualmente uma melhoria no nível do envolvimento de uma série para outra, sendo esta mais importante do que a anterior. Por último, na sessão em grande grupo, os níveis de envolvimento mantiveram-se iguais nas duas séries da história com o valor de 27. Verificou-se que o nível de envolvimento manifestado pela L. correspondeu em todas as sessões a «nível máximo de envolvimento».

2.4. Comparação do nível de envolvimento obtido considerando o tipo de histórias contadas

Ao compararmos os níveis de envolvimento obtidos no conto das diferentes histórias, nas diversas sessões, podemos constatar que, de uma maneira geral, os níveis de envolvimento obtidos na 2ª série são iguais ou superiores aos da 1ª série. Este resultado leva-nos a afirmar que de uma série para a outra se registou um movimento

de subida do nível de envolvimento manifestado pela L. Ou seja, apesar de existirem algumas diferenças nos valores absolutos, o nível de envolvimento situou-se sempre no nível considerado «nível máximo de envolvimento».

De todas as histórias contadas, aquelas em que L. apresenta níveis de envolvimento mais elevados são as HMS, com um valor médio de 27,8. Conjetura-se que o facto de estas histórias apelarem à exploração e aos sentidos tenha despertado na L., um maior interesse e, conseqüentemente, um maior envolvimento.

Na história social podemos também observar um movimento de subida à medida que este tipo história vai sendo contada e as sessões vão acontecendo, à exceção da sessão de pequeno grupo na 1ª série da história. Existe um outro dado interessante que devemos assinalar, nas HMS e na HS não houve decréscimo de envolvimento nas sessões de grande grupo ao contrário do que aconteceu com a história de autor. Na história de autor, na situação de grande grupo, a L. revelou ter comportamentos de envolvimento inferiores aos das outras sessões em ambas as séries. Pensamos que, o facto de o conto da história acontecer em grande grupo possa ter contribuído para a L. destabilizar o seu comportamento e perder o foco na história mais facilmente. Contudo, isto não se verificou no conto das HMS e HS.

2.5. Comparação dos níveis de envolvimento da L. e de outras crianças tendo em conta o tipo de história

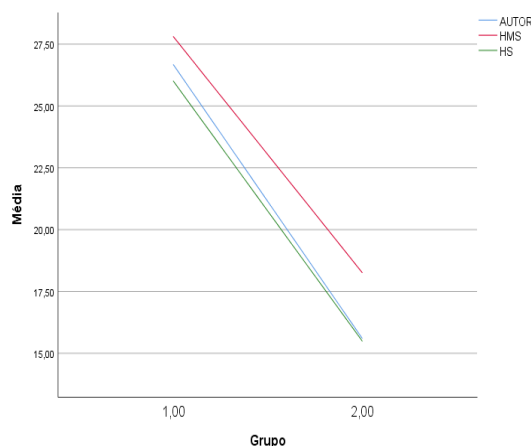
Depois de conhecermos o nível de envolvimento obtido pela L. nas diferentes sessões e tipos de história, sentimos necessidade de compará-lo com os níveis obtidos por outras três crianças do mesmo grupo, que participaram neste estudo, ou seja que ouviram as histórias com a L. nas sessões em pequeno grupo (B, T, M) (ver anexo O).

Vamos então comparar as médias de envolvimento obtidas para cada grupo, sendo que no grupo 1 está a L. e no grupo 2 está o resultado das médias dos níveis de envolvimento das outras 3 crianças do grupo considerando o tipo de história. Estas médias estão descritas nas figuras abaixo.

Figura 56

Médias de envolvimento para cada tipo de história e grupo de crianças.

Relatório				
Grupo		AUTOR	HMS	HS
1,00	Média	26,6667	27,8000	26,0000
	N	1	1	1
	Erro Desvio	.	.	.
2,00	Média	15,6111	18,2667	15,5000
	N	3	3	3
	Erro Desvio	2,12350	3,07463	2,36291
Total	Média	18,3750	20,6500	18,1250
	N	4	4	4
	Erro Desvio	5,79332	5,38733	5,59327



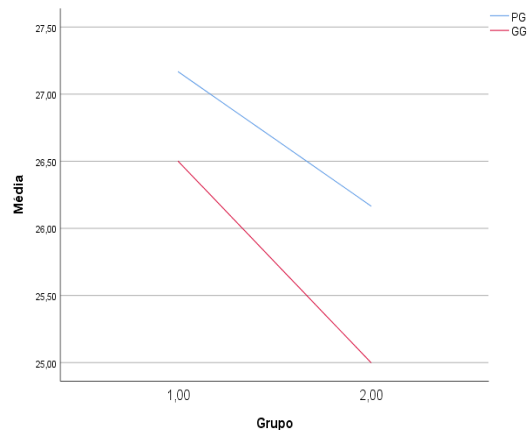
Ao observar as figuras acima verificamos que a L., pertencente ao grupo 1 da tabela, obteve para cada uma das histórias um nível de envolvimento bastante superior ao conseguido pelas outras três crianças do grupo (2). Importa realçar que a L. obteve sempre o «nível máximo de envolvimento» nos três tipos de histórias, o mesmo não acontecendo com os seus colegas do grupo 2, cujos níveis de envolvimento oscilaram entre «envolvimento parcialmente mantido» e «envolvimento quase sempre mantido». Analisando os níveis de envolvimento considerando o tipo de história, apurámos ainda que a HMS foi a história que suscitou um maior número de comportamentos de envolvimento para ambos os grupos: para o grupo 1 representou um valor médio de 27,8 e para o grupo 2 de 18,26, seguindo-se as HA e depois as HS, com a mesma ordem de importância para ambos os grupos.

Vamos de seguida comparar os valores obtidos para cada grupo de crianças considerando as sessões em pequeno e grande grupo. Aqui, não se encontra contemplado para o 2º grupo a sessão individual uma vez que não foram contadas as histórias individualmente a cada uma das outras três crianças presentes no estudo por isso, esta sessão não pode ser alvo de comparação. Os resultados obtidos, em cada uma das duas sessões, estão representados nas figuras abaixo.

Figura 57

Médias de envolvimento para cada sessão e grupo de crianças

Grupo		IND	PG	GG
1,00	Média	26,6000	27,1667	26,5000
	N	1	1	1
	Erro Desvio	.	.	.
2,00	Média		26,5833	25,2500
	N		2	2
	Erro Desvio		,58926	,35355
Total	Média	26,6000	26,7778	25,6667
	N	1	3	3
	Erro Desvio	.	,53576	,76376



A análise dos dados acima expressos permite-nos perceber que a criança L. do grupo 1 obteve um nível de envolvimento superior na sessão de pequeno grupo (27,16), seguindo-se a sessão individual (26,60) e por último a de grande grupo (26,5000). Embora se registre esta diferença os valores de envolvimento situam-se sempre no «nível máximo de envolvimento». Apresenta-se o mesmo padrão de envolvimento para o grupo 2. Ou seja, também as três crianças do grupo 2 apresentam comportamentos de envolvimento superiores na sessão de pequeno grupo (26,58), comparativamente com a sessão em grande grupo (25,25). Apesar da diferença não ser muito relevante ela existe e é de salientar. Perante os resultados expostos podemos afirmar que o nível de envolvimento das crianças decresce quando estas se encontram em situação de grande grupo.

Sendo assim podemos concluir que os comportamentos de envolvimento apresentados pela L. nas sessões e tipos de história apresentam o mesmo padrão quando comparadas com os das outras crianças, contudo, os níveis de envolvimento atingidos com os comportamentos da L. são superiores aos dos colegas do mesmo grupo o que nos leva a acreditar que as histórias foram significativas para a L.

De seguida é importante perceber se os diferentes tipos de histórias tiveram influência na promoção do desenvolvimento social da L. o que aparece descrito no tópico seguinte.

3. Influência dos diferentes tipos de história na promoção do desenvolvimento social de L.

3.1. Competências sociais manifestadas pela L.

Após o conto das histórias voltámos a aplicar a escala de desenvolvimento Growing Skills. No anexo P encontram-se descritos os valores obtidos para cada uma das dimensões da escala. Aqui vamos-nos focar, sobretudo, nos resultados obtidos na dimensão interação social e autonomia, uma vez que, segundo esta escala, ambas as dimensões estão relacionadas com o desenvolvimento social. Na tabela 7 podemos comparar os resultados obtidos nos dois momentos em que foi aplicada a escala.

Tabela 7

Nível de aquisição de competências obtido nas dimensões da Escala Growing Skills

<i>Antes das sessões do conto das histórias</i>				<i>Depois das sessões de conto das histórias</i>			
Dimensões da Escala	Nível de aquisição (Max)	Total obtido	Equivalência em Meses	Dimensões da Escala	Nível de aquisição (Max)	Total obtido	Equivalência em Meses
Locomotora	20	12	24	Locomotora	20	12	24
Manipulativa	28	23	36	Manipulativa	28	27	60
Visual	20	11	12	Visual	20	12	15
Audição/Fala	21	15	30	Audição/Fala	21	16	36
Fala/Linguagem	22	18	36	Fala/Linguagem	22	20	43
Interação Social	24	16	24	Interação Social	24	22	36
Autonomia pessoal	23	13	24	Autonomia pessoal	23	18	43
Cognitivo	34	14	18	Cognitivo	34	20	30

Os resultados expressos indicam uma melhoria em todas as dimensões da escala, à exceção da locomotora. Mas, centremo-nos nas dimensões que nos interessam para o nosso estudo (interação social e autonomia pessoal), dimensões que correspondem à competência do desenvolvimento social. Após a leitura das histórias verifica-se que houve melhoria em ambas as dimensões. A interação social passou de um total de 16 (24 meses) para 22 (36 meses) e a autonomia pessoal de um total de 13 (24 meses) para 18 (43 meses). Podemos assim inferir que a leitura das histórias pode ter contribuído para uma melhoria ao nível do desenvolvimento social da L.

Olhando para os resultados das notas de campo (anexo J) realizadas na sala de atividades e no recreio podemos perceber a natureza das interações estabelecidas entre a L. e os pares nestes contextos (anexo Q). Como se descreve na figura que se segue, houve mais registos de interações de natureza positiva do que negativa, tanto da parte da L. como dos pares.

Tabela 8*Natureza das interações nos diferentes contextos.*

Categories	Subcategorias	Indicadores
Interação com pares no recreio	De natureza positiva decorrente da iniciativa de pares	Coloca perguntas a L. Responde afirmativamente ao pedido de L.
	De natureza positiva decorrente da iniciativa de L.	Responde positivamente ao pedido da colega Empurra o carrinho à colega Faz perguntas à colega Diz obrigada à colega
	De natureza negativa decorrente da iniciativa de L	Puxa a colega que estava a andar no carrinho e esta começa a chorar Vê algo que uma colega tem e tira-lho deixando a colega a chorar
Interação com pares na sala de atividades	De natureza positiva decorrente da iniciativa de pares	Responde que sim à L. Pergunta quem gostaria de partilhar algo com a L. Partilha algo com a L.
		Arranjam lugar na roa para a L. se sentar. A L. brinca ao faz de conta por um longo período com colegas. Defende a L. perante os colegas Olha para a colega Saúda com entusiasmo a L. quando regressa ao JI Chamam pelo nome de L.
	De natureza negativa decorrente da iniciativa de pares	Não quer que a L. brinque com ela.
	De natureza positiva decorrente da iniciativa de L.	Pergunta delicadamente à colega se empresta algo Olha para a colega Brinca com uma colega Cumprimenta os colegas quando chega Pede desculpa à colega
	Estratégias usadas pela L. para regular o comportamento	Aperta as mãos uma na outra e diz para ter calma
	De natureza negativa decorrente da iniciativa de L.	Tira um brinquedo à colega

Ao analisarmos as interações que resultaram da iniciativa dos pares (anexo Q) podemos averiguar que houve mais interações de natureza positiva (pró sociais) na sala de atividades do que no recreio. Houve ainda recepções positivas dos pares à L. na sala de atividades aquando da sua chegada a esse mesmo contexto. Tal pode ser verificado nas notas de campo 5 e 13 que passamos a transcrever (anexo J):

“Depois de um período de ausência devido à realização de uma cirurgia, a L. regressa à sala. Assim que chega com o pai, os colegas dirigem-se a ela, começam a bater palmas e a gritar: - L, L., L. – gritavam todos”

“Nesta manhã estávamos numa roda a realizar um jogo quando a L. chegou mais tarde por ter ido a uma consulta. A L. ao chegar diz: - Bom dia!” “Todos os meninos responderam e imediatamente se desviaram para arranjar lugar à L para se sentar na roda”

Os comportamentos de natureza negativa (antissociais) decorrentes da iniciativa dos pares aconteceram somente no contexto, sala não havendo nenhuma interação negativa a registar no contexto recreio. A transcrição da nota de campo n.10 exemplifica uma dessas interações decorrentes no contexto sala (anexo J):

“A M. estava a brincar com a C. na área da escrita e a M. diz à C.:
- Não quero que a L. venha brincar connosco, ela grita muito! - diz a M.
- Não digas isso, não fales assim da L.! Ela grita, mas é porque ela é assim...não podes falar assim dela!
A M. calou-se demonstrando ter percebido a mensagem da colega C.”

É ainda evidente que as interações decorrentes da iniciativa de L. no contexto recreio, são na sua maioria de natureza positiva. Passamos a transcrever uma das interações positivas da L. neste mesmo contexto, presente na nota de campo n.1: (anexo J):

“A L. estava no recreio a andar de carrinho e uma colega perguntou se podia andar de carro, a L. respondeu que sim e cedeu o seu lugar à colega. Depois de ter cedido ainda empurrou o carrinho à colega toda satisfeita.”

No contexto de sala de atividades, os comportamentos de natureza positiva decorrentes da iniciativa da L. são mais expressivos, do que os de natureza negativa passamos então a transcrever uma dessas situações positivas relatadas na nota de campo n.6 (anexo J):

” A L. estava a brincar na área da biblioteca e foi buscar o livro da história social “Já sei brincar no recreio” e começa a “ler” e durante a leitura diz:

- Quando queremos andar de baloiço temos de pedir e esperar, para ouvir o que a colega vai falar...”

Posto isto, torna-se também interessante verificar que as interações de natureza positiva decorrente tanto da L. como dos seus pares são notórias noutros contextos e para outras pessoas, tal como nos sugere as transcrições das notas de campo 4, 9 e 11. Na nota de campo 4, percebemos que existem encarregados de educação que se apercebem do trabalho realizado em sala e que questionam o mesmo numa reunião de avaliação tal como se pode verificar na transcrição seguinte (anexo J):

“Numa reunião de avaliação com o encarregado de educação da A. o encarregado de educação pergunta:

- Susana, vocês andam a trabalhar as relações sociais, não andam?

- Sim, mas porque pergunta?

- A A. agora chega a casa e diz que a L. é amiga dela.

A A. não gostava nada da L. e fazia-nos muitas queixinhas dela. Agora quer trazer brinquedos de casa de propósito para partilhar com ela. E diz que são todos amigos uns dos outros e que devem partilhar os brinquedos com os amigos. “Eu vou partilhar com a L.” – diz ela”

Na nota de campo 9 podemos constatar que a própria mãe da L. se apercebe das interações positivas decorrentes de colegas para com a L., tal como nos sugere a transcrição seguinte (anexo J):

“A mãe da L. veio buscar a L. mais cedo à escola para a levar à terapia da fala. O colega T. estava no WC e cruza-se com a mãe da L. e pergunta-lhe:

- A L. vai embora? – pergunta o T. à mãe da L.

- Sim T. a L hoje tem de ir mais cedo. Vai às terapias

- Oh que pena! Logo hoje que eu queria começar a ensinar a L. a andar de bicicleta. – diz o T..

- Oh T. mas fazemos assim...amanhã eu prometo que a L. fica até um bocadinho mais tarde para a ensinares a andar de bicicleta. – responde a mãe da L. visivelmente emocionada”

Por último, podemos concluir que as assistentes operacionais também reconhecem esta melhoria de comportamentos entre os diferentes elementos do grupo, como se exemplifica com a transcrição n. 11 (anexo J):

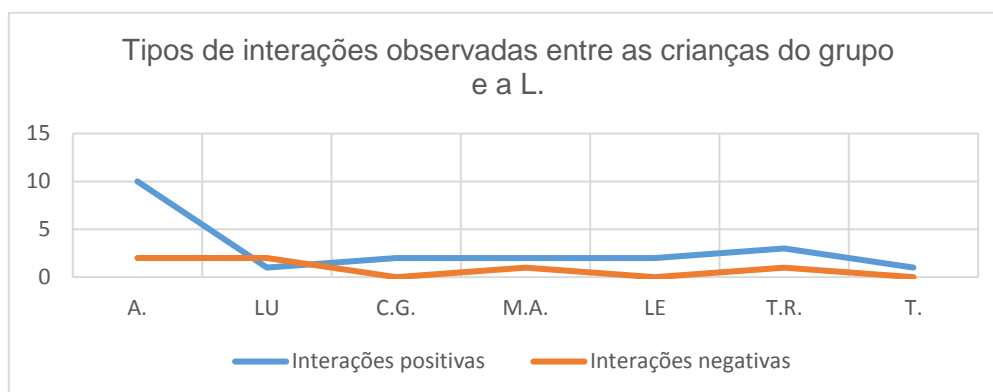
“A assistente operacional comenta com a educadora:

- Já viste? Desde as histórias da partilha que agora não há dia nenhum que os meninos não tragam algo para partilhar. Histórias, chocolates, rebuçados, plasticinas, slimes, brinquedos, sei lá... andam sempre carregados”.

Para complementar estes dados segue-se, na figura 60, a descrição do tipo de interações observadas entre a L. e as crianças do grupo, resultado das notas de campo realizadas durante o período de investigação.

Figura 58

Crianças e tipos de interações



Observámos que a L. estabeleceu interações, sobretudo, com sete crianças do seu grupo, sendo essas interações de natureza positiva (pró social) e de natureza negativa (antissocial). As primeiras aconteceram com mais frequência do que as segundas, ou seja, apenas com uma criança a L. manifestou mais comportamentos de natureza negativa do que positiva. Importa ressaltar que estes eventos sociais envolveram mais meninas do que meninos (apenas as duas últimas crianças - T.R. e T. - pertencem ao sexo masculino, as restantes ao sexo feminino).

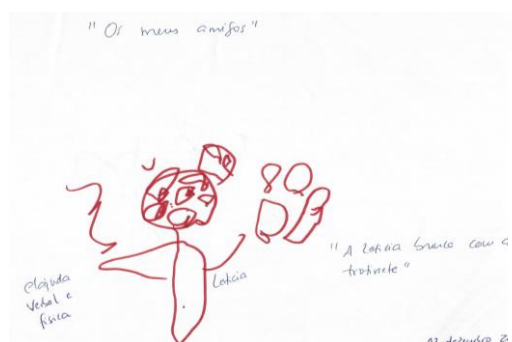
Segundo as notas de campo as interações entre L e a criança A. (criança do sexo feminino) assumiram destaque, bem como as estabelecidas entre ela e o T.R. (criança do sexo masculino). As interações entre estas crianças registaram mais comportamentos de natureza positiva do que negativa. Importa referir que o T., a C.G. e a LE não manifestaram comportamentos de natureza negativa para com a L.

Complementarmente aos resultados já apresentados, analisaram-se os dados referentes ao portefólio da L. (desenhos, conversas, partilhas e fotografias), os quais

nos permitiram também caracterizar as relações de amizade estabelecidas entre a L. e os seus pares. Começamos por apresentar dois desenhos da L., um realizado antes e outro após o conto das histórias.

Figuras 59

No início da contação das histórias



No final da contação das histórias

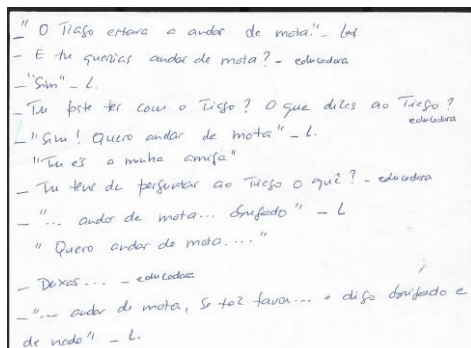


Podemos verificar através destas figuras que a L no início da contação das histórias não conseguiu representar nenhum colega no seu desenho. Quase no final do processo de contação das histórias a L. já representa alguns dos seus colegas, (o T, a A.) e ainda nomeou a colega C.G. As crianças representadas no desenho da L. são as mesmas que, como apresentaremos mais adiante, nos testes sociométricos (anexo R) nomearam a L. (T. e A.) e que aparecem nas notas de campo (anexo J) como colegas com a capacidade de desenvolver interações positivas com a L.

Na figura abaixo, encontramos um pequeno registo de uma conversação entre a L. e a educadora onde um destes colegas volta a ser novamente nomeado. Neste registo percebe-se que a L. consegue usar nos contextos corretos alguns dos conceitos abordados nas histórias e manifestar competências sociais que foram trabalhadas com a L. ao longo deste processo.

Figuras 60

Registo de conversação da L. com o contador



Para além deste tipo de registos constam ainda no álbum do portefólio da L. algumas fotografias que registam momentos de interação com os colegas. A fotografia abaixo retrata um desses momentos em que a L. brinca ao faz de conta na casinha com a colega A. Esta finge que é uma esteticista a pintar as unhas da L. Estiveram assim por um longo período, sem conflitos nem desentendimentos.

Figura 61

A brincar ao faz de conta com a colega A.



Face aos resultados apresentados podemos inferir que as histórias parecem ter contribuído para a melhoria da qualidade de interações estabelecidas entre a L. e os pares. Assim, podemos inferir ainda que a atividade de contação de histórias contribuiu para a aquisição de competências sociais na L. e que esta já vai conseguindo adequá-las às situações e aos contextos.

3.2 Caracterização do índice sociométrico de L.

Concluído o conto das duas séries de histórias, nas diferentes sessões realizadas foram novamente aplicados os testes sociométricos ao grupo de crianças.

Tal como já foi referido anteriormente e na sequência da pandemia COVID -19, este teste foi aplicado de uma forma distinta da do primeiro.

A análise dos resultados obtidos implicou a elaboração de uma matriz sociométrica (ver anexo R) onde verificámos que o índice de posição sociométrica da L. se situa no valor 5 que corresponde a um valor abaixo da média. Contudo, este é um valor superior ao conseguido na primeira matriz que correspondeu ao valor 2, considerado muito abaixo da média. Sendo assim, podemos inferir que o conto de histórias pode ter influenciado esta subida no índice sociométrico da L. permitindo que esta tenha passado de um nível muito abaixo da média para abaixo da média, conseguindo, uma ligeira subida.

Sentimos também a necessidade de comparar o índice sociométrico obtido pela L. com o dos três meninos do mesmo grupo em cada um dos dois testes realizados. O primeiro grupo é constituído apenas pela L. e o segundo corresponde às outras três crianças do grupo. Os resultados estão expressos na figura abaixo.

Figura 62

Médias do teste sociométrico 2

Grupo		sociometrico1	sociometrico2
1,00	Média	2,00	5,00
	N	1	1
	Erro Desvio	.	.
2,00	Média	9,67	12,00
	N	3	3
	Erro Desvio	7,095	6,557
Total	Média	7,75	10,25
	N	4	4
	Erro Desvio	6,946	6,397

Ao observar os resultados acima expressos certificamos que houve uma melhoria no valor do índice sociométrico de um teste para outro, em ambos os grupos. Como se disse antes, no primeiro teste, a L. obteve um índice sociométrico de 2 «muito abaixo da média» e no segundo de 5 «abaixo da média». Em relação ao segundo grupo, constituído pelas outras três crianças estas passaram de 9,67 no primeiro teste, correspondendo a um valor que se situa na «média» para 12,00, entendido como estando «acima da média». Verificamos que os valores de L. são muito distintos dos seus três colegas.

Com base nos dados da matriz sociométrica foram realizados os sociogramas, um para cada uma das questões colocadas (anexo R). Em relação à primeira questão: quem escolherias para fazer um trabalho contigo? a L. foi escolhida por dois colegas (A e o TR) e esta escolha foi recíproca. Na segunda questão: quem escolherias para ir ao parque contigo? a L. voltou a ser escolhida por dois amigos (T e J.). Neste caso e em relação ao menino T. a escolha também foi recíproca. Na última questão, quem escolherias para levar para tua casa para brincar com os teus brinquedos? a L. só foi escolhida por um amigo (E).

Relacionando os dados até agora apresentados com os resultados dos testes sociométricos (Anexos R), constata-se que algumas destas crianças (T., A. e T.R.) nomearam a L. como elemento preferencial nas suas interações sociais. É ainda curioso registar que T., M.A. e C.G. se constituíram como três líderes no grupo. O T., a A. e o T.R. parecem ser crianças importantes para a L. e vice-versa. É ainda de ressaltar que destas sete crianças uma delas pertence ao grupo de crianças com quem a L. partilhou a escuta das histórias nas sessões em pequeno grupo.

Face aos resultados obtidos registamos uma melhoria no índice sociométrico de L., ainda que se tenha mantido no nível mais baixo, contudo, um nível acima do conseguido no teste sociométrico inicial.

Depois de concluída a apresentação dos resultados obtidos procede-se no próximo capítulo à sua discussão, considerando-se as questões orientadoras e os objetivos definidos para este estudo, bem como a revisão da literatura.

Capítulo 4 - DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

| ' ' | | ' ' |

Ao chegarmos a esta etapa do estudo, parece-nos necessário retornar às questões de investigação expostas no início e confrontá-las, uma vez que foram elas o fio condutor do estudo. Pretendemos ainda discutir os resultados obtidos à luz da revisão da literatura.

A questão de partida do nosso estudo procura perceber “De que modo o conto de diferentes tipos de história em diversos contextos influencia o envolvimento e a participação de uma criança com multideficiência na atividade de contação de histórias no jardim de infância, bem como o seu desenvolvimento social?”

Para dar resposta a esta questão de partida começamos por caracterizar o modo como a criança com multideficiência se envolve e participa na atividade de contação de diferentes tipos de histórias (multissensoriais, sociais e de autor). Ao analisar os resultados obtidos podemos concluir que, à medida que a L. vai tendo contato com as histórias (no decorrer das três sessões), aumenta também a sua participação no conto, interagindo com mais frequência com o contador e com a história propriamente dita. Pode observar-se esta tendência, sobretudo nas HA e nas HMS. Confrontando estes resultados com a teoria verificamos que, Caldin citado por Schneider e Torossian (2009) a história “favorece o diálogo e a possibilidade de socialização dos participantes, promovendo, assim, uma melhora funcional na sua comunicação.” (p.140). Este resultado vai ainda ao encontro do que Nunes e Amaral (2004) defendem: a necessidade de se implementar uma rotina estruturada e de se repetirem as situações em diversos contextos, permitindo à criança sentir-se segura, antecipar acontecimentos e estruturar o seu pensamento, promovendo-se, assim, uma aprendizagem mais eficaz. Portanto, a L. à medida que se familiarizou com as histórias foi adquirindo maior capacidade de envolvimento quer com o outro, participando, questionando e comunicando com o contador e pares quer com a história propriamente dita.

Percebemos também que o uso das HMS para além de favorecer a relação com os outros assume um papel significativo nas reações que a L. manifesta perante o conto das histórias propriamente ditas, particularmente nas formas de exploração da própria história. Elas favoreceram a realização de ações com os objetos recorrendo aos diferentes sentidos e provocaram na L. demonstração de sentimentos de espanto, admiração, ansiedade e alegria. Estes resultados vão ao encontro do que Nunes (2011) refere acerca destas histórias, que estas apelam à exploração de diferentes sentidos: tato (contato físico com objetos), auditivo, olfativo, visual e até gustativo, que permitem uma maior interação e envolvimento por parte da criança com a história e com o

contador. Hohmam e Weikart (2011) defendem que é através da leitura de histórias às crianças, por um adulto significativo, que se cria um laço emocional e pessoal muito forte, de forma a que as crianças passam a associar a satisfação intrínseca à relação que estabelecem com essas histórias e com a leitura (p. 574) permitindo-lhes ainda conhecer e identificar as diferentes emoções.

Podemos perceber ainda que as HA conduziram a L. à manifestação de mais comportamentos de interação com o contador, do que os restantes tipos de história. Face a estas histórias a L. também manifestou mais comportamentos categorizados como sendo relativos à exploração destas histórias. As HMS por sua vez favoreceram mais a manifestação de comportamentos categorizados como sendo relativos à reação às histórias.

Quanto às HS, podemos afirmar que, ao contrário das outras histórias, a ordem pela qual as sessões aconteceram parece não ter tido qualquer relevância e que os comportamentos manifestados foram mais significativos nas sessões de pequeno grupo. Percebeu-se também que este tipo de história levou a L. a interagir mais com os seus pares do que o conto dos outros dois tipos de história. Esta conclusão vai também ao encontro do que defende Brilha (2012): o uso das HS “permitiu identificar comportamentos comunicativos nos alunos e perceber que a utilização destas histórias lhes trouxe ganhos em termos de interação... observou-se que os comportamentos de interação expressos durante o conto das histórias sociais são mais e mais variados” (p.99).

Foi também nosso objetivo compreender a influência do contexto e do tipo de histórias nos processos de envolvimento e de participação desta criança na atividade de contação de histórias. Aqui tentamos ir um bocadinho mais longe, uma vez que, para além de conhecermos os níveis de envolvimento da L. nos diferentes tipos de história e de sessões, quisemos ainda compará-los aos níveis de envolvimento conseguidos para outras três crianças do grupo. Crianças essas, que fazem parte do pequeno grupo com quem a L. ouviu os diferentes tipos de histórias.

Podemos concluir que a L. conseguiu níveis de envolvimento superiores aos das outras três crianças do grupo nas diferentes sessões e tipos de história. Sendo que, o nível de envolvimento mais relevante se observou aquando o conto de HMS e HA por ordem de importância. O mesmo acontece para as outras três crianças do grupo que atingiram o nível máximo de envolvimento nestes mesmos dois tipos de história. Henriques (2019) no seu estudo também concluiu que, embora os comportamentos dos

alunos tenham sido positivos, tanto nas sessões de conto de histórias comuns como nas HMS, o nível de envolvimento dos alunos foi maior nas sessões do conto de HMS.

No que concerne ao tipo de sessão, a que foi mais significativa em termos de comportamentos de envolvimento manifestados tanto pela L, como pelas outras três crianças do grupo, foi a realizada em pequeno grupo. Podemos inferir que, esta sessão ao acontecer sempre em segundo lugar em ambas as séries, possibilitou à L. e às outras três crianças um contacto prévio com a história, permitindo-lhes familiarizarem-se com o seu conteúdo e assim envolverem-se mais facilmente neste tipo de sessão.

Por último, foi também nosso objetivo conhecer a influência do conto dessas histórias e dos contextos na promoção do desenvolvimento social de L.

Para identificar o desenvolvimento social desta criança houve a necessidade de aplicar uma escala de desenvolvimento infantil e realizar testes sociométricos em dois momentos diferentes do estudo. Um no início da contação das histórias e outro no final. A escala de desenvolvimento foi aplicada, única e exclusivamente à L. ao passo que os testes sociométricos foram aplicados à L e às outras três crianças do grupo. Sendo assim, e começando pela primeira, podemos concluir que, após o conto dos diferentes tipos de histórias em diferentes sessões, a L. manifestou progressos em todas as dimensões da escala, exceto na locomotora, e sendo as mais significativas as conseguidas na interação social e na autonomia pessoal, ou seja, as duas dimensões relacionadas com o desenvolvimento social da L. e as que apresentam relevância para o nosso estudo.

Em relação aos testes sociométricos, foram ambos realizados para a L. e para as outras três crianças do grupo. Podemos concluir que, houve uma ligeira melhoria nos valores obtidos de um teste para outro em ambas as situações (L. e três crianças do grupo).

A melhoria no desenvolvimento social da L. refletiu-se nos registos da escala de desenvolvimento Growing Skills, nos testes sociométricos e nos registos presentes no seu portefólio. A L. no início da contação das histórias não representava nenhum colega nos desenhos que realizava, no final deste processo não só conseguiu representá-los, como ainda os nomeou, descrevendo inclusive situações de brincadeira que aconteceram entre eles.

Entendemos que estes resultados coincidem com o que Nunes (2002) nos revela “...este envolvimento, com as histórias, permitirá que as crianças se sintam aceites no grupo de pares e na comunidade a que pertencem...” Assim como com o seguinte:

estando “o desenvolvimento social da criança com multideficiência em risco desde os primeiros anos de vida, a escola possui um papel fundamental nos esforços a envidar para ultrapassar as suas limitações...”.

Pensamos que a realização das 17 sessões de contação de histórias também contribuiu para envolver a L. em atividades significativas para si. Considera-se este aspeto importante na medida em “... que um dos maiores desafios que se coloca na educação destes alunos é o de lhes proporcionar experiências de aprendizagem significativas que sejam similares aos dos seus colegas com desenvolvimento típico, respondam às necessidades de aprendizagem de cada aluno e sejam realizadas nos contextos naturais...” (Nunes, 2008, p.11).

Observamos ainda que, as histórias ao acontecerem, juntamente com os pares e no contexto a que este grupo pertence, favoreceu o reconhecimento por parte da L. da sua identidade e de pertença a um determinado grupo. E que o fato de as histórias terem sido escolhidas e construídas de acordo com as necessidades da L. e ao mesmo tempo tendo em conta o seu interesse e gosto pelas histórias, facilitou todo o processo de envolvimento e de aprendizagem por parte da L.

Ao cruzarmos os resultados das notas de campo com as informações obtidas nos testes sociométricos, na escala de desenvolvimento e nos registos escritos e fotográficos presentes no portefólio da L. podemos inferir que os contos das diferentes histórias contribuíram para o desenvolvimento social da L. e para que esta manifestasse bons níveis de envolvimento na atividade de contação de histórias e participasse de forma ativa nessas atividades. Estes resultados vão ao encontro do que Cerrillo, 2006, (citado por Balça & Leal, 2014) defende: a prática da leitura ou conto de histórias precoce traz benefícios às crianças, ao nível do desenvolvimento das competências de leitura e ao nível do desenvolvimento pessoal e social.

Para concluir, podemos sublinhar que, os diferentes tipos de histórias suscitam ou motivam diferentes tipos de comportamentos na L., umas proporcionam mais interações sociais e outras mais interações com as histórias propriamente ditas. As HMS despertam na L. mais comportamentos relacionados com a reação às histórias, ao passo que as HA e as HS contribuem para despoletar mais comportamentos de interação social. Especificando, podemos afirmar que, as HA motivam comportamentos relacionados com a relação estabelecida com o contador ao passo que as HS despoletam um maior número de comportamentos de interação com os pares.

Quanto ao tipo de história que parece apresentar mais potencialidades para promover a participação da L. são as HMS pois, foi com estas histórias que, a criança conseguiu atingir o nível de envolvimento máximo nos diferentes tipos de contextos foi também com estas, que manifestou mais comportamentos de participação, quer na interação com os outros, quer com a história propriamente dita.

Relativamente ao tipo de sessão que pareceu ser mais positivo foi a sessão de pequeno grupo. Esta tem a vantagem de aparecer sempre em segundo lugar em ambas as séries das histórias oferecendo à criança a possibilidade de um contato prévio com as mesmas. É também uma sessão que lhe proporciona um contato privilegiado com os pares e onde as partilhas acontecem com mais espontaneidade.

Por último, podemos inferir que as histórias contribuem para o desenvolvimento social da criança uma vez que, lhes oferecem diferentes experiências de contato e de interação com os outros e com as histórias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

| ' ' | | ' ' |

Enquanto educadora de infância registam-se inúmeros desafios colocados pela criança que manifesta dificuldades no seu desenvolvimento, nomeadamente ao nível do seu relacionamento face aos pares. Importa reter que estas dificuldades condicionam o seu desenvolvimento social e comprometem a sua aprendizagem.

Sabe-se que as histórias assumem um papel importante na vida das crianças em idade pré-escolar, contribuindo para o desenvolvimento cognitivo, social e linguístico das mesmas e devendo chegar a todas independentemente das dificuldades e especificidades de cada uma. A escolha da história deve ser criteriosa e ter em consideração, não só, o nível de desenvolvimento da criança que a ouve, mas também e, sobretudo, ir ao encontro das suas necessidades, gostos e interesses.

Os resultados deste estudo vieram confirmar que as histórias influenciaram de diversas formas o envolvimento e a participação da criança na atividade de contação de histórias assim como o seu desenvolvimento social. Cada uma delas contribuiu para que a criança manifestasse diferentes comportamentos de participação e envolvimento em cada sessão.

Face aos resultados obtidos percebemos que as diferenças de comportamento da L. no conto das diversas histórias foram pouco importantes, à exceção da segunda série, onde houve uma maior variância de comportamentos de participação entre os tipos de história e de sessão e onde apareceram em evidência as HMS.

De uma maneira geral podemos afirmar que as HMS suscitaram na L. mais comportamentos de participação, reagindo de uma forma mais entusiasta à história propriamente dita e ainda na relação com os outros. Aqui, a ordem pela qual as sessões aconteceram, influenciou o nível de participação da L. que ao ouvir a história pela terceira vez manifestou uma maior percentagem de comportamentos de participação tanto em relação aos outros como à história propriamente dita. O mesmo aconteceu com as HA e as reações da L. à mesma foram também muito positivas nas diferentes sessões. Destaca-se também aqui a importância que estas histórias assumiram na relação com o contador.

As HS assumiram a sua importância sobretudo na interação com os outros, especialmente na interação com os pares. Aqui é também evidente o decréscimo significativo de comportamentos de participação aquando da sessão de grande grupo podendo assim concluir que este tipo de sessão não favorece, na L. os comportamentos de participação. Também ficou claro que a ordem pela qual as histórias aconteceram

não tivera, neste tipo de história, qualquer influência, sendo sempre mais significativa a participação nas sessões de pequeno grupo.

A sessão de pequeno grupo foi o tipo de sessão que nos pareceu mais positivo. Consideramos que este resultado se deve ao fato desta sessão se situar em ambas as séries numa posição privilegiada pois, representava sempre a segunda vez que as histórias eram ouvidas, passando a ser familiar para quem as ouve e suscitando mais comportamentos de participação que as restantes sessões.

Os resultados obtidos para a L. são extensíveis aos outros elementos do grupo porque também eles conseguiram níveis de envolvimento superiores no mesmo tipo de história e de sessão que a L. e melhores resultados nos testes sociométricos após a contação das histórias. O nosso estudo permitiu-nos perceber que, a contação das histórias trouxe ganhos significativos, não só para a L. mas também para o grupo de pares. A L. passou a manifestar competências sociais através dos comportamentos adotados para com os pares e nos diversos contextos. Por outro lado, os pares passaram a demonstrar uma maior compreensão e tolerância para com a L. aumentando os momentos de partilha e de compreensão entre eles. A L. começou também a fazer parte dos diferentes momentos de brincadeira no grupo.

Em termos de implicações para a prática pedagógica consideramos que o nosso estudo teve impacto em nós e na comunidade educativa (auxiliares, encarregados de educação e coordenação pedagógica).

Quanto às limitações com que nos deparámos durante a concretização do presente estudo, assinalamos que a principal se deveu à pandemia COVID-19 que nos impossibilitou de concretizar o estudo tal como o planeado e que nos levou a ter de reajustar e repensar outras formas de obter os dados para dar continuidade ao mesmo. Vimo-nos impossibilitados de realizar a sessão individual da HMS “A Surpresa” e tivemos de solicitar a ajuda dos encarregados de educação na aplicação dos últimos testes sociométricos.

Em termos de sugestões para estudos futuros, julgamos ser útil perceber qual o impacto dos diferentes tipos de histórias nos comportamentos de envolvimento, participação e de desenvolvimento social de crianças com síndrome de Down e/ou problemas neurológicos. Perceber ainda se o uso frequente destas histórias na rotina destas e de outras crianças continuará a trazer benefícios e quais. Acreditamos que os benefícios não se restringem à melhoria do desenvolvimento social, mas também à

linguagem compreensiva e verbal das crianças assim como ao desenvolvimento da sua autonomia e autoestima.

Em suma, este estudo foi uma mais valia para nós e para todos os intervenientes, esperamos que este trabalho inspire outros e que ajude a promover a utilização de diferentes tipos de histórias no contexto de jardim de infância. Acreditamos que a diversidade de histórias traz benefícios para todas as crianças, existindo uma maior probabilidade de nós, profissionais de educação, correspondermos às necessidades, gostos e especificidades de cada um. Ao oferecermos uma pluralidade de histórias estamos a multiplicar as experiências oferecidas ao grupo e das quais todos saem a beneficiar.

Referências

- Almeida, A (2015). *Estratégias e técnicas para ter sucesso no contar ou ler histórias*. (relatório de estágio para obtenção de grau de mestre em educação de infância, Escola Superior de Educação de Santarém, Santarém). Consultado em <http://repositorio.ipsantarem.pt/bitstream/10400.15/15111/1/Andreia%20Almeida.pdf>
- Bastin G. (1966). *As Técnicas Sociométricas*. Lisboa. Livraria Moraes Editora
- Brilha (2012). *Comportamentos de interação em alunos com Perturbação do Espectro do Autismo: O contributo das histórias sociais na hora do conto*. Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Lisboa (Portugal), Universidade de Lisboa
- Brug van der Putten Maes & Vlaskamp. (2015). *Factors Influencing Attentiveness of People with Profound Intellectual and Multiple Disabilities to Multisensory Storytelling*. *Police and Practice in Intellectual Disabilities*. Vol.12, 190-198
- Carmo, H. & Ferreira, M. (2008). *Metodologia de Investigação*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Cardoso B & Perez, T, (s.d.). *Caderno de Orientações – Histórias Rimadas* consultado em <https://www.portaltrilhas.org.br/download/biblioteca/historias-rimadas-educ-infantil-b-20150714072019.pdf>
- Coutinho M.C. (2011). *Metodologias de Investigação em Ciências Sociais e Humanas*. Coimbra: Almadine.
- Doutíssima R (2015). *Livro sensorial ajuda a exercitar coordenação motora*. (Fortíssima) consultado em <https://fortissima.com.br/2015/12/03/livro-sensorial-ajuda-exercitar-coordenacao-motora-14748643/>
- Flick, U. (2005), "Triangulation in Qualitative Research", Flick, U., E. V., Kardorff, & I. Steinke (eds.), *A Companion to Qualitative Research*, Sage, pp. 178-183.
- Gomes (2016). *Contar Histórias a Crianças com Multideficiência: Contributo das Histórias Multissensoriais*. Escola Superior de Educação de Lisboa. (Portugal).

- Goyette, G. & Boutim, G. (1994). Questões de paradigmas e de linguagem. In Lessard-Herbert, *Investigação qualitativa. Fundamentos e práticas* (pp. 31-62). Lisboa: Instituto Piaget.
- Henriques (2011). *Competências Sociais na Multideficiência – contributo dos pares*. Escola Superior de Educação de Coimbra. (Portugal). Instituto Politécnico de Coimbra.
- Henriques (2018). *Envolvimento de Alunos com Multideficiência na Hora do Conto*. Escola Superior de Educação de Lisboa. (Portugal). Instituto Politécnico de Lisboa.
- Kern Lee (2010). *Social Story™ Interventions for Students with Autism Spectrum Disorders: A Meta-Analysis*.
- Latorre, A. (2005). *La investigación-acción – Conocer y cambiar la práctica educativa* (3.ª Ed.). Barcelona: Graó.
- Madureira, I. (2017). *Pedagogia Inclusiva – Princípios e Práticas*. Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Lisboa (Portugal) e UIDEF, Instituto de Educação, Universidade de Lisboa, Portugal
- Matos, Rocha, C. & Bessa (2015). *Multi-sensory storytelling to support learning for people with intellectual disability: an exploratory didactic study*. Vol. 67. 12-18.
- Marteletto, R. (2001). Análise de redes sociais – aplicação nos estudos de transferência da informação. Vol. 30. <https://doi.org/10.1590/S0100-19652001000100009>
- Miguel (2015). *O Uso de Histórias Multissensoriais numa Biblioteca Pública*. Escola Superior de Educação de Lisboa. (Portugal). Instituto Politécnico de Lisboa.
- Nunes, C. (2012). *Apoio a pais e docentes de alunos com multideficiência: Conceção e desenvolvimento de um ambiente virtual de aprendizagem*. Tese de Doutoramento em Educação apresentada à Universidade de Lisboa. Consultado em http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/7702/1/ulsd064599_td_tese.pdf
- Nunes C., & Amaral I. (2008). *Educação, Multideficiência e Ensino Regular: Um Processo de Mudança de Atitude*. Revista Diversidades. Nº 20, p. 4-9

- Oficina Didática, (2010). *Educação e Saúde*. <https://oficinadidactica.pt/wp-content/uploads/2017/06/SGS-II%E2%80%93Escala-de-Avaliacao-das-Competencias-no-Desenvolvimento-Infantil.pdf>
- Pardy, S; Lupiani, N., & Warfield, A. (2015). *Introdução às Histórias Sociais*. Consultado em <https://www.storyboardthat.com/pt/articles/e/introdu%C3%A7%C3%A3o-para-hist%C3%B3rias-sociais>
- Paul, J. (1996). Between-method triangulation in organizational diagnosis, *International Journal of Organizational Diagnosis*, 4, 135-153.
- Pesqueira, (2019). *Desenvolvimento de Competências Sociais e Pessoais em Crianças com Perturbação do Espectro de Autismo e Perturbação do Desenvolvimento Intelectual – O Papel da Educação Social*. Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Lisboa (Portugal), Universidade de Lisboa, Portugal.
- Pereira, F. (2018). *Educação Especial - Manual de Apoio à Prática*. Lisboa: Ministério da Educação. Consultado em: https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/EEspecial/manual_de_apoio_a_pratica.pdf
- Pimentel, (2017). *A importância das histórias no pré-escolar*. Escola Superior de Educação de Coimbra. (Portugal), Instituto Politécnico de Coimbra.
- Proença (2010). *Histórias Multisensoriais, histórias com sentidos dentro- uma metodologia inovadora*. Universidade de Trás-os- Montes e Alto Douro. Vila Real.
- Ryan J. McGilla, Diana Bakerb & R.T. Busseb (2015). *Social Story interventions for decreasing challenging behaviours: a single-case meta-analysis 1995–2012*. Department of Psychology, Texas, USA, Department of school counselling and Scholl psychology, Chapman University.
- Santos, (2014). «Era uma Vez» - O Contributo das Histórias para a Educação pré-escolar. Escola Superior de Educação de Lisboa. do Instituto Politécnico de Lisboa (Portugal), Universidade de Lisboa.

- Saramago, A. R., Gonçalves, A.; Nunes, C.; Duarte, F. & Amaral, I. (2004). *Avaliação e Intervenção em Multideficiência*. Lisboa. Centro de Recursos para a Multideficiência. Lisboa: Ministério da Educação.
- Silva, R., & Alexandre, A. (2019). Investigação acerca da subjetividade no âmbito do SUAS: Uma pesquisa documental. *Pesquisa & Sociedade*, 31, 1-14, e207603 <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2019v31207603>
- Sprinthall, N., & Sprinthall, R. C. (1993). *Psicologia Educacional*. Lisboa: MacGraw-Hill.
- Stake, R. (2009). *A arte da investigação com estudos de caso*. Lisboa. Fundação Calouste Gulbenkian
- Vieira, F. & Pereira, M. (coords.). (1996). “Se houvera quem me ensinara”... A Educação de Pessoas com Deficiência Mental. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

ANEXO A
ROTINAS DIÁRIAS DA SALA DA ALEGRIA

| ' ' | | ' ' |

Tabela 1

Rotinas Diárias

HORÁRIO	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA
7.00/8.00	Acolhimento geral				
8.00/9.00	Brincadeira livre/reforço pequeno-almoço/higiene				
9.00/9.30	Atividades de escolha livre (preenchimento do mapa de atividades escolhidas pelas crianças)				
9.30/10.00	Arrumação/Conselho				
10.00/10.45	Observação e preenchimento de mapas/planeamento, discussão e realização de projetos				
10.45/11.20	Conversas de tapete	Expressão plástica e/ou Culinária	Expressão dramática/musical Desafios matemáticos	Expressão motora/Dança	Portfólios Experiências
11.20/11.30	Arrumação				
11.30/12.00	Recreio				
12.00/12.20	Atividades de retorno à calma				
12.30/13.30	Higiene/Almoço/Higiene				
13.30/15.00	Sesta (até Dez. depois tendo em conta a especificidades de cada um)				
15.00/15.30	Levantar/higiene				
15.30/16.00	Assembleia de grupo				
16.00/16.30	Lanche/Higiene				
16.30/17.00	“Vamos dar lugar ao conto”				
17.00/18.00	Brincadeiras o exterior e/ou jogos de grupo e mesa				
18.00/18.30	Água e reforço do lanche				
18.30/19.00	Grupos juntam-se no refeitório – jogos de mesa/desenhos/tv				
19.00/19.30	Arrumação e encerramento				

ANEXO B

HISTORIAL CLÍNICO E FAMILIAR DA L.

| ' ' ' | ' ' ' |

O seu agregado familiar é composto pelos progenitores e por uma irmã mais velha, tendo esta problemas ao nível da hiperatividade e défice de atenção. De acordo com a informação consultada no processo individual a menina foi referenciada à equipa local de intervenção precoce (ELI) pela fisiatra do hospital de VFX, no decorrer do ano de 2015 (tinha ela pouco mais de 12 meses de idade) e estando na altura a frequentar uma sala de um ano na valência de creche da instituição acima referida.

Segundo a mãe, a menina nasceu de parto natural com a omoplata partida do lado direito, hipoglicemia e um pequeno sopro cardíaco que careceu de algum período de vigilância no hospital de SM. Após ter recebido alta, ficou “ligada” a consultas de neonatologia e fisioterapia com o intuito de resolver ou minimizar as consequências decorrentes da deslocação da omoplata. As suas características são compatíveis com a doença de Sprengel, com omoplata em posição mais elevada à esquerda.

Esta criança sofreu, desde cedo, vários episódios de convulsões febris e não febris, tendo realizado uma ressonância magnética da coluna cervical e crânio encefálica. Esta ressonância revelou aspetos relacionados com a deformidade de Sprengel, sugerindo ainda síndrome de Klippel Feil, uma anomalia congênita que se caracteriza pela ausência de alguns corpos vertebrais ou pela fusão de vértebras cervicais. Os principais sinais observados são pescoço curto, linha baixa de implantação do cabelo e pouca mobilidade do pescoço. É comum a associação desta síndrome com outras anomalias. Apresenta ainda alterações inflamatórias do foro ORL (otorrinolaringologista), com possível fenda posterior do palato. Está, neste momento, a aguardar a marcação de cirurgia aos ouvidos, adenoides e dedo. O teste de genética realizado no hospital DE no dia 17 de setembro de 2018 revelou alterações em dois cromossomas. A alteração é classificada como incerta, não sendo possível, à data, estabelecer qualquer associação com a indicação clínica. Em consulta foi pedido aos progenitores que realizassem, também eles, um teste de genética onde se conclui que as alterações dos dois cromossomas presentes na menina estão igualmente presentes na mãe. Neste momento a menina faz medicação diária, Diplexil, um comprimido duas vezes ao dia. Aguarda ainda consulta de oftalmologia no hospital DE, por suspeita de dificuldades visuais.

É uma criança que beneficia de apoio de várias terapias: fisioterapia, terapia da fala, terapia ocupacional e de diversos serviços: ortopedia, medicina física e de reabilitação, otorrino e neurologia.

Em termos de desenvolvimento a menina apresenta um desenvolvimento global aquém do esperado para a sua faixa etária.

Apresenta dificuldades no domínio da autonomia mais concretamente na alimentação, nos cuidados de higiene e no controlo dos esfíncteres embora os descuidos sejam cada vez menos frequentes ainda acontecem e normalmente agravam sempre que o comportamento descontrolado se intensifica.

Em termos de motricidade fina podemos dizer que tem dificuldades em pegar no lápis, contudo já consegue realizar o círculo sem orientação do adulto, gosta de realizar enfiamentos e já consegue realizar a pinça pegando nos objetos com o polegar e o indicador. em relação à motricidade global apresenta alguma dificuldade no equilíbrio e nas mudanças de posições, em descer escadas, em pular degraus, e em controlar movimentos.

Em termos de linguagem, é uma menina que constrói frases simples e estruturadas, porém, o seu discurso é por vezes descontextualizado e pouco coerente apresentando ainda uma dicção e articulação muito imaturas. A linguagem compreensiva está igualmente comprometida apresentando dificuldades em responder a perguntas (como?, quem?, onde?, quando?, etc.).

Em termos sociais, é difícil e conflituosa a relação com os pares, dificuldades na conversação, na partilha e no saber ser e estar que compromete a relação com os outros.

Para a aquisição de conceitos e realização de aprendizagens básicas é necessário que a criança tenha o apoio de um adulto e que o conceito e/ou a tarefa seja repetida com muita frequência.

ANEXO C

**CONSENTIMENTO INFORMADO AOS
ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO**

| ' ' | | ' ' |

Exmo(a) Encarregado de Educação,

Venho, por este meio solicitar a sua colaboração num projeto de intervenção, que estou a realizar, com a orientação da docente Dra. Clárisse Nunes, como aluna do 2º ano de mestrado em Educação Especial da Escola Superior de Educação de Lisboa.

Este projeto de intervenção tem como objetivos identificar o contributo das histórias na promoção do desenvolvimento social de uma criança com multideficiência; caracterizar o modo como a criança com multideficiência se envolve e participa com HMS, HS na atividade do conto das histórias; compreender a influência do contexto e do tipo de histórias no envolvimento da criança com multideficiência na atividade do conto das histórias.

Irà proceder-se à criação e construção de histórias multissensoriais e sociais de acordo com as características, interesses e necessidades da menina, tentando perceber o seu envolvimento nestas histórias comparativamente a histórias comuns e ainda perceber se as mesmas contribuirão para a melhoria das suas competências sociais.

Venho assim solicitar a autorização para a participação da sua filha neste estudo que irá decorrer no quotidiano do Jardim de Infância, bem como a elaboração de vídeos e registos dos momentos do conto das histórias.

Respeitando os dados da criança, gostaríamos também de solicitar a sua autorização para o visionamento de excertos dos vídeos do conto das histórias em aula na ESELX como forma de avaliação do estudo em causa

Será assegurado a confidencialidade em todo o processo. Os vídeos e registos, serão tratados de forma anónima garantindo a confidencialidade dos dados

Caso aceite participar, basta assinalar em baixo.

Deste modo, ciente do estabelecido acima:

PARTICIPO E CONCORDO COM OS TERMOS ESTABELECIDOS

NÃO PARTICIPO E NÃO CONCORDO COM OS TERMOS ESTABELECIDOS

ANEXO D
STORYBOARD DAS HMS

| ' ' | | ' ' |

Storyboard – “As partilhas da Maria”

Página	Capa	
Texto	Objeto	Sentido a estimular
As partilhas da Maria	- Objeto (1) Maria - Objeto (2) Salame de chocolate	Visão Audição Tato

Construção da página da história	Placa em contraplacado, tamanho A3 de cor branca Título da história – escrito na placa em letras grandes Objeto (1) - amovível da página Objeto (2) – fixo à página com velcro
Dinamização da página da história	1 - Mostrar a capa da história. 2 - Ler e apontar para o título da história. 3 - Apontar para a Maria. 4 – Demonstrar a possibilidade de retirar a Maria e manuseá-la.

Página	2	
Texto	Objeto	Sentido a estimular
Olá, sou a Maria Para um salame de chocolate comer. Do que vou precisar para o fazer?	Um ponto de interrogação (1) – objeto real	Visão

Construção da página da história	Placa em contraplacado, tamanho A3 de cor branca Objeto(1)– fixo à página com cola
Dinamização da página da história	1 – Apontar para o objeto 2- Questionar, levando-a a pensar, criando expectativa e curiosidade

Página	3	
Texto	Objeto	Sentido a estimular
Ovos, chocolate, bolacha e açúcar vou usar. E ainda, uma tigela para estes ingredientes colocar. E agora?	Açúcar (1) - objeto real chocolate em pó (2) - objeto real bolacha (3) – objeto real	Visão Audição Tato

Construção da página da história	Placa em contraplacado, tamanho A3 de cor branca Objeto (1) – amovível com velcro; objeto (2) – amovível com velcro; Objeto (3) – amovível com velcro
Dinamização da página da história	1 – Apontar para os objetos 2 – Deixar a criança explorar os objetos 3 – O contador pergunta “Ajudas-me a preparar?”. 4 – Incentivar a criança a participar.

Página	4	
Texto	Objeto	Sentido a estimular
Maria amassa bem todos os ingredientes. Já está, e agora? A massa no papel vegetal vou enrolar Para em seguida no frigorífico descansar.	Tigela (1) – objeto real	Visão Audição Tato

Construção da página da história	Placa em contraplacado, tamanho A-3 de cor branca Objeto 1 – amovível da página com Velcro;
Dinamização da página da história	1– Apontar para o objeto 2– Retirar o objeto da página 3– Colocar o objeto na mão da criança e ensiná-la a usar 4- Colocar dentro da tigela os ingredientes para o salame

Página	5	
Texto	Objeto	Sentido a estimular
O salame já terminei, hum que saboroso! E agora? Com quem o salame vou partilhar? Já sei, ao meu amigo João vou levar. Queres ajudar?	Salame miniatura (1) – objeto real Cesto para transportar o salame (2) – objeto real Pano (3) – objeto real	Visão Audição Tato

Construção da página da história	Placa em contraplacado, tamanho A-3 de cor branca Objeto (1) – amovível da página com velcro Objeto (2) – amovível da página com velcro Objeto (3) – amovível da página com velcro.
Dinamização da página da história	1- Apontar para os objetos 2- Permitir que a criança explore os objetos 3- Deixar a criança colocar o salame no cesto e prepará-lo para levar ao amigo.

Página	6	
Texto	Objeto	Sentido a estimular
À porta da casa do amigo João bati. Sabem o que lhe ofereci? Salame de chocolate fresquinho e docinho... O João gostou E uma canção me cantou.	Porta (1) – Objeto real João (2) – Objeto real Minigravador de voz (3) – objeto real	Visão Audição Tato

Construção da página da história	Placa em contraplacado, tamanho A3 de cor branca Objeto 1- fixo à página com cola quente. Objeto 2 – amovível da página com velcro Objeto 3 - fixo à página
Dinamização da página da história	<ol style="list-style-type: none"> 1- Apontar para os objetos. 2- Deixar a criança explorar os objetos 3- Incentivar a criança a manusear os objetos 4- Incentivar a criança a carregar no botão “on” do gravador para ouvir a canção: “Coração de chocolate bate, bate, bate, bate”.

Página	7	
Texto	Objeto	Sentido a estimular
E agora? João diz: e se fossemos os dois lanchar? Vamos pôr a mesa para o salame partilhar? Hum! está tão saboroso, Eu sou mesmo guloso!	Pratos (1) - objeto miniatura Toalha de mesa (2) – objeto real Salame de chocolate (3) – objeto real	Visão Audição Tato Paladar

Construção da página da história	Placa em contraplacado, tamanho A3 de cor branca Objeto 1- amovíveis da página com velcro Objeto 2 – amovíveis da página com velcro. Objeto 3 – amovível da página
Dinamização da página da história	<ol style="list-style-type: none"> 1- Apontar para os objetos. 2- Deixar a criança explorar os objetos 3- Ajudar a criança a pôr a mesa para o lanche 4- Incentivar a criança a provar

Página	8	
Texto	Objeto	Sentido a estimular
E agora, depois de lanchar? Vamos ao dominó jogar?	Peças de dominó (1) - objeto real	Visão Audição Tato

Construção da página da história	Placa em contraplacado, tamanho A3 de cor branca Objeto 1- amovível da página com íman
Dinamização da página da história	<ol style="list-style-type: none"> 1- Apontar para o objeto. 2- Deixar a criança explorar o objeto 3- Ensinar a criança a esperar pela sua vez.

Página	9	
Texto	Objeto	Sentido a estimular
Depois de muito brincar É tempo de a casa regressar... Maria despede-se do João e diz-lhe: Mas que bela tarde, foi muito divertida. É bom ter um amigo com quem partilhar. Obrigada João, gosto muito de ti.	Duas silhuetas (1) - objeto real Coração de papel (2) – objeto real	Visão Audição Tato

Construção da página da história	Placa em contraplacado, tamanho A3 de cor branca Objeto (1)-fixo à página com cola; Objeto (2) – fixo à página com cola.
Dinamização da página da história	<ol style="list-style-type: none"> 1- Apontar para o objeto. 2- Ajudar a criança a arrumar os fantoches nas silhuetas

Storyboard – A Surpresa

Página	Capa	
Texto	Objeto	Sentido a estimular
A SURPRESA	Caixa (1)- objeto real (parte do objeto)	Visão Tato

Construção da página da história	Placa em contraplacado, tamanho A3 de cor branca Título da história – escrito na placa em letras grandes Objeto (1) – fixo à página.
Dinamização da página da história	1 - Mostrar a capa da história. 2 - Apontar para o objeto. 3 – Explorar a textura da caixa

Página	1	
Texto	Objeto	Sentido a estimular
Hoje de manhã tivemos uma surpresa. Ao chegar à sala encontramos uma caixa. O que terá lá dentro? Perguntaram todos em voz alta!	caixa preta grande dividida em três partes (1) - objeto real 	Visão Audição Tato

Construção da página da história	Placa em contraplacado, tamanho A3 de cor branca Objeto (1) – Solto da página.
Dinamização da página da história	1 – Apontar para o objeto 2 - Perguntar à criança o que terá lá dentro. 3 – Vamos adivinhar e depois as mãos colocar?

Página	2	
Texto	Objeto	Sentido a estimular
A Maria resolveu colocar a mão lá dentro e que foi encontrar? Uma boneca pequenina, com uma fita e um lindo vestido azul	Vestido (1) - Parte do objeto	Visão Tato

Construção da página da história	Placa em contraplacado, tamanho A3 de cor branca Objeto (1) – amovível da página com uma textura macia;	
Dinamização da página da história	1 –Narração da historia 2 Incentivar a criança a explorar a boneca, fazendo uma descrição física e ao mesmo tempo trabalhar conceitos (grande/pequena, gorda/magra etc); 3 – Perguntar à criança o que podemos fazer com o vestido; 4 – Permitir a criança vestir o vestido na boneca.	

Página	3	
Texto	Objeto	Sentido a estimular
E sabem o que mais havia na caixa? Tanta coisa!!!! Adivinhem, adivinhem... Tem rodas, faz brummmm, brummmm E leva-nos a passear. O que será?	Roda do carro (1) - parte do objeto real	Visão Audição Tato

Construção da página da história	Placa em contraplacado, tamanho A3 de cor branca Objeto (1) – amovível com velcro	
Dinamização da página da história	1– Narração da história; 2 -Incitar a criança a responder ao enigma; 3– Incentivar a exploração e nomeação do objeto (1); 4- Perguntar à criança a que lugar pertencerá aquele objeto.	

Página	4	
Texto	Objeto	Sentido a estimular
Ena tantos carros! Uauuuu carros! Azuis, brancos e até há um vermelho!	Estrada (1) – objeto com forma que simula o objeto real Relva (2) Carros (3) – objetos miniatura	Visão Audição Tato

Construção da página da história	Placa em contraplacado, tamanho A3 de cor branca Objeto (1) – fixo à página e construído com cartolina preta; Objeto (2) – fixo à página utilizando relva artificial Objeto (3) – de dentro da caixa sairão alguns carros miniatura e com cores variadas.	
Dinamização da página da história	1 – Narração da história 2 - Incitar à exploração da textura da estrada; 3 –Incitar a criança à exploração da textura da relva. 4 – Fazer o percurso da estrada com os carros.	

Página	5	
Texto	Objeto	Sentido a estimular
Quando ouviu falar em carros, o João ficou curioso...e foi ver o que havia mais na caixa. E...qual não foi o seu espanto, encontrou muitos legos, grandes, pequenos e coloridos. Logo imaginou o que queria construir... Tantos brinquedos para brincar...	Lego (1) –objeto real	Visão Audição Tato

Construção da página da história	Placa em contraplacado, tamanho A3 de cor branca Objeto (1) – amovível com velcro.	
Dinamização da página da história	1- Narração da história 2- explorar e nomear o objeto	

Página	6	
Texto	Objeto	Sentido a estimular
<p>Agora vamos passear até à horta nova! O que vamos lá encontrar?</p>	<p>Vaso com terra e alfavaca (1) – objeto real</p>	<p>Visão Audição Tato Olfato</p>

Construção da página da história	<p>Placa em contraplacado, tamanho A3 de cor branca Objeto (1) – Amovível com velcro; (vaso pequeno no contem terra e alfavaca)</p>
Dinamização da página da história	<p>1 – Narração da história 2 - Permitir a exploração e identificação do objeto; 3 - Ajudar a descobrir e a explorar o conteúdo do objeto através dos vários sentidos;</p>

Página	7	
Texto	Objeto	Sentido a estimular
<p>E agora a Matilde com os carrinhos vai fazer uma corrida contigo Tomás! Sai, quero passar, diz a Matilde.</p>	<p>Estrada com indicação da partida (1) - objeto com forma que simula o objeto real Meta (2) – objeto miniatura Bandeiras aos quadrados no final da estrada (3) – objetos miniatura</p>	<p>Visão Audição Tato</p>

Construção da página da história	<p>Placa em contraplacado, tamanho A3 de cor branca Objeto (1) – fixo à página e construído com cartolina preta, palha e massa de modelar Objeto (2) – objeto miniatura, amovível da página Objeto (3) – objeto miniatura , amovível da página</p>
Dinamização da página da história	<p>1- Narração da história; 2- Utilizar o tato para descobrir diferentes texturas e usufruir de diferentes sensações; 3- Realizar uma corrida de carros com a criança para ver quem chega primeiro ao final do percurso;</p>

Página	8	
Texto	Objeto	Sentido a estimular
Entretanto o João fez uma grande garagem com os legos para os carros da Matilde. Ele chamou-lhe “A garagem da Matilde”	Peças de legos (1) – objeto real	Visão Audição Tato

Construção da página da história	Placa em contraplacado, tamanho A3 de cor branca Objeto (1) – amovível da página.
Dinamização da página da história	1 – Narração da história; 2 - Incentivar a criança a construir a garagem com as peças dos legos; 3 – Incentivar a criança a guardar os carros na garagem

Página	9	
Texto	Objeto	Sentido a estimular
Ena! Estamos mesmo cansados de tanto brincar! Vamos os brinquedos arrumar...? Mas que grande alegria e surpresa esta caixa nos veio dar.	Página com velcro para arrumar a boneca, os carros e os legos, à medida que com eles vai brincando: (1) – objeto real	Visão Audição Tato

Construção da página da história	Placa em contraplacado, tamanho A3 de cor branca Objeto (1) – amovível da página
Dinamização da página da história	1- Narração da história; 2- Incentivar a criança a arrumar os brinquedos na página à medida que os vai utilizando; 3- No final da história incentivar a criança a arrumar os objetos nas divisões corretas. Estão assinaladas com números e/ou cores diferentes.

ANEXO E
IMAGENS DAS HS CONSTRUIDAS

| ' ' | | ' ' |

JÁ SEI BRINCAR NO RECREIO!



Olá eu sou
a Letícia!

No recreio posso correr e saltar,
Andar de escorrega e de baloiço,
E com os amigos brincar.



2

Vejo a Eva e a Leonorzeca,
Ambos com uma boneca,
Quero muito com elas brincar,
Será que elas a podem partilhar?



3

Vou ter com elas e pergunto-lhes:

-Olá, posso brincar?

Mas tenho de esperar,

E ouvir o que vão falar.



4

A Eva responde, já está aqui a Leonorzeca!

Só temos uma boneca,

Mas não faz mal

Fazemos assim...

Eu dou o banho,

Tu dás o jantar,

E a Leonor na cama a vai deitar!



5

Agora quero no baloiço andar,
Mas está ocupado pela Matilde
Vou ter com ela e pergunto-lhe:
-Olá, posso no baloiço andar?
Mas tenho de esperar,
E ouvir o que vai falar.



6

A Matilde diz: espera um pouco,
Estou quase a terminar.
Bom, só me resta aguardar,
Para depois no baloiço andar.



7



Enquanto espero conto até cinco,



Para me distrair e depois no balanço me divertir.

8

A Matilde a vez me deu,
E o meu coração até tremeu,
Fiquei tão feliz,
E um beijinho lhe dei no nariz!



9

Agora sim,
Estou muito contente,
Já sei pela vez esperar,
E no recreio com os amigos brincar.

FIM




10

APRENDER A BRINCAR E A PARTILHAR



Olá, eu sou a Leticia!




Hoje vou para a escola,
Vou brincar e aprender,
Levo brinquedos e uma sacola,
E com os amigos vou crescer.

2



Quando chego à sala, o que tenho de dizer?
Bom dia ou olá é, assim que tem de ser.
E há tanta coisa para fazer!

3



Alguns amigos já estão a brincar
Posso escolher um jogo para jogar
ou até numa folha desenhar.

4

Escolho ir desenhar,
Mas a Carolina já lá está.
O que tenho de dizer?



5

Chego ao pé dela e
digo-lhe:



- Olá, posso sentar-me aqui?
Quero muito desenhar.
Posso ficar ao pé de ti,
E os lápis partilhar?

6

A Carolina respondeu:



Sim, podes-te sentar.
Também queres
desenhar?
Que lápis queres usar?

7

Obrigada amiga,
És muito simpática,
Vou então sentar-me
aqui,
Ah! Como gosto de ti!



8



Desenhei o sol amarelo,
E a Carolina desenhou o mar,
Depois fez um castelo,
E uma bola para chutar.



9



O desenho já terminámos,
Os lápis e o trabalho vamos
arrumar,
Foi uma manhã divertida.
Gostei muito de desenhar e
brincar!



10



FIM

11

ANEXO F
CALENDARIZAÇÃO DAS SESSÕES

| ' ' | | ' ' |

Planificação das sessões dos contos: Dezembro						
Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira	Sábado	Domingo
						1
2 História autor individual	3	4	5 HMS individual	6	7	8
9	10	11 História social individual	12	13 História comum pequeno grupo	14	15
16	17 HMS Pequeno Grupo	18	19 História social pequeno grupo	20	21	22
23	24	25	26	27	28	29
30	31					

Planificação das sessões dos contos: Janeiro						
Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira	Sábado	Domingo
		1	2	3	4	5
6 Historia comum Grande grupo	7	8	9 HMS Grande grupo	10	11	12
13	14 História social Grande grupo	15	16	17	18	19
20	21	22	23	24	25	26
27	28	29	30	31		

Planificação das sessões dos contos: Fevereiro						
Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira	Sábado	Domingo
					1	2
3	4	5	6	7	8	9
10	11	12	13	14	15	16
17 História comum Grande grupo	18	19	20 HMS Grande grupo	21	22	23
24	25	26 HS grande grupo	27	28 História comum Pequeno grupo	29	

Planificação de Março						
Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira	Sábado	Domingo
						1
2	3 HMS pequeno grupo	4	5	6	7	8
9 HS Pequeno grupo	10	11 História comum individual	12	13 HS individual	14	15
16	17	18	19	20	21	22
23	24	25	26	27	28	29
30	31					

ANEXO G

ESCALA DE DESENVOLVIMENTO GROWING

| ' ' | | ' ' |

“The Schedule of Growing Skills II”

(Bellman, Lingam e Aukett, 1996)

Nome: Leticia R

Data de nascimento: Maio 2014

Idade: 65 m

Data de

Sexo: F

Avaliação: Outubro 2019

Responsável de Caso:

Susana Soares

Responsável pela avaliação: Susana Soares

CAPACIDADES POSTURAS PASSIVAS		Pontuação	
Decúbito Dorsal			
1	Cabeça na linha média ⁽¹⁾	1	
2	Levanta as pernas na vertical e olha para os pés ⁽⁶⁾	2	x
Suspensão Ventral			
3	Cabeça alinhada com o corpo, ancas em semi-extensão ⁽¹⁾	1	
4	Cabeça acima da linha do corpo, ancas e ombros em extensão ⁽³⁾	2	x
Tracção para a Posição Sentado			
5	Queda considerável da cabeça, quando o corpo está na vertical, controlo momentâneo da cabeça antes de cair para a frente ⁽¹⁾	1	
6	Pouca ou nenhuma queda da cabeça ⁽³⁾	2	
7	Tracção pelas mãos retesa os ombros e faz força para se sentar ⁽⁶⁾	3	x
Posição Sentado (apoiado pelo adulto)			
8	Costas moderadamente curvadas ⁽³⁾	1	x
9	Costas direitas ⁽⁶⁾	2	
PONTUAÇÃO DAS CAPACIDADES POSTURAS PASSIVAS			8

CAPACIDADES POSTURAS ACTIVAS		Pontuação	
Posição de Decúbito Ventral			
10	Cabeça de lado, joelhos flectidos sob o abdómen, com ancas elevadas (cintura pélvica em flexão), braços encostados ao tórax com cotovelos flectidos ^(RN)	1	
11	Levanta a cabeça momentaneamente, ancas elevadas (cintura pélvica em semi-flexão) ⁽¹⁾	2	
12	Levanta a cabeça e a região superior do peito, com apoio nos antebraços, sem flexão da cintura pélvica ⁽³⁾	3	
13	Apoia peso nas palmas das mãos com braços em extensão ⁽⁶⁾	4	
14	Coloca-se na posição de gatas ⁽⁸⁾	5	x
Posição Sentada (Sem apoio)			
15	Mantém-se sentado, momentaneamente sem apoio ⁽⁶⁾	1	
16	Mantém-se sentado por períodos prolongados (contar pelo menos até 10) ⁽⁸⁾	2	
17	Passa para posição sentado a partir de decúbito ventral ou dorsal ⁽¹⁰⁾	3	x
Posição de Pé (Com apoio nas axilas ou ancas)			
18	Apoia algum peso nos membros inferiores ⁽⁶⁾	1	
19	Apoia todo o seu peso nos membros inferiores ⁽⁸⁾	2	
20	Mantém-se de pé agarrado (ex. Mobília) ⁽¹⁰⁾	3	
21	Põe-se de pé sozinho agarrado à mobília ⁽¹²⁾	4	
PONTUAÇÃO DAS CAPACIDADES POSTURAS ACTIVAS			8

CAPACIDADES MANIPULATIVAS		Pontuação	
Mãos			
42	Mãos fechadas e polegar flectido ⁽¹⁾	1	
43	Olha para as mãos e brinca com os dedos ⁽³⁾	2	
44	Junta as mãos e bate as palmas, uma contra a outra ⁽³⁾	3	
45	Prensão palmar (o objecto é agarrado pelo polegar e vários dedos, contactando com a palma da mão) ⁽⁶⁾	4	
46	Transfere objecto de uma mão para a outra ⁽⁶⁾	5	
47	Segura 2 cubos, um em cada mão e junta-os ⁽⁸⁾	6	
48	Pega num pequeno objecto realizando pinça inferior (segura o objecto entre o polegar e outros dedos, sem oposição completa – Pinça imperfeita) ⁽¹⁰⁾	7	X
49	Pega num pequeno objecto realizando uma pinça nítida (oposição completa entre o polegar e o indicador – Pinça correcta) ⁽¹²⁾	8	
50	Atira deliberadamente os brinquedos ao chão (arremeço) ⁽¹²⁾	9	
51	Vira páginas de um livro (várias de cada vez) ⁽¹⁶⁾	10	X
52	Vira uma página de cada vez ⁽²⁴⁾	11	
53	Coloca 10 pinos dentro da chávena em 30 segundos (3 tentativas) ⁽³⁶⁾	12	
54	Coloca 8 pinos na tábua de encaixe em 30 segundos (3 tentativas) ⁽⁶⁰⁾	13	
Cubos			
55	Torre de 2 cubos ⁽¹⁵⁾	1	
56	Torre de 3 cubos ⁽¹⁸⁾	2	
57	Torre de 4-6 cubos ⁽²⁴⁾	3	X
58	Torre de 7+ cubos ⁽³⁰⁾	4	
59	Copia a ponte de cubos (com modelo à vista) ⁽³⁰⁾	5	
60	Constrói escada de 3 degraus com 6 cubos após demonstração ⁽⁴⁸⁾	6	
Desenho			
61	Rabisca para cá e para lá ⁽¹⁵⁾	1	
62	Rabisco circular ⁽¹⁶⁾	2	X
63	Imita uma linha vertical e / ou horizontal ⁽²⁴⁾	3	
64	Imita o círculo ⁽³⁰⁾	4	
65	Imita a cruz ⁽³⁶⁾	5	
66	Copia o quadrado ⁽⁴⁸⁾	6	
Desenho da Figura Humana			
67	Desenha a cabeça e uma outra parte ⁽³⁶⁾	1	X
68	Desenha cabeça, pernas e (geralmente) braços e dedos ⁽⁴⁸⁾	2	
69	Desenha cabeça, tronco, pernas e braços e outras características ⁽⁶⁰⁾	3	
PONTUAÇÃO DAS CAPACIDADES MANIPULATIVAS			23

Itens	CAPACIDADES LOCOMOTORAS	Pontuação	
Movimento e Equilíbrio			
22	Rebola e vira-se (apoiado sobre a barriga) para se deslocar ⁽¹⁰⁾	1	
23	Tenta gatinhar ou arrastar-se (por vezes para trás) ⁽¹⁰⁾	2	
24	Anda, seguro por ambas as mãos, apoiando todo o peso nos pés ⁽¹²⁾	3	
25	Anda agarrado à mobília (ou empurra carrinho com rodas) ⁽¹²⁾	4	
26	Anda sozinho, pés afastados e braços elevados para manter o equilíbrio ⁽¹⁵⁾	5	
27	Anda bem, pés ligeiramente afastados, consegue virar esquinas e parar subitamente ⁽¹⁵⁾	6	
28	Apanha um objecto do chão sem cair ⁽¹⁶⁾	7	
29	Corre com confiança, pára e inicia com cuidado, evita obstáculos ⁽¹⁸⁾	8	X
30	Salta com os pés juntos do último degrau ⁽²⁴⁾	9	
31	Anda em "bicos dos pés" ⁽³⁰⁾	10	
32	Corre em "bicos dos pés" ⁽³⁶⁾	11	
33	Dá 3 saltos ao pé-coxinho ⁽³⁶⁾	12	
34	Anda, pelo menos 4 passos, colocando o calcanhar de um pé à frente da ponta do outro pé (ex. em cima de uma linha) (3 tentativas) ⁽⁴⁸⁾	13	
35	Mantém-se 8 segundos em equilíbrio, em cada pé ⁽⁶⁰⁾	14	
Escadas			
36	Sobe escadas de gatas e desce de "rabo" ⁽¹⁸⁾	1	
37	Sobe escadas com a mão segura, colocando ambos os pés no mesmo degrau (sem alternância de pés) ⁽²⁴⁾	2	
38	Sobe e desce escadas, com confiança mas acompanhado, sem alternância de pés ⁽²⁴⁾	3	
39	Sobe escadas com alternância de pés e desce escadas sem alternância de pés, de modo independente ⁽³⁰⁾	4	X
40	Sobe e desce escadas de modo independente, colocando um pé em cada degrau (padrão adulto) ⁽⁴⁸⁾	5	
41	Sobe escadas a correr ⁽⁶⁰⁾	6	
PONTUAÇÃO DAS CAPACIDADES LOCOMOTORAS			12

Itens	CAPACIDADES VISUAIS	Pontuação	
	Função Visual		
70	Volta-se para a luz difusa (ex. janela) ^(RN)	1	
71	Segue momentaneamente um pompom a 30 cm de distância ⁽¹⁾	2	
72	Fixa a face ou objecto na linha da visão e segue-o com os olhos num trajecto de 90º ⁽¹⁾	3	
73	Segue objecto que balança, num trajecto de 180º ⁽³⁾	4	
74	Converge os olhos com aproximação do objecto ⁽³⁾	5	x
75	Apona com o indicador com precisão para objecto pequeno ⁽¹²⁾	6	
	Compreensão Visual		
76 ☉	Observa objecto que cai e esquece-o rapidamente (sem permanência do objecto) ⁽¹⁵⁾	1	
77 ☉	Olha para o local correcto a procura de objecto que cai (permanência do objecto) ⁽⁶⁾	2	
78 ☉	Procura objecto escondido ⁽¹⁵⁾	3	
79 ☉	Atento e interessado pelo movimento a distância (olha pela janela) ⁽¹⁵⁾	4	
80 ☉	Apona com o dedo para objectos distantes ⁽¹⁵⁾	5	
81 ☉	Mostra-se interessado em gravuras ⁽¹⁵⁾	6	x
82 ☉	Reconhece detalhes do livro de figuras ⁽¹⁸⁾	7	
83 ☉	Completa o quadro de formas ⁽²⁴⁾	8	
84 ☉	Completa o quadro do peixe ⁽²⁴⁾	9	
85 ☉	Reconhece pequenos detalhes de figuras ⁽³⁰⁾	10	
86 ☉	Combina 2 cores ⁽³⁶⁾	11	
87 ☉	Combina 4 cores ⁽³⁶⁾	12	
88 ☉	Combina os 10 cartões de cores ⁽⁴⁸⁾	13	
89	Coopera com teste formal de visão (6 metros - Carta de Snellen) ⁽⁶⁰⁾	14	
	PONTUAÇÃO DAS CAPACIDADES VISUAIS		11

Itens	AUDIÇÃO E FALA	Pontuação	
	Função Auditiva		
90	Assusta-se com ruído súbito ⁽²⁸⁾	1	
91	Responde à voz ou som suave ⁽³⁾	2	
92	Olha para o local de onde vem a voz da mãe ⁽⁶⁾	3	x
	Compreensão Auditiva		
93	Vira a cabeça na direcção a fonte sonora ⁽⁶⁾	1	
94	Atento aos sons rotineiros ⁽⁸⁾	2	
95	Compreende "não / adeus" ⁽¹⁰⁾	3	
96	Reconhece o próprio nome ⁽¹²⁾	4	
97	Mostra compreender os nomes de pessoas ou objectos familiares ⁽¹²⁾	5	
98	Selecciona, a pedido, 2 de 4 objectos ⁽¹⁵⁾	6	
99	Aponta para 2 partes do corpo nomeadas - nariz e mãos ⁽¹⁸⁾	7	
100	Aponta para partes do corpo na boneca - olhos e barriga ⁽¹⁸⁾	8	
101	Segue ordem de 2 passos - "Dá de beber à boneca" ou "Penteia a boneca" ⁽²⁴⁾	9	
102	Compreende os verbos, utilizando as gravuras de actividades ou acções ⁽²⁴⁾	10	
103	Compreende as funções dos objectos, utilizando as gravuras ⁽³⁰⁾	11	
104	Segue instruções com preposições - debaixo, em cima, atrás, etc. ⁽³⁰⁾	12	x
105	Compreende adjectivos relacionados com a dimensão ⁽³⁵⁾	13	
106	Compreende negativos - "Qual é que não tem sapatos?" ⁽³⁶⁾	14	
107	Cumprir uma ordem com 2 instruções - "Põe a boneca no chão e depois fecha a porta" ⁽⁴⁸⁾	15	
108	Compreende perguntas mais complicadas - "O que fazes se te perderes?" ⁽⁴⁸⁾	16	
109	Cumprir ordem com 3 instruções - "Antes de dares o copo à mãe, põe a colher no chão e dá-me a boneca" ⁽⁶⁰⁾	17	
110	Compreende negativos em frases complexas - "Qual é que não serve nem para comer nem para beber" ⁽⁶⁰⁾	18	
	PONTUAÇÃO DAS CAPACIDADES DE AUDIÇÃO E FALA		15

Itens	FALA E LINGUAGEM	Pontuação	
-------	------------------	-----------	--

Vocalização			
111	Faz sons guturais ocasionais (1)	1	
112	Vocaliza quando satisfeito (3)	2	
113	Ri e grita durante a brincadeira (6)	3	
114	Palra continuamente e com entoação para chamar à atenção (9)	4	
115	Ímita sons dos adultos, sons divertidos (ex. tosse, "brrr") (10)	5	x
*Linguagem Expressiva			
116	Jargão incessante contendo vogais e muitas consoantes (12)	1	
117	Usa uma palavra com significado (12)	2	
118	Comunica utilizando simultaneamente gestos e vocalizações (15)	3	
119	Usa várias palavras com significado (pelo menos 4) (15)	4	
120	Usa mais de 7 palavras com significado (15)	5	
121	Tenta repetir palavras usadas pelos outros (18)	6	
122	Junta 2 ou mais palavras para formar frases simples (24)	7	
123	Nomeia objectos e gravuras familiares (24)	8	
124	Discurso geralmente compreendido pela mãe (24)	9	
125	Usa palavras interrogativas (Onde? O quê?) e usa 2 pronomes pessoais (eu, tu, mim...) (30)	10	
126	Capaz de manter conversação simples e descrever acontecimentos (30)	11	
127	Sabe várias canções infantis ou comerciais (36)	12	
128	Consegue relatar vagamente acontecimentos recentes (36)	13	x
129	Discurso fluente e claro (48)	14	
130	Consegue construir frases com 5 ou mais palavras (48)	15	
131	Consegue descrever uma sequência de acontecimentos (60)	16	
132	Consegue explicar acontecimentos (60)	17	
PONTUAÇÃO DAS CAPACIDADES DE LINGUAGEM E FALA			18

Itens	CAPACIDADES DE INTERACÇÃO SOCIAL	Pontuação
-------	----------------------------------	-----------

Comportamento Social			
133	Sorri à estimulação social (1)	1	
134	Responde ao tratamento carinhoso (3)	2	
135	Gosta do banho e dos cuidados de rotina (3)	3	
136	Leva tudo à boca (exploração oral) (6)	4	
137	Mostra-se irritado quando frustrado (10)	5	
138	Bate palmas e acena adeus (12)	6	
139	Curioso e atento às pessoas, objectos e acontecimentos à sua volta (12)	7	
140	Ímita actividades simples da vida diária (15)	8	
141	Comportamento rebelde quando contrariado (18)	9	x
142	Brinca com outras crianças mas não partilha brinquedos (24)	10	
143	Partilha brinquedos e a atenção dos adultos (30)	11	
144	Mostra-se preocupado com irmãos e amigos (36)	12	
145	Ajuda activamente irmãos e amigos (36)	13	
146	Nomeia o melhor amigo (48)	14	
Jogo			
147	Quando lhe é oferecida uma roca, agarra-a e abana-a para obter som (6)	1	
148	Encontra um objecto parcialmente escondido (6)	2	
149	Encontra rapidamente um objecto escondido (12)	3	
150	Explora com interesse as propriedades e possibilidades dos brinquedos e objectos (12)	4	
151	Brinca sozinho ou perto de pessoa familiar (15)	5	
152	Empurra e puxa grades brinquedos com facilidade (15)	6	
153	Chuta bola pequena (24)	7	x
154	Atira com a mão uma bola pequena (por cima da cabeça) (30)	8	
155	Sabe aguardar a sua vez no jogo (36)	9	
156	Participa em jogos de cooperação e imaginação, cumprindo as regras (60)	10	
PONTUAÇÃO DAS CAPACIDADES DE INTERACÇÃO SOCIAL			16

Itens	CAPACIDADES SOCIAIS DE AUTONOMIA	Pontuação	

Alimentação			
157	Segura no biberão enquanto está a ser alimentado (6)	1	
158	Tenta agarrar na colher (8)	2	
159	Segura, morde e mastiga uma bolacha (10)	3	
160	Bebe por um copo com ajuda (12)	4	
161	Segura na colher mas não se alimenta (12)	5	
162	Segura na colher, leva-a à boca mas entorna (15)	6	
163	Segura no copo com ambas as mãos e bebe sem entornar muito (16)	7	
164	Come sozinho com a colher, sem entornar (16)	8	x
165	Levanta o copo com uma mão, bebe e coloca-o na mesa sem dificuldade (2,4)	9	
166	Come perfeitamente sozinho, com colher (30)	10	
167	Come com colher e garfo (36)	11	
168	Come com garfo e faca (com pequena ajuda) (48)	12	
169	Não necessita de ajuda durante toda a refeição (60)	13	
Higiene 1			
170	Dá sinal, chorando ou contorcendo-se, quando está molhado ou com fezes (15)	1	
171	Antecipa as necessidades de higiene com comportamento agitado ou vocalizações (18)	2	x
172	Mantém-se seco durante o dia (2,4)	3	
173	Verbaliza necessidade de ir à casa de banho em tempo razoável (2,4)	4	
174	Mantém-se geralmente seco durante a noite (30)	5	
Higiene 2			
175	Lava as mãos (36)	1	
176	Lava e seca as mãos, e tenta escovar os dentes (48)	2	
177	Lava e seca completamente as mãos e cara (48)	3	X
178	Veste-se e despe-se sozinho (excepto botões e fechos) (60)	4	
179	Veste-se e despe-se sozinho (incluindo botões e fechos) (60)	5	
PONTUAÇÃO DAS CAPACIDADES SOCIAIS DE AUTONOMIA			13

PONTUAÇÃO DAS CAPACIDADES COGNITIVAS

LEGENDA

- ⊙ - Este item contém um elemento cognitivo
- Q - Utilizar quando a qualidade da prestação é questionada. Manter a pontuação do item.
- V - O aluno já adquiriu

Perfil de Desenvolvimento “The Schedule of Growing Skills II”

	Postura Passiva	Postura Activa	Locomotora	Manipulativa	Visual	Audição Fala	Fala e Linguagem	Social	Autonomia	Cognitiva
60 Meses			20 19	28 27	20	21 20	22 21	24	23 22 21	34 33 32
48 Meses			18 17	26 25 24	19	19 18	20 19	23	20 19 18	31 30 29 28
36 Meses			16 15	23 22 21	18 17	17 16	18 17	22 21 20	17 16	27 26 25 24
30 Meses			14 13	20 19 18	16	15 14	16 15	19 18	15 14	23 22 21 20
24 Meses			12 11 10	17 16 15	15 14	13 12	14 13 12	17 16	13 12 11	19 18 17 16
18 Meses			9 8 7	14 13 12	13	11 10	11	15 14	10 9 8	15 14 13 12
15 Meses			6 5	11 10	12	9	10 9 8	13 12 11	7 6	11 10 9
12 Meses		12	4 3	9 8	11 10	8 7	7 6	10 9 8	5 4	8 7 6
10 Meses		11 10	2 1	7	9	6	5	7	3	5 4
8 Meses		9 8 7		6	8	5	4	6	2	3 2
6 Meses	9 8 7	6 5 4		5 4	7 6	4 3	3	5 4	1	1
3 Meses	6 5 4	3		3 2	5 4	2	2	3 2		
1 Mês	3 2 1	2		1	3 2		1	1		
0 Meses		1			1	1				

ANEXO H
GUIÃO DO TESTE SOCIOMÉTRICO

| ' ' | | ' ' |

Guião do teste sociométrico

Nome: _____ Data: ____/____/____

A. Escolhas

1. Quem escolherias para realizar um trabalho contigo?

(1) Nome _____

(2) Nome _____

(3) Nome _____

2. Quem escolherias para ir ao parque contigo?

(1) Nome _____

(2) Nome _____

(3) Nome _____

3. Quem escolherias para ir para casa contigo brincar com os teus brinquedos?

(1) Nome _____

(2) Nome _____

(3) Nome _____

Para operacionalizar o teste com o grupo de crianças envolvido no estudo, foram colocadas três questões, na positiva às crianças (“com quem gostarias de fazer um trabalho, com quem gostarias de ir para o parque, quem gostarias de levar para tua casa para brincar com os teus brinquedos”). As crianças escolheram três colegas por ordem de preferência.

ANEXO I

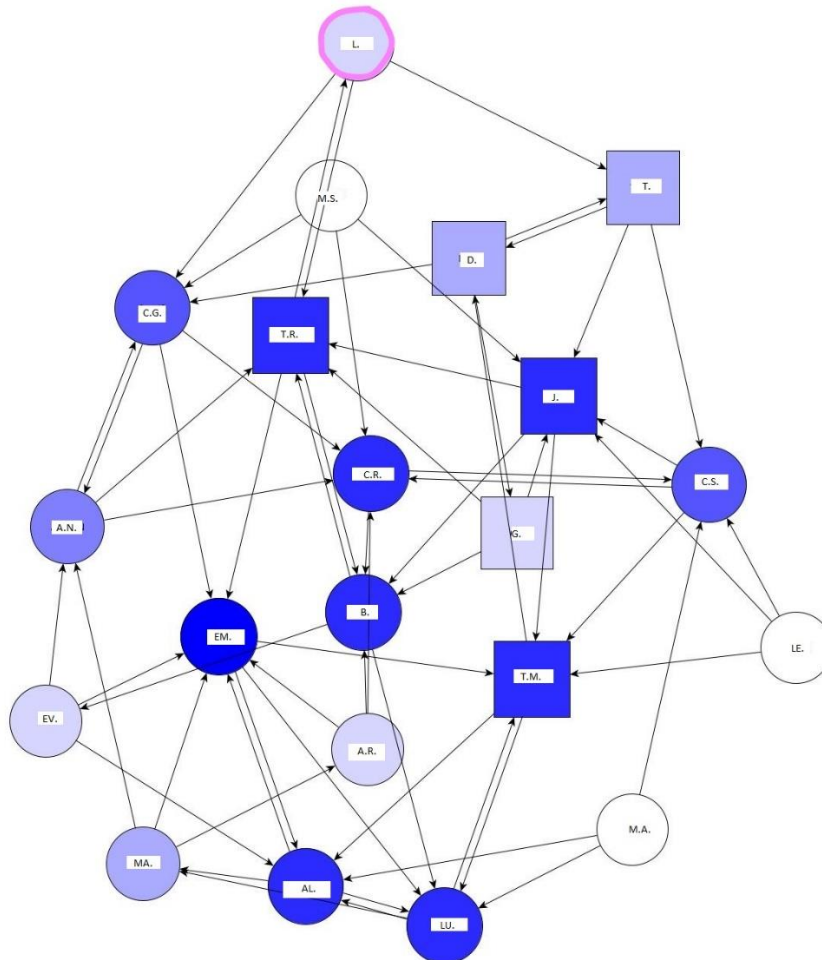
MATRIZ SOCIOMÉTRICA E SOCIOGRAMAS

| ' ' | | ' ' |

Respostas Escolhas																									
N = 21 Rapazes 6 Raparigas 15 Critérios 1, 2, 3		Rapazes												Raparigas										N.º Escolhas Feitas	N.º Escolhidos
		Toma1	Tiago	Joao	Toma2	Gui	Dinis	Leticia	Maty	CarolG	Alex	Luana	Leonor	CarolR	Bianca	CarolS	Mafal	Eva	Emilia	ArianR	ArianN	MatyS			
RAPAZES	Tomas1				020		003	100							200		010	002	300	001	030		9	9	
	Tiago			112	001		220								333								9	4	
	Joao	203	030		101		002			020					300						010		9	7	
	Tomas2		020	010			231				103	300		002									9	6	
	Gui	320		100											230			020					6	4	
	Dinis	030	200	021	012	100				300						003							9	4	
RAPARIGAS	Leticia	330	211						120	003						002						9	5		
	Maty		010	020	030					203	300				100				002		001	9	8		
	CarolG							001		003		020	100	030	002			300		210		9	8		
	Alexandra										133				002	320		210			001	9	5		
	Luana				220						111						300	002	033				9	5	
	Leonor			330	220											111	003		002				9	5	
	CarolR									200	020	010			300	100	002		033			001	9	8	
	Bianca	110									330							220					6	3	
	CarolS			200	132			001	003				300				010				020		9	7	
	Mafalda										002	003			010				230	300	121		9	6	
	Eva										200	003		020	010		030		302		101		9	7	
	Emilia				300						100	200		001	030		020			002	013		9	8	
	ArianaR	020			010		003	030					002	300	200				101				9	8	
	Ariana N	330								220					110	003	001	002					9	6	
Maty S.			223						111					332								9	3		
Totais em cada critério		561	241	563	574	100	224	110	002	542	526	533	011	533	551	426	254	122	645	103	363	003			
Totais combinados		012	007	014	016	001	008	002	002	011	013	011	002	011	011	012	011	005	015	004	012	003			
N.º dos que escolhem		007	005	008	010	001	005	002	002	007	009	008	002	008	010	008	010	004	009	004	007	003			

Sociograma das escolhas 1

Escolhe três amigos com quem gostarias de fazer um trabalho



Meninas:



Meninos:



Os mais
escolhidos



Os menos
escolhidos



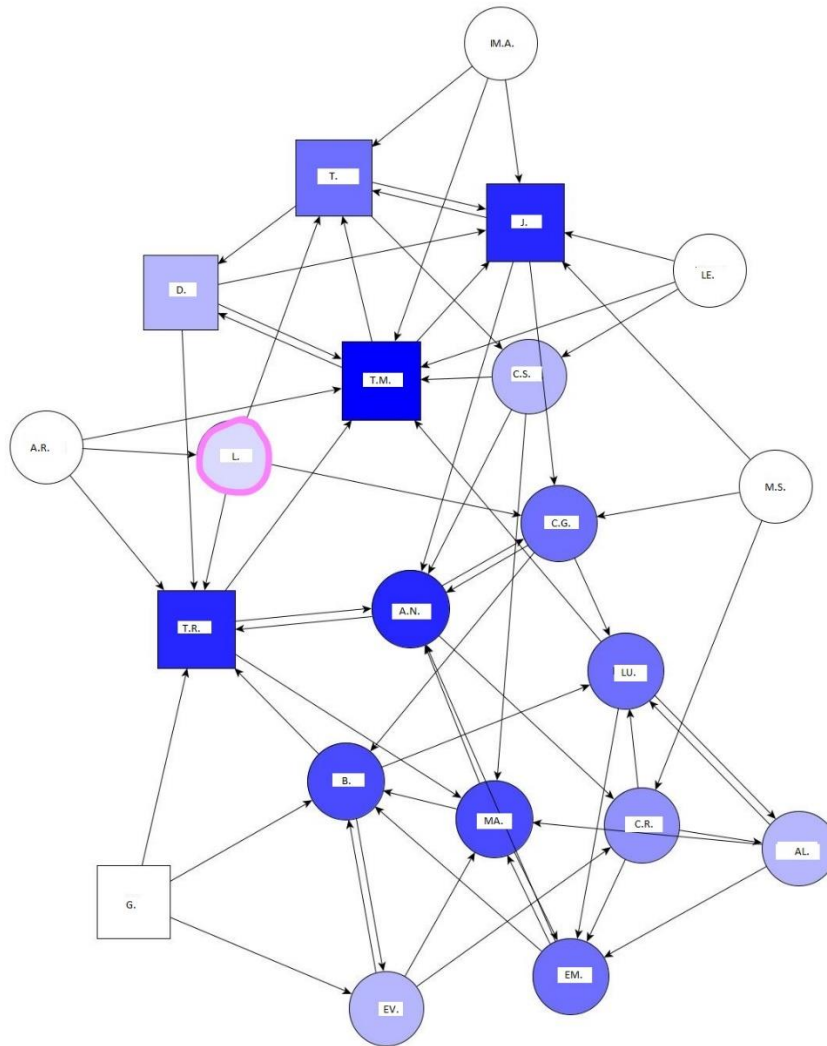
Uma escolha:



Escolha recíproca

Sociograma das escolhas 2:

Escolhe três amigos com quem gostarias de ir para o parque.



Meninas:



Meninos:



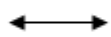
Os mais
escolhidos



Os menos
escolhidos



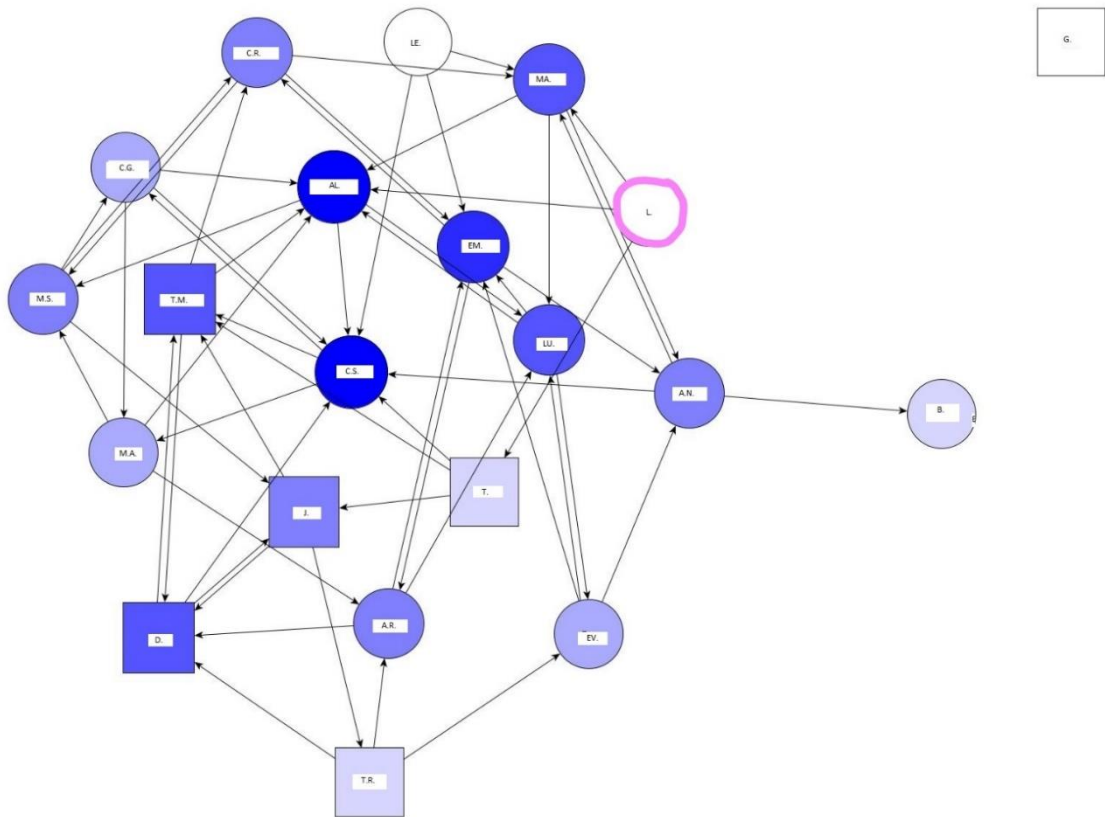
Uma escolha:



Escolha recíproca

Sociograma das escolhas 3:

Escolhe três amigos com que gostarias de levar para tua casa para brincar com os teus brinquedos?



Meninas:



Meninos:



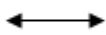
Os mais
escolhidos



Os menos
escolhidos



Uma escolha:



Escolha recíproca

ANEXO J
NOTAS DE CAMPO

| ' ' | | ' ' |

N ^a	Quem fez: autora do projeto	Data: 30/12/2019	Local: recreio	Inferência
	Descrição da nota de campo			
1	A L. estava no recreio a andar de carrinho e uma colega perguntou se podia andar de carro, a L. respondeu que sim e cedeu o seu lugar à colega. Depois de ter cedido ainda empurrou o carrinho à colega toda satisfeita.			A L. já consegue dar a vez

N ^a	Quem fez: autora do projeto	Data: 07/01/2020	Local: sala de atividades	Inferência
	Descrição da nota de campo			
2	A L. estava a brincar na casinha com os colegas. Queria brincar com uma boneca e chegou ao pé da colega e perguntou: - Podes emprestar-me um bocadinho se faz favor? A colega respondeu que sim e a L. foi brincar com a boneca.			A L. já consegue fazer pedidos aos colegas.

N ^a	Quem fez: autora do projeto	Data: 13/01/2020	Local: sala de atividades	Inferência
	Descrição da nota de campo			
3	A L. estava a brincar com uma colega na área dos jogos e estavam a fazer construções com os legos. Entretanto a colega começou a chorar porque a L. lhe tinha tirado o lego da mão. A L. vira-se para a colega, aperta a mão uma na outra e diz: - Calma, calma, calma.... – diz a L. levantando a mão de seguida. - Desculpa! – pede a L.			A L. já tenta autorregular-se; A L. pede desculpa.

N ^a	Quem fez: autora do projeto	Data: 21/01/2020	Local: sala de reuniões	Inferência
	Descrição da nota de campo			
4	<p>Numa reunião de avaliação com o encarregado de educação da A. o encarregado de educação pergunta:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Susana, vocês andam a trabalhar as relações sociais, não andam? - Sim, mas porque pergunta? - A A. agora chega a casa e diz que a L. é amiga dela. <p>A A. não gostava nada da L. e fazia-nos muitas queixinhas dela. Agora quer trazer brinquedos de casa de propósito para partilhar com ela. E diz que são todos amigos uns dos outros e que devem partilhar os brinquedos com os amigos. “Eu vou partilhar com a L.” – diz ela!</p>			<p>As histórias estão a contribuir para a aquisição de competências noutras crianças para além da L.</p> <p>As histórias estão a contribuir para aumentar a popularidade da L.</p>

N ^a	Quem fez: autora do projeto	Data: 05/02/2020	Local: sala de atividades	Inferência
	Descrição da nota de campo			
5	<p>Depois de um período de ausência devido à realização de uma cirurgia, a L. regressa à sala. Assim que chega com o pai, os colegas dirigem-se a ela, começam a bater palmas e a gritar:</p> <p>- L, L., L. – gritavam todos!</p>			<p>Os colegas mostraram que sentiram a falta da L. e que ela é-lhes querida.</p> <p>As histórias estão a servir para aumentar a popularidade da L.</p>

N ^a	Quem fez: autora do projeto	Data: 11/02/2020	Local: sala de Atividades	Inferência
	Descrição da nota de campo			
6	<p>A L. estava a brincar na área da biblioteca e foi buscar o livro da história social “Já sei brincar no recreio” e começa a “ler” e durante a leitura diz:</p> <p>- Quando queremos andar de baloiço temos de pedir e esperar, para ouvir o que a colega vai falar...</p>			<p>A L. parece ter percebido o conteúdo da história e repete a frase exatamente da mesma forma que ouviu aquando da leitura da história feita pelo contador.</p>

N ^a	Quem fez: autora do projeto	Data: 13/02/2020	Local: recreio	Inferência
	Descrição da nota de campo			
7	<p>No recreio a L. queria andar de carrinho, mas estava ocupado por outra menina. Então a L dirigiu-se à menina e começou a puxá-la. A colega começou a chorar. A educadora pergunta à L.:</p> <p>- Queres andar?</p> <p>- Sim – responde a L.</p> <p>- Então o que tens de fazer? – pergunta a educadora</p> <p>- Tenho de pedir- diz a L.</p> <p>- Então pede. – diz a educadora</p> <p>- Posso andar de carrinho se faz favor? – pergunta a L. à colega.</p> <p>A colega acena com a cabeça que sim e a L. vai andar e diz:</p> <p>- Obrigada!</p>			<p>A L. conseguiu perceber qual a atitude correta a tomar</p>

N ^a	Quem fez: autora do projeto - relato feito por uma das assistentes operacionais	Data: 18/02/2020	Local: recreio	Inferência
Descrição da nota de campo				
8	<p>A assistente operacional relata o que aconteceu no recreio do dia anterior.</p> <p>A L. queria uma mala que uma menina tinha trazido e começa a puxar a mala da mão da colega com o intuito de a tirar. A colega começa a chorar. Então a L. ao perceber que o adulto estava a olhar para elas, para de puxar a colega e pergunta-lhe:</p> <p>- Emprestas se faz favor?</p>			<p>A L. percebeu que estava a ter um comportamento incorreto e autocorrigiu-se.</p>


N ^a	Quem fez: autora do projeto	Data: 26/02/2020	Local: Entrada da sala de atividades	Inferência
Descrição da nota de campo				
9	<p>A mãe da L. veio buscar a L. mais cedo à escola para a levar à terapia da fala. O colega Tiago estava no WC e cruza-se com a mãe da L. e pergunta-lhe:</p> <p>- A L. vai embora? – pergunta o Tiago à mãe da L.</p> <p>- Sim Tiago, a L hoje tem de ir mais cedo. Vai às terapias.</p> <p>- Oh que pena! Logo hoje que eu queria começar a ensinar a L. a andar de bicicleta. – diz o Tiago.</p> <p>- Oh Tiago mas fazemos assim...amanhã eu prometo que a L. fica até um bocadinho mais tarde para a ensinares a andar de bicicleta. – responde a mãe da L. visivelmente emocionada.</p>			<p>O colega demonstrou preocupação em ajudar a L. a superar uma das suas dificuldades: andar de bicicleta.</p>


N ^a	Quem fez: autora do projeto	Data: 02/03/2020	Local: área da escrita	Inferência
Descrição da nota de campo				
10	<p>A M. estava a brincar com a C. na área da escrita e a M. diz à C.:</p> <p>- Não quero que a L. venha brincar connosco, ela grita muito! - diz a M.</p> <p>- Não digas isso, não fales assim da L.! Ela grita mas é porque ela é assim...não podes falar assim dela!</p> <p>A M. calou-se demonstrando ter percebido a mensagem da colega C.</p>			<p>A colega C. demonstrou capacidade de empatia para com a L.</p>

N ^a	Quem fez: autora do projeto	Data: 05/03/2020	Local: recreio	Inferência
Descrição da nota de campo				
11	<p>A assistente operacional comenta com a educadora: - Já viste? Desde as histórias da partilha que agora não há dia nenhum que os meninos não tragam algo para partilhar. Histórias, chocolates, rebuçados, plasticinas, slimes, brinquedos, sei lá...andam sempre carregados.</p>			<p>A assistente operacional relacionou a atitude dos meninos, de trazer brinquedos ou alimentos para partilhar, ao conto das histórias realizadas. As histórias ensinam os meninos a partilhar</p>

N ^a	Quem fez: autora do projeto	Data: 09/03/2020	Local: área da plasticina	Inferência
Descrição da nota de campo				
12	<p>A Le trouxe slime para partilhar com os amigos. Estavam quatro meninos na mesa a brincar com o slime quando a L. se dirigiu para a mesa. O educador apercebeu-se que a L. ia retirar o slime à colega sem pedir, chamou-a, olhou para ela e perguntou: - Queres slime? - Sim- responde a L. - O que tens de fazer? – pergunta o educador - Pedir- diz a L. - E como tens de dizer à amiga? – pergunta o educador. - Emprestas-me se faz favor? – diz a L. . Boa! É isso mesmo, então vai lá!- diz o educador. A L. chega ao pé da Le e pergunta: - Emprestas-me se faz favor? – pergunta a L. apontando para o slime. A Le vira-se para os amigos e diz-lhes: - Quem não se importa de dar um bocadinho de slime à L.? A M. parte um bocadinho do seu slime e partilha com a L.</p>			<p>A L. demonstrou que sabe como pedir emprestado o slime. As amigas demonstraram que sabem partilhar e não se importaram em momento algum de o fazer com a L.</p>

N ^a	Quem fez: autora do projeto	Data: 10/03/2020	Local: sala de atividades	Inferência
Descrição da nota de campo				
13	<p>Nesta manhã estávamos numa roda a realizar um jogo quando a L. chegou mais tarde por ter ido a uma consulta. A L. ao chegar diz: - Bom dia! Todos os meninos responderam e imediatamente se desviaram para arranjar lugar à L para se sentar na roda.</p>			<p>Os meninos preocuparam-se sem arranjar um lugar na roda para a colega L.</p>

N ^a	Quem fez: autora do projeto	Data: 12/03/2020	Local: área da casinha	Inferência
Descrição da nota de campo				
14	<p>As meninas estavam a brincar na casinha ao faz de conta. E estavam a fingir que estavam num salão de beleza a pintar as unhas umas às outras. A A. estava muito feliz a pintar as unhas à L. e vice-versa. Ficaram assim muito tempo.</p> 			<p>A L. já consegue permanecer mais tempo nas áreas de trabalho a brincar com os colegas</p>

N ^a	Quem fez: autora do projeto	Data: 13/03/2020	Local: área da biblioteca	Inferência
Descrição da nota de campo				
15	<p>A M. e a B. estavam as duas na área da biblioteca a contar as histórias sociais uma à outra. É apenas um dos muitos exemplos que acontecem diariamente.</p>			<p>As histórias sociais são do interesse das crianças uma vez que recorrem a elas várias vezes para as contar, imitando gestos e entoações usadas pelo educador.</p>
				

ANEXO K

**EXCERTOS DAS TRANSCRIÇÕES DAS
HISTÓRIAS E RESPETIVA ANÁLISE DE
CONTEÚDO**

| ' ' | | ' ' |

Tipo de história	História de autor - "O Valor da Amizade"
Contexto	Grande Grupo
Participantes	Criança com MD, grande grupo e o contador de histórias
Data	06 /01/2020
Duração	21.19
Descrição do contexto educativo:	Numa sala pré-escolar, os meninos sentam-se no chão em semi círculo e de frente para o contador.

Descrição dos comportamentos observados	Inferências
<p>O contador informou verbalmente o grupo que iam ouvir uma história e iam filmar o conto dessa mesma história.</p> <p>O contador começa por introduzir a história fazendo referência ao título e apontando para a imagem da capa:</p> <p>-“Quanto vale a amizade?”- diz o contador ao mesmo tempo que mostra a imagem aos meninos na roda</p> <p>- É a Maria! – diz a L.</p> <p>-Shiuuuuu- diz o contador, colocando o dedo na boca e em seguida no ouvido.</p> <p>-É a história do João e da Maria- diz o contador</p> <p>A L. começa a acenar com a cabeça que sim e com um sorriso diz: - É!!!</p> <p>- A Maria tem uma flor! Quanto vale a tua flor Maria? Não tem preço a minha flor. Com algumas gotas do regador e uma boa dose de carinho especial, olha, cada dia ela está maior! – a L. começa a esfregar as mãos e imite um som baixinho. – A flor da Maria está cada dia maior.</p> <p>-Eu também tenho um cãozinho! – diz a L.</p> <p>- Ahhh, o João tem um papagaio de papel. Quanto vale o teu papagaio de papel João? Não tem preço o meu papagaio de papel. O vento a soprar de mansinho! – diz o contador enquanto sopra para os meninos e a L. diz:</p> <p>- VUUUUUU!!!!</p> <p>- Empurra o cordel, lá bem alto! Quem me dera voar assim...como o papagaio de papel. – diz o contador.</p> <p>- Eu também vá comprar balão papel...! – diz a L. mexendo no cabelo.</p> <p>- Sim, a mãe também vai comprar um balão de papel. Mas o João tem um papagaio de papel. – responde o contador baixinho.</p> <p>- Um “pagaio”?!!!- diz a L.</p> <p>- Vamos ver quem vem a seguir? – pergunta p contador</p> <p>- Eh, olha eu quero um “pacagaio” “tabalha” . Eu quero um balão de papel que eu “paio”...vummmmm eu “sopa”- diz a L. gesticulando e soprando.</p> <p>- Quando nós soprarmos o balão também voa como o papagaio tens razão! Vamos ouvir quem vem a seguir? – pergunta o contador. E a L. tenta interromper de novo mas é impedida pelos amigos que dizem: - Simmm!</p> <p>- Então a seguir ao João vem.....- pergunta o contador</p>	<p>Os meninos estão atentos.</p> <p>A L. diz que tem um cãozinho antecipando algumas páginas que vêm a seguir.</p>

- A Maria – responde a L. com um sorriso no rosto.

- Não sei, será que é a Maria? – pergunta o contador.

- É a Mariaaaa- responde a L gesticulando e sorrindo.

- A Maria tem uma boneca. Quanto vale a tua boneca Maria? Não tem preço a minha boneca. Dou-lhe um abraço bem apertado, faço de conta que é gente e é bom o que a gente sente. a Maria....- diz o contador que é interrompido pela L que diz:

- Dá um abraço apertado uma boneca- diz a L. fazendo o gesto do abraço.

- ...tem...- diz o contador que volta a ser interrompido pela L. :

- Ela “dome”, ela “dome” assim com a boneca – fazendo um gesto com as mãos encostando o rosto. – porque ela dá um abraço apertado à boneca – diz a L. fazendo o gesto do abraço.

- Ela usa a boneca para dormir e dá-lhe um abraço apertado – diz o contador diminuindo o tom de voz.

- Apertado à boneca – repete a L. gesticulando

- Agora a seguir vem....Quem virá a seguir? - pergunta o contador

- O João – respondem os meninos.

- O João?!!!!!! Será que é o João?- pergunta o contador

- Sim- respondem os meninos

- O João tem uma bola!!!!Quanto vale a tua bola João? Ummm...não tem preço a minha bola, parece que nunca se cansa a minha bola, sempre pronta a rebolar, a rebolar....- diz o contador quando é interrompido pela L.:

- Eu também quero uma bola dessas para rebolar – diz a L. gesticulando e simulando um pontapé.

- ...vê se me consegues apanhar. Será que conseguimos apanhar a bola? – continua e pergunta o contador.

- Simmmm- respondem os meninos.

- A mãe vai comprar uma bola dessas para ir brincar – diz a L.

- Para agente brincar não é? com a bola. – pergunta a L. dirigindo-se para os colegas do lado.

- Não! – responde o D.

- Eu já tenho duas bolas – diz a C.

- Eu queroooooo! – grita a L. e leva as mãos ao peito.

- Mas...-começa o contador com um tom de voz mais elevado-mas....

- Agora é a Maria – diz a C.

- Mas...o João tem uma bola e a seguir quem vem? – pergunta o contador.

- É a Maria – diz a C.

- A Mariaaaa- dizem os meninos e a L grita:

- Não, a Mariaaaa!

- Será que é a Maria? – pergunta o contador

- É!!!! – respondem os meninos

- Shiuuuuu escuta! – diz o contador.

- A L. tem uma pastilha na boca! – diz a L.

Queria ser a L. a responder por isso disse “não” aos gritos.

A L. vê a L. a mastigar um elástico do cabelo na boca e diz que ela tem pastilha. A L. retira o elástico da boca.

- Então agora vamos ver... a Maria tem um vestido. Quanto vale o teu vestido Maria? Não tem preço o meu vestido com ele eu sou uma princesa, danço, danço e rodopio até às doze badaladas, 1,2,3,4,5,6,7,8,9,10,11,12, oh eu perdi o sapato ao descer as escadas. A Maria...- diz o contador **quando é interrompido pela L. que diz:**

- Ela perdeu o sapato ao “dezer” as escadas – repete a L.

- Ela perdeu o sapato ao descer as escadas. – diz o contador baixinho.

- **Olha o pé, o pé da Maria.- diz a L. a sorrir e a abanar-se.**

- Ela perdeu o sapato...- diz o contador num tom de voz baixo.

- Agora é o João!- diz a C.

- Será que é o João que vem?- pergunta o contador.

-Simmmmm- respondem os meninos – **enquanto isso a L. vai gesticulando e olhando para o teto.**

- vamos ver se é o João!

-É o João – diz a C.

- então vamos ouvir.

- **Tu és amiga. – diz a L.**

- Eu vou espreitar se é o João- diz o contador baixinho.

- É o João- diz a C. a sorrir

- É o João- diz o D. a sorrir – eu já sabia!!!

- O João tem um boné. Quanto vale o teu boné João? Hummmmm...não tem preço o meu boné. O boné é meu! Sou capitão, pirata ou explorador, parto em aventuras no espaço, olha para mim, hoje eu sou um inventor! O João é um inventor. – diz o contador alternando o tom de voz enquanto os meninos acompanham atentamente.

- **O que é isso? é uma torneira? – pergunta a I. quando olha para a imagem que tem um tubo de ensaio. – Olha o meu gatinho, o meu gatinho...!**

- Olha, nós não estamos a falar do gatinho agora estamos a falar que o João tem um boné!

- Agora é a Maria! – diz a C.

- Será que é a Maria? – pergunta o contador

- **Simmmmm, é a Maria! – respondem os meninos.**

- Vamos ver se é a Maria!!!!- diz o contador

- É, simmmmm, é a Maria! Maria...Maria...Maria– dizem os meninos.

- Eu preciso silêncio para ver se é a Maria! – diz o contador baixinho.

- **Eu também quero contar essa história – diz a L.**

- Depois vais contar a história. – sussurra o contador.

- Ahhhhhh! A Maria tem uma mala! Quanto vale a tua Mala Maria? Não... tem... preço a minha mala. – diz o contador **e a L. sorri – lá dentro está guardado um tesouro contem tudo o que possas imaginar pois, os sonhos, esses, não ocupam lugar.**

- **Tem uma mala?!!! Eu tenho um tesouro...pucutu, pucutu...paaaa...diz a L. gesticulando e olhando para o teto.**

A L. começa a ter um discurso descontextualizado.

<p>- A Maria tem uma mala Ela guarda lá os sonhos A Maria tem uma mala Ela guarda lá os sonhos! – começa a cantar o contador. Nesse momento, a L. para para escutar e acompanhar a canção!</p> <p>- E agora?!!!! – pergunta o contador -É o João!!!!- dizem todos! – e a L. gesticula, olha para o lado, bate palmas e olha para trás.</p> <p>- Será que é o João? – pergunta o contador- então vamos contar até 3? - 1,2,3...- dizem todos. - Não deu, vamos contar ate três outra vez para ver se vem lá o João! – diz o contador baixinho e a L. acompanha atentamente e com o olhar fixo no contador. - 1,2,3- dizem todos! -333333333- grita a L. - Assim não dá tem de ser mais devagarinho – diz o contador. - 1,2,3...- dizem todos outra vez exceto a L. que fica caladinha a olhar para o contador. E quando vê surgir da nova página o João começa a esboçar um sorriso. - O João tem uma caixa de lápis de cor. Quanto vale a tua caixa de lápis de cor João? Não tem preço a minha caixa de lápis de cor...ai pois é! - Pois é, pois é – repete a L. -...com eles invento mil mundos coloridos mas o azul e o amarelo são os meus preferidos. O João gosta do lápis azul e amarelo... - Ele está a pintar um sol? Ele está a pintar um sol? – pergunta a L. interrompendo a história - Se o teu lápis é azul bate palmas....(batem palmas) se o teu lápis é azul bate palmas... (batem palmas). Se o teu lápis é azul, se o teu lápis é azul, se o teu lápis é azul bate palmas (os meninos começam a cantar e a bater palmas). A L. canta e balança o corpo com um sorriso no rosto. - Se o teu lápis é amarelo, estala os dedos.... (estalam os dedos), se o teu lápis é amarelo estala os dedos (estalam os dedos). se o teu lápis é amarelo, se o teu lápis é amarelo, se o teu lápis é amarelo, estala os dedos! (estalam os dedos e cantam). (...) - Se o sol é amarelo bate o pé! – canta a L. -E agora o que vem a seguir? – pergunta o contador É a Maria! – dizem todos - Será que é a Maria? –pergunta o contador - Sim!!!! – respondem todos enquanto isso a L. continuava a cantar e a balançar o corpo. - Então vamos escutar...vamos escutar?!!! – pergunta o contador.</p>	<p>A L. adora cantar e ouvir cantar. Permanece assim por uns instantes.</p> <p>A L. conta querendo antecipar a contagem pedida pelo contador na transição de algumas páginas.</p> <p>A L. dispersa.</p>
---	---

<p>A L. para de cantar e dirige o seu olhar para o contador e depois para o lado. O contador volta a dizer baixinho:</p> <p>-Vamos escutar?!!!!</p> <p>- Então vamos ver se vem a Maria! – diz o contador.</p> <p>- 1,2,3 – conta a L.</p> <p>- A Maria tem uma bicicleta. quanto vale a tua bicicleta Maria? Não tem preço a minha bicicleta! Sempre a pedalar corro o mundo em pouco mais do que um segundo. Vê lá se me consegues apanhar. A Maria tem uma bicicleta- - diz o contador baixando o tom de voz.</p> <p>- Eu também tenho uma bicicleta! – grita a L. com um sorriso no rosto.</p> <p>Alguns meninos começam a dizer que tem uma bicicleta também cruzam-se conversas. Enquanto isso a L. começa a olhar para o teto e a cantar baixinho a musica e a bater o pé.</p> <p>- E agora o que vem a seguir L?- pergunta o contador</p> <p>- O João – respondem todos e a L. para de cantar e olha para o contador.</p> <p>- Ah...eu quero que seja a L.- diz o contador.</p> <p>- L. o que vem a seguir? – volta a pergunta o contador.</p> <p>- Se o sol é amarelo bate o pe- diz a L. a sorrir</p> <p>- Quem vem a seguir L? – mais uma vez pergunta o contador.</p> <p>A L. começa a gesticular com as mãos de forma repetitiva e a grande velocidade.</p> <p>- O João! – respondem alguns menos!</p> <p>- Não, nãoooooooo! – grita a L.</p> <p>- L. quem vem....</p> <p>- É o João...tem uma trotineta – responde a L.</p> <p>- Será que é o João na trotineta?! – pergunta o contador. E a L. acena com a cabeça que sim e olha fixamente para o contador.</p> <p>- Vamos ver se é o João na trotinete- diz o contador baixinho.</p> <p>- O João tem uma trotineta. quanto vale a tua trotineta João? Não tem preço a minha trotineta. Pela rua vou a acelerar, um pé, ora no chão, ora no ar. Quem me dera poder acompanhar o João.</p> <p>-Eu também quero uma trotineta! – diz a L. – todos tem uma trotineta- diz a L. enquanto olha para o lado gesticulando.</p> <p>Os pares começam a dizer se tem ou não uma trotineta e a L. vira-se para o lado e diz:</p> <p>- Não, tá lá uma....inha...olha eu vou saltar no trampolim com a mãe! – diz a L.</p> <p>-Posso contar a história?!- pergunta o contador</p> <p>- Mas a minha mãe!.... – diz a L.</p> <p>- Mas agora não estamos a falar nem do trampolim nem da mãe da L. estamos a falar da trotineta do João. – diz o contador e a L. olha atentamente para ele.</p> <p>-Eu também quero “ler” – diz a L.</p> <p>-Quem será que vem a seguir C. – pergunta o contador</p> <p>- É a Maria! – responde a C.</p> <p>- Será que é a Maria? – pergunta o contador</p>	<p>A L. gritou porque queria ser ela a responder.</p> <p>A L. antecipa o que vai acontecer e acompanha a história atentamente.</p> <p>AL. começa a falar descontextualizado.</p> <p>A L. demonstra interesse em “ler” a história.</p> <p>A L. dispersa</p>
--	--

<p>- Sim- respondem</p> <p>- Será que é a Maria? Vamos ver- responde o contador. A L. acompanha a história.</p> <p>- A Maria tem um livro. Quanto vale o teu livro Maria? Não tem preço o meu livro – diz o contador baixinho – tem todas as histórias do mundo. e se eu não gostar do final posso mudar basta inventar – diz o contador enquanto a L. olha ora para quem a filma ora para o chão, ora para o contador.</p> <p>- Ela tá num...ela num tá...ela tá numa nuvem? - pergunta a L. – ela num tá, ela num...ela tá numa nuvem? – volta a perguntar.</p> <p>- Ela está em cima de uma nuvem sim L. – responde o contador</p> <p>- Ela tá em cima de uma nuvem? – repete a L.</p> <p>- Um gato...o meu gatinho...o meu gatinho come- diz a L.</p> <p>- É um passarinho – diz a C.</p> <p>-Este não é um gato, é um pássaro sim! – diz o contador.</p> <p>- O pássaro tá num outra nuvem...! – diz a L.</p> <p>(...)</p> <p>- Ela tá...a Maria tá lá em cima da nuvem? O passarinho tá lá em cima...- continua a L</p> <p>- E agoraaaaaa- interrompe o contador</p> <p>- É o Joao! – diz a C.</p> <p>- Não sei! Não sei se é o João! – responde o contador.</p> <p>- O João.....- começa o contador</p> <p>- Das letras – diz a L.</p> <p>- ...tem um caderno. quanto vale o teu caderno Joao? Não tem preço o meu caderno....</p> <p>- Malucaaaaaa- interrompe a L. olhando para a colega do lado</p> <p>-...eu aprendo as primeiras letras e não faz mal se eu me enganar ainda agora estou a começar – diz o contador enquanto a L. vai mexendo as sobrancelhas e os olhos repetidamente.</p> <p>- A- diz a L.</p> <p>- É o A...é o A...- diz a L. e começa a gesticular, a abanar-se e a olhar para o lado a conversar com o teto.</p> <p>- Desenhou o A, desenhou o E...desenhou o I, desenhou o O, desenhou o U- diz o contador enquanto a L. vai acompanhando e colocando a mão na boca.</p> <p>- A, E, I,O, U diz agora tu---a,e,i,o, u...UU! – canta o contador e a L. termina também a cantar.</p> <p>- Mas não faz mal se me enganar porque ainda agora estou a...</p> <p>- ...fazer...- respondem os meninos.</p> <p>- ...a começar. Muito bem! – diz o contador enquanto a L. está a cantarolar e a gesticular. O contador faz silêncio e olha fixamente para a L. que termina de cantarolar.</p> <p>- Agora é a Maria – diz a C.</p> <p>- Será que é a Maria? – pergunta o contador.</p> <p>- Simmmm- respondem os meninos e a L. responde e gesticula.</p> <p>- A Maria tem um gato. quanto vale o teu gato Maria? Não tem preço o meu gato. Faço festas no pelo macio e ouço o ronronar tão contente enroscado no seu cobertor quente.</p>	<p>A L. está atenta e a acompanhar a história.</p> <p>A L. estava muito atenta a ouvir a história.</p> <p>A L. acompanha a história e está ansiosa para ver o que vem a seguir.</p>
---	---

<p>- Tem um gato a Maria? – pergunta a L.</p> <p>- A Maria tem um gato- responde o contador sussurrando.</p> <p>- Eu também quero comprar esse! – diz a L.</p> <p>- O gato tá a dormir- diz a L. olhando para quem está a filmar.</p> <p>- O gato está enroscado num cobertor quente para dormir – diz o contador alternando o tom de voz.</p> <p>(...)</p> <p>- Eu tenho um gato também! Eu dou uma festinha para dormir no quente! Uma manta quente e pegaaaa é um miau...– diz a L. gesticulando e fazendo uma festinha no seu próprio pescoço.</p> <p>- É um gato que tem uma manta quente como a da Maria? – pergunta o contador. – Hammmm boa! E agora será que o João também tem um gato? – pergunta o contador.</p> <p>- Não...! – respondem os meninos</p> <p>- Simmmmm- respondem</p> <p>- O João tem um gato?!!! – pergunta o contador.</p> <p>- Nãooooo- dizem eles</p> <p>- Se calhar tem um cão! – diz a C.</p> <p>- Se calhar tem um cão! Vamos ver? – pergunta o contador</p> <p>- Sim!!!! – diz a C.</p> <p>- O João tem um.....- começa o contador</p> <p>- Cão!!!- terminam os meninos</p> <p>- Será?!!!- pergunta o contador para criar suspense!</p> <p>(....)</p> <p>- O João.... começa o contador</p> <p>- ...tem um cão! – termina a L. colocando o dedo no queixo.</p> <p>- O João tem um cão! quanto vale o teu cão João? Não tem preço o meu cão.</p> <p>- Um cãozinho. - diz a L.</p> <p>- Somos bons companheiros, qua do me vê, desata a saltar, abana a cauda, ele quer é brincar... ão, ão, faz o cão do João. – diz o contador diminuindo o tom de voz.</p> <p>- ão, ão – diz a L. – o meu cãozinho é auzuleeeeeee. Olha ele não para! Ele não para! – diz a L. apontando para o colega que estava a abanar-se.</p> <p>- O cãozinho é uzuleeeeeee! – volta a repetir a L.</p> <p>- Agora vem... - começa o contador</p> <p>-A Maria!- diz a C.</p> <p>- Será que é a maria C.? – pergunta o contador</p> <p>- Sim!!!! – respondem os meninos. Faz-se silencio a ver o que vai acontecer. A L. fica parada a olhar para o contador.</p> <p>- Não sei se é a Maria. Vou ver! – diz o contado baixinho.</p> <p>- Dou um abaço! – diz a L. baixinho gesticulando</p> <p>- A Maria tem um amigo. Quanto vale o teu amigo Maria? Não tem preço o meu amigo. Chama-se João. – diz o contador e aqui a L. esboça um sorriso enquanto olha fixamente para o contador e mexe nas mãos. – Acaso sabes que não e pode comprar o sorriso que a amizade faz brotar? A Maria tem um amigo que é o João. – a L vai esfregando as mãos uma na outra.</p>	<p>Perde o foco</p> <p>AL. faz um comentário descontextualizado.</p>
---	--

- Tá a pisar o meu casaco. – diz a L.
 - Agora...L. quem vem a seguir? – pergunta o contador.
 - a...a...a – começa a L.
 - E tá a pisar o meu casaco. – diz a L.
 João – respondem os meninos
 - Naoooooo...- grita a L. enquanto empurra o amigo do lado
 - O João! – responde ela.
 - Será que vem o João?!!!!- pergunta o contador baixinho. E a L. acena com a cabeça que sim sorrindo.
 - O João tem uma amiga...- começa o contador
 - a Mari...a Mariiii ...a – começa a L. a gritar e a interromper o contador que tenta finalizar a frase. O contador olha fixamente para a L. e faz-se um breve silencio.
 - Quem é a amiga do João A.?!?! – pergunta o contador.
 - A Maria- responde a A.
 - A Maria é a amiga do João
 - E a amiga...e a amiga...- diz a L. enquanto coça a orelha.
 - Agora é a vez da A. responder e tu vais escutar. – diz o contador
 - Está bem!- responde a L. olhando na direção da A. e abrindo a boca.
 - Obrigado – diz o contador.
 - Então quem é a amiga do João?
 - A Maria! Então o João tem uma amiga que é a Maria. – a L. vai olhando para o teto e para o lado - Quanto vale a tua amiga João? Não tem preço a minha amiga. – aqui a L. volta a olhar para o contador. - Chama-se Maria ela tem um sol no lugar do coração e aquece todos os meus dias. A Maria e o João agora são amigos. – diz o contador enquanto a L. olha para o lado e toca no joelho da C dizendo: - miauuuu - e a C. afasta-a com a mão e ela diz: - É um gato! – a L. volta a tocar mas agora no joelho do amigo D. e diz: - miauuuu! – o amigo D. também a afasta.
 - Quanto valem os novos amigos, Maria e João? – a L. olha para quem está a filmar a história fixamente.
 O contador faz uma pausa e estala os dedos na direção da L. que olha imediatamente para o contador e pergunta:
 - Que é que foi?!!!!
 - Não tem preço os novos amigos. Cada menino que abre este livro torna-se para nós, um novo amigo. – diz o contador
 - Xau- responde a L. acenando com a mão.
 - E tu, conheces o valor da amizade?!!! – pergunta o contador.
 - Eu gosto de uma amizade! – responde a L.
 - Matilde quem é o teu amigo?!!! Quem é o teu amigo aqui na escola?
 - É o Tiago – interrompe a L.
 - A Maria...Vais ouvir a Matilde! A Maria tem um amigo. E tu quem é o teu amigo? São todos? São todos os teus amigos? Somos todos amigos uns dos outros meninos?

A L. antecipa o final da história.

- Simmmmm- respondem todos.
 -sim...muito bem...a amizade não tem preço, pois não?-
 pergunta o contador. A L. começa a levantar-se da roda e fica
 de joelhos a acompanhar o contador e os pares:
 - Vitória Vitória acabou-se a história...Com pós de
 perlimpimpim a nossa história chegou ao fim! Plim Plim...
FIM

ANÁLISE DE CONTEÚDO DA HISTÓRIA COMUM "O VALOR DA AMIZADE" – Grande grupo

Tipo de história	História de autor - "O Valor da Amizade"
Contexto	Grande Grupo
Participantes	Criança com MD, grupo de crianças e o contador de histórias
Data	06 /01/2020
Duração	21.19
Descrição do contexto educativo:	Numa sala pré-escolar, os meninos sentam-se no chão em semi círculo e de frente para o contador..

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de registo
Reações da L. ao conto da história	Atenção dirigida às imagens e ao contador de histórias	Olha atentamente para o contador	"...exceto a L. que fica caladinha a olhar para o contador" "...L. para de cantar e dirige o seu olhar para o contador e depois para o lado" "...a L. para de cantar e olha para o contador." "...diz o contador e a L. olha atentamente para ele." "aqui a L. volta a olhar para o contador" "A L. fica parada a olhar para o contador" "...a L. olha ...ora para o contador." "...dedos na direção da L. que olha imediatamente para o contador" "...e olha fixamente para o contador" "A L. acompanha a história."
		Fica parada/o a olhar para a página / imagem do livro acompanhando a história	"A L. começa a levantar-se da roda e fica de joelhos a acompanhar o contador e os pares"

(cont.)

ANÁLISE DE CONTEÚDO DA HISTÓRIA COMUM "O VALOR DA AMIZADE" – Grande grupo

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de registo
Reações da L. ao conto da história	Atenção dirigida às imagens e ao contador de histórias	Olha para imagens e para o contador de histórias, acompanhando o conto da história	"...quando olha para a imagem que tem um tubo de ensaio. – Olha o meu gatinho, o meu gatinho...!" "...a L. acompanha atentamente e com o olhar fixo no contador."
	Seguimento das ações do contador da história	Acompanha a ação do contador de histórias Imita a ação do contador de histórias	"...a L. para para escutar e acompanhar a canção!" "O vento a soprar de mansinho! – diz o contador enquanto sopra para os meninos e a L. diz: - VUUUUUU!!!!"
	Reage com movimentos corporais / vocais	Agitação corporal e/ou vocal (gritos)	"...a L. começa a esfregar as mãos e imite um som baixinho..." "...a L. grita:- Não, a Mariaaaa!" "...e abrindo a boca." "...enquanto coça a orelha..." "...começa a L. a gritar..." "L vai esfregando as mãos uma na outra". "...a L. vai mexendo as sobrancelhas e os olhos repetidamente" "Não, nãoooooo! – grita a L." "A L. canta e balança o corpo ..." "...a L. termina também a cantar." "...para a L. que termina de cantarolar" "...a L. ... e a cantar baixinho a música e a bater o pé." "...a L. continuava a cantar e a balançar o corpo." "...estalam os dedos e cantam." "ão, ão – diz a L." "...mexendo no cabelo." "...e simulando um pontapé." "...e olhando para o teto".
Perda do foco na história	Desvio do olhar	"...a L. vai olhando para o teto e para o lado" "...e olhando para o teto" "...a L. olha para quem está a filmar a história fixamente." "...olha ora para quem a filma ora para o chão"	

ANÁLISE DE CONTEÚDO DA HISTÓRIA COMUM “O VALOR DA AMIZADE” – Grande grupo

			"...olhando para quem está a filmar." "...e a olhar para o lado a conversar com o teto." "L. olha para o lado" "...olha para o lado, olha para trás..." "L. para de cantar e dirige o seu olhar....e depois para o lado" "...começa a olhar para o teto" "Não, tá lá uma.....inha...olha eu vou saltar no trampolim com a mãe! – diz a L." "Mas a minha mãe!... – diz a L."
Interação com os pares	De natureza positiva decorrente da iniciativa de L.	Muda de assunto	"Para agente brincar não é? com a bola. – pergunta a L. dirigindo-se para os colegas do lado." "- Tem uma mala?!!!"
		Coloca perguntas a colegas	"...toca no joelho da C"
		Manifesta afeto através do toque	"olhando para a colega do lado" "...olhando na direção da A." "...apontando para o colega que estava a abanar-se."
	De natureza negativa decorrente da iniciativa de L.	Empurra o colega	"...enquanto empurra o amigo do lado"

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de registo
interação entre L. e o contador de histórias	Nomeação do que observa nas imagens e/ou é sugerido pelo contador	Descreve oralmente o que vê nas imagens num tom de admiração	"- É a Maria! – diz a L." "Ela perdeu o sapato ao "dezer" as escadas" "Olha o pé, o pé da Maria.- diz a L" "1,2,3...- dizem todos".
		Conta até 3 para virar a página	"- 1,2,3 – conta a L." "- 1,2,3- dizem todos!"
		Faz afirmações	"- Eu também tenho um cãozinho! – diz a L." "Pois é, pois é – repete a L".

ANÁLISE DE CONTEÚDO DA HISTÓRIA COMUM “O VALOR DA AMIZADE” – Grande grupo

			"E a amiga...e a amiga....- diz a L" "Eu também tenho uma bicicleta! – grita a L" "O cãozinho é uzuleeeee! – volta a repetir a L." "- Dou um abação! – diz a L" "- E tá a pisar o meu casaco. – diz a L." "A L. tem uma pastilha na boca! – diz a L." "Tá a pisar o meu casaco. – diz a L." "Eu tenho um tesouro...pucutu, pucutu...paaaa..." "Tu és amiga. – diz a L." "A mãe vai comprar uma bola dessas para ir brincar – diz a L". "O meu cãozinho é uzuleeeee. Olha ele não para! Ele não para! – diz a L" "...porque ela dá um abraço aperto à boneca – diz a L" "...todos tem uma trotineta- diz a L." "Um gato...o meu gatinho...o meu gatinho come- diz a L." "...ela diz: - É um gato" "Um cãozinho. - diz a L." "...dizendo: - miauuuu" "- Eu gosto de uma amizade! – responde a L". "Das letras – diz a L" "Eu tenho um gato também! Eu dou uma festinha para dormir no quente! Uma manta quente e pegaaaa é um miau...– diz a L". "Apertado à boneca..." "333333333- grita a L." "Se o sol é amarelo bate o pé! – canta a L." "Eu também vá comprar balão papel...! – diz a L." "Eh, olha eu quero um "pacagaio" "tabalha" . Eu quero um balão de papel que eu "paio"...vummmmm eu "sopa..." "- Eu também quero contar essa história – diz a L." "...quando é interrompido pela L.: Eu também quero uma bola dessas para rebolar"
	Formulação de pedidos e questões sobre o que observa	Formula pedidos	

ANÁLISE DE CONTEÚDO DA HISTÓRIA COMUM “O VALOR DA AMIZADE” – Grande grupo

		Coloca perguntas sobre o que observa	“Eu também quero uma trotineta! – diz a L.”
			“Eu também quero “ler” – diz a L.”
	Resposta às questões colocadas pelo contador de histórias	Responde oralmente à pergunta do contador de histórias	“Eu querooooo! – grita a L.”
			“Eu também quero comprar esse! – diz a L.”
			“- Um “pagaio”?!!!- diz a L.”
			“Ele está a pintar um sol? Ele está a pintar um sol? – pergunta a L. interrompendo a história”
			“Ela tá num...ela num tá...ela tá numa nuvem? - pergunta a L”
			“- ela num tá, ela num...ela tá numa nuvem? – volta a perguntar”
			“Ela tá...a Maria tá lá em cima da nuvem?”
			“Tem um gato a Maria? – pergunta a L”
			“Ela tá em cima de uma nuvem? – repete a L”.
			“...contador e pergunta:- Que é que foi?!!!!
			“O que é isso? é uma torneira? – pergunta a L.”
			“É!!!! – respondem os meninos”
			“- Simmmmm, é a Maria! – respondem os meninos.”
			“- É o João!!!!- dizem todos!”
			“Se o sol é amarelo bate o pé- diz a L.”
			“É o João...tem uma trotineta – responde a L.”
			“Sim- respondem”
			“-...a L. responde e gesticula”
			“Não....! – respondem os meninos”
			“- Simmmmm- respondem “
			“Nãooooo- dizem eles”
			“Cão!!!- terminam os meninos”
			“tem um cão! – termina a L. colocando o dedo no queixo.”
			“Sim!!!! – respondem os meninos”
			“a...a...a – começa a L.”
			“- O João! – responde ela.”
			“Xau- responde a L. acenando com a mão”
			“Está bem!- responde a L”
			“João – respondem os meninos”

ANÁLISE DE CONTEÚDO DA HISTÓRIA COMUM “O VALOR DA AMIZADE” – Grande grupo

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de registo
Funções da comunicação observadas na interação entre a criança e o contador de histórias	Resposta às questões colocadas pelo contador de histórias	Responde oralmente à pergunta do contador de histórias	“- A Maria – responde a L”.
		Responde gestualmente à pergunta do contador de histórias	“É a Mariaaaa- responde a L”
			“- O João – respondem os meninos”
			“Simmm- respondem os meninos.”
			“...fazer...- respondem os meninos.”
			“Simmm- respondem os meninos”
			“Nãooooo....- grita a L”
			“- a Mari...a Marii ...a – começa a L.”
			“E a L. acena com a cabeça que sim”
			“A L. começa a acenar com a cabeça que sim...”
			“...L. acena com a cabeça que sim...”

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de registo
Funções da comunicação observadas na interação entre a criança e o contador de histórias	Interrupção do conto da história	Interrompe a história para acrescentar algo à história	“E a L. tenta interromper de novo...”
		Interrompe a história	“...é interrompido pela L que diz:- Dá um abraço apertado uma boneca- diz a L..”
			“...volta a ser interrompido pela L. :- Ela “dome”, ela “dome” assim com a boneca...”
			“Malucaaaaaa- interrompe a L.”
			“É o Tiago – interrompe a L.”
			“começa a L. a gritar e a interromper o contador que tenta finalizar a frase”
			“...e a interromper o contador que tenta finalizar a frase”
Formas de exploração da história	Formulação de comentários sobre o que vê na imagem com o contador de histórias	Comenta oralmente o que vê na imagem com o contador de histórias	“A- diz a L.”
			“É o A...é o A...- diz a L”
			“- O pássaro tá num outra nuvem....! – diz a L.”
			“O gato tá a dormir- diz a L”
			“O passarinho tá lá em cima...- continua a L”.

ANÁLISE DE CONTEÚDO DA HISTÓRIA COMUM "O VALOR DA AMIZADE" – Grande grupo

		<p>Comenta o que observa sorrindo e/ou fazendo gestos</p>	<p>"...com um sorriso"</p> <p>"com um sorriso no rosto."</p> <p>"...a sorrir e a abanar-se"</p> <p>"...esboça um sorriso."</p> <p>"...sorrindo..."</p> <p>"...diz a L. gesticulando"</p> <p>"...e começa a gesticular, a abanar-se"</p> <p>"...enquanto isso a L. vai gesticulando"</p> <p>"gesticulando e fazendo uma festinha no seu próprio pescoço."</p> <p>"...fazendo o gesto do abraço."</p> <p>"...enquanto olha para o lado gesticulando".</p> <p>"...fazendo um gesto com as mãos encostando o rosto."</p> <p>"...e a L. sorri"</p> <p>"...a sorrir"</p> <p>"...com um sorriso no rosto."</p> <p>"...gesticulando..."</p> <p>"...diz a L. baixinho gesticulando"</p> <p>"...enquanto a L. está a cantarolar e a gesticular"</p> <p>"A L. começa a gesticular com as mãos de forma repetitiva e a grande velocidade."</p> <p>"...a L. gesticula... bate palmas..."</p> <p>"...repete a L. gesticulando"</p> <p>"...com um sorriso no rosto."</p> <p>"...L. gesticulando e soprando"</p> <p>"...gesticulando e sorrindo."</p>
		<p>Aponta para uma parte do corpo</p>	<p>"...leva as mãos ao peito."</p>

Tipo de história	HMS - “As partilhas da Maria”
Contexto	Grande grupo
Participantes	Criança com MD e o contador de histórias
Data	09 /01/2020
Duração	50:10
Descrição do contexto educativo:	Numa sala pré-escolar, os meninos sentam-se nas cadeiras em semicírculo e de frente para o contador

Descrição dos comportamentos observados	Inferências
<p>O contador informou verbalmente que iam ouvir uma história e iam filmar o conto dessa mesma história. A L. colocou os braços em cima da mesa e começou a olhar atentamente para o contador e disse:</p> <p>- ...da Maria.</p> <p>- Esta é a Maria – diz o contador à medida que mostra a história aos meninos. – a L. vai vocalizando e pergunta: - o que é isso? – colocando o dedo na boca.</p> <p>- O título da história é “As partilhas da Maria” – a L. abre a boca, coloca as mãos no rosto, tira as mãos do rosto, abre os olhos e diz baixinho: - Era...da Maria! Hammmm...- volta a abrir a boca e a colocar as mãos à frente da boca e do rosto com ar de espanto.</p> <p>- Olá eu sou a Maria! – diz o contador e a L. gesticula, abana os braços, mexe-se na cadeira e sorri. – bom dia! – diz o contador com o fantoche na mão!</p> <p>- Bom dia- respondem os meninos em uníssonos</p> <p>- Bom dia, bom dia – diz a L. sorrindo</p> <p>- Eu sou a Maria – diz o contador e a L. aponta para o fantoche e diz: - olha a Maria!</p> <p>- Tantos meninos. Eu vou cumprimentar um de cada vez! Mas têm de me prometer que não vão levantar-se daí! Combinado?! – diz o contador.</p> <p>- Sim – respondem os meninos.</p> <p>- Sim, Maria – responde a L. em voz alta.</p> <p>- Eu vou ter com vocês porque eu quero dar um beijinho e quero saber os vossos nomes pode ser? – pergunta o contador.</p> <p>- Simmm – respondem os meninos.</p> <p>O contador leva o fantoche ao pé de cada menino e permite a cada um deles “cumprimentar o fantoche” com um abraço ou beijinho e até com os dois.</p> <p>A L. espera pacientemente pela sua vez. A dada altura vira-se para trás e diz a sorrir: - É a Maria!- Volta-se para a frente logo de seguida e acompanha a ação do contador de histórias, observando todos os seus movimentos e gesticulando por vezes. Quanto mais próximo se encontra o fantoche da L. mais gesticula e sorri!</p> <p>E quando o fantoche se aproxima dela, diz:</p> <p>- E tu?</p> <p>- Eu sou a L. – responde a L. gesticulando, movimentando o corpo, abrindo a boca e sorrindo.</p>	<p>Os meninos estão curiosos em relação ao que vai acontecer.</p> <p>Estão atentos à história</p> <p>A L. começa a parecer ansiosa.</p>

<p>- Sim! Estou pronta para fazer -. diz a L. aos gritos e com uma grande agitação corporal.</p> <p>- Vais distribuir as bolachas! São duas bolachas para os meninos. Duas para a L., duas para a C.S. e duas para a C.R.. Bora lá, distribuir as bolachas – diz o contador</p> <p>A L tira as bolachas do pacote e o contador pergunta:</p> <p>-Quantas estão aí?</p> <p>-Quatro – responde a L.</p> <p>- Conta lá. Tens quantas? Uma...</p> <p>- Uma...responde a L enquanto põe a mão no pacote</p> <p>- E agora falta outra! – diz o contador.</p> <p>A L. tira mais uma bolacha do pacote.</p> <p>- Uma....quantas são? – pergunta o contador</p> <p>A L. tenta levar a bolacha à boca e é impedida pelo contador que lhe volta a perguntar:</p> <p>-Quantas são?</p> <p>- Uaaaaaaa- responde a L. enquanto se abana.</p> <p>- Olha aqui...mostra à Susana...- o contador pede as bolachas à L. e põe uma em cada mão. Agita as duas. Levanta uma e diz:</p> <p>- Uma....-</p> <p>-Uma- diz a L.</p> <p>- E....- diz o contador.</p> <p>- Duas - responde a L.</p> <p>- Então vai dar duas bolachas à C. – diz o contador</p> <p>O contador ao passar as bolachas para a L. fica com um bocadinho na mão e passa também esse bocadinho à L. A L. em vez de dar as bolachas à C. dá-lhe apenas o bocadinho partido.</p> <p>- Não, duas...dá duas bolachas a ela. – diz o contador</p> <p>A L. dá as duas bolachas e fica então com o bocadinho na mão o contador diz:</p> <p>- Dá a ela. É dela esse bocadinho – diz o contador. Agora vais dar mais duas bolachas à outra C. Aquela C. – aponta o contador.</p> <p>A L. vai dar as bolachas à colega.</p> <p>- E agora são mais duas bolachas para ti. Podem começar a por para aqui as bolachas por favor. – diz o contador.</p> <p>-Eheeeeeeeee!!! – diz a L.</p> <p>- Vamos partir...partir as bolachas. – diz o contador</p> <p>A L. deixa cair uma bolacha e o contador depois diz-lhe:</p> <p>-Essa caiu...essa não! – e dá-lhe outra bolacha do pacote.</p> <p>(...)</p> <p>- Parte parte pequenino</p> <p>As bolachas vou partir</p> <p>Parte parte pequenino</p> <p>Eu agora vou conseguir! – canta o contador</p> <p>A L. vai partindo as bolachas com as colegas e gargalhando à medida que o faz. Quando termina, aperta as mãos e diz:</p> <p>- Ehehehehe! - tenta depois retirar outra bolacha do pacote mas o contador impede-a. Então a L. tenta tirar a da colega C. que diz: .</p>	<p>A L. queria comer bolachas.</p> <p>O contador não se apercebeu que a bolacha era da C. e deixou a L. continuar a partir.</p> <p>A C. não disse nada e a L. acabou por conseguir o que queria.</p>
---	--

- Não!. - mas o contador como continuou a cantar não reparou, vê a mão da L. com bolacha e não diz nada. Canta:

- Parte parte pequenino
As bolachas vou partir,
Parte parte pequenino
Eu estou a conseguir. – canta o contador

- Obrigado! – diz a L. ao contador enquanto o abraça.

- Uauuuuu! as bolachas pequeninas – diz o contador.
(...)

- Vamos mexer?! – pergunta a L.

- Agora...agora...partiram...- diz o contador

- Eu quero mexer! – diz a L.- eu estou pronta para mexer! – grita a L. a gesticular.

- Mas a L. já partiu . diz o contador

- sim...- responde a L.

- As C. também já partiram e já colocaram aqui as bolachas. vamos dar a oportunidade a outro menino para mexer. Combinado L.? Combinado C.? – elas acenam com a cabeça que sim. – Podem sentar obrigado! Podes ir....vai lá L Obrigado! Vai por aqui L., vai lá! – diz o contador.

A L. vai mas antes vira-se para quem está a filmar e diz adeus a sorrir.
(...)

Enquanto o contador convida outros meninos a participar a L. assiste com atenção. Os meninos abanam a tigela e começam a mexer o conteúdo.

- Amassa, amassa, amassa. – diz o contador.

- Eu também quero mexer – diz a L.

Outros meninos também pedem para mexer. O contador diz:
-Eu já disse que vou dar para provar! Vão esperar!

A L. começa a conversar com os colegas e vai fazendo barulhos.
Quando os colegas começam a provar a L. começa a gargalhar!

- Agora vem a M.! Amassa, amassa, amassa – diz o contador

A L. começa a gargalhar em alto som

- Para o salame fazer a massa eu vou mexer...para o salame fazer a massa eu vou mexer... – diz o contador e a L. para para escutar mas vai mexendo o corpo e dá um beijinho na própria mão.

- Amassa, amassa, amassa, amassa amassa...vai cantarolando o contador e a L. vai dançando sentada na cadeira ao som desta cantilena e com a mão na boca.

A M. prova e a L. vai observando com atenção.

O contador pergunta:- é doce ou amargo?

- Doce – responde a M.

- É doce! Agora eu fiquei doce, doce, doce, doce! – canta o contador e a L. começa a agitar o corpo sentada na cadeira e a cantar:

- Agora fiquei doce doce doce doce!

O contador chama a outra M. e diz:

- amassa. amassa, amassa, amassa. – diz o contador e a L. acompanha batendo os pés e dizendo:

<p>- Ai a Maria...coitadinha da Maria. Ela vai ficar aqui à espera!- responde o contador</p> <p>- Agora vamos pôr...vamos enrolar na prata que foi o que a Maria disse que era para fazer, não é? – diz o contador – Então agora eu vou pedir a outros meninos que não vieram ainda aqui para me ajudarem a colocar a massa na prata para levar onde? – pergunta o contador</p> <p>- Para o frigorifico! – responde o T.</p> <p>(...)</p> <p>O contador pede à C. para ajudar a colocar a massa do salame na prata. Enquanto a C. coloca a massa na prata a L. pergunta: -Podemos comer?</p> <p>- Já comeram. Queres provar outra vez? Já te deixo espera aí! – responde o contador</p> <p>Quando o contador escolhe outra menina para ir enrolar a massa na prata a L. diz: -Eu, eu, eu!!!!- diz a L.</p> <p>-Tu já vieste! – responde o contador.</p> <p>A L. amua, bate palmas devagarinho e coloca os dedos na boca, sai da cadeira e começa a gatinhar no chão. A colega dá uma palmadita no rabo e a L. regressa ao lugar.</p> <p>- O salame já terminei, hummmmm estava tão saboroso. E agora? com quem o salame vou partilhar? Já sei! – diz o contador e a L. olha para trás. - Ao meu amigo João vou levar! Queres ajudar? – pergunta o contador</p> <p>- Simmmm- respondem alguns meninos</p> <p>- Sim!? oh A.N. queres ajudar-me a levar ao João? – pergunta o contador.</p> <p>- Sim – responde a A.N.</p> <p>(...)</p> <p>A A.N. coloca o salame no cesto e tapa com o paninho, a L. acompanha a ação de forma muito atenta. O contador simula com a A.N. que está a fazer o caminho para a casa do João e começa a cantar:</p> <p>-Eu vou, eu vou levar ao meu João, parara tchim pum, parara tchim pum, eu vou, eu vou...lá, lá lá, lá!- canta o contador e a L. permanece muito atenta a acompanhar a ação.</p> <p>A dada altura o contador diz:</p> <p>- Podem cantar!</p> <p>Então os meninos cantam e a L. canta:</p> <p>- Lá, lá, eu vou, eu vou levar ao meu João, parara tchim pum, parara, tchim pum, eu vou eu vou – canta a L. gesticulando, batendo as palmas e sorrindo.</p> <p>- Aha! Já chegamos a casa do João. – diz o contador – a L. para de cantar e fica muito quieta a observar.</p> <p>- A.N. podes sentar A.N. obrigada – diz o contador.</p> <p>- Já chegamos a casa do João. Olha aqui a casa – diz o contador enquanto mostra a página que tem a porta e a L. grita!</p> <p>- À porta da casa do amigo João eu bati. Toc, Toc, Toc, Toc! – bate o contador na mesa para simular o bater da porta. – sabem o que</p>	<p>A L. acompanha a ação com muito interesse e foco.</p> <p>A L. mantinha-se atenta e envolvida na história.</p> <p>A L. estava ansiosa e expetante.</p>
---	--

<p>- Ai pois é! – diz o contador</p> <p>- Dá lá à Maria. A Maria quer salame. – diz o contador. A L. dá o salame à Maria com um grande sorriso.</p> <p>- E agora...? – pergunta o contador</p> <p>- Para o João – responde a L.</p> <p>- Para o João – repete o contador</p> <p>A L. dá um pedaço ao João a sorrir!</p> <p>- Obrigada L. – diz contador</p> <p>- Obrigado kido - responde a L.</p> <p>- A Maria e o João dizem: - Obrigada</p> <p>- Obrigada! – diz a L. enquanto sorri, e encosta a cara aos fantoches.</p> <p>- Beijinho! – diz o contador.</p> <p>A L. sorri e dá beijinho aos fantoches.</p> <p>- Hihihihhi! – diz a L. – um abraço!</p> <p>- Um abraço?! – pergunta o contador enquanto aproxima o João à L. e esta lhe dá um beijinho.</p> <p>- Eles não comem! – diz um dos meninos.</p> <p>- Comem, comem...- diz o contador</p> <p>- E agora...? Quem falta? – pergunta o contador</p> <p>- Para a L. – responde a L.</p> <p>- Falta a L. - diz o contador à medida que passa para a mão da L. o ultimo pedaço de salame. A L. com o pedaço da mão, dirige-se em direção à cadeira e é interrompida pelo contador:</p> <p>- Então agora...!Onde vais tu? – pergunta p contador</p> <p>- Para a cadeira! – responde a L.</p> <p>- Prova. Quero ver-te a comer! – diz o contador</p> <p>- Nham ...é bom? – pergunta o contador</p> <p>- simmmmm! – respondem todos</p> <p>- É docinho L.</p> <p>- Simmmmm! – respondem eles.</p> <p>(...)</p> <p>- Obrigada L. ! – diz o contador – Agora que já acabamos de comer vamos arrumar a toalha.</p> <p>- Vamos lá...vamos dobrar a toalha! – diz o contador</p> <p>A L. começa a dobrar a toalha e o contador pergunta:</p> <p>- Posso ajudar?</p> <p>- Sim...- responde a L.</p> <p>- Vamos fazer assim...agora dobras para ali! Eu ajudo, anda cá!</p> <p>- Não!!!!!! – diz a L.</p> <p>- Queres sozinha?!!! – pergunta o contador</p> <p>- Então escuta...dobra para ali....bora! Isso...- diz o contador ao mesmo tempo que vai auxiliando a L.</p> <p>- Agora outra vez...bora...isso...outra vez...e já está! Muito obrigado L. podes ir! – diz o contador</p> <p>- Olha, quero arrumar as pintarolas....! – diz a L.</p> <p>- Podes ir obrigado!</p> <p>- Beijinho...</p>	<p>A L. gosta muito do fantoche João.</p> <p>A L. fica parada a observar atentamente o contador.</p>
---	--

- Beijinho...obrigada pela ajuda! – diz o contador. A L. dá um abraço e um beijinho ao contador. – Agora podes ir! – diz o contador.

- Um beijinho à Maria! – diz a L. que, entretanto, pega no João e tenta levá-lo consigo...

- Anda cá...dá cá o João – diz o contador. A L. volta para trás e dá um beijinho ao fantoche João.

- Já deste um beijinho!

-Sim, e à Maria – a L- devolve o fantoche João mas volta a dar beijinho ao fantoche Maria.

- Dá um beijinho à Maria e vai sentar -. diz o contador- a L. vai com o fantoche, começa a brincar com ele, direcionando-o para a colega Eva e depois vai sentar-se na cadeira, dá beijinho à Maria e o contador volta a dizer:

- L. trás aqui a Maria por favor. – a L. levanta-se da cadeira, dá um abraço à Maria e dirige-se ao contador e diz:

- Eu quero por a mão – diz a L.

- Dá cá depois eu deixo-te mais daqui a bocadinho, está bem...? Vamos só terminar a história. – diz o contador e a L. dá mais um beijinho à Maria e devolve o fantoche Maria ao contador.

- Vai sentar...- diz o contador. E a L. vai sentar-se na cadeira.

-Agora que já comemos o salame de chocolate vamos ver o que vai acontecer a seguir. – diz o contador e a L. observa e gesticula, levantando os braços uma vez.

- Temos aqui um jogo. O João disse assim à Maria: E agora, depois de lanchar vamos ao dominó jogar Maria, vamos? E a Maria disse, boa ideia vamos jogar ao dominó. Já temos a barriga muito cheia e agora podemos divertir-nos um bocadinho. Ok, vamos então jogar ao dominó. - A L. fica parada a observar atentamente o contador.

- Vem jogar connosco....- diz o contador.

Muitas das crianças colocam a mão no ar incluindo a L.

- Eu, eu, eu , a L.! – grita a L. que se levanta de imediato da cadeira e coloca o dedo no ar.

- O João vai escolher ...o João e a Maria vão escolher....a E., podes vir E., podes sentar aqui. Aqui, ao meu lado, vai buscar uma cadeira por favor.

- Também quero....- dizem os meninos

- Agora vem os meninos que ainda não vieram está bem? – diz o contador.

- Podes vir E. que ainda não vieste. Também não veio o T.M. Vem aqui para ao pé de mim e do João. Pode vir a M. A. que também não veio.

- Veio, veio... - começam a dizer os meninos.

- Então se só faltam eles...não faz mal...jogam eles com a Maria e com o João. Faltam só eles então vão jogar só eles! – diz o contador

- Não...falta eu!- grita a L

- Tu já vieste! – diz o contador

- Não, nãoooooo! – grita a L. com um ar desanimado.

A L. ficou muito triste por não ir jogar com a Maria e o João.

<p>Começa a haver muita agitação , para saber quem foi ou não foi e o contador diz:</p> <p>- Quando eu puder continuar avisam está bem?</p> <p>Faz-se silêncio na sala e entretanto a L diz:</p> <p>- Bira, ba, ba!</p> <p>- Vamos jogar ao dominó? Eu, a Maria, o João, A E. e o T. vocês vão assistir porque já fizeram outras coisas combinado?! – diz o contador – aqui temos o João, aqui temos a Maria, aqui temos a E. e aqui temos o T. – diz o contador à medida que vai apontando para cada um deles.- E. importas-te de distribuir as peças por favor? –pergunta o contador e a E. acena com a cabeça que sim. – Então tira lá – diz o contador. A E. abre a caixa. – a E. vai dar uma para ela, uma para o T, uma para a Maria e outra para o João. Agora vais distribuir outra vez, ainda tens ai mais peças distribui. - diz o contador.- Uma para o T. outra para E. , outra para a Maria e outra para o João. Obrigada. Vamos deixar aqui o João de pé para ver. E o primeiro a jogar pode ser o T.- diz o contador.</p> <p>Os meninos vão jogando e a L. acompanha o jogo atentamente. Entretanto, a dada altura a L. toca na colega C. e encosta a cabeça à colega. Depois a colega afasta-a e ela deixa tombar a cabeça para a frente. Ela fica assim por uns segundos e quando ouve o contador dizer: - ela não tem! – a L. diz: - Ela tem.- a L. continua a observar enquanto gesticula e emite sons.</p> <p>Entretanto o contador diz:</p> <p>- Ahahahahah já temos uma vencedora, a E. ganhou o jogo do dominó, uma salva de palmas para ela. – diz o contador enquanto a L. se levanta da cadeira, grita e bate palmas.</p> <p>- Então agora vamos arrumar o jogo do dominó. A E. vai arrumar....- diz o contador</p> <p>(...)</p> <p>Enquanto arrumam o jogo do dominó, a L. vai batendo com os pés no chão e balança o corpo e as pernas.</p> <p>- Já está arrumado. Obrigado. Podem sentar. Agora para acabar...- diz o contador enquanto a L. continua a gesticular e a abanar o corpo.</p> <p>- Obrigada E. e T. Agora, o que vem a seguir? – pergunta o contador e a L. continua a gesticular.</p> <p>- O que vem a seguir? o que será que vem a seguir? A Maria vai descobrir mais o João – diz o contador em voz baixa e a L. pára os movimentos para escutar. – Eles estão a espera que vocês façam silêncio para ver o que vai acontecer a seguir. – diz o contador sussurrando. Faz-se silêncio na sala.</p> <p>- A Maria e o João já jogaram ao dominó. Agora o que eles vão fazer? Depois de muito brincar, é tempo de a casa regressar. Maria despede-se do João e diz-lhe: Mas que bela tarde, foi tãoooooo divertida, joguei, comi, cozinhei. É bom ter um amigo com quem partilhar João. Obrigada João! Eu gosto muuuuuuito de ti! O João e a Maria agora são amigos Eles gostam tanto um do outro e é tão bom ter amigos com quem brincar.- diz o contador. A L. permanece a olhar para o contador e para a história e depois diz:</p>	<p>A L. permanece muito atenta</p> <p>Penso que a história a que a L. se está a referir é à da história comum onde estão presentes as personagens João e Maria que termina mais ou menos da mesma forma, dizendo que João e Maria são amigos um do outro.</p> <p>A L. queria tirar o segundo coração da página.</p>
--	---

- A história está ali!

- Olha L. vem cá! – diz o contador e a L. levanta-se da cadeira e dirige-se para o contador a correr e a sorrir

- O João e a Maria já são amigos. Gostam muito um do outro. Olha lá...- o contador direciona a imagem do coração para a L. e ela mexe, esfrega e toca no coração e o contador diz:

- Tira lá o coração a ver se dá! – a L. puxa e o coração sai da página

- Ahhhhh! Uau- diz o contador

- Ahahahaaaa! – diz a L. a sorrir e com ar de surpreendida.

Logo a seguir mostra o coração aos amigos passeando por entre o semi círculo.

- Uauuuuuu! Mostra o coração aos amigos – diz o contador.

A L. mostra o coração fazendo uma volta pelo semi círculo e mostrando aos amigos que estão sentados nas cadeiras.

- Boa, agora deixa ficar aqui um bocadinho. Este é o coração da Maria e este é o coração do João

- Eu quero tirar – diz a L.

- Este, já tiraste. Este é o coração da Maria e este é o coração do João.

- Eu quero! Eu quero o João – diz a L. e o contador passa o fantoche João para as mãos da L.- Então agora podemos pô-los aqui. Vamos arramá-los aqui que eles vão para casa. Eu arrumo a Maria e tu arrumas o João. – diz o contador

A L. dá um abraço, beijinhos e brinca com o fantoche João que se encontra na sua mão.

- Queres ver? – pergunta a L. ao T. que quando tenta pegar no fantoche a L. grita:

- Não!!!! Não pega no João! – e vai mostrando aos amigos. –de cada vez que algum vai para tocar ela puxa o João para trás e grita:

-Nãooooo!

- L. xau....xau João! L.?!?! Podes vir arrumar o João por favor?

- L....- chama o contador a cantarolar e a L. dirige-se para o contador a balançar e a dançar e depois deixa o João cair.

- Arruma aqui o João! - diz o contador

A L. debruça-se para apanhar o João do chão e dá-lhe um beijinho. Coloca o João no coração e bate na página do livro. O contador segura-lhe na mão e diz:

- Vitória vitória, acabou-se a história. Com pós de perlímpimpim a nossa história chegou ao fim...plim plim, plim,plim. – A L. debruça-se sobre a mesa para abraçar a página do livro e depois retira a Maria e dá-lhe um abraço.

A L. bate na página do livro porque está zangada. A história está a terminar e ela não queria arrumar o fantoche.

FIM

ANÁLISE DE CONTEUDO DA HMS “AS PARTILHAS DA MARIA” – GRANDE GRUPO

Tipo de história	HMS: “As partilhas da Maria”
Contexto	Grande grupo
Participantes	Criança com MD e o contador de histórias
Data	09 /01/2020
Duração	50.10
Descrição do contexto educativo:	Numa sala pré-escolar, os meninos sentam-se nas cadeiras em semicírculo e de frente para o contador

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de registo
Interação com pares	De natureza negativa decorrente da iniciativa de outros	Colega empurra L.	“...e a A. empurra a L”
		Colega repreende L.	“A colega dá uma palmadita no rabo e a L. regressa ao lugar”.
	De natureza positiva decorrente da iniciativa da L.	Manifesta afeto através do toque	“...à medida que acaricia o rosto da colega.” “Entretanto, a dada altura a L. toca na colega C. e encosta a cabeça à colega.”
		Presta ajuda ao colega	“L. baixa-se para apanhar os óculos da colega” “A L. aponta para o Tiago...”
		Olha ou aponta para os colegas	“A L. vira-se para trás e com uma mão passeia pelos meninos sentados nas suas cadeiras.” “A L. olha para os colegas...”

ANÁLISE DE CONTEUDO DA HMS “AS PARTILHAS DA MARIA” – GRANDE GRUPO

Cont.

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de registo
Interação com pares	De natureza positiva decorrente da iniciativa da L.	Dá algo aos colegas	“Distribui um pedaço por cada um...” “...que continua a distribuir pedaços de salame pelos colegas” “Depois a colega afasta-a e ela deixa tombar a cabeça para a frente.”
		Acompanha a ação dos pares	“a L. acompanha o jogo atentamente”
		Tenta parar com comportamento de uma colega	“A L. coloca a mão por detrás da cadeira da colega A.”
		Conversa com colegas	“A L. começa a conversar com os colegas” “...a L. vai conversando...”
		Coloca perguntas a colega	“Queres ver? – pergunta a L. ao T.”
		De natureza negativa decorrente da iniciativa da L.	Adverte um colega
	Tenta tirar algo a um colega		“Então a L. tenta tirar a bolacha da colega C”

ANÁLISE DE CONTEUDO DA HMS "AS PARTILHAS DA MARIA" – GRANDE GRUPO

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de registo	
Reações da L. ao conto da história	Atenção dirigida às imagens e ao contador de histórias ou outro adulto	Olha / escuta atentamente o contador de histórias/pares	"A L. colocou os braços em cima da mesa e começou a olhar atentamente para o contador"	
			"L. para para escutar..."	
			"...a L. vai observando com atenção"	
			"...- a L. para de cantar e fica muito quieta a observar."	
		Olha atentamente o outro e/ou cumprimenta-o	"A L. assiste muito atenta e olha fixamente para a auxiliar"	
			"A L. vai mas antes vira-se para quem está a filmar e diz adeus..."	
		Olha para imagens e para o contador de histórias, acompanhando o conto da história	Olha para imagens e para o contador de histórias, acompanhando o conto da história	"...a L. vai acompanhando."
				"... a L. acompanha a ação de forma muito atenta"
				"A L. permanece a olhar para o contador e para a história"
				"...e a L. permanece muito atenta a acompanhar a ação."
"...a L vai olhando sem se manifestar "				
"...a L. observa..."				
"L. assiste com atenção"				
"A L. estava muito parada, agarrando uma mãozinha uma na outra e a observar todos os movimentos"				
"A L. estava parada a observar todos os movimentos e ações."				
"...e a L. para de cantar e continua a observar os colegas que estão a provar"				
"Maria e devolve o fantoche Maria ao contador."				
"...a L. continua a observar"				
"A L. continua a acompanhar o contador a oferecer o salame aos amigos para provarem..."				
Demonstra carinho e atitudes cordiais com o contador/pares	Demonstra carinho e atitudes cordiais com o contador/pares	Demonstra carinho e atitudes cordiais com o contador/pares	"...ao contador enquanto o abraça"	
			Imita / interage com o contador	Imita / interage com o contador

ANÁLISE DE CONTEUDO DA HMS "AS PARTILHAS DA MARIA" – GRANDE GRUPO

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de registo	
Reações da L. ao conto da história	Seguimento das ações do contador da história	Acompanha a ação do contador de histórias	"...e acompanha a ação do contador de histórias, observando todos os seus movimentos"	
			Aguarda a sua vez	Espera pela vez
	Interação com os materiais/objetos	Interação com os materiais/objetos	Interage com os fantoches/materiais para manifestar afeto	"L. espera pacientemente pela sua vez."
				"A L. espera pacientemente pela sua vez"
				"...a L. aponta para o fantoche"
				"...enquanto dá um beijinho ao fantoche Maria."
				"...e um grande abraço ao fantoche. Fecha os olhos e aperta-o"
				"A L. manda um beijinho com a mão para o fantoche..."
				"- dá um beijinho, dá um abraço"
				"...e volta a colocar o saco no nariz"
"A L. debruça-se sobre a mesa para abraçar a página do livro"				
"...agarrando o fantoche João..."				
"...ao mesmo tempo que dá um beijinho ao fantoche João."				
"...um abraço! (ao fantoche)"				
"...dá beijinho aos fantoches"				
"...e encosta a cara aos fantoches."				
"...ao mesmo tempo que lhe dá um beijinho e um abraço"				
"...e depois retira a Maria e dá-lhe um abraço."				
"... dá beijinho à Maria"				
"...aproxima o João à L. e esta lhe dá um beijinho"				
"A L. dá o salame à Maria"				
Olha ou pega no fantoche	Olha ou pega no fantoche	Olha ou pega no fantoche	"A L. olha fixamente para o fantoche..."	
			"...a L. pega no fantoche Maria..."	
			"...ela puxa o João (fantoche) para trás"	
			"Coloca o João no coração"	

ANÁLISE DE CONTEUDO DA HMS "AS PARTILHAS DA MARIA" – GRANDE GRUPO

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de registo
Reações da L. ao conto da história	Interação com os materiais / objetos	Interage com os fantoches/materiais para manifestar afeto	"...a L. dá mais um beijinho à Maria" "...pega no João e tenta levá-lo consigo..." "...dá um abraço à Maria..." "A L. volta para trás e dá um beijinho ao fantoche João." "...L. vai com o fantoche, começa a brincar com ele..." "...a L- devolve o fantoche João mas volta a dar beijinho ao fantoche Maria." "- Um beijinho à Maria! – diz a L" "A L. dá um abraço, beijinhos e brinca com o fantoche João que se encontra na sua mão." "A L. dá um pedaço ao João" "...dá beijinho à Maria" "...enquanto põe a mão no pacote" "...e a L. com o João" "Olá Maria – a L. acena para o fantoche" "...e mexe no pacote"
		Manipula os fantoches/materiais para simular ações	"A L. vai batendo com o pacote das bolachas nas mãos..." "...vai mexendo e fazendo barulho com o pacote" "A L. agarra no saco de chocolate..." "...à medida que vai mexendo... pacote" "...e a mexer no pacote" "...começa a brincar com ele (fantoche), direcionando-o para a colega Eva"

ANÁLISE DE CONTEUDO DA HMS "AS PARTILHAS DA MARIA" – GRANDE GRUPO

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de registo
Reações da L. ao conto da histórias	Demonstração de sentimentos de surpresa, alegria e entusiasmo	Manifesta alegria face ao que vê através de sorrisos	"...e sorri." "... sorrindo" "...a sorrir." "...e sorri!" "...e sorrindo." "...e sorri" "...e dá um grande sorriso" "...sorrindo." "...sorri..." "...e sorri" "...e a sorrir." "...sorri" "...sorrindo alto" "...e sorri de felicidade." "A L. esboça um sorriso..." "...e sorria..." "...a sorrir." "...e sorri." "...e sorri:" "...e sorrindo" "...e sorri" "...esboçando um grande sorriso" "...com um sorriso..." "...esboça um sorriso de contentamento" "...sempre bem-disposta, a sorrir..." "Sorri e está visivelmente feliz" "...com um grande sorriso." "...a sorrir! "...enquanto sorri," "A L. sorri..." "...e a sorrir"

ANÁLISE DE CONTEUDO DA HMS "AS PARTILHAS DA MARIA" – GRANDE GRUPO

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de registo
Reações da L. ao conto da histórias	Demonstração de sentimentos de surpresa, alegria e entusiasmo	Manifesta surpresa face ao que vê através de sorrisos	"...a sorrir e com ar de surpreendida"
		Manifesta alegria cantando	"...canta a L. gesticulando, batendo as palmas" "...e quando a música começou a L. começa a bater palmas e a cantar" A L. canta, bate palmas "...e a L. também coloca e diz alto: - euuuuuuuuu!!!!" "-HUM-..." "...a L. a gargalhar" "...diz: - Baaaaa..." "A L. começa a gargalhar bem alto." "Depois da colega ajudar a L., esta grita, " "...e a gargalhar." "A L. começa a gargalhar..." "A L. – grita a L." "...e grita: -Nãooooo!" "...diz: -yehhhhh!!!!" "Simmmmm! – grita a L." "...aos gritos..." "Ehehehehe!!! – diz a L." "...e gargalhando à medida que o faz" "...e diz:- Ehehehehe!" "...a L. grita:- Não!!! Não pega no João!" "...grita a L. ..." "...e vai fazendo barulhos" "...a L. começa a gargalhar!" "A L. começa a gargalhar em alto som" "...a L. diz:-hiihiihiihiihii" "-hiihiihiihiihiihii!" "Eu, eu, eu!!!!- diz a L." "...eu, eu, eu! – disse a L." "Hiihiihiihii! – diz a L..."
		Expressa admiração pelo que observa/escuta recorrendo a expressões orais e vocalizações (gritos)	

ANÁLISE DE CONTEUDO DA HMS "AS PARTILHAS DA MARIA" – GRANDE GRUPO

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de registo				
Reações da L. ao conto da histórias	Demonstração de sentimentos de surpresa, alegria e entusiasmo	Expressa admiração pelo que observa/escuta recorrendo a expressões orais e vocalizações (gritos)	"...a L diz:- Bira, ba, ba!" "simmmmm! – respondem os meninos" "...e diz:- Hammmmm!" "...a L. grita" "A Maria!!! – grita a L." "Eu, eu, eu , a L.! – grita a L." "- Não, nãoooooo! – grita a L..." "Não...falta eu!- grita a L" "Ahahahaaaaa! – diz a L..." "- Eu, euuuuuuu!!!! – diz a L." "- Euuuuuuuu! – grita a L"				
			Demonstração de sentimentos de desagrado	Manifesta desagrado face ao que vê através de ações e expressões faciais Manifesta-se desagrada recorrendo a comportamentos menos adequados.	"...ar de zangada e amuada" "...e bate na página do livro" "...com um ar desanimado." "...a L. bate com a mão na cara da A" "...e atira com os óculos da colega ao chão" "...enquanto bate na mesa"		
					Manifestação de sentimentos de ansiedade	Manifesta ansiedade e agitação através de diversos movimentos corporais	"...- volta a abrir a boca e a colocar as mãos à frente da boca e do rosto com ar de espanto" "...colocando o dedo na boca" "...a L. abre a boca, coloca as mãos no rosto, abre os olhos" "...L. gesticula, abana os braços, mexe-se na cadeira..." "A dada altura vira-se para trás..." "Volta-se para a frente logo de seguida..." "...e gesticulando por vezes" "Quanto mais próximo se encontra o fantoche da L. mais gesticula..." "...gesticulando, movimentando o corpo, abrindo a boca" "...a L. continua a gesticular."

(cont.)

ANÁLISE DE CONTEUDO DA HMS "AS PARTILHAS DA MARIA" – GRANDE GRUPO

Categories	Subcategories	Indicadores	Unidades de registo
Reações da L. ao conto da histórias	Manifestação de sentimentos de ansiedade	Manifesta ansiedade e agitação através de diversos movimentos corporais	"...vai mexendo os dedos nas maçãs do rosto enquanto aguarda uns segundos"
			"... enquanto gesticula e emite sons"
			"A L. gesticula..."
			"...a L. vai batendo com os pés no chão e balança o corpo e as pernas."
			"...a L. continua a gesticular e a abanar o corpo."
			"...muito entusiasmada..."
			"...com o dedo no ar e a gesticular"
			"A L. levanta-se da cadeira, agarra as mãos e baixa a cabeça"
			"...depois vai sentar-se na cadeira"
			"A L. recua e volta a sentar-se"
			"...a L. gesticula, sorri, bate palmas, levanta-se e senta-se da cadeira."
			"...a gritar, levantando-se e sentando-se na cadeira."
			"...aproximam da L. ela gesticula"
			"...e a saltar."
			"Gesticula, bate palmas"
			"...começa a colocar a mãos no rosto, a gesticular"
			"A L. coloca as mão na boca, faz caretas..."
			"De seguida começa a gesticular..."
			"...olha para trás..."
			"...batendo palmas e estando aos pulinhos na cadeira."
			"...gesticula..."
			"a L. vai gesticulando e quando chega a sua vez começa a gesticular, a balançar-se..."
			"...levanta-se e corre em direção ao contador."
			"...a L. vai sentar-se na cadeira"
			"...a L. levanta os braços..."
			"... enquanto a L. se movimentava de forma agitada, abanava os braços..."
			"...ao mesmo tempo que agita os braços."
"...e com uma grande agitação corporal."			
"...a L. enquanto se abana."			
"Quando termina, aperta as mãos"			
"...a gesticular."			

ANÁLISE DE CONTEUDO DA HMS "AS PARTILHAS DA MARIA" – GRANDE GRUPO

Categories	Subcategories	Indicadores	Unidades de registo
Reações da L. ao conto da histórias	Manifestação de sentimentos de ansiedade	Manifesta ansiedade e agitação através de diversos movimentos corporais	"...mas vai mexendo o corpo e dá um beijinho na própria mão."
			"...a L. dirige-se para o contador a balançar e a dançar e depois deixa o João cair"
			"...a L. vai dançando sentada na cadeira ao som desta cantilena e com a mão na boca."
			"...L. começa a agitar o corpo sentada na cadeira e a cantar."
			"...a L. acompanha batendo os pés"
			"...a L. levanta-se da cadeira e depois volta a sentar."
			"...e agarra as mãos!"
			"...a L. agita os braços, aperta as mãos"
			"...ela estica os braços, as pernas, aperta as mãos"
			"...L. abre muito os braços"
			"...e gesticulando"
			"A L. amua, bate palmas devagarinho e coloca os dedos na boca, sai da cadeira e começa a gatinhar no chão"
			"...a L. olha para trás"
			"...que se levanta de imediato da cadeira e se dirige em direção à página do livro."
			"A L. com o pedaço da mão, dirige-se em direção à cadeira"
			"...a L. levanta-se da cadeira... e dirige-se ao contador"
			"...e gesticula, levantando os braços uma vez."
			"...levantando-se da cadeira"
"A L. mostra o coração fazendo uma volta pelo semicírculo e mostrando aos amigos que estão sentados nas cadeiras".			
"...e a L. levanta-se da cadeira e dirige-se para o contador a correr"			
"E a L. foi sentar ."			

ANÁLISE DE CONTEUDO DA HMS "AS PARTILHAS DA MARIA" – GRANDE GRUPO

Categories	Subcategorias	Indicadores	Unidades de registo
Funções da comunicação observadas na interação entre a criança e o contador de histórias	Mudança de assunto	Muda de assunto / Perde o foco	"...ela deixa tombar a cabeça para a frente. Ela fica assim por uns segundos..." "... da Maria."
	Nomeação do que observa nas imagens	Nomeia as imagens que observa no livro/itens da página	"...diz: - olha a Maria!"
			"...bolacha! – diz a L."
			"- Chocolate! – diz a L."
			"...a L. diz: - Ela tem!"
	Formulação de pedidos sobre o que observa	Realiza pedidos / aceita ajuda	"Olha onde tá...olha a tua...olha a Maria no chão...anda cá Maria! – diz a L. baixando-se. - Olha a Maria no chão! Olha a Maria no chão! – diz a L."
			"...e diz: - Bolachas!"
			"- É a Maria!"
			"...diz baixinho desculpa"
			"...L. de vez enquanto pede para ser ela a responder."
			"Eu quero mexer! – diz a L."
			"Eu quero tirar – diz a L."
"- Eu quero! Eu quero o João – diz a L."			
"Eu – diz a L."			
"Eu também quero mexer – diz a L."			
"...enquanto coloca o dedo no ar."			
"Não consigo! Eu preciso de ajuda. – diz a L."			
"Olha, quero arrumar as pintarolas...! – diz a L."			
"- Eu quero por a mão – diz a L."			
"- a L...!!! – pede a L."			
"Eu, eu, eu! – diz a L"			
Agradecimento	Agradece	- Obrigado, obrigado Susana!	
		"-Obrigada! De nada! – responde a L".	
		"Obrigada! – responde a L..."	
		"Obrigada! De nada! – responde novamente a L"	
		"Obrigada! – diz a L."	
"Obrigado kido - responde a L."			
"- Obrigado! – diz a L."			

ANÁLISE DE CONTEUDO DA HMS "AS PARTILHAS DA MARIA" – GRANDE GRUPO

Categories	Subcategorias	Indicadores	Unidades de registo
Funções da comunicação observadas na interação entre a criança e o contador de histórias	Formulação de questões ou comentários	Coloca perguntas/faz comentários sobre o que observa	"...e diz baixinho: - Era...da Maria! Hammm"
			"...a L. vai vocalizando e pergunta: - o que é isso?"
			"olha a A. tem medo!- disse a L."
			"...a L pergunta:-Podemos comer?"
			"- Vamos mexer?! – pergunta a L"
			"- O quê? – pergunta a L"
			"- O quê?- pergunta outra vez a L."
			"Hãmmmm?! – pergunta a L."
	"Hãh?! – diz a L. em alto som"		
	Imitação verbal do que o contador de histórias diz	Repete oralmente o que o contador e/ou pares dizem	"- Bom dia, bom dia – diz a L"
			"Ovos – repete a L"
			"açúcar – volta a repetir a L."
			"...a seguir...repete a L."
			"- Passa ao Dinis – repete a L."
			"- Agora fiquei doce doce doce doce!"
	Interrompe o conto de histórias	Interrompe o conto de histórias para acrescentar algo	"...e a L. canta: - Lá, lá, eu vou, eu vou levar ao meu João, parara tchum pum, parara, tchum pum, eu vou eu vou..."
"...dizendo: amassa, amassa, amassa, amassa, amassa, amassa, a massa"			
"...a L canta:-é doce, é doce, é doce!"			
"...e diz:- A Mão já pôs!"			
Resposta a questões colocadas pelo contador de histórias	Responde oralmente a perguntas do contador de histórias	"...eu quero gostar a minha Maria! – diz a L..."	
		"E comer...diz a L."	
		"A mãe vai pôr a mesa – diz a L."	
		"...depois diz:- A história está ali!"	
"Sim, Maria – responde a L. em voz alta."			
"Simmm – respondem os meninos."			
"Eu sou a L. – responde a L."			
"- Primeiro é um beijinho- responde a L."			
"Não! – respondem os meninos, incluindo a L."			

ANÁLISE DE CONTEUDO DA HMS “AS PARTILHAS DA MARIA” – GRANDE GRUPO

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de registo
Funções da comunicação observadas na interação entre a criança e o contador de histórias	Resposta a questões colocadas pelo contador de histórias	Responde oralmente a perguntas do contador de histórias	"Simmmmm! – respondem os meninos incluindo a L."
			"Simmmmm- voltam a responder os meninos incluindo a L"
			"Susana – respondem os meninos, incluindo a L"
			"- A susana deitada! – diz a L."
			"Simmm- respondem os meninos, incluindo a L"
			"...depois responde: - Açúcar"
			"- Chocolate- disse a L."
			"Chocolate... - disse a L. "
			"Ovos – disse a L."
			"... bolachas....- responde a L."
			"...sim...qui, qui qui qui... – responde a L"
			"- O João! – responde a L."
			"..diz:- a bolacha!!!!"
			"Simmm – responde a L."
			"...da farinha....- responde a L."
			"É bom! – responde a L."
			"Chocolate....- respondem os meninos incluindo a L.
			"Sim! – responde a L"
			"Açúcar- respondem os meninos incluindo a L.
			"-É doce – respondem os meninos incluindo a L.
			"Açúcar. – responde a L"
			"É açúcar – diz a L..."
			"simmmmm! – respondem os meninos incluindo a L.
			"Simmmmm- respondem todos."
			"Para a L. – responde a L."
			"...responde: - Sim..."
			"-A L. – diz a L."
			"- A L. – diz a L."
			"As bolachas! – respondem elas."

ANÁLISE DE CONTEUDO DA HMS “AS PARTILHAS DA MARIA” – GRANDE GRUPO

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de registo
Funções da comunicação observadas na interação entre a criança e o contador de histórias	Resposta a questões colocadas pelo contador de histórias	Responde oralmente a perguntas do contador de histórias	"Simmm- respondem as meninas incluindo a L.
			"Quatro – responde a L."
			"Uma...responde a L"
			"Umaaaaa- responde..."
			"Para o João – responde a L."
			"Uma- diz a L."
			"Duas - responde a L".
			"...- sim....- responde a L."
			"Salame para mim! – responde a L"
			"- Para a cadeira! – responde a L."
			"...amargo!- responde a L."
			"Para o João e para a Maria ! – diz a L..."
			"Para mim....! – responde a L"
			"Um! – responde a L."
			"Para o meu amigo João – diz a L..."
			"- A Maria!- responde a L."
			"Sim...- responde a L."
			"Não!!!!!! – diz a L."
			"Eu!!!!- responde a L."
			"-Doce- responde a L."
		Responde gestualmente a perguntas do contador de histórias	"A L. acena com a cabeça que sim..."
		"...ao mesmo tempo que abana a cabeça."	
		"...ao mesmo tempo que aponta para si com os dois dedos da mão."	

ANÁLISE DE CONTEUDO DA HMS "AS PARTILHAS DA MARIA" – GRANDE GRUPO

Categorias	Subcategoria	Indicadores	Unidades de registo
Formas de exploração da história	Formulação de comentários sobre o que observa	Sugere oralmente/com ações o que quer fazer face ao que observa	<p>"Eu gosto da Maria! – diz a L."</p> <p>"Estou pronta para fazer! – disse a L."</p> <p>"Estou pronta...estou pronta para fazer- repete a L"</p> <p>"Sim! Estou pronta para fazer -. diz a L"</p> <p>"...eu estou pronta para mexer!"</p>
	Recurso aos sentidos (olfato, tato, paladar, visão) para explorar a história	Cheira os itens da página para os explorar	<p>"...leva ao nariz... e respira varias vezes seguidas..."</p> <p>"...a cheirar..."</p> <p>"...à medida que vai...cheirando o pacote"</p> <p>"...e volta a colocar o saco no nariz para cheirar"</p> <p>"Continua a cheirar"</p>
	Realização de ações com os objetos / itens apresentados	Saboreia os alimentos	<p>"A L. prova e leva a massa do salame à boca mais do que uma vez"</p> <p>"...ao mesmo tempo que vai lambendo os dedos."</p> <p>"A L. tira mais uma bolacha do pacote."</p> <p>"A L. tenta levar a bolacha à boca e é impedida pelo contador..."</p> <p>"A L. deixa cair uma bolacha"</p> <p>"A L. vai partindo as bolachas em conjunto com as colegas..."</p> <p>"...tenta depois retirar outra bolacha do pacote mas o contador impede-a"</p> <p>"- Eu tou a comer chocolate- diz a L."</p> <p>"A L. retira a toalha da página e começa a tirar as molinhas pequeninas e a desdobrar a toalha."</p> <p>"...e estica a toalha em cima da mesa, estica os braços "</p> <p>"A L. retira da página o saquinho que contém o salame."</p> <p>"A L. começa a tentar tirar o salame do plástico..."</p> <p>"A L. começa a dobrar a toalha..."</p> <p>"...a L. puxa e o coração sai da página"</p> <p>"...a L. e ela mexe, esfrega e toca no coração..."</p>

Tipo de história	HS: “Já sei brincar no recreio”
Contexto	Pequeno grupo
Participantes	Criança com MD e o contador de histórias
Data	19/12/19
Duração	12.37
Descrição do contexto educativo:	sala pequena com uma mesa retangular e quatro cadeiras. A L. e a C. sentaram-se de frente para o contador. E as crianças E e M sentaram-se de lado.

Descrição dos comportamentos observados	
<p>O contador informou verbalmente que iam ouvir uma história e iam filmar o conto dessa mesma história.</p> <p>As crianças sentam-se nas cadeiras e aguardam atentamente o começo da história.</p> <p>- O título da história é: “Já sei brincar no recreio”.</p> <p>- É a L. – diz a L.</p> <p>- Olá eu sou a L. Esta é a L. ela já sabe brincar no recreio.- diz o contador em voz baixa enquanto aproxima o livro da L. A L. por sua vez, agarra na página do livro e aproxima-a de si com um sorriso no rosto. Depois o contador mostra a imagem a todas as crianças.</p> <p>A L. vai acompanhando e diz:</p> <p>-Olha ali.</p> <p>- No recreio posso correr e saltar, andar de escorrega e de baloiço e com os amigos brincar. Este é o recreio. – diz o contador enquanto mostra a página do livro aos meninos que o acompanham atentamente.</p> <p>- Mostra – diz a L.</p> <p>- Vou mostrar a todos – diz o contador. A L. começa a gargalhar, a abanar os braços e aponta para a imagem.</p> <p>- Os amigos podem correr e saltar. – diz o contador enquanto começa a passar a página do livro pelo olhar das crianças e a L. vai permanecendo com o dedo na imagem enquanto pode.</p> <p>- Aqui estou eu! – diz a C.</p> <p>- E aqui tou...olha, aqui estou eu também! – diz a L. apontando para a imagem e virando a página para si novamente.</p> <p>- E depois no baloiço andar- diz o contador.</p> <p>- Vejo a Eva e a Leonorzeca, ambas com uma boneca. Quero muito com elas brincar será que elas a podem partilhar. – diz o contador enquanto as crianças olham atentamente para a história e a L. mantem o olhar na página do livro e no contador, ao mesmo tempo que mexe nas mãos.</p> <p>- Olá, diz a L., olá diz a Eva e a Leonorzeca. E a L. quer brincar com uma boneca. – diz o contador.</p> <p>- Não, eu quero perguntar- diz a L. enquanto puxa a página do livro para si com as duas mãos e ao apontar diz: - Leonorzeca, Eva,</p>	<p>Acompanha a história atentamente</p> <p>A L. está contente e entusiasmada.</p>

brincar e Leticiazeca, é também, a Leonorzeca também é a Leticiazeca.

- Não, é a Leonorzeca, é a L. e é a E.- diz o contador.- Olha, a L. queria o quê?

- Uma boneca – responde a L. apontando.

-E o que é que ela teve de fazer? – pergunta o contador

- Tu partilhas comigo ok L?- pergunta a E.

- Dá cá, dá cá! – diz a L. mexendo os braços e tocando na amiga.

O contador pega nas suas mãos e diz:

- Escuta! o que é que a L. queria?

-O bebé e a cama! – responde a L.

- E quem é que tinha o bebé?

- A Eva- responde a L.

- O que é que a L. teve de perguntar a Eva? O que será que ela teve de perguntar à Eva? – pergunta o contador

- Para brincar – responde a L.

- Ela teve de perguntar uma coisa á Eva. O quê? – pergunta o contador

- Espera, espera, calma... – responde a L. ao mesmo tempo que vai fazendo o sinal de esperar com a mão.

- Não, o que é que a L. tem de perguntar à Eva? – pergunta o contador enquanto coloca o dedo no braço da L.

- Eu quero a boneca, se faz favor. – diz a L. ao mesmo tempo que vai abanando o corpo de um lado para o outro e agarra as mãos uma na outra.

- Emprestas-me se faz favor. – deixa ver se foi isso que ela fez- diz o contador enquanto as crianças continuam a olhar atentamente para a história e para o contador.

- Vou ter com elas e pergunto-lhes: olá eu posso brincar? Mas eu tenho de esperar e ouvir o que vão falar. – diz o contador – Eu posso brincar Leonor, eu posso brincar Eva? Quando nós queremos brincar com os amigos...(enquanto o contador diz isto a L. levanta a mão e começa a fazer o sinal de aguardar, dirigindo-se para a E)...nós chegamos ao pé dos amigos e perguntamos o quê? – diz o contador baixinho

- Boneca! Espera! Calma! – responde a L. enquanto aponta para a imagem do livro e faz com a mão o sinal de aguardar.

- Não, o que é que tu tens de perguntar aos amigos quando tu queres brincar com eles ? – pergunta o contador

- quero boneca! – responde a L.

- Emprestas-me a tua boneca? – diz o contador

-Emprestas-me a tua boneca? – repete a L

- Seeee.... diz o contador

- ...faz favor – termina a L.

- Pois é quando queremos...- diz o contador

- Espera...calma. – volta a dizer a L usando as mãos para fazer o sinal de aguardar.

- Depois alguém vai dizer para tu aguardares será? Hummmmm....deixa ver! – diz o contador. – A Eva responde já está aqui a Leonorzeca e nós só temos uma boneca. Mas não faz

A L. repete várias vezes espera, espera começa a perceber que é importante esperar para ouvir.

<p>mal hummm, fazemos assim...eu dou o banho, tu dás o jantar e a Leonor na cama a vai deitar. então...tem uma boneca mas não faz mal porque uma dá o banho, que é a Eva, a L. dá o jantar, e a Leonor na cama a vai deitar. – diz o contador.</p> <p>- Não...é a Leonorzeca que vai deitar, na cama deitar.- diz a L. enquanto gesticula com os braços.</p> <p>- A Leonorzeca vai deitar a boneca – diz o contador.</p> <p>- Olha tá ali em cima da cadeira -. diz a L apontando para quem estava a filmar a história e as crianças acompanham o que ela está a dizer dirigindo o olhar na direção de quem filma.</p> <p>- Sim, está ali alguém em cima da cadeira esta a filmar. – diz o contador. – vamos ouvir a história? – pergunta o contador. E a L. dirige o olhar para quem filma e faz “ok” com o polegar, sorrindo. e começa a bater com os braços na mesa.</p> <p>-Então e a agora o que vem a seguir? –pergunta o contador</p> <p>- a Eva e a Leonorzeca e a.... responde a L. enquanto gesticula com os dois braços.</p> <p>- Leticia – diz a C.</p> <p>-Será?!!!- pergunta o contador.</p> <p>- Será...simmmmm- grita a L enquanto olha para o contador.</p> <p>- Escuta – diz o contador baixinho enquanto aponta para o seu ouvido.</p> <p>- Hummmmm...não! Agora eu quero mesmo é andar de baloiço ahahaaha, eu quero no baloiço andar mas está ocupado pela Matilde....</p> <p>- Eu também quero – diz a L.</p> <p>- ...Vou ter com ela e pergunto-lhe: Olá posso no baloiço andar? Mas tenho de esperar e ouvir o que ela vai falar. – diz o contador enquanto as crianças acompanham com o olhar a história, olhando ora para o contador ora para a imagem. A L. olhava atentamente sempre com as mãos na boca.</p> <p>- Quando nos queremos andar de baloiço e ele está ocupado chegamos ao pé dos amigos e perguntamos o que? – pergunta o contador. O que é que a gente pergunta?</p> <p>- Mas temos de andar de baloiço nos temos de esperar – diz a C.</p> <p>-Sim, perguntamos aos amigos se podemos.... diz o contador</p> <p>-...andar de baloiço...termina a C.</p> <p>- e depois temos de....- começa o contador. A L. começa a olhar para o lado e o contador diz:</p> <p>- L. perguntamos...- e ela baixa a cabeça para debaixo da mesa simulando que está à procura de algo no chão.</p> <p>- ...e depois temos de...- continua o contador colocando a mão por cima do braço da L. A L. levanta-se e olha para o contador respondendo de seguida:</p> <p>- Esperar...</p> <p>- Esperar! Esperar o quê? – pergunta o contador</p> <p>A L. coloca a mão na cabeça e não responde.</p> <p>- Que a amiga termine de....?- pergunta o contador.</p> <p>- Andar de baloiço-</p>	<p>A L. prefere chamar Leonorzeca à Leonor.</p> <p>A L. dispersou pela 1 vez.</p> <p>As crianças continuam atentas a ouvir a história.</p> <p>Baixa a cabeça porque a resposta “esperar” não é do seu agrado.</p>
--	---

<p>O contador agarra nas mãos da L. e bate nas costas da E. para que se vire para a frente. A E. vira-se para a frente com as mãos na cara e a L. diz:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Ela está a chorar! – diz a L. - Ela não gosta de ser contrariada! – diz o contador baixinho. - Vira lá para o lado! olha ela está zangado! – diz a L. enquanto toca na E. - Ela está zangada! – diz a L. gesticulando. - sim, porque ela quer ver. – diz o contador. - Gritaste! – diz a L. a gesticular e a gritar - Eu não gritei, tu é que estás a gritar agora! – diz o contador à L. enquanto lhe segura nas mãos! A L. vira-se para a E. e faz-lhe uma festinha no cabelo. - Posso continuar agora? – pergunta o contador. - Sim – responde a L. prontamente. - A Matilde a vez me deu e o meu coração até tremeu. Fiquei tão feliz e um beijinho lhe dei no nariz – diz o contador. A Letícia deu um beijinho à Matilde porque a Matilde deixou a Letícia andar de.... - ---de baloiço – responde a C. - Não, é eu! – grita a L. - De baloiço – responde a L. - Porque é que tens de ser tu a responder? Eu não disse para seres tu a responder, eu perguntei e ela respondeu! – diz o contador. - A andar de baloiço – diz a L. - A andar de baloiço – diz o contador. - Tá ali uma estrela e um macaquinho – diz a L. - e um macaquinho – diz a C. - Uma estrela e um macaquinho?!!! – pergunta o contador. - Uma lua e uma cobra!- diz a L. -Ah sim, ali está uma estrela e um macaquinho. Olha mas vamos terminar de ouvir a história? – diz o contador. - Sim – responde a L. – acabou? – pergunta a L. - Não , vai acabar agora! – diz o contador. - Vamos ouvir o resto? – pergunta o contador num tom de voz baixo. - Sim- diz a C. - Conta – diz a L. -Agora sim...hummm...eu estou muito contente...- diz o contador - Ela está vermelha- interrompe a L. - ...já sei pela vez esperar e no recreio com os meus amigos brincar. – termina o contador. - Ela está vermelha – volta a dizer a L. - Porque é que ela está vermelha? – pergunta o contador - Do sol. – responde a L. - Porque estava sol – diz o contador. - E ela estava a fazer o que no recreio? – pergunta o contador. - Brincar...- responde a L. - E a correr e a saltar e ficou toda vermelha. Porque estava a correr– diz o contador baixinho. 	<p>A L. estava muito agitada e impulsiva</p> <p>Todas as crianças acompanham atentamente.</p> <p>A L. queria responder à pergunta e ficou zangada por não ter sido ela.</p> <p>A L. dispersou a olhar para um dos desenhos que estão na parede daquela sala.</p> <p>Muito atentos a ouvir a história.</p>
--	---

- E a minha mãe! E a minha mãe?! – pergunta a L. enquanto passa com as mãos no seu rosto.
- A tua mãe também fica vermelha quando está a correr e a saltar? – pergunta o contador
- Não! – responde a L.
- Então?! – pergunta o contador
- A minha cara está melhor Letícia! – diz a L. – a tua cara está melhor está bem! – volta a dizer a L. enquanto acaricia o braço do contador.
- Mas o que é que tem a tua cara? – pergunta o contador?
- A minha cara está melhor! – diz a L.
- Esta vermelha porque estavas a correr e a saltar. – diz o contador
- cinco?!!! – pergunta a L. enquanto abre a mão em direção à fotografia que está no livro.
- Mais cinco?!!! – pergunta o contador
- Vitória vitória... diz o contador enquanto a L. e a c. se aproximam para dar cinco à página e a L. empurra a C. e diz..
- Ehehehehe- ao mesmo tempo que dá uma palmada na fotografia.
- ...Acabou-se a história!

FIM

ANÁLISE DE CONTEÚDO DA HISTÓRIA SOCIAL – “JÁ SEI BRINCAR NO RECREIO” – Pequeno Grupo

Tipo de história	História social: “Já sei brincar no recreio”
Contexto	Pequeno Grupo
Participantes	Criança com MD e o contador de histórias
Data	19 /12/19
Duração	12.37
Descrição do contexto educativo:	Sala pequena com uma mesa retangular e quatro cadeiras. A criança sentou-se de frente para o contador.

Categories	Subcategorias	Indicadores	Unidades de registo
Reações da L. ao conto da história	Atenção dirigida às imagens e ao contador de histórias	Olha atentamente para o contador	“...enquanto olha para o contador.”
			“ora para o contador”
			“...e para o contador...”
			“A L. levanta-se e olha para o contador...”
		Fica parada a olhar para a página do livro	“...as crianças olham atentamente para a história...”
			“A L. por sua vez, agarra na página do livro e aproxima-a de si”
		Aproxima as páginas do livro de si	“virando a página para si novamente.”
			“... enquanto puxa a página do livro para si com as duas mãos.”
			“A L. volta a puxar a cadeira para a frente para se aproximar da página e puxa a mesma para si.”
			“...puxou o livro para si com as duas mãos.”
“L. começa a acariciar a página e diz:”			
“a L. puxe o livro para si.”			
“...crianças acompanham com o olhar a história, olhando ora para a imagem. A L. olhava atentamente sempre com as mãos na boca.”			
“...e a L. mantem o olhar na página do livro e no contador”			
“...crianças continuam a olhar atentamente para a história			

ANÁLISE DE CONTEÚDO DA HISTÓRIA SOCIAL – “JÁ SEI BRINCAR NO RECREIO” – Pequeno Grupo

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de registo
Reações da L. ao conto da história	Seguimento das ações do contador da história	Acompanha a ação do contador de histórias	"meninos que o acompanham atentamente"
	Perda do foco da história	Desvio do olhar	"E a L. dirige o olhar para quem filma e faz "ok" com o polegar," "...aqui a menina desvia o olhar e começa a bater no queixo com o indicador" "Olha tá ali em cima da cadeira -. diz a L. apontando para quem estava a filmar a história" "...e ela baixa a cabeça para debaixo da mesa simulando que está à procura de algo no chão." "A L. baixa a cabeça e esfrega os olhos!" L. baixa a cabeça e coça o olho. "...olhando para debaixo da mesa e afastando a cadeira para trás" "...as crianças acompanham o que ela está a dizer dirigindo o olhar na direção de quem filma." "A L. começa a olhar para o lado"
Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de registo
Reações da L. ao conto de histórias	Reações motoras diversas	Agitação motora mais generalizada	"...ao mesmo tempo que mexe nas mãos." "...ao mesmo tempo que vai abanando o corpo de um lado para o outro..." "...e faz com a mão o sinal de aguardar..." "...usando as mãos para fazer o sinal de aguardar." "A L. começa a mexer nos olhos e a baixar a cabeça e entretanto faz um som...." "A L. coloca a mão na cabeça e não responde..."
		Bate na mesa	"...a bater com os braços na mesa."
	Agarra as mãos	"...e agarra as mãos uma na outra."	
	Identificação de imagens	Aponta para as imagens	"aponta para a imagem." "...a L. vai permanecendo com o dedo na imagem enquanto pode." "...enquanto aponta para a imagem do livro" "...apontando para a imagem..." "...e ao apontar diz:..." "...apontando."

ANÁLISE DE CONTEÚDO DA HISTÓRIA SOCIAL – “JÁ SEI BRINCAR NO RECREIO” – Pequeno Grupo

Interação com os pares	De natureza negativa decorrente da iniciativa de L.	Afasta ou empurra colegas	"...a L. afasta bruscamente a mão da colega para o lado." "e a L. empurra a C "...que, entretanto, empurra de forma abrupta a colega que está a tentar ver as imagens da história".
		Adverte um colega	"Será...simmmmm- grita a L" "- AUUUUU – grita a L." "Não, é eu! – grita a L." "Gritaste! – diz a L. a ...e a gritar" "...eu não vi, eu não vi – diz a L. aos gritos" "Ehehhehe- ao mesmo tempo que dá uma palmada na fotografia." "A L. começa a gritar e continua a coçar a vista." "...enquanto toca na E."
	De natureza positiva decorrente da iniciativa de L	Toca no colega do lado	"L. volta a tocar na colega do lado" "...enquanto mexe no cabelo da amiga que, entretanto, tinha amuado por ser chamada a atenção para sentar."
		Manifesta afeto pelo colega	"...a L. e a C. se aproximam para dar cinco à página" "A L. vira-se para a E. e faz-lhe uma festinha no cabelo".

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de registo
Funções da comunicação observadas na interação entre a criança e o contador de histórias	Nomeação do que observa nas imagens e outros	Descreve oralmente o que vê nas imagens num tom de admiração	É a L. – diz a L. "E aqui tou...olha, aqui estou eu também! – diz a L." "Leonorzeca, Eva, brincar e Leticiazeca, é também, a Leonorzeca também é a Leticiazeca". "A Matilde e a Matildezeca e a Leonorzeca e a Letícia e a Matilde está a andar de baloiço. – diz a L." "- Ela está a rir – diz a L. enquanto dá um beijinho na sua mão" A L. vai acompanhando e diz:-Olha ali. "A Leonorzeca diz, a Leonorzeca diz... - diz a L"
		Nomeia as imagens e/ou outros que observa no livro e/ou contexto	"Ela está a chorar! – diz a L" "A minha cara está melhor Letícia! – diz a L. – a tua cara está melhor está bem! – volta a dizer a L"

ANÁLISE DE CONTEÚDO DA HISTÓRIA SOCIAL – “JÁ SEI BRINCAR NO RECREIO” – Pequeno Grupo

Funções da comunicação observadas na interação entre a criança e o contador de histórias	Formulação de perguntas	Coloca perguntas	"- A minha cara está melhor! – diz a L." "Ela está zangada! – diz a L." "Vira lá para o lado! olha ela está zangado! – diz a L"
	Resposta às questões colocadas pelo contador de histórias	Responde oralmente à pergunta/sugestão do contador de histórias	"Não, eu quero perguntar- diz a L" "- acabou? – pergunta a L." "cinco?!?! – pergunta a L" "E a minha mãe! E a minha mãe?! – pergunta a L. enquanto passa com as mãos no seu rosto." "Posso? Posso? – pergunta a L" "Eu posso ver a história...? - pergunta a L" "Uma boneca – responde a L" "O bebé e a cama! – responde a L." "A Eva- responde a L." "Conta – diz a L". "Não! – responde a L." "A andar de baloiço – diz a L" "Para brincar – responde a L." "- De baloiço – responde a L." "- Espera, espera, calma... – responde a L" "Do sol. – responde a L." "Sim – responde a L. prontamente." "Boneca! Espera! Calma! – responde a L" "- Sim – responde a L" "- A Leonorzeca foi para outro parque. – responde a L." "Não! – responde a L." "Um beijinho no nariz – responde a L" "Brincar... - responde a L". "- A esperar – responde a L." "Quero boneca! – responde a L." Não! – volta a responder a L.

ANÁLISE DE CONTEÚDO DA HISTÓRIA SOCIAL – “JÁ SEI BRINCAR NO RECREIO” – Pequeno Grupo

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de registo
Funções da comunicação observadas na interação entre a criança e o contador de histórias		Responde através de gestos às perguntas do contador	"A L. acena com a cabeça que sim." "A L. acena com a cabeça que sim."
	Repetição do que diz o contador	Repete o que o contador diz	"...respondendo de seguida:- Esperar" "...Eva e a Leonorzeca e a... responde a L" "Emprestas-me a tua boneca? – repete a L"
	Manifestação de afeto para com o contador de histórias	Estabelece contato físico com o contador de histórias	"...diz a L. enquanto agarra na mão do contador" "...enquanto acaricia o braço do contador." "...enquanto tenta libertar as mãos do contador da história."
	Manifestação de sentimentos de espanto e alegria através de gestos e/ou expressões faciais	Sorri, gesticula e faz expressões faciais de espanto	"com um sorriso no rosto" "A L. começa a gargalhar, a abanar os braços" "- Dá cá, dá cá! – diz a L. mexendo os braços e tocando na amiga "...ao mesmo tempo que vai fazendo o sinal de esperar com a mão..." "...enquanto gesticula com os braços." "...sorrindo e começa..." "...enquanto gesticula com os dois braços." "...gesticulando..." "...gesticular..."

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de registo
Funções da comunicação observadas na interação entre a criança e o	Interrupção do conto da história	Interrompe o conto da história para colocar perguntas/observações/mudar de assunto Interrompe a história para acrescentar algo à história	"Eva! A Eva não vê! Eva! – interrompe a L." "...ela está a pisar o meu pé! – interrompe a L." "Uma lua e uma cobra!- diz a L" "Tá ali uma estrela e um macaquinho – diz a L" "Espera...calma. – volta a dizer a L" "- Não...é a Leonorzeca que vai deitar, na cama deitar.- diz a L."

ANÁLISE DE CONTEÚDO DA HISTÓRIA SOCIAL – “JÁ SEI BRINCAR NO RECREIO” – Pequeno Grupo

contador de histórias			“- Andar de baloiço”
			“Ela está vermelha – volta a dizer a L”
			“Ela está vermelha- interrompe a L”.
	Formulação de pedidos	Realiza pedidos	“- Eu quero a boneca, se faz favor. – diz a L”
			“faz favor – termina a L.”
			“Eu também quero – diz a L.”
			“Eu quero contar a história!” – diz a L
			“...faz favor – termina a L”
	Manifestação da sua opinião	Manifesta a sua opinião sobre o que sabe	“Nãoooo, eu sabo, a Eva não sabe! – diz a L”

ANEXO L

EXEMPLOS DAS GRELHAS SÍNTESE DE TRÊS TIPOS DE HISTÓRIA

| ' ' | | ' ' |

GRELHA DE COMPORTAMENTOS DA CRIANÇA – HISTÓRIA DE AUTOR
“O Valor da Amizade”

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Histórias de autor - Sessões			Total	
			S1	S2	S3		
Reações da L. ao conto da história	Atenção dirigida às imagens e ao contador de histórias	Olha para imagens e para o contador de histórias, acompanhando o conto da história	6	8	2	16	48
		Fica parada a olhar para a página / imagem do livro	1	15	2	18	
		Olha atentamente para o contador	1	4	9	14	
	Perda do foco na história	Desvio do olhar	1	5	11	17	20
		Muda de assunto	1	0	2	3	
	Manifestação de diversos comportamentos motores e vocais	Agitação corporal e/ou vocal (gritos)	0	0	17	17	17
	Demonstração de espanto, admiração e ou alegria	Sorri, gesticula e faz expressões faciais/verbais de espanto	3	0	0	3	10
		Imita sons evidenciando espanto e admiração	7	0	0	7	
	Seguimento das ações do contador da história	Acompanha a ação do contador de histórias	1	3	1	5	8
		Imita a ação do contador de histórias	0	2	1	3	
Totais:			21	37	45	103	103

Categoria	Subcategoria	Indicadores	Histórias de Autor Sessões			Total	
			S1	S2	S3		
Interação com os pares	De natureza positiva decorrente da iniciativa de L	Manifesta afeto através do toque	0	0	1	1	10
		Olha ou aponta para o colega	0	1	3	4	
		Coloca perguntas a colegas	0	3	2	5	
	De natureza negativa decorrente da iniciativa de L	Afasta ou empurra o colega	0	0	1	1	1
Totais:			0	4	7	11	11

GRELHA DE COMPORTAMENTOS DA CRIANÇA – HISTÓRIA DE AUTOR
“O Valor da Amizade”

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Histórias de autor - Sessões			Total	
			S1	S2	S3		
Reações da L. ao conto da história	Atenção dirigida às imagens e ao contador de histórias	Olha para imagens e para o contador de histórias, acompanhando o conto da história	6	8	2	16	48
		Fica parada a olhar para a página / imagem do livro	1	15	2	18	
		Olha atentamente para o contador	1	4	9	14	
	Perda do foco na história	Desvio do olhar	1	5	11	17	20
		Muda de assunto	1	0	2	3	
	Manifestação de diversos comportamentos motores e vocais	Agitação corporal e/ou vocal (gritos)	0	0	17	17	17
	Demonstração de espanto, admiração e ou alegria	Sorri, gesticula e faz expressões faciais/verbais de espanto	3	0	0	3	10
		Imita sons evidenciando espanto e admiração	7	0	0	7	
	Seguimento das ações do contador da história	Acompanha a ação do contador de histórias	1	3	1	5	8
		Imita a ação do contador de histórias	0	2	1	3	
Totais:			21	37	45	103	103

Categoria	Subcategoria	Indicadores	Histórias de Autor Sessões			Total	
			S1	S2	S3		
Interação com os pares	De natureza positiva decorrente da iniciativa de L	Manifesta afeto através do toque	0	0	1	1	8
		Olha ou aponta para o colega	0	1	3	4	
		Coloca perguntas a colegas	0	3	2	5	
	De natureza negativa decorrente da iniciativa de L	Afasta ou empurra o colega	0	0	1	1	1
Totais:			0	4	7	11	11

GRELHA DE COMPORTAMENTOS DA CRIANÇA – HISTÓRIA DE AUTOR
“O Valor da Amizade”

Categoria	Subcategoria	Indicadores	Histórias de Autor Sessões			Total	
			S1	S2	S3		
Interação entre L. e o contador de histórias: razões que a levam a comunicar	Resposta às questões colocadas pelo contador de histórias	Responde oralmente à pergunta do contador de histórias	22	27	26	75	81
		Responde através de gestos à pergunta do contador de histórias	0	3	3	6	
	Formulação de questões ou comentários	Coloca perguntas sobre o que observa	6	1	9	16	16
	Formulação de pedidos	Formula pedidos de natureza diversa	1	5	7	13	13
	Afirmações ou observações contextualizadas ou não	Faz afirmações	0	0	26	26	26
	Interrupção do conto da história	Interrompe a história	0	0	4	4	7
		Interrompe o conto da história para colocar perguntas	3	0	0	3	
	Nomeação do que observa nas imagens e/ou é sugerido pelo contador	Nomeia as imagens que observa no livro	3	3	0	6	16
		Descreve oralmente o que vê nas imagens num tom de admiração	1	3	3	7	
		Conta até 3 para virar a página	0	0	3	3	
	Imitação verbal do que o contador de histórias diz	Repete oralmente o que o contador de histórias diz	4	0	0	4	4
	Manifestação de carinho pelo contador de histórias	Faz festas ao contador de histórias	1	0	0	1	2
		Manda beijinhos ao contador	1	0	0	1	
Totais:			42	42	81	165	177

GRELHA DE COMPORTAMENTOS DA CRIANÇA – HISTÓRIA DE AUTOR
“O Valor da Amizade”

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Histórias de autor – Sessões			Total	
			S1	S2	S3		
Formas de exploração da história	Formulação de comentários sobre o que observa nas imagens	Comenta oralmente o que vê na imagem	3	4	5	12	46
		Comenta o que observa sorrindo e fazendo gestos	5	3	24	32	
		Aponta para uma parte do corpo	0	1	1	2	
	Identificação de imagens	Aponta para as imagens	2	4	0	6	7
		Reconhece a personagem que surge na imagem	1	0	0	1	
	Recurso ao olfato para explorar a história	Aproxima-se do livro para cheirar a página	1	0	0	1	1
Totais:			12	12	30	54	54

Temas	Freq. absoluta	Freq. relativa
Interação entre L. e o contador de histórias: razões que a levam a comunicar	165	49,54%
Reações da L. ao conto da história	103	30,93%
Formas de exploração da história	54	16,21%
Interação com os pares	11	3,30%
Totais	333	100%

GRELHA DE COMPORTAMENTOS DA CRIANÇA HMS – “As Partilhas da Maria”

Categorias	Subcategorias	Indicadores	HMS Sessões			Total	
			S1	S2	S3		
Reações da L. ao conto da história	Demonstração de espanto, admiração e ou alegria	Sorri demonstrando alegria face ao que vê	14	40	31	85	173
		Sorri demonstrando surpresa face ao que vê	0	0	1	1	
		Faz expressões faciais demonstrando espanto	4	1	0	5	
		Vocaliza demonstrando admiração	17	23	37	77	
		Canta demonstrando alegria	0	2	3	5	
	Manifestação de ansiedade	Agitação corporal demonstrando ansiedade	11	46	62	119	119
	Atenção dirigida às imagens e ao contador de histórias ou outro adulto	Olha para as imagens e para o contador da história acompanhando o conto da história	6	5	13	24	73
		Olha/escuta atentamente o contador de histórias/pares	4	13	5	22	
		Olha atentamente o outro e/ou cumprimenta-o	0	0	2	2	
		Expressa atitudes cordiais e de carinho para com outros	0	9	1	10	
		Fica a olhar /mexer para a página do livro	6	1	0	7	
		Imita/interage com o contador	0	1	1	2	
		Aceita o que o contador diz	0	6	0	6	
						477	53,49%

(cont.)

[Escreva aqui]

GRELHA DE COMPORTAMENTOS DA CRIANÇA HMS – “As Partilhas da Maria”

Categorias	Subcategorias	Indicadores	HMS Sessões			Total	
			S1	S2	S3		
Reações da L. ao conto da história	Interação com materiais e objetos	Interage com os fantoches/materiais para manifestar afeto	7	14	30	51	80
		Manipula os fantoches/materiais para simular ações	14	5	6	25	
		Olha ou pega no fantoche	0	0	4	4	
	Demonstração de desagrado	Faz expressões faciais demonstrando desagrado	0	0	3	3	19
		Exibe comportamentos pouco adequados demonstrando desagrado	4	9	3	16	
	Seguimento das ações do contador da história	Acompanha a ação do contador de histórias	7	3	1	11	11
Aguarda a vez	Espera pela vez	0	0	2	2	2	
Totais:			94	178	205	477	477

Categorias	Subcategorias	Indicadores	HMS Sessões			Total	
			S1	S2	S3		
Interação entre L. e o contador de histórias: razões que a levam a comunicar	Resposta a questões colocadas pelo contador de histórias	Responde oralmente a perguntas do contador de histórias	43	39	54	136	148
		Responde gestualmente a perguntas do contador de histórias	3	5	4	12	
	Formulação de questões ou comentários	Coloca perguntas/faz comentários sobre o que observa	14	6	9	29	29
	Imitação verbal do que o contador de histórias diz	Repete oralmente o que o contador e/ou pares dizem	3	8	9	20	20
							253 28,49%

[Escreva aqui]

GRELHA DE COMPORTAMENTOS DA CRIANÇA HMS – “As Partilhas da Maria”

	Formulação de pedidos	Realiza pedidos de natureza diversa	2	1	13	16	16
	Nomeação do que observa nas imagens	Nomeia as imagens que observa no livro/itens da página	2	2	8	12	12
	Mudança de assunto	Muda de assunto/perde o foco	1	9	1	11	11
	Interrupção do conto de histórias	Interrompe o conto de histórias para acrescentar algo	0	5	5	10	10
	Agradecimento	Agradece	0	0	7	7	7
Totais			68	75	110	253	253

Categorias	Subcategorias	Indicadores	HMS Sessões			Total		
			S1	S2	S3			
Interação com os pares	De natureza positiva decorrente da iniciativa da L.	Conversa com colegas	0	1	2	3	48	54 6,08%
		Coloca perguntas a colegas	0	0	1	1		
		Manifesta afeto através do toque	0	0	2	2		
		Pedido de afeto	0	1	0	1		
		Presta ajuda ao colega	0	0	1	1		
		Olha ou aponta para os colegas	0	2	3	5		
		Dá algo aos colegas	0	4	14	18		
		Acompanha a ação dos pares	0	9	1	10		
	Tenta parar com comportamento de uma colega	0	0	1	1			
	De natureza negativa decorrente da iniciativa de L.	Adverte um colega	0	0	1	1	4	
Tenta tirar algo a um colega		0	2	1	3			

[Escreva aqui]

GRELHA DE COMPORTAMENTOS DA CRIANÇA HMS – “As Partilhas da Maria”

	De natureza negativa decorrente da iniciativa de outros	Colega empurra L.	0	0	1	1	2
		Colega repreende L.	0	0	1	1	
Totais			0	19	29	48	54

Categorias	Subcategorias	Indicadores	HMS Sessões			Total	
			S1	S2	S3		
Formas de exploração da história	Realização de ações com objetos e itens apresentados	Realiza ações itens/objetos	8	28	13	49	52
		Tenta realizar determinada ação de forma autónoma	3	0	0	3	
	Recurso aos sentidos (olfato, tato, paladar, visão) para explorar a história	Cheira os itens da página para os explorar	2	2	5	9	26
		Saboreia os alimentos com a boca	7	4	2	13	
		Procura os itens com o	3	1	0	4	
	Formulação de comentários sobre o que observa	Sugere oralmente o que quer fazer face ao que observa	1	18	5	24	24
	Aproximação face ao livro/página	Aproxima de si a página da história	1	1	0	2	2
Identificação de imagens	Aponta para as imagens	2	0	0	2	2	
Totais			27	54	25	106	106

106
11,93%

Temas	Freq. absoluta	Freq. relativa
Reações da L. ao conto da história	477	53,59%
Interação entre L. e o contador de histórias: razões que a levam a comunicar	253	28,43%
Formas de exploração da história	106	11,91%
Interação com os pares	54	6,06%
Totais	890	100%

[Escreva aqui]

GRELHA DE COMPORTAMENTOS DA CRIANÇA HS – “Aprender a brincar e a partilhar”

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Sessões			Total		
			S1 GG	S2 PG	S3 IND	Ind.	S.C.	Cat.
Interação entre L. e o contador de histórias: razões que a levam a comunicar	Resposta às questões colocadas pelo contador de histórias	Responde oralmente à pergunta/sugestão do contador de histórias	16	19	30	65	87	181 53,23%
		Responde através de gestos à pergunta do contador	4	5	13	22		
	Nomeação do que observa nas imagens	Descreve oralmente o que vê nas imagens	6	10	0	16	27	
		Nomeia as imagens e/ou outros que observa no livro e/ou contexto	1	5	5	11		
	Interrupção do conto da história	Interrompe o conto da história para colocar perguntas/observar/mudar de assunto	6	2	2	10	25	
		Fala algo que não se percebe	6	4	2	12		
		Interrompe a história para acrescentar algo à história	0	3	0	3		
	Formulação de perguntas	Coloca perguntas	0	12	5	17	17	
	Formulação de pedidos	Formula pedidos de natureza diversa	2	7	4	13	13	
	Manifestação de sentimentos de afeto	Demonstra carinho através dos objetos/materiais	0	4	0	4	7	
		Expressa verbalmente sentimentos	0	1	0	1		
		Dá mais cinco ao contador	0	1	1	2		
	Repetição do que diz o contador	Repete o que o contador diz	2	0	0	2	2	
	Termina a história	Diz que a história terminou	0	0	2	2	2	
Agradecimento	Agradece	0	1	0	1	1		
Totais:			43	74	64	181	181	

GRELHA DE COMPORTAMENTOS DA CRIANÇA HS – “Aprender a brincar e a partilhar”

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Sessões			Total		
			S1 GG	S2 PG	S3 IND			
Reações da L. ao conto da história	Atenção dirigida às imagens e ao contador de histórias	Foca o olhar especificamente no contador de histórias	4	8	7	19	56	152 44,70%
		Fica parada a olhar para a página do livro	0	5	3	8		
		Aproxima as imagens do livro para si	0	7	0	7		
		Aceita o que o contador diz	0	0	1	1		
		Foca o olhar ora nas imagens, ora no contador de histórias, acompanhando o conto de histórias	5	8	2	15		
		Aproxima as imagens do livro para si.	0	6	0	6		
	Demonstração de espanto, admiração e ou alegria	Sorri, gesticula e faz expressões faciais/verbais de espanto	8	18	11	37	37	
	Manifestação de diversos comportamentos motores e vocais	Bate palmas e agita as mãos/braços	0	4	0	4	26	
		Agitação motora generalizada	7	5	3	15		
		Tenta virar/vira as páginas do livro	0	0	7	7		
	Perda do foco na história	Desvio do olhar	5	5	8	18	18	
	Identificação de imagens	Aponta para as imagens	0	4	8	12	12	
	Seguimento das ações do contador da história	Acompanha a ação do contador de histórias	2	1	0	3	3	
Totais:			31	71	50	152	152	

GRELHA DE COMPORTAMENTOS DA CRIANÇA HS – “Aprender a brincar e a partilhar”

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Sessões			Total	
			S1 GG	S2 PG	S3 IND		
Interação com os pares	De natureza positiva decorrente da iniciativa de L.	Toca/tenta tocar na colega do lado	1	0	0	1	7 7 2,05%
		Olha para a colega e escuta	0	2	0	2	
		Aponta ao colega	0	1	0	1	
		Acompanha/imita a ação dos pares	2	1	0	3	
Totais:			3	4	0	7	

Temas	Freq. absoluta	Freq. relativa
Funções da comunicação observadas na interação entre a criança e o contador de histórias	181	53,23%
Reações da L. ao conto da história	152	44,70%
Interação com os pares	7	2,05%
Totais	340	100%

ANEXO M
ESCALA DE ENVOLVIMENTO

| ' ' ' | ' ' ' |

Engagement chart and scale

Student name:

Age:

Lesson / activity:

Target:

Date:

Time:

Date for review:

Completed by:

Overview of relevant issues
e.g. Environment / learner mood / noteworthy factors or differences

What 'next action' are you using from the last scale you completed?
e.g. Introduce a computer-based initial activity to reduce demands on student when s/he first arrives at lesson; explain individually to student before lesson what s/he will be doing.

ENGAGEMENT SCALE

Mark TOTAL engagement score from sheet overleaf:

No Focus		Emerging / fleeting				Partly sustained				Mostly sustained				Fully sustained														
0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28

Engagement Indicators	Score (0–4)	What happened? What happened / what didn't happen and why?	Next actions What will I do next time and why? How will I make the activity more appealing (see Inquiry Framework)?
Awareness			
Curiosity			
Investigation			
Discovery			
Anticipation			
Initiation			
Persistence			
Total score		NB NOW CIRCLE TOTAL SCORE ON SCALE (previous page)	

Key for scoring	0	1	2	3	4
	No focus	Low and minimal levels – emerging / fleeting	Partly sustained	Mostly sustained	Fully sustained

ANEXO N

EXEMPLOS DAS GRELHAS DA ESCALA DE ENVOLVIMENTO

| ' ' | ' ' |

História contada – História de autor	Título: “O Valor da Amizade”	Sessão: grande grupo	Duração: 21’ 19”	Data: 06 de janeiro de 2020
Intervenientes na hora do conto:	Criança com MD, grupo de crianças (13 crianças) e autora do estudo			
Descrição do contexto	<p>Numa sala de pré-escolar, as crianças estão sentadas no chão em semi círculo de frente para o contador.</p> <p>Inicia-se a leitura referindo-se ao título e apontando para a imagem presente na capa. Inicia a história contando uma página de cada vez e mantendo-as viradas na direção do olhar das crianças. Enquanto isso uma colega filma a narração da história</p>			

	Descrição dos comportamentos observados		Frequências
Itens?	Indicadores:	A contadora da história:	
Estratégias usadas para contar a história	Ao nível do posicionamento	- Senta-se de frente para as crianças	
	Ao nível da forma como usa o livro	- Mostra as páginas a todas as crianças e ao nível do seu olhar. - Aponta e descreve as imagens presentes no livro	
	Ao nível do comportamento da criança	- Reforça os comportamentos corretos; - Modela comportamentos;	
	Ao nível da comunicação verbal	- Repete o vocabulário; - Responde às questões lançadas pela criança; - Coloca perguntas e pede opiniões;	
	Ao nível da forma como conta a história	- Utiliza a alternância de entoação e voz; - Utiliza dramatismo e teatralidade; - Mantem o suspense, fazendo contagens antes de virar as páginas; - Recorre a canções e a frases cantadas.	

Estratégias usadas para promover o envolvimento da criança	Ao nível da forma como conta a história	<ul style="list-style-type: none"> - Conta a história ao mesmo tempo que recorre às imagens presentes no livro; - Recorre aos gestos, à entoação e à alternância de voz para captar a atenção da criança. 	
	Ao nível da comunicação	<ul style="list-style-type: none"> - Coloca questões à criança para despertar o seu interesse e curiosidade; - Responde às questões/observações colocadas pela criança. 	
Comportamentos da criança	Ao nível do envolvimento	<ul style="list-style-type: none"> - Mostra-se envolvida na história; - Revela interesse e curiosidade pelo que vem a seguir; - Participa fazendo perguntas, observações, respondendo, cantando, batendo palmas etc. 	
	Ao nível da forma como reage	<ul style="list-style-type: none"> - Revela entusiasmo em vários momentos da história - Participa; - Antecipa o que vem a seguir 	
	Ao nível da interação com objetos e pessoas	<ul style="list-style-type: none"> - Faz perguntas ao contador e aos colegas; - Mostra preocupação e interesse em interagir com o contador e com os colegas. 	
	Ao nível da atenção	<ul style="list-style-type: none"> - São onze vezes que desvia o olhar da história e duas que muda de assunto. 	

Nome da criança: Criança “L”	Data: 06 de Janeiro de 2020
Atividade: História de autor: “O Valor da amizade”	Sessão: grande grupo
Duração; 21’19”	
Descrição do contexto	
Foi pedido às crianças que se sentassem no chão da sala de frente para o contador da história. Nesta atividade participaram a educadora de infância (autora deste estudo), e o grupo de crianças.	
Iniciou-se a leitura onde se fez referência ao título e apontando para a imagem presente na capa.	

Não foco			Emergente				Parcialmente					Na maioria das vezes						Totalmente									
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28

Indicadores de envolvimento	Pontuação	O que aconteceu?
Atenção	3	Tem períodos de atenção
Curiosidade	3	A L. já sabe o que vai acontecer
Investigação/exploração	3	Ela faz perguntas e revela interesse
Descoberta	3	Manifesta entusiasmo e excitação através da postura corporal e da expressão verbal
Antecipação	4	Antecipa os acontecimentos no decorrer da história;
Iniciação	4	Tem iniciativa para descrever o que via, para explorar e experimentar.
Persistência	4	Mantem-se envolvida na história e participativa
Pontuação final	24	

Chave para a pontuação	0	1	2	3	4
	Não foco	Níveis baixos e Mínimos	Em parte sustentada	Frequentemente Mantida	Sustentada

História contada – HMS	Título: “As partilhas da Maria” Sessão: grande grupo	Duração: 50’ 10’	Data: 09 de janeiro de 2020
Intervenientes na hora do conto:	Criança com MD, grupo de crianças (18 crianças) e autora do estudo		
Descrição do contexto	<p>Numa sala de pré-escolar, as crianças estão sentadas nas cadeiras em semi círculo de frente para o contador.</p> <p>Inicia-se a leitura referindo-se ao título e apontando para o objeto presente na capa. Inicia a história contando uma página de cada vez e mantendo-as viradas na direção do olhar das crianças. Enquanto isso uma colega filma a narração da história</p>		

	Descrição dos comportamentos observados		Frequências
	Indicadores:	A contadora da história:	
Estratégias usadas para contar a história	Ao nível do posicionamento	- Senta-se de frente para as crianças	
	Ao nível da forma como usa o livro	- Mostra as páginas a todas as crianças e ao nível do seu olhar. - Aponta e descreve os objetos presentes em cada página do livro	
	Ao nível do comportamento da criança	- Reforça os comportamentos corretos; - Modela comportamentos;	
	Ao nível da comunicação verbal	- Repete o vocabulário; - Responde às questões lançadas pela criança e/ou observações feitas por esta; - Coloca perguntas e pede opiniões;	
	Ao nível da forma como conta a história	- Utiliza a alternância de entoação e voz; - Utiliza dramatismo e teatralidade; - Coloca questões apelando á curiosidade; - Recorre a canções e a frases cantadas.	

Estratégias usadas para promover o envolvimento da criança	Ao nível da forma como conta a história	<ul style="list-style-type: none"> - Conta a história ao mesmo tempo que recorre aos objetos presentes no livro; - Permite a exploração dos objetos pela criança; - Recorre aos gestos, à entoação e à alternância de voz para captar a atenção da criança. 	
	Ao nível da comunicação	<ul style="list-style-type: none"> - Coloca questões à criança para despertar o seu interesse e curiosidade; - Responde às questões/observações colocadas pela criança. 	
Comportamentos da criança	Ao nível do envolvimento	<ul style="list-style-type: none"> - Mostra-se envolvida na história; - Revela interesse e curiosidade pelo que vem a seguir; - Participa fazendo perguntas, observações, respondendo, cantando, batendo palmas etc.; 	
	Ao nível da forma como reage	<ul style="list-style-type: none"> - Revela entusiasmo em vários momentos da história; - Voluntaria-se para realizar tarefas constantemente; - Participa; - Antecipa o que vem a seguir. 	
	Ao nível da interação com objetos e pessoas	<ul style="list-style-type: none"> - Faz perguntas ao contador e aos colegas; - Passa os objetos aos colegas; - Mostra preocupação e interesse em interagir com o contador e com os colegas. 	
	Ao nível da atenção	<ul style="list-style-type: none"> - Só perdeu o foco uma vez durante toda a história. 	

Nome da criança: Criança “L”	Data: 09 de Janeiro de 2020
Atividade: HMS: “As partilhas da Maria ”	Sessão: grande grupo
Descrição do contexto	
Foi pedido às crianças que se sentassem nas cadeiras de frente para o contador da história. Nesta atividade participaram a educadora de infância (autora deste estudo), e o grupo de crianças.	
Iniciou-se a leitura onde se fez referência ao título e apontando para o objeto presente na capa.	

Não foco		Emergente				Parcialmente						Na maioria das vezes						Totalmente									
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28

Indicadores de envolvimento	Pontuação	O que aconteceu?
Atenção	4	Está maioritariamente atenta
Curiosidade	4	A L. já sabe o que vai acontecer
Investigação/exploração	4	Ela faz perguntas e revela interesse
Descoberta	4	Manifesta entusiasmo e excitação através da postura corporal e da expressão verbal
Antecipação	4	Antecipou os acontecimentos no decorrer da história;
Iniciação	4	Tem iniciativa para descrever o que vê, para explorar e experimentar.
Persistência	4	Mantem-se envolvida na história e participativa
Pontuação final	28	

Chave para a pontuação	0	1	2	3	4
	Não foco	Níveis baixos e Mínimos	Em parte sustentada	Frequentemente Mantida	Sustentada

História contada – HS	Título: “Já sei brincar no recreio”	Sessão: grande grupo	Duração: 10’ 15”	Data: 14 de janeiro de 2020
Intervenientes na hora do conto:	Criança com MD, grupo de crianças (17 crianças) e autora do estudo			
Descrição do contexto	<p>Numa sala de pré-escolar, as crianças estão sentadas no chão da sala em semi círculo de frente para o contador.</p> <p>Inicia-se a leitura referindo-se ao título e apontando para a imagem presente na capa. Inicia a história contando uma página de cada vez e virando as páginas na direção do olhar das crianças. Enquanto isso uma colega filma a narração da história</p>			

	Descrição dos comportamentos observados		Frequências
Subcategoria	Indicadores:	A contadora da história:	
Estratégias usadas para contar a história	Ao nível do posicionamento	- Senta-se de frente para as crianças	
	Ao nível da forma como usa o livro	- Mostra as páginas a todas as crianças e ao nível do seu olhar. - Aponta e descreve as fotos presentes em cada página do livro	
	Ao nível do comportamento da criança	- Reforça os comportamentos corretos; - Modela comportamentos;	
	Ao nível da comunicação verbal	- Repete o vocabulário; - Responde às questões lançadas pela criança e às observações feitas por esta; - Coloca perguntas;	
	Ao nível da forma como conta a história	- Utiliza a alternância de entoação e voz; - Utiliza dramatismo e teatralidade; - Coloca questões apelando á curiosidade; - Recorre a contagens realizando-as como se de uma cantilena se tratasse.	

Estratégias usadas para promover o envolvimento da criança	Ao nível da forma como conta a história	<ul style="list-style-type: none"> - Conta a história ao mesmo tempo que recorre às fotografias presentes no livro; - Recorre aos gestos, à entoação e à alternância de voz para captar a atenção da criança. 	
	Ao nível da comunicação	<ul style="list-style-type: none"> - Coloca questões à criança para despertar o seu interesse e curiosidade; - Responde às questões/observações colocadas pela criança. 	
Comportamentos da criança	Ao nível do envolvimento	<ul style="list-style-type: none"> - Mostra-se envolvida na história; - Revela interesse e curiosidade pelo que vem a seguir; - Participa fazendo perguntas, observações, respondendo; 	
	Ao nível da forma como reage	<ul style="list-style-type: none"> - Revela grandes períodos de foco e atenção durante a história; - Participa; - Antecipa o que vem a seguir. 	
	Ao nível da interação com objetos e pessoas	<ul style="list-style-type: none"> - Faz perguntas ao contador; - Mostra preocupação e interesse em interagir com o contador 	
	Ao nível da atenção	<ul style="list-style-type: none"> - Nunca perdeu o foco. 	

Nome da criança: Criança “L”	Data: 14 de Janeiro de 2020
Atividade: HS: “Já sei brincar no recreio ”	Sessão: grande grupo
	Duração: 10’15”
Descrição do contexto	
Foi pedido às crianças que se sentassem no chão da sala de frente para o contador da história. Nesta atividade participaram a educadora de infância (autora deste estudo), e o grupo de crianças.	
Iniciou-se a leitura onde se fez referência ao título e se apontou para a foto presente na capa.	

Não foco		Emergente				Parcialmente						Na maioria das vezes						Totalmente									
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28

Indicadores de envolvimento	Pontuação	O que aconteceu?
Atenção	4	Está maioritariamente atenta
Curiosidade	4	A L. já sabia o que ia acontecer
Investigação/exploração	4	Ela faz perguntas e revela interesse
Descoberta	3	Manifesta entusiasmo e excitação através da postura corporal e da expressão verbal
Antecipação	4	Antecipou os acontecimentos no decorrer da história;
Iniciação	4	Tem iniciativa para descrever e fazer observações acerca do que vê
Persistência	4	Mantem-se envolvida na história e participativa
Pontuação final	27	

Chave para a pontuação	0	1	2	3	4
	Não foco	Níveis baixos e Mínimos	Em parte sustentada	Frequentemente Mantida	Sustentada

ANEXO 0

**EXEMPLO DE SESSÃO DE ENVOLVIMENTO
DE UMA DAS OUTRAS CRIANÇAS DO GRUPO**

| ' ' | | ' ' |

História contada – HMS	Título: “A surpresa”	Sessão: pequeno grupo	Duração: 32’ 10’	Data: 03 de março 2020
Intervenientes na hora do conto:	Crianças: L; B;M;T. e autora do estudo			
Descrição do contexto	As crianças estão sentadas em cadeiras adequadas ao seu tamanho, duas em frente ao contador da história e outras duas de lado. Inicia-se a leitura referindo-se ao título e apontando para a imagem presente na capa. Inicia a história contando uma página de cada vez e mantendo-as viradas na direção do olhar das crianças. Enquanto isso uma colega filma a narração da história			

	Descrição dos comportamentos observados		
	Indicadores:	A contadora da história:	
Estratégias usadas para contar a história	Ao nível do posicionamento	- Senta-se de frente e de lado para as crianças.	
	Ao nível da forma como usa o livro	- Mostra as páginas ao nível do olhar da criança; - Aponta e descreve os objetos presentes em cada página do livro	
	Ao nível do comportamento da criança	- Reforça os comportamentos corretos; - Modela comportamentos; - Estimula utilizando o toque e o envolvimento emocional;	
	Ao nível da comunicação verbal	- Repete o vocabulário;	

		<ul style="list-style-type: none"> - Responde às questões lançadas pela criança e/ou observações feitas por esta; - Coloca perguntas e pede opiniões; 	
	Ao nível da forma como conta a história	<ul style="list-style-type: none"> - Utiliza a alternância de entoação e voz; - Cantarola para despertar o interesse; - Utiliza dramatismo e teatralidade; 	
Estratégias usadas para promover o envolvimento da criança	Ao nível da forma como conta a história	<ul style="list-style-type: none"> - Conta a história ao mesmo tempo que recorre aos objetos presentes no livro; - Permite a exploração dos objetos pela criança; - Recorre aos gestos, à entoação e à alternância de voz para captar a atenção da criança. 	
	Ao nível da comunicação	<ul style="list-style-type: none"> - Coloca questões à criança para despertar o seu interesse e curiosidade; - Responde às questões/observações colocadas pela criança 	
Comportamentos da criança	Ao nível do envolvimento	<ul style="list-style-type: none"> - Mostra-se envolvida e atenta à história - Revela sempre interesse e curiosidade pelo que vem a seguir; - Participa fazendo perguntas, observações, respondendo, cantando, voluntariando-se para fazer as tarefas 	
	Ao nível da forma como reage	<ul style="list-style-type: none"> - Revela entusiasmo em vários momentos da história; - Voluntaria-se para realizar tarefas; - Participa; - Antecipa o que vem a seguir. 	
	Ao nível da interação com objetos e pessoas	<ul style="list-style-type: none"> - Faz perguntas e observações acerca da história - Mostra preocupação e interesse em interagir com o contador 	
	Ao nível da atenção	<ul style="list-style-type: none"> - Manteve-se atenta. 	

Nome da criança: Criança “B.”	Data: 03 de Março de 2020
Atividade: conto da história “A surpresa” Sessão pequeno grupo	Duração; 20’42”
Descrição do contexto	
Foi pedido às crianças que se sentassem numa cadeira adequada ao seu tamanho em frente ao contador da história, tendo uma mesa entre ambos. Nesta atividade participaram a educadora de infância (autora deste estudo), a criança alvo do estudo, a B.e mais duas crianças (uma do sexo masculino e duas do feminino). Iniciou-se a leitura onde se fez referência ao título e apontando para o objeto presente na página.	

Não foco	Emergente	Parcialmente	Na maioria das vezes																								
Totalmente																											
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28

Indicadores de envolvimento	Pontuação	O que aconteceu?
Atenção	4	Mantem-se sempre atenta
Curiosidade	4	Pergunta várias vezes “O que é?” Ou “Quem é?”
Investigação/exploração	4	Ela faz perguntas e revela interesse
Descoberta	4	Manifesta com frequência entusiasmo e excitação através da postura corporal
Antecipação	4	Antecipa várias vezes a personagem que vem a seguir
Iniciação	4	Começa a descrever as imagens antes do contador começar a ler a página
Persistência	4	Repete frequentemente a forma como explora os estímulos
Pontuação final	28	

Chave para a pontuação	0	1	2	3	4
	Não foco	Níveis baixos e Mínimos	Em parte sustentada	Frequentemente Mantida	Sustentada

ANEXO P

**ESCALA DE DESENVOLVIMENTO GROWING
SKILLS**

| ' ' | | ' ' |

“The Schedule of Growing Skills II”

(Bellman, Lingam e Aukett, 1996)

Nome: Letícia R

Data de nascimento: Maio 2014

Idade: 72 m

Data de

Sexo: F

Avaliação: Maio 2020

Responsável de Caso: Susana Soares

Responsável pela avaliação: Susana Soares

Itens	CAPACIDADES POSTURAS PASSIVAS	Pontuação	
Decúbito Dorsal			
1	Cabeça na linha média ⁽¹⁾	1	
2	Levanta as pernas na vertical e olha para os pés ⁽⁶⁾	2	x
Suspensão Ventral			
3	Cabeça alinhada com o corpo, ancas em semi-extensão ⁽¹⁾	1	
4	Cabeça acima da linha do corpo, ancas e ombros em extensão ⁽³⁾	2	x
Tracção para a Posição Sentado			
5	Queda considerável da cabeça, quando o corpo está na vertical, controlo momentâneo da cabeça antes de cair para a frente ⁽¹⁾	1	
6	Pouca ou nenhuma queda da cabeça ⁽³⁾	2	
7	Tracção pelas mãos retesa os ombros e faz força para se sentar ⁽⁶⁾	3	x
Posição Sentado (apoiado pelo adulto)			
8	Costas moderadamente curvadas ⁽³⁾	1	x
9	Costas direitas ⁽⁶⁾	2	
PONTUAÇÃO DAS CAPACIDADES POSTURAS PASSIVAS			8

Itens	CAPACIDADES POSTURAS ACTIVAS	Pontuação	
Posição de Decúbito Ventral			
10	Cabeça de lado, joelhos flectidos sob o abdómen, com ancas elevadas (cintura pélvica em flexão), braços encostados ao tórax com cotovelos flectidos ^{(1)(N)}	1	
11	Levanta a cabeça momentaneamente, ancas elevadas (cintura pélvica em semi-flexão) ⁽¹⁾	2	
12	Levanta a cabeça e a região superior do peito, com apoio nos antebraços, sem flexão da cintura pélvica ⁽³⁾	3	
13	Apoia peso nas palmas das mãos com braços em extensão ⁽⁶⁾	4	
14	Coloca-se na posição de gatas ⁽⁸⁾	5	x
Posição Sentada (Sem apoio)			
15	Mantém-se sentado, momentaneamente sem apoio ⁽⁶⁾	1	
16	Mantém-se sentado por períodos prolongados (contar pelo menos até 10) ⁽⁸⁾	2	
17	Passa para posição sentado a partir de decúbito ventral ou dorsal ⁽¹⁰⁾	3	x
Posição de Pé (Com apoio nas axilas ou ancas)			
18	Apoia algum peso nos membros inferiores ⁽⁶⁾	1	
19	Apoia todo o seu peso nos membros inferiores ⁽⁸⁾	2	
20	Mantém-se de pé agarrado (ex. Móvel) ⁽¹⁰⁾	3	
21	Põe-se de pé sozinho agarrado à móvel ⁽¹²⁾	4	
PONTUAÇÃO DAS CAPACIDADES POSTURAS ACTIVAS			8

Itens	CAPACIDADES LOCOMOTORAS	Pontuação	
Movimento e Equilíbrio			
22	Rebola e vira-se (apoiado sobre a barriga) para se deslocar (10)	1	
23	Tenta gatinhar ou arrastar-se (por vezes para trás) (10)	2	
24	Anda, seguro por ambas as mãos, apoiando todo o peso nos pés (12)	3	
25	Anda agarrado à mobília (ou empurra carrinho com rodas) (12)	4	
26	Anda sozinho, pés afastados e braços elevados para manter o equilíbrio (15)	5	
27	Anda bem, pés ligeiramente afastados, consegue virar esquinas e parar subitamente (15)	6	
28	Apanha um objecto do chão sem cair (18)	7	
29	Corre com confiança, pára e inicia com cuidado, evita obstáculos (18)	8	x
30	Salta com os pés juntos do último degrau (24)	9	
31	Anda em “bicos dos pés” (30)	10	
32	Corre em “bicos dos pés” (36)	11	
33	Dá 3 saltos ao pé-coxinho (36)	12	
34	Anda, pelo menos 4 passos, colocando o calcanhar de um pé à frente da ponta do outro pé (ex. em cima de uma linha) (3 tentativas) (48)	13	
35	Mantém-se 8 segundos em equilíbrio, em cada pé (60)	14	
Escadas			
36	Sobe escadas de gatas e desce de “rabo” (18)	1	
37	Sobe escadas com a mão segura, colocando ambos os pés no mesmo degrau (sem alternância de pés) (24)	2	
38	Sobe e desce escadas, com confiança mas acompanhado, sem alternância de pés (24)	3	
39	Sobe escadas com alternância de pés e desce escadas sem alternância de pés, de modo independente (30)	4	X
40	Sobe e desce escadas de modo independente, colocando um pé em cada degrau (padrão adulto) (48)	5	
41	Sobe escadas a correr (60)	6	
PONTUAÇÃO DAS CAPACIDADES LOCOMOTORAS			12

Itens	CAPACIDADES VISUAIS	Pontuação	
Função Visual			
70	Volta-se para a luz difusa (ex. janela) (18)	1	
71	Segue momentaneamente um pompom a 30 cm de distância (1)	2	
72	Fixa a face ou objecto na linha da visão e segue-o com os olhos num trajecto de 90° (1)	3	
73	Segue objecto que balança, num trajecto de 180° (3)	4	
74	Converge os olhos com aproximação do objecto (3)	5	x
75	Aponta com o indicador com precisão para objecto pequeno (12)	6	
Compreensão Visual			
76 ©	Observa objecto que cai e esquece-o rapidamente (sem permanência do objecto) (6)	1	
77 ©	Olha para o local correcto à procura de objecto que cai (permanência do objecto) (6)	2	
78 ©	Procura objecto escondido (6)	3	
79 ©	Atento e interessado pelo movimento à distância (olha pela janela) (6)	4	
80 ©	Aponta com o dedo para objectos distantes (12)	5	
81 ©	Mostra-se interessado em gravuras (15)	6	
82 ©	Reconhece detalhes do livro de figuras (18)	7	x
83 ©	Completa o quadro de formas (24)	8	
84 ©	Completa o quadro do peixe (24)	9	
85 ©	Reconhece pequenos detalhes de figuras (30)	10	
86 ©	Combina 2 cores (36)	11	
87 ©	Combina 4 cores (36)	12	
88 ©	Combina os 10 cartões de cores (48)	13	
89	Coopera com teste formal de visão (6 metros - Carta de Snellen) (60)	14	
PONTUAÇÃO DAS CAPACIDADES VISUAIS			12

Itens	AUDIÇÃO E FALA	Pontuação	
	Função Auditiva		
90	Assusta-se com ruído súbito (RN)	1	
91	Responde à voz ou som suave (3)	2	
92	Olha para o local de onde vem a voz da mãe (6)	3	x
	Compreensão Auditiva		
93	Vira a cabeça na direcção a fonte sonora (6)	1	
94	Atento aos sons rotineiros (8)	2	
95	Compreende “não / adeus” (10)	3	
96	Reconhece o próprio nome (12)	4	
97	Mostra compreender os nomes de pessoas ou objectos familiares (12)	5	
98	Selecciona, a pedido, 2 de 4 objectos (15)	6	
99	Aponta para 2 partes do corpo nomeadas – nariz e mãos (18)	7	
100	Aponta para partes do corpo na boneca – olhos e barriga (18)	8	
101	Segue ordem de 2 passos – “Dá de beber à boneca” ou “Penteia a boneca” (24)	9	
102	Compreende os verbos, utilizando as gravuras de actividades ou acções (24)	10	
103	Compreende as funções dos objectos, utilizando as gravuras (30)	11	
104	Segue instruções com preposições – debaixo, em cima, atrás, etc. (30)	12	
105	Compreende adjectivos relacionados com a dimensão (36)	13	x
106	Compreende negativos – “Qual é que não tem sapatos?” (36)	14	
107	Cumprir uma ordem com 2 instruções – “Põe a boneca no chão e depois fecha a porta” (48)	15	
108	Compreende perguntas mais complicadas – “O que fazes se te perderes?” (48)	16	
109	Cumprir ordem com 3 instruções – “Antes de dares o copo à mãe, põe a colher no chão e dá-me a boneca” (60)	17	
110	Compreende negativos em frases complexas – “Qual é que não serve nem para comer nem para beber” (60)	18	
	PONTUAÇÃO DAS CAPACIDADES DE AUDIÇÃO E FALA		16

Itens	FALA E LINGUAGEM	Pontuação	
	Vocalização		
111	Faz sons guturais ocasionais (1)	1	
112	Vocaliza quando satisfeito (3)	2	
113	Ri e grita durante a brincadeira (6)	3	
114	Palra continuamente e com entoação para chamar à atenção (8)	4	
115	Imita sons dos adultos, sons divertidos (ex. tosse, “brr”) (10)	5	x
	*Linguagem Expressiva		
116	Jargão incessante contendo vogais e muitas consoantes (12)	1	
117	Usa uma palavra com significado (12)	2	
118	Comunica utilizando simultaneamente gestos e vocalizações (15)	3	
119	Usa várias palavras com significado (pelo menos 4) (15)	4	
120	Usa mais de 7 palavras com significado (15)	5	
121	Tenta repetir palavras usadas pelos outros (18)	6	
122	Junta 2 ou mais palavras para formar frases simples (24)	7	
123	Nomeia objectos e gravuras familiares (24)	8	
124	Discurso geralmente compreendido pela mãe (24)	9	
125	Usa palavras interrogativas (Onde? O quê?) e usa 2 pronomes pessoais (eu, tu, mim...) (30)	10	
126	Capaz de manter conversação simples e descrever acontecimentos (30)	11	
127	Sabe várias canções infantis ou comerciais (36)	12	
128	Consegue relatar vagamente acontecimentos recentes (36)	13	
129	Discurso fluente e claro (48)	14	
130	Consegue construir frases com 5 ou mais palavras (48)	15	x
131	Consegue descrever uma sequência de acontecimentos (60)	16	
132	Consegue explicar acontecimentos (60)	17	
	PONTUAÇÃO DAS CAPACIDADES DE LINGUAGEM E FALA		20

Itens	CAPACIDADES DE INTERACÇÃO SOCIAL	Pontuação	
Comportamento Social			
133	Sorri à estimulação social ⁽¹⁾	1	
134	Responde ao tratamento carinhoso ⁽³⁾	2	
135	Gosta do banho e dos cuidados de rotina ⁽³⁾	3	
136	Leva tudo à boca (exploração oral) ⁽⁶⁾	4	
137	Mostra-se irritado quando frustrado ⁽¹⁰⁾	5	
138	Bate palmas e acena adeus ⁽¹²⁾	6	
139	Curioso e atento às pessoas, objectos e acontecimentos à sua volta ⁽¹²⁾	7	
140	Imita actividades simples da vida diária ⁽¹⁵⁾	8	
141	Comportamento rebelde quando contrariado ⁽¹⁸⁾	9	
142	Brinca com outras crianças mas não partilha brinquedos ⁽²⁴⁾	10	
143	Partilha brinquedos e a atenção dos adultos ⁽³⁰⁾	11	
144	Mostra-se preocupado com irmãos e amigos ⁽³⁶⁾	12	
145	Ajuda activamente irmãos e amigos ⁽³⁶⁾	13	
146	Nomeia o melhor amigo ⁽⁴⁸⁾	14	x
Jogo			
147	Quando lhe é oferecida uma roca, agarra-a e abana-a para obter som ⁽⁶⁾	1	
148	Encontra um objecto parcialmente escondido ⁽⁶⁾	2	
149	Encontra rapidamente um objecto escondido ⁽¹²⁾	3	
150	Explora com interesse as propriedades e possibilidades dos brinquedos e objectos ⁽¹⁵⁾	4	
151	Brinca sozinho ou perto de pessoa familiar ⁽¹⁵⁾	5	
152	Empurra e puxa grandes brinquedos com facilidade ⁽¹⁸⁾	6	
153	Chuta bola pequena ⁽²⁴⁾	7	
154	Atira com a mão uma bola pequena (por cima da cabeça) ⁽³⁰⁾	8	x
155	Sabe aguardar a sua vez no jogo ⁽³⁶⁾	9	
156	Participa em jogos de cooperação e imaginação, cumprindo as regras ⁽⁶⁰⁾	10	
PONTUAÇÃO DAS CAPACIDADES DE INTERACÇÃO SOCIAL			22

Itens	CAPACIDADES SOCIAIS DE AUTONOMIA	Pontuação	
	Alimentação		
157	Segura no biberão enquanto está a ser alimentado ⁽⁶⁾	1	
158	Tenta agarrar na colher ⁽⁸⁾	2	
159	Segura, morde e mastiga uma bolacha ⁽¹⁰⁾	3	
160	Bebe por um copo com ajuda ⁽¹²⁾	4	
161	Segura na colher mas não se alimenta ⁽¹²⁾	5	
162	Segura na colher, leva-a à boca mas entorna ⁽¹⁵⁾	6	
163	Segura no copo com ambas as mãos e bebe sem entornar muito ⁽¹⁸⁾	7	
164	Come sozinho com a colher, sem entornar ⁽¹⁸⁾	8	
165	Levanta o copo com uma mão, bebe e coloca-o na mesa sem dificuldade ⁽²⁴⁾	9	
166	Come perfeitamente sozinho, com colher ⁽³⁰⁾	10	
167	Come com colher e garfo ⁽³⁶⁾	11	x
168	Come com garfo e faca (com pequena ajuda) ⁽⁴⁸⁾	12	
169	Não necessita de ajuda durante toda a refeição ⁽⁶⁰⁾	13	
	Higiene 1		
170	Dá sinal, chorando ou contorcendo-se, quando está molhado ou com fezes ⁽¹⁵⁾	1	
171	Antecipa as necessidades de higiene com comportamento agitado ou vocalizações ⁽¹⁸⁾	2	
172	Mantém-se seco durante o dia ⁽²⁴⁾	3	
173	Verbaliza necessidade de ir à casa de banho em tempo razoável ⁽²⁴⁾	4	x
174	Mantém-se geralmente seco durante a noite ⁽³⁰⁾	5	
	Higiene 2		
175	Lava as mãos ⁽³⁶⁾	1	
176	Lava e seca as mãos, e tenta escovar os dentes ⁽⁴⁸⁾	2	
177	Lava e seca completamente as mãos e cara ⁽⁴⁸⁾	3	X
178	Veste-se e despe-se sozinho (excepto botões e fechos) ⁽⁶⁰⁾	4	
179	Veste-se e despe-se sozinho (incluindo botões e fechos) ⁽⁶⁰⁾	5	
	PONTUAÇÃO DAS CAPACIDADES SOCIAIS DE AUTONOMIA		18

PONTUAÇÃO DAS CAPACIDADES COGNITIVAS	
---	--

LEGENDA

© - Este item contém um elemento cognitivo

Q - Utilizar quando a qualidade da prestação é questionada. Manter a pontuação do item.

V - O aluno já adquiriu

Itens	CAPACIDADES MANIPULATIVAS	Pontuação	
Mãos			
42	Mãos fechadas e polegar flectido (1)	1	
43	Olha para as mãos e brinca com os dedos (3)	2	
44	Junta as mãos e bate as palmas, uma contra a outra (3)	3	
45	Preensão palmar (o objecto é agarrado pelo polegar e vários dedos, contactando com a palma da mão) (6)	4	
46	Transfere objecto de uma mão para a outra (6)	5	
47	Segura 2 cubos, um em cada mão e junta-os (8)	6	
48	Pega num pequeno objecto realizando pinça inferior (segura o objecto entre o polegar e outros dedos, sem oposição completa – Pinça imperfeita) (10)	7	X
49	Pega num pequeno objecto realizando uma pinça nítida (oposição completa entre o polegar e o indicador – Pinça correcta) (12)	8	
50	Atira deliberadamente os brinquedos ao chão (arremeço) (12)	9	
51	Vira páginas de um livro (várias de cada vez) (18)	10	
52	Vira uma página de cada vez (24)	11	X
53	Coloca 10 pinos dentro da chávena em 30 segundos (3 tentativas) (36)	12	
54	Coloca 8 pinos na tábua de encaixe em 30 segundos (3 tentativas) (60)	13	
Cubos			
55 ©	Torre de 2 cubos (15)	1	
56 ©	Torre de 3 cubos (16)	2	
57 ©	Torre de 4-6 cubos (23)	3	X
58 ©	Torre de 7 + cubos (30)	4	
59 ©	Copia a ponte de cubos (com modelo à vista) (30)	5	
60 ©	Constrói escada de 3 degraus com 6 cubos após demonstração (40)	6	
Desenho			
61 ©	Rabisca para cá e para lá (12)	1	
62 ©	Rabisco circular (10)	2	
63 ©	Imita uma linha vertical e / ou horizontal (23)	3	
64 ©	Imita o círculo (30)	4	X
65 ©	Imita a cruz (36)	5	
66 ©	Copia o quadrado (48)	6	
Desenho da Figura Humana			
67 ©	Desenha a cabeça e uma outra parte (30)	1	
68 ©	Desenha cabeça, pernas e (geralmente) braços e dedos (40)	2	X
69 ©	Desenha cabeça, tronco, pernas e braços e outras características (60)	3	
PONTUAÇÃO DAS CAPACIDADES MANIPULATIVAS			27

Perfil de Desenvolvimento “The Schedule of Growing Skills II”

	Postura Passiva	Postura Activa	Locomotora	Manipulativa	Visual	Audição Fala	Fala e Linguagem	Social	Autonomia	Cognitiva
60 Meses			20	28	20	21	22	24	23	34
			19	27		20	21		22 21	33 32
48 Meses			18	26	19	19	20	23	20	31
			17	25 24		18	19		19 18	30 29 28
36 Meses			16	23	18	17	18	22	17	27
			15	22 21	17	16	17	21 20	16	26 25 24
30 Meses			14	20	16	15	16	19	15	23
			13	19 18		14	15	18	14	22 21 20
24 Meses			12	17	15	13	14	17	13	19
			11 10	16 15	14	12	13 12	16	12 11	18 17 16
18 Meses			9	14	13	11	11	15	10	15
			8 7	13 12		10		14	9 8	14 13 12
15 Meses			6	11	12	9	10	13	7	11
			5	10			9 8	12 11	6	10 9
12 Meses		12	4	9	11	8	7	10	5	8
			3	8	10	7	6	9 8	4	7 6
10 Meses		11	2	7	9	6	5	7	3	5
		10	1							4
8 Meses		9		6	8	5	4	6	2	3
		8 7								2
6 Meses	9	6		5	7	4	3	5	1	1
	8 7	5 4		4	6	3		4		
3 Meses	6	3		3	5	2	2	3		
	5 4			2	4			2		
1 Mês	3 2 1	2		1	3		1	1		
0 Meses		1			1	1				

ANEXO Q

**ANÁLISE DE CONTEÚDO E GRELHAS
SÍNTESE DAS NOTAS DE CAMPO**

| ' ' | | ' ' |

ANÁLISE DE CONTEÚDO DAS NOTAS DE CAMPO

Número da nota de campo	3
Contexto	Sala de atividades
Participantes	Autora do projeto, criança com MD e colegas
Data	13-01-2020

Categories	Subcategoria	Indicadores	Unidades de registo
Interação com pares	De natureza positiva decorrente da iniciativa de L.	Olha para a colega	“A L. vira-se para a colega T.R.....”
		Brinca com uma colega	“A L. estava a brincar com uma colega T.R. na área dos jogos e estavam a fazer construções com os legos.”
		Pede desculpa à colega	“- Desculpa! – pede a L”
	Estratégias usadas para regular o comportamento	Aperta as mãos uma na outra e diz para ter calma	“...aperta a mão uma na outra e diz:- Calma, calma, calma.... – diz a L. levantando a mão de seguida.”
	De natureza negativa decorrente da iniciativa de L.	Tira um brinquedo à colega	“Entretanto a colega T.R. começou a chorar porque a L lhe tinha tirado o lego da mão”

Número da nota de campo	4
Contexto	Sala de reuniões
Participantes	Autora do projeto, encarregado de educação da A.
Data	21-01-2020

Categories	Subcategoria	Indicadores	Unidades de registo
Comunicação entre a educadora e o encarregado de educação	Auscultação acerca do trabalho em desenvolvimento no contexto educativo	Pergunta se as relações sociais tem sido um assunto discutido no JI	“Numa reunião de avaliação com o encarregado de educação da A. o encarregado de educação pergunta: - Susana, vocês andam a trabalhar as relações sociais, não andam?”

ANÁLISE DE CONTEÚDO DAS NOTAS DE CAMPO

	Partilha dos comportamentos da filha face a L durante o conto de histórias	Afirma que a filha agora fala de L. dizendo que esta é sua amiga	“- A A. agora chega a casa e diz que a L. é amiga dela.”
		Informa que a filha quer trazer brinquedos para partilhar com a L.	“Agora quer trazer brinquedos de casa de propósito para partilhar com ela. E diz que são todos amigos uns dos outros e que devem partilhar os brinquedos com os amigos. “Eu vou partilhar com a L.” – diz ela!”
	Partilha dos comportamentos da filha face a L antes do conto de histórias	Refere que antes a filha não gostava da L, e fazia queixas dela.	“A A. não gostava nada da L. e fazia-nos muitas queixinhas dela.”

Número da nota de campo	5
Contexto	Sala de atividades
Participantes	Autora do projeto
Data	05-02-2020

Categorias	Subcategoria	Indicadores	Unidades de registo
Interação com pares	Receção positiva dos pares à L.	Saudação com entusiasmo quando a L. regressa ao JI	“Depois de um período de ausência devido à realização de uma cirurgia, a L. regressa à sala. Assim que chega com o pai, os colegas dirigem-se a ela, começam a bater palmas e a gritar:”
		Chamam pelo nome de L.	“- L, L., L. – gritavam todos!”

Número da nota de campo	6
Contexto	Sala de atividades
Participantes	Autora do projeto
Data	11-02-2020

ANÁLISE DE CONTEÚDO DAS NOTAS DE CAMPO

Categorias	Subcategoria	Indicadores	Unidades de registo
Interação com as histórias por parte de L.	Revela interesse pela história	Vai buscar uma HS que está na área da biblioteca	“A L. estava a brincar na área da biblioteca e foi buscar o livro da história social “Já sei brincar no recreio”
		Repete parte da história referente ao comportamento a adotar perante determinado desejo do contador	“...e começa a “ler” e durante a leitura diz: - Quando queremos andar de baloiço temos de pedir e esperar, para ouvir o que a colega vai falar...”

Número da nota de campo	7
Contexto	Recreio
Participantes	Autora do projeto
Data	13-02-2020

Categorias	Subcategoria	Indicadores	Unidades de registo
Interação com pares	De natureza positiva decorrente da iniciativa de L.	Faz perguntas à colega	“- Posso andar de carrinho se faz favor? – pergunta a L. à colega A.”
		Diz obrigada à colega	“...a L. vai andar e diz:- Obrigada A.!”
	De natureza positiva decorrente da iniciativa de pares	Responde afirmativamente ao pedido de L.	“A colega A. acena com a cabeça que sim”
	De natureza negativa decorrente da iniciativa de L	Puxa a colega que estava a andar no carrinho e esta começa a chorar	“No recreio a L. queria andar de carrinho, mas estava ocupado por outra menina “Então a L dirigiu-se à menina e começou a puxá-la. A colega A. começou a chorar”
Interação com a educadora de infância	Responde às questões colocadas pela educadora	Afirma que tem de pedir desculpa	“- Tenho de pedir- diz a L.”
		Indica que quer andar de carrinho	“- Sim – responde a L.”

GRELHA SÍNTESE DOS CONTEXTOS EM QUE OCORREM AS INTERAÇÕES COM OS PARES

Contextos Interação com os pares	Notas de campo			Totais de U.R.
	Subcategoria	Indicadores	Unidades de registo	
Recreio	De natureza positiva decorrente da iniciativa de pares	Coloca perguntas a L.	“A L. estava no recreio a andar de carrinho a A. perguntou se podia andar de carro”	3
		Responde afirmativamente ao pedido de L.	A colega acena com a cabeça que sim	
			“...a L. respondeu que sim e cedeu o seu lugar à colega”	
	De natureza positiva decorrente da iniciativa de L.	Empurra o carrinho à colega	“Depois de ter cedido, ainda empurrou o carrinho à colega toda satisfeita”	4
		Pergunta à colega se esta lhe empresta algo, após olhar para o adulto	“...L. ao perceber que o adulto estava a olhar para elas, para de puxar a colega e pergunta-lhe: - Emprestas se faz favor?”	
		Faz perguntas à colega	“- Posso andar de carrinho se faz favor? – pergunta a L. à colega.”	
		Diz obrigada à colega	“...a L. vai andar e diz:- Obrigada!”	
	De natureza negativa decorrente da iniciativa de L	Puxa a colega que estava a andar no carrinho e esta começa a chorar	No recreio a L. queria andar de carrinho, mas estava ocupado por outra menina “Então a L dirigiu-se à menina e começou a puxá-la. A colega começou a chorar”	3
		Vê algo que uma colega tem e tira-lho deixando a colega a chorar	“A L. queria uma mala que uma menina tinha trazido e começa a puxar a mala da mão da colega com o intuito de a tirar.”	
			A colega começa a chorar”	

Sala de atividades	De natureza positiva decorrente da iniciativa de pares	Responde que sim à L.	“A colega respondeu que sim e a L....”	4	18
		Pergunta quem gostaria de partilhar algo com a L	Le vira-se para os amigos e diz-lhes: - Quem não se importa de dar um bocadinho de slime à L.?		
		Partilha algo com a L	A M. parte um bocadinho do seu slime e partilha com a L.		
		Arranjam lugar na roda para a L. se sentar	Todos os meninos responderam e imediatamente se desviaram para arranjar lugar à L para se sentar na roda”		
	De natureza positiva decorrente da iniciativa dos pares	Defende a L. perante outros colegas	Não digas isso, não fales assim da L.! Ela grita mas é porque ela é assim...não podes falar assim dela	2	
			“A M. calou-se demonstrando ter percebido a mensagem da colega C.”		
		L. brinca ao faz de conta por um longo período de tempo com colegas	As meninas estavam a brincar na casinha ao faz de conta. E estavam a fingir que estavam num salão de beleza a pintar as unhas umas às outras. A A. estava muito feliz a pintar as unhas à L. e vice-versa. Ficaram assim muito tempo.”	1	
Crianças leem HS uma à outra na área da biblioteca	A M. e a B. estavam as duas na área da biblioteca a contar as histórias sociais uma à outra. É apenas um dos muitos exemplos	1			

Sala de atividades			que acontecem diariamente”		18
	Receção positiva dos pares à L.	Saudação com entusiasmo quando a L. regressa ao JI	Depois de um período de ausência devido à realização de uma cirurgia, a L. regressa à sala. Assim que chega com o pai, os colegas dirigem-se a ela, começam a bater palmas e a gritar	2	
		Chamam pelo nome de L.	“- L, L., L. – gritavam todos!”		
	De natureza negativa decorrente da iniciativa de pares	Não quer que L. brinque com ela	A M. estava a brincar com a C. na área da escrita e a M. diz à C.: - Não quero que a L. venha brincar connosco, ela grita muito! - diz a M.”	1	
	De natureza positiva decorrente da iniciativa de L.	Pergunta delicadamente à colega se empresta algo	“Queria brincar com uma boneca e chegou ao pé da colega e perguntou: - Podes emprestar-me um bocadinho se faz favor?” “...a L. foi brincar com a boneca.”	6	
		Olha para a colega	“A L. vira-se para a colega...”		
		Brinca com uma colega	“A L. estava a brincar com uma colega na área dos jogos e estavam a fazer construções com os legos.”		
		Pede desculpa à colega	“- Desculpa! – pede a L”		
		Pergunta à colega se ela lhe empresta algo	“Nesta manhã estávamos numa roda a realizar um jogo quando a L. chegou mais tarde por ter ido a uma consulta. A L. ao chegar diz: - Bom dia!”		
		Cumprimenta os colegas quando chega	Nesta manhã estávamos numa roda a realizar um jogo		

			quando a L. chegou mais tarde por ter ido a uma consulta. A L. ao chegar diz: - Bom dia!”		
	De natureza negativa decorrente da iniciativa de L.	Tira um brinquedo à colega	Entretanto a colega começou a chorar porque a L lhe tinha tirado o lego da mão”	1	

GRELHA SÍNTESE DAS INTERAÇÕES COM A L.				
Tipo de interação	Crianças Envolvidas		Unidades de registo (exemplos)	Freq
	Meninos	Meninas		
Interação positiva com a L.		X	“A L. estava no recreio a andar de carrinho a A. perguntou se podia andar de carro”	10
		X	“...a L. respondeu que sim e cedeu o seu lugar à colega A.”	
		X	“Queria brincar com uma boneca e chegou ao pé da colega A. e perguntou: - Podes emprestar-me um bocadinho se faz favor?” “...a L. foi brincar com a boneca.”	
		X	“A colega A. respondeu que sim e a L....”	
		X	“Depois de ter cedido, ainda empurrou o carrinho à colega A. toda satisfeita”	
		X	“- A A. agora chega a casa e diz que a L. é amiga dela.” “Agora quer trazer brinquedos de casa de propósito para partilhar com ela. E diz que são todos amigos uns dos outros e que devem partilhar os brinquedos com os amigos. “Eu vou partilhar com a L.” – diz ela!”	
		X	“- Posso andar de carrinho se faz favor? – pergunta a L. à colega A.”	
		X	“A colega A. acena com a cabeça que sim”	
		X	“...a L. vai andar e diz:- Obrigada A:!”	
		X	“As meninas estavam a brincar na casinha ao faz de conta. E estavam a fingir que estavam num salão de beleza a pintar as unhas umas às outras. A A. estava muito feliz a pintar as unhas à L. e vice-versa. Ficaram assim muito tempo.”	
	X	“A L. vira-se para a colega T.R....”	3	
	X	“A L. estava a brincar com uma colega T.R.na área dos jogos e estavam a fazer construções com os legos.”		

	X		“- Desculpa! – pede a L”	
		X	“...L. ao perceber que o adulto estava a olhar para elas, para de puxar a colega Lu.e pergunta-lhe: - Emprestas se faz favor?”	1
	X		“O colega T. estava no WC e cruza-se com a mãe da L. e pergunta-lhe: - A L. vai embora? – pergunta o T. à mãe da L.”	2
	X		“- Oh que pena! Logo hoje que eu queria começar a ensinar a L. a andar de bicicleta. – diz o T.”	
		X	- Não digas isso, não fales assim da L.! Ela grita mas é porque ela é assim...não podes falar assim dela – diz a C.G.	1
		X	“A M.A. calou-se demonstrando ter percebido a mensagem da colega C.”	1
		X	“A L. chega ao pé da Le e pergunta: - Emprestas-me se faz favor? – pergunta a L. apontando para o slime.”	2
		X	“A Le vira-se para os amigos e diz-lhes: - Quem não se importa de dar um bocadinho de slime à L.?”	
		X	A M.A. parte um bocadinho do seu slime e partilha com a L	1
Subtotais	5	16		
Interação negativa com a L.	X		“Entretanto a colega T.R. começou a chorar porque a L lhe tinha tirado o lego da mão”	1
		X	No recreio a L. queria andar de carrinho, mas estava ocupado por outra menina “Então a L dirigiu-se à menina e começou a puxá-la. A colega A. começou a chorar”	2
		X	A A. não gostava nada da L. e faziamos muitas queixinhas dela.”	
		X	“A L. queria uma mala que uma menina tinha trazido e começa a puxar a mala da mão da colega Lu. com o intuito de a tirar.”	2
		X	“A colega Lu. começa a chorar”	

		X	<p>“A M.A.. estava a brincar com a C.G. na área da escrita e a M. diz à C.:</p> <p>- Não quero que a L. venha brincar connosco, ela grita muito! - diz a M.A.”</p>	1
Subtotal	1	5		
Totais	6	21		

ANEXO R

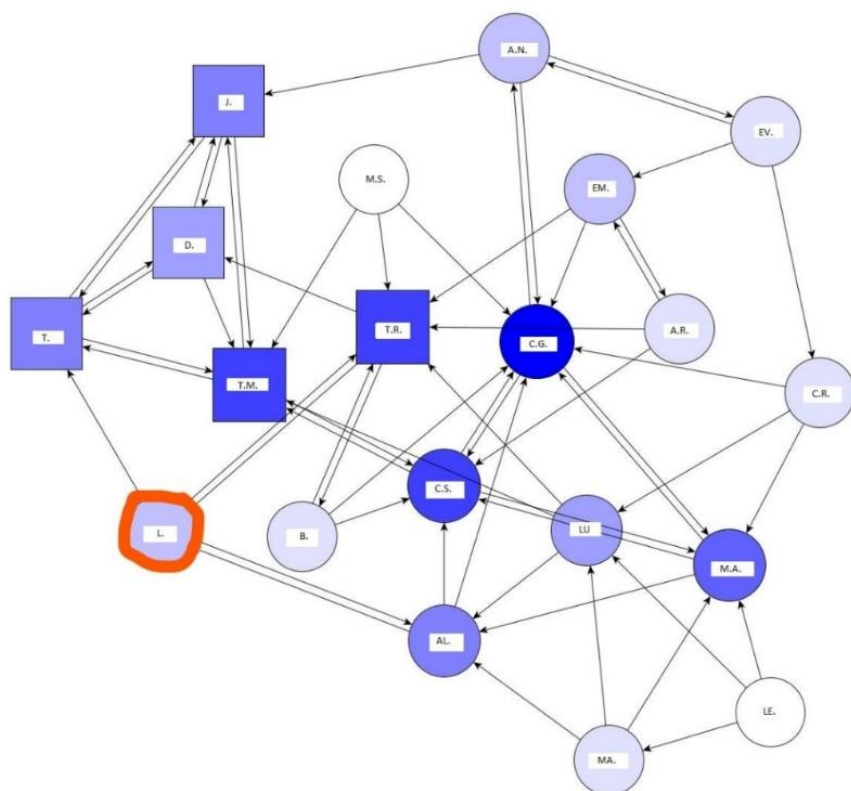
MATRIZ SOCIOMÉTRICA E SOCIOGRAMAS

| | ' ' | | ' ' |

Teste sociometrico 2 - Respostas Escolhas																								
N = 21 Rapazes 6 Raparigas 15		Rapazes										Raparigas										N.º Escolhas Feitas	N.º Escolhidos	
		Tomas1	Tiago	Joao	Toma2	Gui	Dinis	Leticia	Maty	CarolG	Alex	Luana	Leonor	CarolR	Bianca	CarolS	Mafal	Eva	Emilia	ArianR	ArianN			MatyS
Critérios 1, 2, 3																								
RAPAZES	Tomas1			010	020		100	300				001								002		9	7	
	Tiago	001		100	303		230	010													020	9	7	
	Joao		303		101	030	202	020		010												9	6	
	Tomas2		210	302			001			030				003		100						020	9	7
	Gui																						0	0
	Dinis	010	300	121	232																		8	4
RAPARIGAS	Leticia	103	322						030	211												9	4	
	Maty								111	303	030				222							9	4	
	CarolG			011				103						222		030			300			9	5	
	Alexandra	010						300	022	201		030		103								9	6	
	Luana	303			202				020	030	101			010								9	6	
	Leonor				010				103			202			020	331						9	5	
	CarolR		010						301	122		203			030							9	5	
	Bianca	121							030	213						302						9	4	
	CarolS			031		120			300	202				003								010	9	6
	Mafalda	020			001				300	010	100	200								003	002	030	9	9
	Eva	032												200									9	6
	Emilia	200					020			300						002	033		101			010	9	7
	ArianaR	111								002						323		230					9	4
	Ariana N	001		100	033				010	200		020					300					002	9	8
Maty S.	300			220						131					010							7	4	
Totais em cada critério		667	444	433	666	010	322	221	544	897	414	332	000	102	122	665	112	121	210	112	213	051		
Totais combinados		019	011	010	018	001	007	005	013	024	009	008	000	003	005	017	004	004	003	004	006	006		
N.º dos que escolhem		012	006	006	010	001	005	005	009	014	005	006	000	003	003	009	002	003	002	003	004	006		

Sociograma das escolhas 1

Escolhe três amigos com quem gostarias de fazer um trabalho



G.

Meninas:



Meninos:



Os mais
escolhidos



Os menos
escolhidos



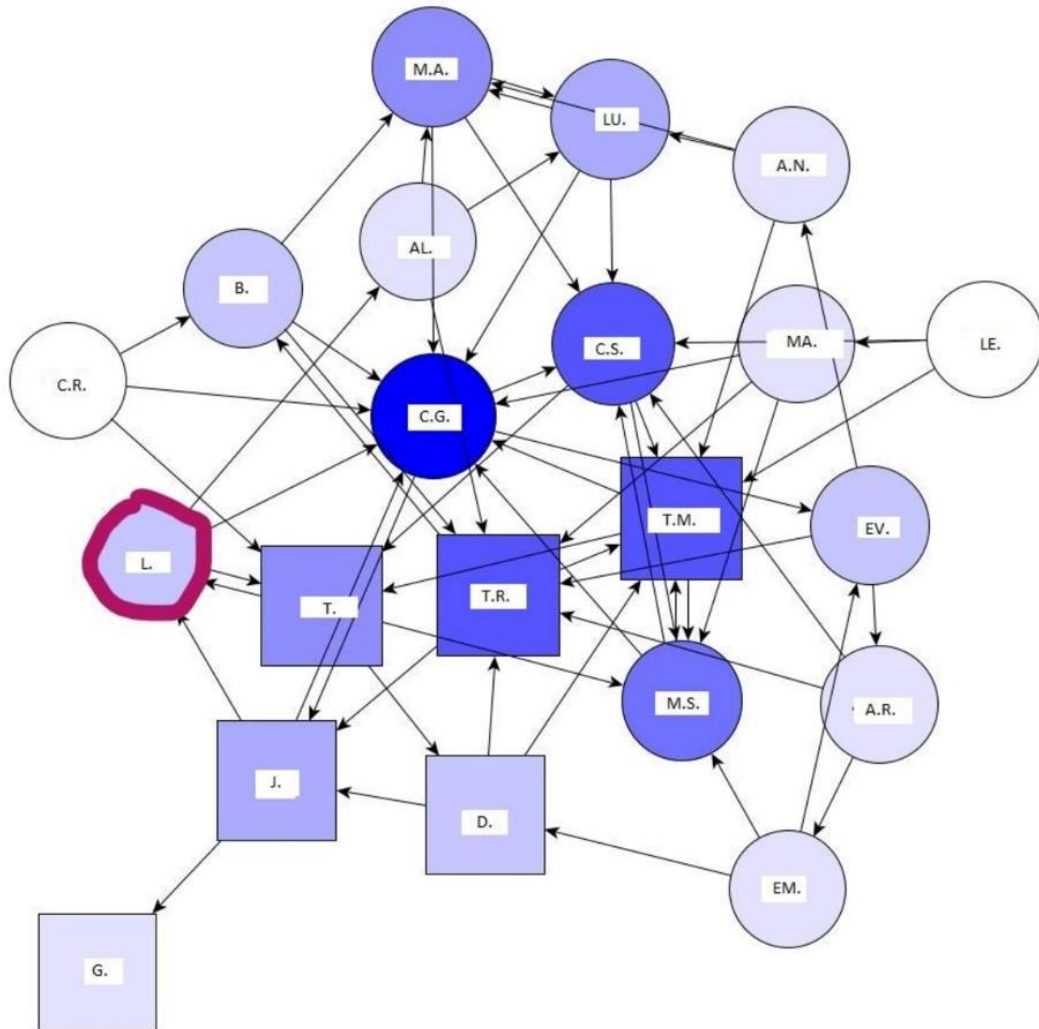
Uma escolha:



Escolha reciproca

Sociograma das escolhas 2:

Escolhe três amigos com quem gostarias de ir para o parque.



Meninas:



Meninos:



Os mais
escolhidos



Os menos
escolhidos



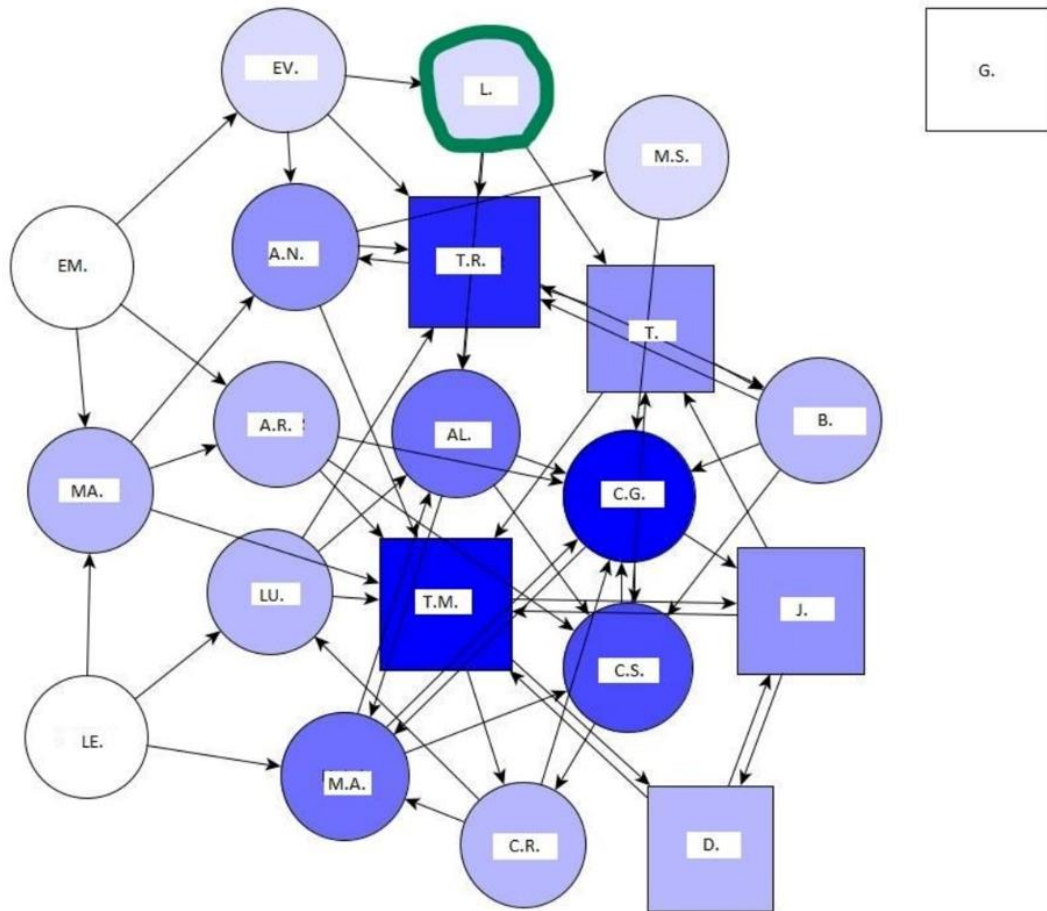
Uma escolha:



Escolha recíproca

Sociograma das escolhas 3:

Escolhe três amigos com que gostarias de levar para tua casa para brincar com os teus brinquedos?



Meninas:



Meninos:



Os mais

escolhidos



Os menos

escolhidos



Uma escolha:



Escolha recíproca